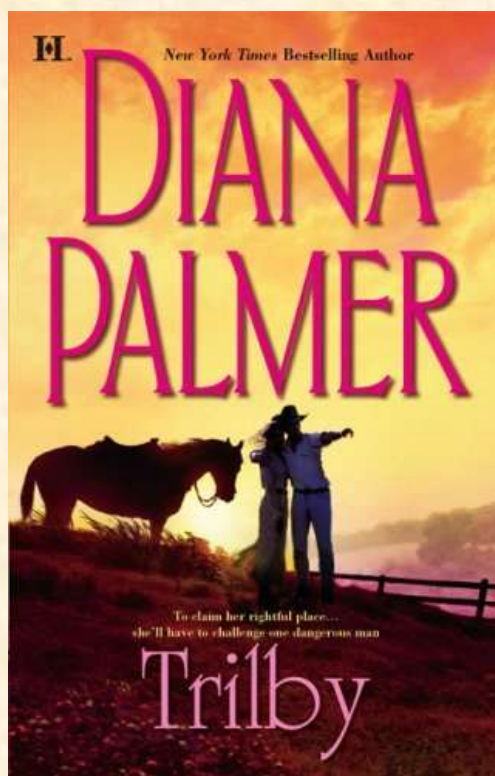


Trilby

Diana Palmer



Disponibilização em Esp: La_bruji e Weido

Tradução: Gisa

Revisão e Formatação : Rita Cunha

Arizona, 1910

Querido jornal:

Tem que haver muito mais que ameaças e um vaqueiro arrogante para me afastar do meu lar...

Quando herdei esta terra baldia junto à fronteira com o México, sabia que a vida seria dura e perigosa, muito distinta à existência dissipada de Louisiana, onde eu era a doce senhorita Trilby Lang. Mas não esperava que meu vizinho, Thorn Vance, desafiasse-me continuamente. Nunca imaginei que suas maneiras bruscas e varonis seriam uma tentação irresistível. Agora, o fantasma da guerra sobrevoa este deserto e necessito sua ajuda. Mas quanto estou disposta a arriscar podendo-me nas mãos de um homem acostumado a conseguir o que deseja?

Nota da Revisora Rita Cunha: Pela primeira vez leio um livro da DP onde o ato sexual é

descrito com maiores detalhes..kkkkk

Ficou muito pouco para a imaginação.kkkk

Gostei muito do livro.



CAPÍTULO 1

Uma nuvem de pó amarelo se elevava sobre a linha do horizonte. Trilby a contemplou com excitação contida. Nos meses que levava no rancho, naquele vasto território do Arizona, até uma nuvem de pó era capaz de aliviar seu aborrecimento. Comparada com o torvelinho social de Nova Orleans e Baton Rouge, essa região estava sem civilizar. Estavam quase no fim de outubro, mas o calor não diminuía; mas bem parecia haver-se intensificado. Para uma moça refinada que tinha recebido uma educação impecável neste costa, as condições de vida nessas paragens resultavam penosas. Existia uma grande diferencia entre a mansão familiar da Luisiana e aquela casa isolada de madeira situada nas cercanias de Douglas, estado do Arizona. E os homens que habitavam aquelas paragens não se diferenciavam dos bárbaros mais que um índio pele-vermelha. Corte-os vermelhas também abundavam na zona. E para seu pai trabalhavam um velho índio apache e um jovem ianque que olhavam fixamente e nunca falavam. Isso mesmo fazia os suarentos vaqueiros, com suas roupas sempre cobertas de pó.

Trilby passava a maior parte do tempo dentro da casa, exceto os dias de penetrada. Uma vez por semana ela e sua mãe saíam da casa e se dedicavam a ferver a roupa branca -como as camisas de seu pai- em um grande caldeirão de ferro fundido. O resto se repartia entre duas tinas menores, nas que sua mãe e ela lavavam os objetos as esfregando contra uma tabela de madeira.

-Vai levantar se poeirada ou choverá? -perguntou a suas costas Teddy, seu irmão pequeno, interrompendo seus pensamentos.

Trilby o olhou por cima do ombro e sorriu com doçura.

-Poeirada, suponho. O que chamam estação das chuvas já aconteceu e estamos na estação seca. O que outra coisa podemos esperar? -respondeu a moça.

-Bom, talvez ao coronel Branco e alguns dos rebeldes, os rebeldes mexicanos que lutam contra o governo do Diaz - sugeriu Teddy-. Deus meu! Recorda o dia em que a patrulha da cavalaria veio ao rancho a pedir água e eu lhes dava um balde?

Para o Ted, que contava doze anos, essa lembrança representava o momento máximo de sua curta existência. O rancho da família se achava perto da fronteira mexicana, e em 10 de outubro Porfirio Díaz tinha sido reeleito presidente do México. Mas o homem forte do país sofria os ataques do Francisco Madeiro, quem também se apresentou às eleições presidenciais e tinha sido derrotado. Nesses momentos o México se via agitado por violentos distúrbios. Algumas vezes os rebeldes - que podiam ou não pertencer a uma banda de rebeldes - saqueavam os ranchos da zona, por isso a cavalaria se via obrigada a vigiar a fronteira. A situação no México ia voltando-se mais explosiva que de costume.

Até esse momento o ano já tinha sido testemunha de acontecimentos interessantes, como a aparição do cometa Halley, que aterrorizou ao mundo no mês de maio, e o triste acontecimento da morte do rei Eduardo pouco depois. Nos meses seguintes se produziu uma erupção vulcânica no Alaska e houve um terremoto devastador na Costa Rica. E de repente se apresentava aquele problema na fronteira que, embora animasse a vida do Teddy, inquietava profundamente aos rancheiros e demais habitantes da região. Todos conheciam alguém relacionado com a mineração em Sonora, porque seis companhias mineiras tinham sua sede em Douglas. E muitos dos rancheiros locais também possuíam terras no México; a propriedade estrangeira de terra mexicana para a exploração de interesses mineiros e o desenvolvimento de atividades boiadeiras era uma das causas originais do mal-estar crescente ao longo da fronteira.

Esse mesmo dia tinha visto um destacamento de soldados de cavalaria dos Estados Unidos com seu uniforme cor cáqui, procedentes de Forte Huachuca, em visita de reconhecimento se por acaso se produziam incidentes. Os oficiais foram diante em um elegante automóvel seguidos pelas tropas montadas. A Trilby pareceram tão atrativos que teve que reprimir um incontrolável impulso

de sorrir e saudá-los com a mão, um pouco desacostumado nela. Mas Teddy não tinha tais inibições. Quase cai do alpendre ao saudá-los quando desfilaram frente à casa. Aquela coluna não se deteve para pedir água, o qual tinha decepcionado ao moço.

Teddy era muito distinto de sua irmã. Trilby tinha cabelos loiros e olhos cinza, enquanto que o menino era ruivo e de olhos azuis. A moça sorriu ao recordar ao avô, de quem o menino era a viva imagem.

-Dois de nossos vaqueiros mexicanos admiram muitíssimo ao senhor Madeiro. Dizem que Díaz é um ditador e que deveria ser derrubado - disse Ted.

-Espero que o problema se solucione antes que derive em uma guerra total - disse ela, preocupada -, pois nesse caso ficaríamos apanhados em meio dos combates. Isto também inquieta a mamãe, de modo que não lhe fale muito deste assunto, de acordo?

-Bem - assentiu o menino com reticência.

Nesse momento, os aviões, o beisebol, os distúrbios no México e os relatos que estava acostumado a lhe narrar seu amigo, o velho Mosby Torrance, eram suas maiores emoções, mas não queria preocupar a Trilby lhe falando da gravidade da situação do México. Ela ignorava o que contavam os vaqueiros, e se supunha que tampouco Teddy deveria sabê-lo. Mas ele havia ouvido muitas coisas que, se produziam temor, alarmaria a sua irmã maior, uma juvenzinha criada entre algodões.

Trilby sempre se viu protegida da linguagem grosseira e das pessoas tosca. Mas viver no Arizona, rodeada das pessoas do oeste, que para subsistir tinha que conviver com o deserto, o gado, as duras condições meteorológicas e a ameaça do roubo de cabeças de gado, tinha-a mudado. Não sorria tão freqüentemente como na Luisiana e havia menos vivacidade nela. Teddy sentia falta da Trilby de antes. Essa nova irmã maior era tão reservada e silenciosa, que às vezes não estava seguro de que estivesse na casa.

Nesses momentos contemplava fixamente, com um olhar abstraído, a paisagem erma.

-Espero que Richard tenha retornado da Europa - murmurou a moça-. Oxalá viesse a nos ver. Talvez dentro de um par de meses, quando tiver se instalado em sua casa, visite-nos. Será agradável desfrutar de novo da companhia de um cavalheiro.

Richard Bate, o grande amor da Trilby, a fazia desejar voltar para este, mas ao Teddy nunca tinha gostado do jovem. Possivelmente era um cavalheiro, mas comparado com os homens do Arizona, mas bem parecia bastante adoentado e tolo. Entretanto, o menino não disse nada, pois apesar de sua idade estava aprendendo a ser diplomático. Ademais, não queria zangar a pobre Trilby, a quem já lhe custava bastante adaptar-se ao Arizona.

-Eu adoro o deserto - disse Teddy -. A ti não to gosta sequer um pouco?

-Bom, suponho que vou me acostumando - respondeu Trilby-, embora ainda não pude me acostumar a este horrível pó amarelo que se mete em tudo o que cozinho e em nossas roupas.

- Asseguro-te que é melhor fazer as tarefas próprias de uma garota que ocupar-se de marcar o gado - disse Ted, falando como o faria seu pai -. Todo esse follón de sangue e pó. além das maldições dos vaqueiros.

Trilby lhe sorriu.

-Suponho que a maioria dos vaqueiros blasfemam, e também deve fazê-lo papai, embora nunca em nossa presença; a menos que se produza um acidente.

-Produzem-se muitos acidentes quando se marca o gado, Trilby - disse Ted secamente, arrastando as palavras como fazia seu herói, Mosby Torrance, um soldado retirado dos rangers do Texas é o peão mais antigo do rancho. Teddy olhou a sua irmã, franzindo o sobreceixo-. Trilby, vais casar te alguma vez? Já tem idade.

-Só tenho vinte e quatro anos -defendeu-se a moça.

A maioria de suas amigas da Luisiana estavam casadas e tinham filhos. Trilby levava cinco anos esperando pacientemente a proposição matrimonial do Richard, que até o momento não era mais

que um amigo, por isso o desalento começava a apoderar do ânimo da moça.

Talvez teria vacilado se outros moços a tivessem cortejado, mas Trilby não chamava a atenção a primeira vista por sua beleza, embora se tratava de uma moça cálida e tenra, e possuía um caráter doce. Seu rosto não era daqueles que fazem estremecer o coração dos homens. Além disso, em um rancho boiadeiro não havia muitos homens que fossem um bom partido. Em realidade tampouco gostaria de casar-se com alguém do Arizona, pois os vaqueiros lhe pareciam uns folgazões que freqüentemente abusavam do tabaco e o álcool, e nunca se banhavam.

Doía-lhe o coração quando pensava em quão exigente sempre tinha sido Richard nesses aspectos. Desejava que nunca partissem da Luisiana. Seu pai tinha herdado o rancho de seu defunto irmão, e ele e sua mãe tinham investido nessas terras até o último centavo que possuíam, levando-se com eles a toda a família, além das pessoas contratada, para perder ali seu dinheiro. Tinham sofrido um ano de seca, apesar das inundações, e os rancheiros perdiam gado na zona da fronteira. Tantas dificuldades, pensou Trilby, quando o Arizona ia a caminho de converter-se em um estado; embora incivilizado.

O deserto supunha uma mudança drástica para pessoas mais acostumadas aos pântanos, os pântanos e a umidade. Além disso, Trilby e seus pais procediam de uma família enriquecida, graças ao qual Jack Lang contou com meios suficientes para equipar o rancho. Mas suas finanças tinham sofrido grandes diminuição durante os últimos meses, e na atualidade a situação não tinha melhorado. Por fortuna todos se adaptaram assombrosamente bem, inclusive Trilby, que tinha odiado o lugar ao vê-lo e jurado que nunca seria feliz em um rancho em meio de um deserto onde não havia mais que um par de solitários exemplares de palmeiras para dar sombra.

-Olhe, não é esse o senhor Vance? - perguntou Ted, protegendo os olhos com uma mão ao divisar a um cavaleiro montado em um grande cavalo baio.

Trilby apertou seus dentes perfeitos ao vê-lo. Se, em efeito, era Thornton Vance; ninguém mais no Blackwater Springs e seus arredores cavalgava com aquela arrogância nem levava o Stetson inclinado com aquela inclinação indolente sobre a frente bronzeada.

-Oxalá caísse da arreios. -Trilby expressou entre dentes seu malvado desejo.

-Não sei por que você não gosta, Trilby - disse Ted, com tristeza -. É muito amável comigo.

-Suponho que sim, Teddy.

O homem e Trilby eram inimigos. O senhor Vance pareceu haver sentido uma antipatia instantânea pela Trilby no dia em que se conheceram, quando os Lang levavam quase três semanas vivendo no Blackwater Springs. Trilby recordou à esposa do senhor Vance, uma mulher delicada e um pouco presunçosa, agarrada do braço de seu marido quando foram apresentados depois de uma cerimônia na igreja. Os olhos escuros e frios do Thornton Vance se entreabriram, trasluzindo uma hostilidade inesperada no momento em que seu olhar se posou na Trilby. A moça nunca tinha entendido essa animosidade. A esposa do Thornton a tinha tratado com certa condescendência então.

Sally Vance, uma mulher de cabelo loiro e olhos azuis, era bela e sabia. Seu vestido, confeccionado a medida, era caro, ao igual a sua bolsa e seus sapatos com cordões. O desdém que pareceu mostrar pelas roupas simples da Trilby tinha resultado lhe exasperante. A pequena filha de ambos parecia discreta; nenhuma maravilha. Na Luisiana Trilby tinha usado roupas de qualidade, mas já não havia dinheiro para frivolidades e devia arrumar-lhe com o que tinha. A ofensa implícita que leu nos frios olhos da senhora Vance lhe tinha chegado ao coração. Talvez, de um modo inconsciente, tinha estendido sua antipatia para a mulher até o senhor Vance.

Thornton Vance tinha assustado a Trilby desde o começo. Era um homem alto, rude e veemente, que sabia com exatidão o que queria e carecia dos bons maneiras sociais ao uso. Apesar de sua riqueza, era um foragido em uma terra de foragidos, e Trilby o detestava. Era tão distinto de seu Richard como a noite do dia. Embora teve que admitir que não era "seu" Richard, exatamente; talvez se tivesse permanecido na Luisiana um pouco mais de tempo, se tivesse sido

um pouco mais velha... Grunhiu para si enquanto tratava de entender por que o destino a tinha posto no caminho do Thornton Vance.

Curt Vance, primo do Thorn, comportou-se de um modo totalmente diferente, e Trilby tinha simpatizado com ele imediatamente. Gostava de Curt Vance porque era educado e cavalheiresco, e de algum modo recordava ao Richard. Não o via freqüentemente, mas chegou a tomar carinho.

Sally Vance, quem também parecia haver-se afeiçoado com o Curt, as tinha engenhado para misturar-se cada vez que Trilby falava com o homem, agarrando-se a seu braço com um leve ar de ama e senhora. Sua hostilidade para a Trilby se evidenciava cada vez que se encontravam, por isso a moça preferiu não assistir a nenhuma reunião onde fora provável que estivesse a outra mulher.

Sally havia falecido a conseqüência de um acidente muito suspeito dois meses depois da chegada dos Lang ao Blackwater Springs. O senhor Vance tinha aceito as condolências de rotina da família Lang, mas quando Trilby lhe apresentou as suas, o homem girou sobre os calcanhares e, levando-se com ele a sua filhinha, afastou-se no que foi um desprezo público e muito visível.

Trilby se tinha absterido de perguntar em que podia ter ofendido a um homem a quem acabava de conhecer. Nem sequer tinha podido olhá-lo muito, pois ele a evitava como à peste, ainda quando se achassem em reuniões sociais e lhe acompanhasse sua filhinha, quem, em troca, parecia ter simpatizado com a Trilby, embora não podia aproximar-se dela devido à animosidade do senhor Vance. A pequena parecia incômoda em companhia de seu pai, e Trilby a entendia; era um homem que intimidava.

Não obstante, Vance se tinha abrandado nos dois últimos meses e acudia com freqüência ao rancho para ver seu pai. Estava acostumado a falar sobre direitos de água e o muito que afetava a seca a seus grandes rebanhos de gado. O senhor Vance possuía uma enorme extensão de terra, milhares de hectares, parte nos Estados Unidos e parte no México, no estado de Sonora. Ao parecer, o rancho do Blackwater Springs se achava no centro do único bebedouro próximo, e o senhor Vance o ambicionava. O pai da Trilby não estava disposto a vender nem uma parte de suas terras e tampouco renunciaria a seus direitos de água.

Os pensamentos da Trilby se interromperam quando Thornton Vance deteve o cavalo diante dos degraus do alpendre e sedimento suas mãos bronzeadas sobre a cavanhaque da arreios. Embora era um homem rico, vestia como qualquer de seu vaqueiros; uns velhos texanos de dril, muñequeras de couro também velhas sobre os punhos da camisa, um enorme lenço vermelho, manchado, poeirento e enrugado, atado a seu robusto pescoço, e um chapéu de cor canela que dava a impressão de ter suportado muitas chuvas e ter sido espremido e pisoteado umas quantas vezes. Suas botas apresentavam um aspecto vergonhoso, como as do Teddy depois de ter estado trabalhando com o gado, com a ponta dobrada para cima devido ao excesso de umidade e os saltos gastos. Trilby concluiu que o senhor Vance não oferecia um aspecto muito elegante, e o desagrado que lhe produzia se refletiu em seu rosto.

-Bom dia, senhor Vance - saudou Trilby, recordando suas maneiras, embora tardiamente e com relutância.

O homem a olhou sem falar.

-Esteja seu pai em casa? - perguntou por fim.

Ela negou com a cabeça. A voz do homem era suave como o veludo e profunda como a noite, mas podia ser cortante como um látego quando o queria; assim soou nesse momento.

-E sua mãe? -voltou a perguntar.

-Foram à loja com o senhor Torrance - interveio Teddy-. Ele os levou na calesa. Papai diz que o senhor Torrance está acabado, mas não é certo, senhor Vance. Não esta acabado absolutamente. Em um tempo formuo parte dos rangers do estado do Texas, sabia?

-Sim, Ted, sabia.

O senhor Vance, um homem de olhos escuros, rosto de rasgos bem definidos, nariz reto, cútis muita bronzada e sobrancelhas tão escuras como a abundante cabeleira que aparecia

debaixo de seu chapéu, cravou de novo o olhar na Trilby. Por alguma razão esta se sentiu inadequadamente embelezada ainda quando seu simples vestido de algodão branco era muito recatado. limpou-se as mãos desnecessariamente no avental.

-Deveria retornar à cozinha antes de que se queime o bolo de maçã - disse, com a esperança de que o homem captasse a indireta e se fosse.

-Convidará a uma parte? - perguntou Vance, arrastando as palavras ao falar e contrariando os desejos da moça, que a ponto esteve de ser presa do pânico.

Teddy respondeu por ela, falando com excitação.

-Claro! - exclamou com entusiasmo -. Trilby faz o melhor bolo de maçã, senhor Vance! eu gosto com nata, mas ultimamente nossa vaca não dá leite e não temos com que prepará-la.

-Seu pai não mencionou à vaca - disse Vance enquanto se deslizava com agilidade da arreios e atava as rédeas ao poste do alpendre, ao que subiu de um salto, com seu corpo esbelto e ágil, tão garboso fora da arreios como em cima dela. Sua silhueta alta e vigorosa destacava entre as do Teddy e Trilby.

Esta se voltou com rapidez e entrou na casa. Ao menos seus loiros cabelos estavam recolhidos em uma bonita trança em lugar de cair sobre seus ombros soltos e livres, como estava acostumada a levá-los em casa. Sua aparência era muito mais fria e serena do que em realidade se sentia. Tivesse-lhe encantado ter um pouco de pimenta de cayena para pôr à parte de bolo do senhor Vance. Provavelmente lhe sentavam uma maravilha as pimentas picantes e o arsênico, pensou com malícia.

-Ontem compramos outra vaca do senhor Barnes - informou Teddy-. Trilby esteve muito ocupada cozinhando e não a ordenhou. Eu o farei por ti, Trilby, enquanto você vigia o bolo. Somente demorarei um momento.

A moça tratou de protestar, mas Teddy já tinha pego o balde de ordenhar e se apressava a sair pela porta traseira antes de que pudesse lhe deter. Ficou sozinha e assustada com o hostil senhor Vance, que não se incomodou em dissimular seu contrariedade. Tirou do bolso uma bolsinha de tabaco Bull Durham, junto com um livrinho de papel de fumar e procedeu a atar um cigarro com movimentos rápidos e destros de suas mãos de comprimentos dedos.

Trilby se entreteve olhando dentro do forno da cozinha de lenha para comprovar se o bolo já estava em seu ponto. Na casa da Luisiana tinham um forno de gás que, embora não o tinha confessado, a Trilby produzia certo medo. Entretanto, agora que devia usar a cozinha de lenha, o melhor que podiam permitir-se, às vezes sentia falta do forno de gás. Se equipar o rancho tinha resultado custoso, mantê-lo em funcionamento se fazia cada dia mais difícil. Teddy nunca deveria ter mencionado que a vaca tinha deixado de dar leite.

Ao ver a casca marrom e cheirar o aroma, mescla de canela, açúcar e manteiga, que despedia o bolo de maçã soube que estava a ponto. Agarrou uns trapos de cozinha, tirou-o rapidamente do forno e o levou até a larga mesa, que ia quase de parede a parede. Tremiam-lhe as mãos, mas por fortuna não deixou cair o bolo.

-Ponho-a nervosa, senhorita Lang? - perguntou Vance.

O homem apartou uma cadeira da mesa e se sentou escarranchado enroscando seu forte corpo no assento como se fosse uma serpente e apoiando os antebraços sobre o respaldo. Seu aspecto era muito viril, e a visão de seu corpo musculoso, com os zahones e quão texanos rodeavam as largas e robustas pernas, incomodava e coibia a Trilby. Nunca tinha se detido a observar as pernas do Richard. Seu repentino interesse pelas do Thorn a turvava e a fez ficar à defensiva.

-OH, não, senhor Vance - replicou a moça, com um sorriso inexpressivo-. A hostilidade me resulta muito estimulante.

Vance arqueou as sobrancelhas e reprimiu um sorriso.

-Seriamente? Entretanto, tremem-lhe as mãos.

-Não estou acostumada à companhia masculina;salvo a de meu pai e meu irmão. Talvez estou um pouco incômoda.

Com olhos que só transmitiam desdém, o homem observou como se tornava para trás uma mecha de cabelo loiro.

-Pensei que encontrava bastante irresistível a minha primo naquela recepção no mês passado.

-Curt? - Ela assentiu, passando por cima o olhar que acendia os olhos escuros do homem-. Eu gosto de muito dele. Tem umas maneiras agradáveis e um bonito sorriso. Deu de presente ao Teddy uma barra de hortelã. -Sorriu ao recordá-lo-. Meu irmão nunca esquece uma gentileza. - Olhou ao homem com cautela -. Seu primo recorda a alguém de minha cidade, um homem amável; um cavalheiro - acrescentou de maneira significativa, expressando claramente com os olhos que opinião mereciam Thornton e sua vestimenta sem necessidade de dizê-lo.

Vance sentiu desejos de rir a gargalhadas. Sally lhe tinha contado que tinha visto o Curt e a senhorita Lang naquela reunião unidos em um abraço apaixonado, embora não foi ela a primeira que lhe tinha mencionado essa relação. Uma senhora da igreja, uma conhecida fofoqueira, tinha-lhe explicado que em uma ocasião viu o Curt e uma mulher loira abraçados. Ele o tinha contado a Sally, quem a sua vez falou, com certa relutância, pelo que ela tinha presenciado. Thorn recordou que naquele momento sua esposa tinha empalidecido.

Tal revelação lhe tinha feito desprezar a Trilby. Seu primo Curt era um homem casado, mas à senhorita Lang parecia não lhe importar quebrar as normas. Resultava curioso que uma mulher que atuava como uma dama se comportasse dessa maneira. Entretanto sabia muito bem quão enganosas eram as mulheres. Sally tinha fingido lhe amar, quando em realidade quão único desejava era uma vida de riqueza e comodidades.

-A esposa do Curt também o admira - disse ele, com intenção. Como Trilby não reagiu, suspirou grosseiramente e deu uma larga imersão ao cigarro, sem deixar de olhá-la aos olhos-. Uma má mulher pode arruinar a um homem bom e sua vida -adicionou.

-Conheci a muito poucos homens bons aqui - disse ela, de um modo categórico, enquanto cortava o bolo. As mãos lhe tremiam, e incomodava o feito de que ele o advertisse, já que a observava com um sorriso zombador e cruel.

-Você não parece encontrar o deserto muito caloroso, senhorita Lang. A maioria dos que vêm do Este o detestam.

-Eu sou sulina, senhor Vance - recordou-lhe Trilby-. Na Luisiana faz muito calor no verão.

-No Arizona faz muito calor todo o ano. Por fortuna não abundam os mosquitos; não temos pântanos.

A moça lhe lançou um olhar feroz.

-O pó amarelo é tão ruim quanto os mosquitos.

-Seriamente? - perguntou ele, imitando um muito correto acento sulino, que evocava bailes de cotillón, máscaras e mansões.

Trilby deixou a faca e limpou as mãos. De boa vontade o tivesse arrojado ao homem.

-Suponho que sim. -foi procurar pratos no armário de porcelana, rogando em silêncio que não lhe caísse nenhum-. Gostaria de um pouco de chá gelado, senhor Vance? ...”e se tivesse, um pouco de cicuta...”, pensou.

-Sim, obrigado.

A moça abriu a pequena geladeira e com um punção rompeu várias partes de gelo com o punho e fechou a porta.

-O gelo é maravilhoso com este calor. Eu gostaria de ter uma casa cheia de gelo.

Vance não replicou. Trilby agarrou a jarra de cerâmica cheia de chá que tinha preparado para o jantar e verteu o líquido ambarino e açucarado em três copos porque supôs que Teddy não demoraria para retornar. Esfolaria-lhe se se atrasasse! Tinha os nervos tensos como arame.

Serviu uma porção de bolo em um prato e o colocou na mesa diante do homem com um dos garfos de prata antigo que sua avó lhes tinha dado antes de que partissem do Baton Rouge. Pôs junto ao prato um guardanapo de linho e sobre este deixou o copo de chá. O gelo se moveu, e, ao chocar contra o vidro fez um ruído semelhante ao de diminutas campainhas.

O homem estendeu sua mão magra enquanto ela retirava a sua e lhe agarrou o magro pulso com um apertão quente e forte. A moça conteve o fôlego e o olhou com olhos receosos. Vance franziu levemente o sobrecenho ante a reação da moça. Baixou a vista até a mão da Trilby ao voltá-la na sua e esfregou com doçura a suave palma com o polegar calejado.

-Avermelhada e danificada, mas segue sendo a mão de uma dama. Por que veio até aqui com sua família, Trilby?

Trilby sentiu que lhe fraquejavam os joelhos ante o som estranho de seu nome pronunciado pelo Vance com um tom profundo e suave. Olhou fixamente aquela mão endurecida pelo trabalho, o contraste da cor escura da pele do homem contra a palidez de seus dedos. O contato com o Vance a excitou.

-Não tinha nenhum outro lugar aonde ir. Além disso, mamãe me necessitava. Não está muito bem.

-Sua mãe é uma mulher frágil, uma autêntica dama sulina. Como você – assinalou Vance com desdém.

Ela elevou a vista para olhá-lo aos olhos.

-O que quer dizer?

-Não sabe? - replicou ele com frieza; seus olhos escuros destilavam aversão-. Não encontrará muita cortesia entre as pessoas do oeste, moça. A vida aqui é dura, e somos gente dura. Quando as pessoas vivem ao bordo do deserto, ou se endurece ou morre. Uma mulherzinha como você não duraria muito tempo. Se a situação política da zona piora, arrependerá-se de haver partido da Luisiana.

-Não sou uma mulherzinha - repôs ela, irada, pensando que sua difunta esposa encaixava melhor que ela nessa descrição, embora era muito educada para dizê-lo-. por que sente tanta antipatia por mim?

O olhar do Vance se tornou mais sombrio. Queria lhe arrojear seu desprezo à cara, mas não falou. Um minuto mais tarde, Teddy entrou pela porta traseira levando meio balde de leite, e Thornton Vance soltou sem pressa a mão da Trilby, quem a esfregou instintivamente, pensando que com toda segurança à manhã seguinte teria um arroxeadado. Sua pele era fina e delicada, e o apertão do homem não tinha sido suave.

-Aqui está o leite. Cortaste uma pedaço de bolo para mim, Trilby?

-Sim, Teddy. Sente-se e lhe servirei isso.

Teddy fingiu não dar-se conta da confusão de sua irmã, que atribuiu à presença do senhor Vance.

-Tudo bem? Estava bom? -perguntou Teddy ao visitante quando terminaram de comer o delicioso bolo.

Thorn tinha engolido sua parte com deleite.

-Não estava mau - comentou. Seus olhos escuros se entrecerraram, e cravou o olhar no rosto pálido da Trilby-. Acredito que não lhe caio bem a sua irmã, Ted.

-Não é certo -negou Trilby-. As pessoas aprendem a tomar-se com calma os quebraderos de cabeça.

Depois de dizer isso, levantou-se bruscamente e recolheu os pratos, apressando-se a levá-los a pia. Bombeou para recolher água em uma caçarola e logo a verteu no bule e a pôs a ferver.

-Seguro que a cozinha de lenha resulta muito molesta no verão, ou não é assim, senhor Vance? -perguntou Teddy.

Thorn tinha reprimido um sorriso irônico ante a última resposta da Trilby.

-Alguém se acostuma às coisas quando tem que fazê-lo, Ted -respondeu Thorn.

Trilby sentiu um indício de compaixão pelo homem. Tinha perdido a sua esposa, quem provavelmente tinha sido muito importante para ele. Por outra parte, não podia evitar ser grosseiro e incivilizado, pois não tinha gozado da educação de um homem do Este.

-O bolo estava muito bom -elogiou Thorn, e parecia surpreso.

-Obrigado - repôs ela -. Minha avó me ensinou a prepará-lo quando eu não era mais que uma juvenzinha. -Então, já não é uma juvenzinha? -perguntou Vance com frieza.

-Isso - acordou Teddy, sem dar-se conta de que a pergunta era uma brincadeira-. A velha Trilby; tem vinte e quatro anos.

Trilby esteve a ponto de cair se fosse acostumada a desmaiar. -Ted!

Thorn ficou olhando-a durante um momento. -Acreditei que era muito mais jovem. Ela se ruborizou.

-Não siga, senhor Vance -disse com rigidez-. Por certo...

Vance esboçou um sorriso e seu rosto trocou, adotando uma expressão menos terrível e mais encantada quando seus olhos negros cintilaram.

-Sim? - perguntou ele.

-Quantos anos tem, senhor Vance? -interrompeu Teddy.

-Trinta e dois -respondeu-. Suponho que isso me põe na categoria de seus avós.

Teddy riu.

-Exatamente na cadeira de balanço.

Vance também riu. levantou-se da mesa e tirou seu relógio de um pequeno bolso situado sob a cintura de seus texanos. Abriu-o e fez uma careta.

-Tenho que ir esperar a um visitante do Este que chega de trem esta tarde. Devo partir.

-Volte a nos visitar -disse Teddy.

-Farei-o quando seu pai estiver em casa. -Lançou um olhar interrogativo a Trilby-. Celebrarei uma festa na sexta-feira de noite, uma reunião informal em honra de meu visitante do Este, um parente de minha esposa, bastante famoso nos círculos academicos. É antropólogo.

Eu gostaria que viessem todos vocês.

-Eu também? -perguntou Teddy, excitado.

Vance assentiu.

-Haverá outros meninos. E também estará Curt, com sua esposa - acrescentou, com um olhar significativo dirigido a Trilby.

A jovem não sabia que dizer. Não tinha assistido a uma festa noturna desde que viviam no Arizona, embora tinham sido convidados a várias. A sua mãe desagradavam as reuniões sociais, embora possivelmente aceitasse assistir a essa, porque não se atreveria a desprezar a alguém tão rico e poderoso como Thornton Vance, em que pese a que seu aspecto e seu comportamento fossem os de um malfeitor.

-O comunicarei a meus pais - disse a moça.

-Faça-o.

Vance agarrou seu chapéu e caminhou lentamente para a porta principal, seguido pela Trilby e Teddy.

Levara o chapéu inclinado com a graça habitual quando montou o cavalo com movimentos indolentes.

-Obrigado pelo bolo - disse a Trilby.

A moça lhe sorriu friamente.

-OH, não é nada. Sinto não lhe haver podido oferecer um pouco de nata também.

-Já a provou? - martirizou-a o homem.

Trilby o olhou com fúria.

-Não. Espero que você a coalhe.

O homem riu entre dentes, saudou levando-a mão à aba do chapéu e esporeou brandamente ao cavalo, que começou a partir ao trote. Trilby e Teddy o observaram enquanto se afastava.

-Ele gosta de você -disse o menino a sua irmã em tom de brincadeira.

Ela arqueou uma sobrancelha.

-Não sou absolutamente o tipo de mulher pela qual se interessaria.

-Por que não?

Trilby dirigiu um olhar em que se mesclavam a ira, a excitação e o ressentimento para a distante figura do Thorn.

-Suponho que deseja ter às mulheres a seus pés.

-OH, Trilby, é tola! Agrada-te o senhor Vance? -perguntou.

-Não, eu não gosto -respondeu lacônicamente e se voltou para entrar na casa-. Tenho muito trabalho, Teddy.

-Se isso for uma indireta, eu também irei ver se encontro algo que fazer. Mas insisto em que o senhor Vance esta apaixonado por ti!

O menino se afastou correndo pelo comprido alpendre. Trilby ficou observando-o com preocupação, mantendo aberta a porta de mosquitoeiro. Não acreditava que o senhor Vance estivesse apaixonado por ela, mas sim tramava algo, e não sabia o que. Fosse o que fosse a inquietava.

Quando seus pais retornaram, Teddy lhes relatou a visita do senhor Vance, e eles sorriram do mesmo modo perspicaz que o moço. Trilby se ruborizou.

-Digo-lhes que não esta apaixonado por mim. Queria lhes ver vós -disse a seus pais.

-Por que? -perguntou seu pai.

-Oferecerá uma festa na sexta-feira à noite -explicou Teddy, entusiasmado-. Disse que todos estamos convidados. Iremos? Faz muito tempo que não participamos de uma festa. -Olhou-os, carrancudo-. E não me deixarão ver o espetáculo do senhor Cody na quinta-feira pela tarde. Dizem que será sua última atuação. E no programa anunciam um número com elefantes de verdade!

-Sinto muito, Teddy - disse seu pai-, mas me temo que não podemos perder tempo. Esta semana temos que enviar gado a Califórnia e ainda estamos detrás de algumas das outras companhias boiadeiras para pôr o nosso em caminho.

-O último espetáculo do Buffalo Bill e perderei isso - protestou Teddy.

-Talvez não se retire realmente -disse Mary Lang com suavidade-. Além disso, seguro que logo começará a funcionar em Douglas uma dessas companhias do Boy Scout. Estão dando muita publicidade ao movimento. Possivelmente poderia te unir a eles.

-Suponho que sim. Iremos à festa? É de noite. Não se trabalha de noite -insistiu o menino.

-De acordo -disse a senhora Lang-. Além disso, querido, eu não gostaria de desprezar ao senhor Vance quando somos vizinhos.

-E suponho que não haverá ninguém que dance com o Thorn se não se apresentar Trilby - interveio seu marido, dirigindo um olhar pícaro a sua filha.

As palavras de seu pai fizeram que a moça imaginasse ao reprovável senhor Vance dançando. Teve que reprimir um sorriso irônico.

-Trilby lhe chama "senhor Vance" -assinalou Teddy.

-Trilby é respeitosa, como deve ser -replicou o senhor Lang-. Thorn e eu somos boiadeiros, e por isso utilizamos entre nós o nome de batismo.

O nome "Thorn" era adequado, pensou Trilby. Resultava tão agudo como um espinho e podia fazer sangrar com facilidade. Mas não o disse, pois seu pai censuraria essa evidente descortesia.

-Então, iremos? -perguntou Trilby.

-Sim -respondeu a senhora Lang, sorrindo a sua filha. Era uma formosa quarentona que parecia dez anos mais jovem-. Tem um bonito vestido que não usaste desde que chegamos aqui -

recordou a Trilby.

-Eu gostaria de ter ainda aquele precioso conjunto de seda -queixou-se Trilby, lhe devolvendo o sorriso-. Perdeu-se no caminho.

-Por que lamentar-se de algo tão tolo? -murmurou Teddy.

-Vá! -Trilby riu-. E não considera uma tolice chamar Teddy Roosevelt a um urso de pelucia? -perguntou Trilby.

-Claro que não o é! Hurra pelo Teddy! -exclamou o menino, jubiloso-. Seu aniversário é na quinta-feira, o mesmo dia do espetáculo do Buffalo Bill; li-o no periódico. Fará cinqüenta e dois anos. Me colocastes Teddy por ele, ou não é certo, papai?

-Sim, assim é. Para mim é um herói. Era um menino débil e doentio mas se fez a si mesmo e chegou a ser um soldado resistente, um vaqueiro, um político. Suponho que o coronel Teddy Roosevelt fez de tudo, incluindo ser presidente.

-Lamento que não tenha sido reeleito -interveio a senhora Lang-. Teria votado por ele -acrescentou, dirigindo um olhar ameaçador a seu marido-, se as mulheres pudessem votar.

-Um engano que não demorará para ser emendado; recorda minhas palavras -disse o senhor Lang com carinho, passando um braço pelos ombros de sua esposa-. O presidente Taft assinou em junho o decreto pelo qual se concedia a categoria de estado ao Arizona, gabado seja Deus; produzirão-se muitas mudanças sociais quando se iniciarem os trabalhos de ratificação da constituição. Em qualquer caso, aconteça o que aconteça, você seguirá sendo minha garota.

Ela riu e esfregou sua bochecha contra o ombro de seu marido.

-E você é meu noivo.

Trilby sorriu e partiu com o Teddy, deixando sozinhos seus pais. Depois de anos de convivência ainda se comportavam como recém casados. A moça esperava ser algum dia tão afortunada como sua mãe em seu matrimônio.

CAPÍTULO 2

Thorn se achava na metade do caminho do rancho quando foi apanhado em uma nuvem de pó. Ao voltar a cabeça viu o Naki, um dos dois índios apaches que trabalhavam para ele, e refreio seu cavalo para ir a seu encontro. O apache, um homem alto e de larga cabeleira negra que chegava aos ombros, vestia tanga, mocasins de alce e uma camisa vermelha de quadros. Atada em torno da testa, uma grossa cinta de algodão também vermelha, impedia que o cabelo lhe cobrisse os olhos.

-Estiveste caçando? -perguntou Thorn.

O apache assentiu.

-Encontrou algo?

O apache nem sequer o olhou. Levantou uma mão, mostrando um grosso livro encadernado.

-Estive buscando-o por toda parte.

-Quero dizer se tiver caçado algo para o jantar -disse Vance, com expressão carrancuda.

Naki arqueio as sobrancelhas.

-Eu? Disparar contra algo? -Parecia horrorizado-. Matar a um animal indefeso?

-É um índio apache -recordou-lhe Thorn, com paciência exagerada-, um caçador; professor no uso do arco e a flecha.

-Eu não. Prefiro um rifle Rémington de repetição - disse em perfeita inglês.

-Pensei que foste conseguir nos algum alce.

-Fiz-o. -Voltou a ensinar o livro-. Contos de meias de alce, do James Fenimore Cooper.

-OH, Meu deus! - gemeu Thorn-. Que classe de apache é você?

-Um apache culto, é obvio -replico Naki agradado-. Terá que fazer algo respeito do Ricardo, o primo do Jorge -adicionou, com um tom que já não era desenvolto. A diversão tinha desaparecido de seus profundos olhos negros quando se deteve e enfrentou ao outro homem-. perdeste cinco cabeças de gado esta manhã, e não por causa da falta de água. Ricardo as confisco.

-Maldita sorte! Outra vez?

-Outra vez. Esta alimentando a alguns camaradas revolucionários que se ocultam nas colinas. Não o culpo por ser leal a sua família, mas esta levando as coisas muito longe ao dedicar-se ao roubo de cabeças de gado.

-Terei que falar com ele. -Thorn cravou o olhar no horizonte-. Esta maldita guerra se aproxima muito.

-Eu não discutiria. -Naki guardo o livro nas alforjas, sacou dois coelhos atados e os jogou no Thorn-. O jantar -anúncio.

- Virá a compartilhá-lo?

-Compartilhá-lo? -Naki parecia horrorizado-. Comer um coelho? Preferiria morrer de fome!

- Que tem previsto jantar você, se posso perguntá-lo?

Os brancos dentes do Naki resplandeceram em um rosto como de bronze esculpido.

-Serpente de cascavel frita-contesto, com olhos cintilantes.

-É um esnobe -acusou Thorn.

Naki encolheu os ombros.

-Não pode esperar-se que um homem de ancestrais europeus esteja à altura de uma cultura tão antiga e sofisticada como a minha -brincou-. Enquanto isso, rastrear à primo do Jorge e o trarei.

-Por favor, não lhe faça nada mau.

-Eu?

-Não é necessário que ponha essa cara de inocente, por favor. Ou não foi você quem atou com couro cru úmido a esse viajante a uma estaca sobre um formigueiro quando te vendeu um medicamento para a mordida de serpentes que não funcionou?

-Um medico deveria garantir a eficácia de suas beberagens.

-Ele ignorava que é um erudito em latim -recordou Thorn-. E certamente que sabe de ervas medicinais mas que ele que o tenha aprendido em toda sua vida,

-Não o esquecesse.

-Não o Judô acordou Thorn-. Por certo, acredito que encabeçou uma turfa que se lançou em sua perseguição para te linchar...

-Da qual teve a amabilidade de me salvar -concluiu Naki. Tinha sido o começo de sua amizade, que se remontava a muito tempo atrás. Naki tinha se corrigido um pouco, embora não muito.

-Traz sua serpente e ordena a Giz que a cozinhe.

-Esse é tão mau cozinheiro como cavaleiro -murmurou Naki.

-Então a cozinhar eu.

-Trarei para o Ricardo.

Fez dar a volta a seu pônei e se afastou cavalgando devagar.

O resto da semana transcorreu depressa. Trilby se vestiu para a festa do Thornton Vance com desanimo. Não queria ir à casa do Thorn. Temia essa noite como nunca tinha temido nada em sua vida.

O único traje elegante que ficava dos que havia trazido da Luisiana era um de renda bege. Uma violenta tormenta de pó tinha destruído a maior parte dos pertences de sua família no trajeto do trem até o novo lar no rancho do Blackwater Springs. Ao recordá-lo Trilby podia sentir a força asfixiante da areia amarela que os tinha coberto e quase enterrado no caminho desde Douglas. Quando contaram a terrível experiência que tinham vivido a um de seus novos vizinhos, este se tinha limitado a sorrir, comentando que era melhor que fossem acostumando-se às tormentas de pó. E fizeram, até certo ponto.

Trilby tinha saudades às vezes os frescos pântanos verdes da Luisiana e o som do dialeto Cajun, que ouvia falar nas ruas quando ia à padaria cada sábado a procurar uma bolsa de beignets e a comprar roupa à loja. Com dinheiro na bolsa, resultava divertido ir à cidade no Ford T que conduzia o chofer da família, Rene Marquis. Seus primos, que sempre tinham sido seus amigos, celebravam festas, ofereciam chás e organizavam pic-nics... e então Richard, um amigo da infância, tinha começado a cortejá-la. Antes de que ele se atrevesse a algo mas que a lhe agarrar a mão, havia falecido o tio da Trilby, e seu pai tinha anunciado que a família se trasladava ao Arizona.

A moça tinha chorado durante dias, sem obter que seus pais trocassem de planos. Richard tinha partido para a Europa com sua própria família, com certa relutância adúladora e prometendo que lhe escreveria. Entretanto, até a data Trilby lhe tinha enviado dúzias de cartas e só tinha recebido um cartão do Richard da Inglaterra que não era nem remotamente amoroso; não se tratava mas que de uma postal de um amigo. Em ocasiões perdia a esperança de conseguir seu amor algum dia.

Aparto tais pensamentos. Não devia permitir-se evocar o passado. Aquele era seu lar. Devia aceitar que se achava no Arizona e adaptar-se a uma vida diferente. E Richard ainda poderia decidir estabelecer-se ali e revelar sentimentos apaixonados por ela. Suspiro lânguidamente.

Vestiu o traje, tendo saudades dos velhos tempos em que podia escolher entre montões de objetos estupendos. Quis deixar o cabelo solto mas, sendo como era o senhor Vance, supôs que era melhor parecer séria e tradicional a fim de não lhe dar nenhum motivo especial para que se burlasse dela. Às vezes ele a olhava como se a considerasse uma mulher da rua, o que a desconcertava e a ofendia, por mas que nunca o demonstrasse. Trancou-se o cabelo com uma cinta azul e o recolheu em um coque na cabeça, fazendo uma careta de desagrado ao comprovar a magreza de seu rosto. Devido ao calor, tinha pouco apetite, e seu esbeltez se acentuou.

Quando terminou de vestir-se, belisco as bochechas e mordeu brandamente os lábios para lhes dar cor. Logo agarrou o xale grande negro de encase que as damas mexicanas denominavam - mantilha. Seu pai havia o trazido do México a ultima vez que esteve ali comprando gado.

-Estas encantadora, Trilby -disse sua mãe carinhosamente.

-Você também.

Abraçou a sua mãe, aprovando o singelo e distinto vestido negro que trajava.

Seu pai, embelezado com um traje negro, e Teddy, com calças curtas e jaqueta, pareciam incômodos mas elegantes. Subiram no Ford T e esperaram até que o cabeça de família conseguiu fazer arrancar o motor. Então Trilby rezou todo o caminho até o rancho do senhor Vance para que não tivessem uma avaria nem se rompesse a correia de transmissão nem furasse um pneu naquele caminho de sulcos profundos. Caía uma garoa persistente e séria terrível ficar entupidos ali sob a água, esperando que lhes prestassem auxílio.

Por fortuna não se apresentou nenhum contratempo. detiveram-se o final do comprido caminho de terra que conduzia ao rancho Os Santos, uma casa de tijolo cru de dois andares, com balcões em todo o perímetro do piso superior, e pátios e jardins ao redor do inferior. Todas as plantas estavam florescendo, até o alto e fino ocote que formava um sebe perto da parte dianteira. Era a primeira vez que Trilby via a casa e adorou. A maioria das moradias do Arizona eram de tijolo cru, mas estavam acostumados a ser singelas e muito pequenas. Essa casa,

suntuosa e cara, era digna de admiração e parecia tirada de uma revista do Este.

Thornton Vance os esperava no alpendre dianteiro, que era comprido e de aspecto fresco, com uma rede em um extremo e cómodas cadeiras no outro. A luz do interior que se projetava através dos cristais das janelas iluminava o pátio dianteiro, salpicado de cacto. Apesar da débil garoa e a suave brisa, era uma noite calorosa. A casa parecia acolhedora. Incrível, pensou Trilby, tendo em conta a pouca amabilidade que mostrou seu dono quando posou seu olhar sobre ela. Embelezado com traje escuro e camisa branca, e com o cabelo negro muito bem penteado, oferecia um aspecto um pouco severo e tão refinado como qualquer cavalheiro de Nova Orleães. Trilby se surpreendeu ao comprovar quão bonito era quando vestia com elegância.

-É um prazer que nos haja convidado, Thorn -disse Jack Lang, com natural cortesia, enquanto ajudava primeiro a sua esposa e logo a sua filha a descer do carro.

-O prazer é meu. Vigie onde pisa, Trilby. Vai meter se em um atoleiro -disse com brutalidade-. Ted, agarra isto.

Entregou seu copo ao Teddy e elevou a Trilby em seus braços, para assombro da jovem e deleite em seguida dissimulado, de seus pais. Como se não pesasse nada, levou-a até o alpendre. Tampouco pareceu lhe afetar a proximidade da moça, mas sim a ela, que logo que podia respirar. Embora a colônia do homem era suave, Trilby teve a sensação de ficar envolta em seu aroma viril. Notou os músculos de seus braços, fortes e quentes, através do tecido da camisa e da jaqueta de manga larga.

-É melhor que se seguree bem- murmuro Vance, ligeiramente divertido. A moça estava tão rígida que parecia a ponto de quebrar-se e o advertiu que logo que respirava. Desconcertava-lhe que uma mulher de sua têmpera estivesse tão nervosa em braços de um homem. Supunha que não se pôs assim em braços do Curt-. Este alpendre é um pouco alto.

Essa maneira de falar, lenta e arrastando as palavras, era sedutora. Tinha baixado o tom da voz o suficiente para acariciar os ouvidos da moça como se fosse de veludo. Nunca tinha estado tão perto de um homem e o inflexível senhor Vance resultava perturbador, até a distância. Ante o comportamento tão pouco convencional do Thornton, Trilby quis protestar, mas nesse momento seus pais a arreganharam por mostrar-se tão receosa.

-Te relaxe, moça -animou seu pai, sorrindo-. Thorn não te deixaria cair.

Sentindo-se derrotada, apóio seus magros braços sobre os largos ombros do Vance, que voltou a cabeça. O olhar do homem se encontrou com o dela a débil luz que saía pelas janelas e o som da música, as risadas e o bate-papo cessou de repente para ela quando ficou apanhada no escuro fulgor desse olhar.

Sem restar atenção aonde pisava, levou-a lentamente até o alpendre e, antes de deter-se, a estreitou deliberadamente para lhe apertar os seios contra seu peito. Trilby se estremeceu ante o contato inesperadamente excitante, tão vulnerável que foi incapaz de ocultar a reação de seu corpo ante essa débil carícia.

Vance se inclinou para depositá-la no chão, e sua boca ficou a escassos centímetros dos lábios da Trilby, quem sentiu que lhe acendia o corpo ao advertir o olhar resolvido do homem e o desejo explícito que se lia em seus olhos. Depois de soltá-la, Vance se endireitou e ela permaneceu frente a ele, incapaz de mover-se, de falar, de atuar.

Thorn a observou com curiosidade. Para ser o tipo de mulher que era, mostrava-se surpreendentemente sensível a seu contato, embora a ele não acreditasse que na aparência muito correta e puritana senhorita Lang se derretesse ante os cuidados de um rude boiadeiro. Era óbvio que representava muito bem seu papel. E por que não? Ela sabia que o era rico.

-Gostaria de um pouco de ponche, Trilby? -pergunta Vance, cravando a vista na boca da moça, como se fora a inclinar-se e cobri-la com a sua em qualquer momento.

Trilby quase não pode falar. Estava tão perturbada, que quase derrubou a bolsa da mão.

-Sim, eu gostaria -balbuciou.

Se ao menos deixasse de lhe olhar fixamente os lábios! Aquele homem a fazia estremecer com uma emoção que não entendia absolutamente. As pernas logo que podiam sustentá-la, resultava-lhe difícil respirar, e o coração palpitava tão depressa como as asas de um colibri. E só porque Thornton Vance lhe olhava a boca!

Ele a agarrou no braço, consciente do sorriso que intercambiaram os pais da moça.

Tampouco lhe prejudicaria que ela se apaixonasse um pouco dele. Tanto, não lhes incomodava sua atitude. Sorriu para seus pensamentos. Alegrava-lhe que Trilby fosse vulnerável a ele. Encontrava-a muito atrativa e levava muito tempo sem gozar de uma mulher, deois da morte de sua esposa não tinha passeado pelos bairros baixos de Tucson, nem por nenhuma outra parte em busca de diversão. Começava a sentir essa abstinência. Sábia quem era Trilby, de modo que não precisaria preocupar-se com sua reputação.

Poderia desfrutar de possuindo-a sem comprometer-se antes de romper a relação. Trilby tinha estado a ponto de destruir o matrimônio de seu primo. A fofoca chegou a seus ouvidos, e a esposa do Curt, Lou, tinha chorado sobre seu ombro mas de uma vez. Lou não conhecia a identidade do amor clandestino de seu marido, mas sábia que a mulher era loira. Vance nunca tinha duvidado de que se tratava da Trilby, já que Sally a tinha visto com o Curt.

Pensou com amargura que já era bastante mau que Jack Lang tivesse herdado o rancho. Desde não ter sido porque os Lang se apresentaram para reclamar o rancho do Blackwater Springs, Thorn o teria comprado. E nesses momentos não estaria perdendo gado por causa da seca. Dispunha de água em sua propriedade mexicana, mas cada vez resultava mas perigoso tratar de conduzir as cabeças de gado até ali. Do começo da luta depois da reeleição do Diaz, seu gado tinha sofrido um ataque atrás de outro. E na fronteira a água se esgotou.

Thorn tinha que encontrar um modo de salvar aos Santos da ruína. A terra era o principal. Seu pai e seu avô lhe tinham inculcado um enorme sentido de responsabilidade pela terra, pelo patrimônio que representava, pela necessidade de preservá-la a qualquer preço.

Durante um momento cruzou por sua mente a idéia de que podia resolver seus problemas casando-se com a Trilby, mas a refugou imediatamente. Trilby não era a classe de mulher que queria ter em sua casa. Em realidade tampouco estava seguro de querer voltar a ter outra mulher.

Sally lhe tinha jurado amor eterno até que se casou com ela e a levou a cama. Depois, tudo foram desculpas. Desfrutava com seu luxuoso estilo de vida, mas não com seu ardente marido. Ao cabo de algumas semanas de suportar sua absoluta frieza, o conservava muito pouco do que tinha sentido por ela. A gravidez da Sally tinha sido a gota que encheu o copo. Ela não tinha desejado um filho e nunca acabou de adaptar-se à maternidade. Durante os meses prévios a sua morte se mostrou diferente. Percebia-se uma nova luz em seus olhos, um renovado resplendor em seu rosto, embora não quando se achava perto seu marido. Lhe odiava, e nunca perdia a oportunidade de manifestar-lhe. Até sua filha, Samantha, sofria a hostilidade da Sally. Ao final, esta dava a impressão de estar amargamente ressentida com sua família.

O acidente que lhe havia acabado com sua vida aconteceu em uma calesa em uma noite chuvosa. Tinha ido cuidar de uma vizinha doente. À manhã seguinte, ao comprovar que não tinha retornado à casa, Vance saiu a procurá-la. Encontrou seu corpo entre os restos da calesa, semi-escondido em um arroio de um caminho afastado e afastado da casa da vizinha doente. Supôs que se havia perdido na escuridão e lhe removeu a consciência por havê-la deixado ir sozinha. Existia pouco amor em seu matrimônio, mas ele a tinha querido até que o egoísmo e a cobiça de sua esposa mataram os sentimentos que albergava por ela.

Olhou em direção ao lugar em que se achava Samantha, que, apoiada contra a parede interior da casa, parecia sentir-se acossada. Seu aspecto lhe resulto muito frágil. Era estranho que se mostrasse menos tensa da morte de sua mãe, mas estava triste e coibida, e, coisa estranha, ficava muito nervosa em presença do Curt e Lou. Thorn cuidava de sua filha, mas ficava pouco amor que

oferecer. Depois de todo que era o amor a não ser uma ilusão?, pensou com amargura. Um matrimônio por razões praticas tinha mas possibilidades de êxito. Quanto às questões de cama, não escasseavam as mulheres dispostas a satisfazer seu apetite. Não necessitava uma esposa para isso. Seu olhar procurou a Trilby, com o brilho sombrio da apreciação masculina ao admirar a esbeltez e a graça da moça.

Samantha se aproximou dos adultos com cautela, esboçando um sorriso tímido dedicado a Trilby.

-Olá -saudação.

-Olá. Você é Samantha, verdade? Estas muito bonita- disse Trilby.

Samantha pareceu surpreendida pelo elogio.

-Obrigado -resmungou coibida-. Posso ir à cama agora, pai? -perguntou, com acanhamento.

-Claro -respondeu Thorn. Parecia muito rígido e incomodo. Muito distinto ao carinhoso pai da Trilby-. Maria te acompanha.

Fez um sinal à ama de chaves, quem assentiu e se aproximou rapidamente para levar a menina à planta superior.

-Não a agasalha de noite? -pergunto Trilby, sem pensar.

-Não -respondo Thorn, com uma voz que não convidava a formular mas perguntas-. Prefere limonada ou ponche de fruta?

-Limonada, por favor.

Thorn encheu uma taça e a colocou sobre um prato. À moça tremiam as mãos e o teve que sujeitar-lhe para que a taça não caísse.

-Tem as mãos geladas. Não terá friop.

-Por que não posso ter frio? -replico ela, à defensiva-. Como sou magra sinto o frio mas que a maioria das pessoas.

- É isso, Trilby? -Thorn sob a voz e a cabeça, por isso seus olhos ficaram muito perto dos dela, ao tempo que lhe acariciava as mãos-. É é isto? -O polegar do homem encontrou a palma úmida da mão da Trilby e se deslizou sobre ela em um gesto descaradamente sensual, enquanto seus olhos acendiam o pânico no coração da moça.

O ponche se derramou, por sorte sem cair sobre o vestido da Trilby, nem manchar a calça do Thorn.

-OH, sinto muito! -balbucio Trilby, ruborizada.

-Não é nada.

Thorn fez um sinal a um dos garçons e a apartou dali enquanto o homem limpava o chão. Ted e seus pais já estavam integrados na multidão e ninguém pareceu ter advertido o acidente.

-Não estou acostumado a ser tão torpe -disse a moça, nervosa.

Thorn a levou até uma pracinha que conduzia ao pátio iluminado por uns faróis de papel que formavam luas artificiais na escuridão. Agarrou-lhe o rosto com as mãos e o elevou para seus olhos escuros.

-Não acredito que seja estupidez.

Logo se inclinou e pela primeira vez em sua vida Trilby sentiu o roce quente, lento, da boca de um homem. Nem sequer Richard tinha tentado beijá-la. Somente tinha tido sonhos... ficou rígida ante o atrevimento do homem e um débil ofego saiu de seus lábios.

Thorn levantou a cabeça. A expressão que viu no rosto da moça não podia ser fingida. Era de autentica surpresa, mesclada com temor e fascinação. Ele tinha experiência mas que suficiente para reconhecer o que sentia a jovem e para saber que era algo novo para ela. Incrível, pensou, que uma mulher com esses antecedentes se mostrasse tão assombrada. A menos que estivesse simulando.

Voltou a inclinar-se para certificar-se, mas ela se separou de, levando uma mão à boca.

Olhava-o com seus grandes olhos cinzas desmesuradamente abertos, que destacavam no rosto pálido e perplexo.

Thorn se irritou com ela por pretender dar essa aparência dramática. Seu semblante se endureceu e seus olhos se tornaram frios enquanto cravava um olhar desdenhoso no esbelto corpo da moça.

-Não me diga que está acostumado a reagir desse modo ante a carícia de um homem -disse, com um sorriso zombador-. Não é necessário que finja comigo, Trilby. Ambos sabemos que não lhe resulta estranha a sensação da boca de um homem sobre a sua, e inclusive sobre seu corpo.

A insolência do comentário crispou a mão da Trilby, que observou ao homem com olhos chamejantes e se ergueu.

-Se tivesse um revólver, dispararia-lhe. Juro que o faria! Como se atreve a me dizer algo semelhante?

Thorn arqueio as sobrancelhas.

-Que tipo de tratamento esperava, senhorita Lang? Acredita que pode me enganar com sua falsa dissimulação?

Ela ficou olhando-o, estupefata.

-Que falsa dissimulação?

-Não resulta muito acreditável vindo de uma mulher como você -prosseguiu arrastando as palavras-. Ambos sabemos que espera de mim muito mas que beijos.

Com a respiração entrecortada pela indignação, Trilby lhe dirigiu um olhar furioso antes de afastar-se dele, quase correndo. Ele se serviu uma taça de ponche e partiu para reunir-se com seus convidados. Mas mesmo que sorrisse ao caminhar entre as pessoas, ia pensando na Trilby. Não deveria havê-la acochado desse modo. O feito de que tivesse tido uma aventura com o Curt não a convertia em uma prostituta. Talvez estivesse verdadeiramente apaixonada por ele.

Não entendia por que atuava assim com ela e porque o feito de imaginá-la com seu primo o enfurecia.

Finalmente a localizo entre a multidão, dançando precisamente com o Curt. Seu primo era quase de sua mesma altura, mas muito mais corpulento e menos brusco. Tinha o sorriso fácil, e gostava das mulheres, às que o também gostava devido a suas maneiras urbanas e sua aparência de cavalheiro.

Thorn tinha sentido afeto pelo Curt até que sua esposa o apresentou como um exemplo do que ela qualificava de homem civilizado. Estava farto de ficar em segundo lugar quando era comparado com um dandi. Ver a Trilby em braços de seu primo fez que algo estalasse dentro dele, especialmente quando advertiu que uma Lou ressentida e glacial se consumia de raiva enquanto os contemplava dançar.

-Que tal vai o problema mexicano? -pergunto Jack Lang, detendo-se ante ele, o tempo suficiente para atrair sua atenção.

-Acredito que piora -respondeu Thorn. Voltou a olhar a Trilby e apartou a vista. Era tudo o que podia fazer para não dar um murro no Curt por seu engano-. Não permita que as mulheres se afastem da casa. Roubaram-nos gado. Um de meus homens seguiu a pista até o México. Nunca apanhamos aos ladrões.

-Não pode culpar aos peões por estar a favor dos rebeldes -disse Jack-. Por isso contam nossos vaqueiros, as condições sob o governo do Díaz são intoleráveis para o povo mexicano.

-Sempre foram intoleráveis e sempre o serão -repôs Thorn, com impaciência-. O camponês mexicano tem detrás de séculos de opressão, dos astecas até Cortes e os espanhóis, continuando com os franceses e terminando com o Díaz. Pertencem a um povo eternamente submetido. Foram obrigados a render-se ante todos, especialmente ante os espanhóis.

Demorassem várias gerações em superar uma atitude de submissão. Incluso no tiveram tempo de romper a pauta.

-Madeiro parece estar fazendo-o.

-Madeiro é um pouco fanfarrão -disse Thorn com tom reflexivo-. Seu coração está no lugar adequado. Acredito que pode surpreender aos federais, que lhe subestimam. Sem dúvida o lamentassem.

-Seu exercito esta composto por chusma -protesto Jack.

-Precisa ler história -replico secamente Thorn-; esta cheia de exércitos formados por chusma que dominaram moderados.

Jack apertou os lábios.

-Você é assombrosamente ardiloso.

-Por que? Porque vivo em um rancho e passei a vida entre gado e pó? Leio muito e tenho um amigo que sabe mas sobre o passado que sobre o presente. Apresentaram a meu convidado do Este? McCollum é antropólogo, embora também reparte classes de arqueologia. Vem com seus estudantes cada primavera para entrevistar às pessoas das tribos índias locais e procurar restos de culturas antigas.

-Não me diga! Não tinha ouvido nada sobre isso -murmurou Jack, contemplando ao indivíduo alto e loiro, de aspecto tosco, que estava falando com um homem de negócios da zona.

-McCollum não fala de seu trabalho. É bastante obstinado em todo o resto -disse Thorn, com um sorriso divertido.

McCollum viu o Thorn, e seu rosto se iluminou. Um minuto mas tarde se desculpou ante o homem com quem conversava e se reuniu com o anfitrião.

-Estas falando por mim, não é certo? -pergunto McCollum, de um modo contundente-. E a minhas costas.

-Estava dizendo a meu vizinho o muito que sabe sobre o passado -disse Thorn, sorrindo-. Este é Jack Lang, proprietário do rancho Blackwater Springs. Jack, apresento-lhe ao doutor Craig McCollum.

-Encantado de conhecê-lo -disse Jack-. Esta aqui para fazer escavações?

-Não, muito pior. Vou à cidade por negócios, mas me detive para visitar o Thorn. Que opina da situação mexicana?

Jack respondeu. McCollum, um homem alto e digno, apertou os lábios e entornou os olhos.

-Acredita que os peões têm alguma possibilidade?

-Sim -respondeu Jack-. E você?

McCollum se encolheu de ombros.

-Não -disse-. Provavelmente Thorn mencionou que vários vaqueiros mexicanos trabalham para ele. Seus pais trabalharam para seu pai. Para eles, ser dominados por estrangeiros é um penoso modo de vida. As mudanças requerem tempo.

-Vai ganhar Madeiro?

-Sim, acredito que sim-disse Thorn ao cabo de um minuto-. Interessa-se de verdade por seu povo e quer para eles algo melhor que o que tem. conseguiu ganhar o apoio da maioria de seus compatriotas, e estes lutassem. Sim, suponho que ganhe. Mas antes que o consiga, correrá muito sangue. O que me preocupa é que parte desse sangue possa ser nosso. Nossa situação é difícil aqui, na fronteira.

-Não temos que nos implicar -disse Jack.

Thorn sorriu com indulgência.

-Já estamos implicados. Ou não se deu conta de que alguns de seu vaqueiros desaparecem de uma vez durante um par de dias?

Jack elevou a cabeça e se encolheu de ombros.

-Sim, para visitar suas famílias.

Thorn riu e bebeu um gole seu copo de ponche

-Participam de incursões com os maderistas e ajudam a saquear os ranchos vizinhos. Vigie

que não assaltem o seu. Acredito que também você perdeu gado recentemente.

-Umas poucas cabeças; nada sério.

-Talvez roubaram essas poucas cabeças para comprovar se você os perseguia -advertiu-lhe Thorn-. Vigie de perto a seu rebanho.

-Sim. Farei-o. -Jack suspirou, pesaroso. Logo dirigiu o olhar para sua mulher, que conversava animadamente com uns vizinhos-. Sabe?, arraste a minha família até aqui sem ser consciente da gravidade da situação. Não tinha idéia de que os mexicanos se elevariam em armas. Investi na operação até o ultimo centavo que possuía, mas o negócio não funcionou como eu esperava. vou perder até a camisa, Vance.

-Dê-se tempo -disse Thorn, sopesando mentalmente suas próprias possibilidades de conseguir o rancho se Jack, como parecia, perdia-o-. Em geral, os problemas acabam resolvendo.

-Sim, se para então fica algo.

-Não deveria ser tão pessimista -repreendeu-lhe Thorn-. Há muitas tropas americanas preparadas para combater qualquer ameaça se a situação piorar. além da tropa local, contamos com o apoio do Forte Huachuca, se se precisa. Anime-se. Venha, apresentar a dois de meus banqueiros. Um dia pode necessitar a um amigo no negócio. Craig, pode nos acompanhar.

Enquanto, junto ao Curt, falava com duas moças solteiras sobre o iminente matrimônio de uma terceira, Trilby contemplava ao grupo formado pelo Thorn Vance, Craig McCollum e seu pai. Embora o doutor McCollum não era mal parecido, era Thorn quem atraía sua atenção. Teve que aceitar a contra gosto que era boa moço quando o propunha. A cor negra lhe favorecia, pois o fazia parecer mas musculoso e inclusive mas alto.

Enquanto olhava ao homem, este a surpreendeu ao voltar a cabeça de repente e franziu o sobrecenho, irritado. Ela avermelhou, desviando rapidamente o olhar. Os batimentos do seu coração se aceleraram e desejou não sentir-se tão agitada, ou ao menos não dar a impressão de está-lo. Com o Richard nunca lhe tinha acontecido isso. Embora gostasse, ao olhá-lo nunca tinha tido a sensação de que lhe fraquejavam os joelhos. Por Deus, no único que pensava desde que chegou era em que sentiria se Thorn a beijava com autentica paixão, não esse leve contato do roce de seus lábios que a tinha desconcertado. Quase desejou haver-se rendido a ele, embora isso era uma indecência imprópria de uma dama. Ela não devia lhe respirar. Um viúvo como Thorn Vance sem dúvida queria mas do que ela estava disposta a oferecer e era pouco provável que lhe propusesse matrimônio. Pela conversação que mantiveram, deduziu que ele era um mulherengo e parecia considerá-la uma mulher de moral relaxada. Ela não tinha nenhuma intenção de cometer um ato pecaminoso devido à reação de seu corpo ante o homem. Decidiu que teria que manter-se a distância.

Minutos mas tarde, quando Thorn tirou para dançar a Lou, esta ir às nuvens ao ver a Trilby junto ao Curt.

-Olha-a, não tem vergonha?

-Eu me ocuparei disso -disse Thorn à mulher, que era morena e muito maior que Trilby-. Não se preocupe.

-Que descaramento. -A voz lhe quebrou-. É pai de dois filhos e não lhe importam as fofocas que provoca. E ela não é a única. Há outras mulheres em Do Rio. -enxugo-se os olhos, a causar pena-. Ojala não lhe tivesse conhecido.

-Que quer dizer com isso de <<outras mulheres em Do Rio>>?

-Uma formosa e jovem camponesa mexicana cujo pai possui um botequim -disse Lou, com voz rouca-. Passa-se todo o tempo ali.

A notícia estranhou ao Thorn. Se Curt tinha uma aventura com a Trilby, por que ver a outra mulher? E para cúmulo, uma pobre garota mexicana.

-Gosta de me humilhar -sussurro Lou, cravando um olhar furioso nas costas de seu marido-.

Desfruta me fazendo sofrer.

-Por que queria fazê-lo? -pergunto Thorn. Lou avermelhou.

-Eu estava... grávida quando nos casamos -respondeu, fracamente ressentida-. Ele sempre me recorda isso.

Não queria casar-se comigo.

As coisas começavam a explicar-se.

-Estas segura de que mantém relações com a Trilby? -pergunto-lhe.

Lou se encolheu de ombros.

-Desaparece uma noite se e outra não. Possivelmente vá às duas. Como posso sabê-lo? Odeio-lhe!

-Não, não lhe odeia.

-Não, não lhe odeio. Eu gostaria de poder fazê-lo. -Apoiou a cabeça contra o peito do Thorn-. Por que não me apaixonei por ti, Thorn? Nunca enganou a sua esposa.

-Não é meu estilo -disse Thorn.

-Olha-a -murmurou, dirigindo um olhar indignado a Trilby-, tão refinada, acostumada à vida urbana, e elegante. Entretanto, não é bela. Não tem mas que ossos e uma cara que nenhum homem consideraria formosa. Eu sou muito mas atrativa que ela!

-Vamos, Lou -disse Thorn, tratando de tranqüilizá-la.

Lou se cambaleio e conseguiu recuperar seu equilíbrio

-Estou despeitada, isso sim. Por que sua família não lhes controla? Se a tivessem educado como é devido, não paqueraria com meu marido!

Thorn meditou sobre o que acabava de dizer Lou Mary e Jack eram pessoas decentes que não aprovaria a conduta licenciosa da Trilby. Certamente se se inteirassem de que ela se encontrava com o Curt o impediriam.

Minutos mas tarde, Thorn se aproximou da Trilby e Curt e estendeu uma mão para agarrar a dela.

-Nos desculpe, por favor -disse a seu primo sem sorrir.

Curt arqueio as sobancelhas, surpreso.

Thorn levou a Trilby até a pista de baile, onde várias pessoas se deslizavam ao compasso de uma lenta valsa interpretada pela orquestra que tinha contratado.

-Parece-me que é hora de que Curt dedique um pouco de tempo a sua esposa -disse o homem, com um tom glacial.

A Trilby lhe acendeu a cara de raiva, e sorriu friamente.

-Que amável de sua parte sacrificar-se pelo bem dela.

Thorn olhou a Lou, que estava insistindo a um relutante Curt a que dançasse com ela. A situação lhe enfurecia.

Seus braços estreitaram o corpo da Trilby, que ficou tensa.

-Daria o mesmo dançar com uma prancha de madeira -comentou ele, enquanto davam voltas pela pista pela segunda vez. Sua mão rodeio com força a esbelta cintura da moça e a sacudiu brandamente- Quer relaxar-se?

Trilby se mantinha rígida nos braços do homem porque a tinha irritado sua observação e lhe assustava o que o lhe provocava. Sua mão na do Thorn estava fria e tremente, e o esteve mas mesmo que os dedos do homem começaram a deslizar-se entre os seus, fazendo-a sentir que os joelhos lhe dobravam. Vance, que tinha se mostrado tão hostil, de repente atuava como se... como se se propusesse seduzi-la!

-Por favor, deixe de fazer isso -protestou a moça, colérica, atirando com força de sua mão.

-De fazer que, senhorita Lang? -perguntou ele.

Ela dirigiu um olhar irado aos escuros olhos do homem e voltou a baixar a vista.

-Você sabe o que.

-Relaxe-se e deixar de fazer... isso.

Trilby apertou os dentes.

-Acaso desconhece como se comporta uma pessoa civilizada? -perguntou a moça com altivez. Os olhos escuros do Vance resplandeceram ao olhá-la.

-Sou um homem -disse tranquilamente-. Talvez não esteja acostumada à espécie?

Os olhos cinzas da Trilby jogavam faíscas.

-Certamente, conheço muito poucos homens!

-Elegantes moços de cidade -replicou ele-. Com maneiras refinados, unhas cuidadas e o cabelo alisado para trás.

-Não há nada de mau em ter bons maneiras, senhor Vance -repôs ela-. De fato, a urbanidade ocupa um dos primeiros lugares em minha lista de prioridades.

-Parece muito indignada. Nenhuma galinha poedeira estaria tão encrespada como você neste momento -disse ele zombador-; com as plumas arrepiadas e furiosa porque ofendi sua reputação. -O sorriso se desvaneceu quando sob o olhar para ela-. Enterrei a meus pais com minhas próprias mãos -disse, obrigando-a a olhá-lo-. Foram assassinados por bandidos mexicanos que faziam incursões no Arizona. Não aprecio aos foragidos, e menos aos colonos recém chegados do Este que consideram que um homem se mede por seu vocabulário. Aqui, senhorita Lang, um homem se mede por sua capacidade para defender o que lhe pertence, por sua capacidade para proteger a seus seres queridos e assegurar sua sobrevivência. As palavras bonitas não detêm as balas nem constróem impérios.

-Mostra-se muito critico com as pessoas da cidade...

-Sou critico com todos eles -interrompeu Thornton-. Depois do assassinato de meus pais apresentaram aqui dois peixes gordos de Washington. Tratei de lhes explicar que se gerava no México e solicitei amparo para os colonos da região, sem obter mas que promessas de <<considerar a situação>>.

-Washington esta muito longe -recordou-lhe ela.

-Não o bastante para meu ver -repôs o secamente-. Como não consegui nenhuma cooperação por parte de Washington ou o exercito, me ocupei eu mesmo do problema.

-O problema?

-Segui a pista dos assassinos de meus pais ao outro lado da fronteira -explicou.

-Encontrou-os?

-Sim.

Olhou para a orquestra e fez um sinal. Os músicos, que tinham deixado de tocar, voltaram a interpretar a canção.

Trilby não precisou perguntar mas, pois os escuros olhos do homem tinham sido bastante explícitos. Teve uma terrível visão de homens cravejados de balas.

Thorn notou como se estremecia o corpo da moça e assentiu.

-Terá que fazer-se mas forte se quer viver nesta região.

-Hei dito alguma vez que queria viver aqui, senhor Vance? -perguntou ela com suave arrogância-. Vim porque não tinha outra opção.

-Parece que algumas coisas daqui gosta -replicou ele, com leve sarcasmo.

-Assim é, eu adoro o pó! Estou me pensando empreender um negócio de exportação para compartilhá-lo com o mundo. -Não desejava encetar-se em outra discussão-. Podemos deixar de dançar?

-Por que?

A atitude da moça o devolveu à realidade. Trilby para que seu deserto parecesse uma terra alheia e desagradável, ele para sentir-se como um selvagem incivilizado. Bem, talvez o fosse, mas não gostava do ar de superioridade da jovem, que, por outro lado, não era a pessoa mas indicada para lhe julgar, dado seu comportamento com um homem casado como o era seu primo.

Atraiu a Trilby para se de modo que pudesse sentir seu peito quente e forte contra seus seios, inclusive através das várias capas de roupa.

-Não gosta de estar assim, apertada a meu corpo, Trilby? -burlou-se Thorn, olhando-a aos olhos.

-Que indecências diz! -enrijeceu-se e parou de dançar. Nenhum homem lhe tinha falado assim até esse momento. Ficou olhando-o estupefata, como se não desse crédito a seus ouvidos.

-Faz-o muito bem -observou ele, com evidente cinismo-. Quase me convence de que a escandalizei.

Trilby estava turvada e sem fôlego. Por sentir coisas que não queria sentir.

-< Escandalizada > não é a palavra mas adequada. Por favor, deixe ir-disse Trilby, cortante.

-Muito bem -replicou o homem, soltando-a-. Mas não acredite que escapou -acrescentou com tom cínico e sinistro-. Não renuncio quando algo ou alguém me interessa.

-Preferiria me converter no objeto de interesse de uma serpente de cascavel! -repôs ela.

A comparação divertiu ao Thorn, que sorriu, o qual piorou a situação. Trilby se afastou, amaldiçoando para seus adentros enquanto ia em busca de seus pais e seu irmão.

Ela era capaz de defender-se de uma acusação direta, mas Thorn Vance somente fez alusões veladas ante as que não sabia como reagir. Não suspeitava por que tinha tão mau conceito dela.

Se Vance lhe interessasse, lhe teria pressionado para obter uma resposta. Mas, dado que Richard era o único homem de sua vida. O que importava a opinião do senhor Vance?

CAPÍTULO 3

Depois da atitude ofensiva do Thorn a noite anterior, Trilby se sentiu escandalizada quando à manhã seguinte o homem se apresentou no rancho e lhe propôs dar um passeio pelo deserto.

Com seu sorriso zombador, dava a impressão de esperar que ela declinasse o convite.

-Não a cavalo, Trilby -disse, arrastando as palavras-. Como vê, trouxe o carro.

Trilby lançou um olhar receoso ao grande automóvel

-Eu não gosto dos carros -replicou -. Tínhamos um na Luisiana, e nosso chofer estava sempre arrumando a correia de transmissão e os pneus furados, escorregava nas sarjetas e os caminhos enlameados. E o que possuís agora me parece muito veloz -acrescentou, dirigindo um olhar carregado de recriminações a seu pai, que sorria com ironia.

-A calesa é menos cômoda, o asseguro.

-Vê, Trilby - animo-a sua mãe com doçura-. Distrairá-te.

-Certamente -acordou Jack Lang.

Trilby não se atreveu a lhes contar o que Thorn lhe havia dito a noite anterior, nem a acusar ele de tratar como a uma perdida. Seu orgulho não lhe permitia divulgar a opinião que ele tinha dela.

-Onde está o doutor McCollum? Não esta lhe desatendendo? -pergunto Trilby, amarrando-se a um prego ardendo.

-Craig partiu a Passo de trem -respondeu Thorn, desafiando-a com seu sorriso zombador a procurar outra desculpa.

Mas ela não se arredava facilmente.

-Muito bem - disse com aprumo -. Irei com você, senhor Vance.

Vestiu um vestido azul, calçou uns sapatos com cordões e cobriu a cabeça com um chapéu muito adornado. Por ultimo colocou um xale sobre os ombros, se por acaso mudava o tempo, e se dirigiu para o Thorn.

O homem, que tinha impressionado a seus pais com o evidente cortejo a Trilby, vestia um sério traje cinza que acentuava a imagem de pilar da comunidade que se empenhava em projetar. Jack e Mary estavam encantados com ele e demonstravam que aprovavam a relação de forma tão descarada que resultava vergonhoso. Somente Trilby sabia que fossem quais fossem as intenções do Thornton Vance sem dúvida não eram tão respeitáveis como queria aparentar.

-Retornaremos antes do entardecer -assegurou Thorn- Não se preocupem, cuidarei dela.

-É obvio que sim, moço -replicou Jack Lang, como se fosse uma conclusão indubitável e não precisasse ser expressa.

Trilby permaneceu sentada em silêncio enquanto Thorn arrancava o motor do carro e logo tomava assento junto a ela. A moça observou com amargura que não se passou meia hora suando e blasfemando entre dentes para pôr o automóvel em marcha, como ocorria ao Richard quando levava a ela e ao Teddy a dar um passeio. Tal aptidão diferenciava ao Thorn da maioria dos homens.

Saudou sua família com a mão enquanto se afastavam pelo caminho largo e poeirento que conduzia às montanhas. Não tinha tirado o chapéu e agradecia o pára-brisa que protegia seu rosto do pó. O carro de seu pai carecia de pára-brisa, pois Teddy o tinha quebrado acidentalmente jogando a beisebol.

-Vou muito rápido? -perguntou Thorn, olhando a Trilby-. Conduzirei um pouco mas devagar.

Levanto o pé do pedal do acelerador. O veículo estralava produzindo tanto ruído que resultava quase impossível manter uma conversação embora não tivesse desejado fazê-lo. Thorn contemplava a terra de cor marrom, debaixo da qual dormia a erva, pois se achavam no outono, e as árvores de paloverde que salpicavam a paisagem, perguntando-se se Trilby sabia onde se encontravam. Desviou-se do caminho principal por volta de um mas estreito que conduzia um canon bastante afastado. Enquanto se dirigiam para ali, Trilby advertiu que a vegetação era mas abundante e viu ao fundo umas montanhas imponentes e de aspecto espectral.

-OH! -exclamou, deleitando-se com a visão do canon maravilhoso.

Thorn estacionou o carro a um lado do caminho e desconectou o motor.

-Gosta?

-É magnífico - comentou, admirada. Seus grandes olhos eram muito expressivos-. Não tinha idéia de que existissem lugares assim no Arizona. Acreditava que não havia mas que cacto e areia.

-você teria sabido antes se alguma vez tivesse acompanhado a seu pai e a seu irmão -recreio Thorn.

-Obrigado, já trago bastante pó na casa - replicou ela.

-O pó não a enterrasse, bom - disse o, sarcástico.

-Tampouco temia que o fizesse. E por favor, poderia abster-se de me chamar desse modo?

Thorn se voltou no assento para contemplá-la ao tempo que atava um cigarro com movimentos lentos. Estavam eles dois sós no mundo, naquela bela paisagem deserta. Trilby era intensamente consciente da masculinidade dele e lutava para não demonstrá-lo. Recordava muito bem que havia sentido quando ele a tinha beijado a noite anterior. Era muito vulnerável a ele, e o homem tinha uma má opinião dela; devia ter presente. ergueu-se mas em seu assento enquanto se esforçava por não revelar a excitação que aquele homem despertava nela.

Entretanto o advertiu sua confusão e a interpretou muito bem.

-Mostra-se muito arrogante e formal comigo, Trilby. Por que?

A moça enfrentou com valentia o olhar inquisidor do homem.

-Não sou eu o que lhe interessa, senhor Vance -disse ela, com dureza-. Não sou estúpida.

Suas palavras surpreenderam ao Thorn, que não estava acostumado a lhe acontecer com as mulheres. Sally tinha sido formosa, mas não particularmente inteligente. Em troca Trilby sim era.

-Então, se não é você o que me interessa, em que estou interessado?

-Na água que há na propriedade de meu pai - replicou ela, sem arredar-se.

Thorn sorriu com certa admiração.

-Bom, bom. E que lhe faz pensar isso?

-Você necessita água. Não tem suficiente e nós sim. Meu pai não a venderia nem a arrendaria a você -repôs-. Ele nem sequer suspeita que você poderia estar me adulando por motivos ocultos, pois lhe considera uma pessoa maravilhosa, ao igual ao resto de minha família. -Ela o olhou com olhos cintilantes-. Quanto a meu, senhor Vance, penso que é um pirata de terra adentro.

Thorn riu entre dentes.

-Bom, ao menos é sincera.

Levou o cigarro encalacrado aos lábios e sacou um fósforo para acendê-lo. A fumaça acre subiu pelo ar.

-Em realidade, não lhe culpo -disse Trilby ao cabo de um momento, manuseando, nervosa, sua bolsa de tecido-. Suponho que aqui a água é a vida.

-Realmente é. - Deu outra imersão ao cigarro-. Anima-se a passear um pouco?

-É obvio -apressou-se a responder ela, contente de escapar desse espaço limitado.

Thorn desembarcou do carro, abriu a portinhola do acompanhante e a ajudou a baixar. O contato de seus dedos, a Trilby deu um salto o coração. A moça se separou dele e começou a caminhar. Era uma tarde aprazível. Ouvia-se o assobio do vento e se percebia no ar tonificante aroma de terra. A jovem divisou as formações rochosas nas colinas longínquas e admirou as árvores de paloverde, que contrastavam, dourados e magníficos, com o amarelo avermelhado das folhas de arce.

-Que tipo de árvores são aqueles? -perguntou ela.

-Os de cor dourada? São árvores de paloverde. Na primavera seus largos ramos se enchem de pimpolhos dourados que em outono oferecem um aspecto esplêndido. Eu gosto mas que os arces.

-Aqueles outros são carvalhos, não é certo?

-Alguns. Esse é um álamo - disse o, assinalando uma árvore enorme com o tronco inclinado-. Faz umas décadas as pessoas estava acostumada descascá-lo e raspar o tronco para obter sua seiva, que é doce como uma geléia.

-OH, que curioso! -exclamo, encantada.

-E aqueles são salgueiros - acrescentou Thorn, assinalando uma fileira de árvores que se estendiam ao longo das bordas do arroio.

De repente, ela olhou ao redor.

-É um lugar seguro? Quero dizer se houver índios pelos arredores.

Thorn sorriu.

-Muitíssimos. sobre tudo índios apaches mescaleros mimbréenos. Estava acostumado a haver muitos chiricahuas, mas quando Jerónimo foi capturado, o governo embarco a todos: sua banda, enviou-a a Florida e encerrou a todos seus integrantes em um forte na baía do St. Augustine durante muito tempo. Por ultimo, voltaram a levá-los a Novo o México. Jerónimo assassinou a muitos brancos, mas logo os brancos também mataram a muitos apaches. O general George Crook conseguiu que se rendesse. Foi um grande homem o velho Nantan Lupan.

-Que?

-Lobo Cinza. Assim chamavam os apaches ao Crook. Respeitavam-lhe porque se mantinha fiel a sua palavra, estranho em um homem branco. Depois da rendição do Jerónimo, ajudou durante o resto de sua vida todo, que pôde aos apaches. Jerónimo morreu em fevereiro do ano passado.

-Ignorava-o.

Thorn a olhou.

-Vocês, os do Este, não sabem muito sobre os índios verdade? Os apaches são interessantes. Chamava: Cochise ao velho chefe chiricahua, cujo nome índio apache o Chefs, que significa <<carvalho>. Só Deus sabe como transformo no Cochise. Era um demônio velho e matreiro, ardiloso como uma raposa, que levou de cabeça à cavalaria dos Estados Unidos até que chegou a

paz. Jerónimo se negou a render-se e viver em uma reserva a mercê do homem branco. Houve uma época, não muito longínqua, em que bastava mencionar a palavra <<índia apache> para fazer tremer a um homem adulto.

Trilby guardava silêncio, esperando que ele continuasse. Fascinava-lhe seu conhecimento sobre os índios.

Thorn sorriu, satisfeito, ao captar seu interesse.

-Os índios não são ignorantes. Dois índios apaches trabalham para mim; um deles é chiricahua e não quadra absolutamente com a imagem que os do Este têm de um índio -acrescentou secamente-. Entenderá a que me refiro quando o conhecer. Chama-se Naki.

-Que significa? -pergunto ela, com curiosidade.

-Em realidade se chama Dois Punhos. Como a língua índia apache tem sons nasais e oclusivos, e tons agudos..., não se pronunciar seu segundo nome. Naki quer dizer «dois».

-Você é... tem algo de sangue a índio?

Thorn negou com a cabeça.

-Minha avó era uma formosa dama espanhola. Meu avô se fartou de assumir a responsabilidade da família e abandonou a sua esposa e sua filha. -A confissão lhe escapou. Nunca o tinha contado a ninguém.

-Não a amava o bastante para ficar junto a ela?

Falar desse tema incomodava ao homem.

-Pelo visto não. Minha avó morreu de inanição, e, de não ter sido por meu avô, o dono de Los Santos, também minha mãe teria morrido de fome. Ela e meu pai herdaram o rancho quando faleceu meu avô. Eu tinha dezoito anos quando os mexicanos fizeram uma incursão e os assassinaram.

-Tinha irmãos ou irmãs?

-Eu era o único varão. Tinha duas irmãs que morreram de cólera.

-Lamento-o.

-Eu era um menino naquela época e apenas as lembrança. -Fumava enquanto caminhavam, com a cabeça em seguida, sem deter-se, com uma postura perfeita. Para ser um vaqueiro, sentava-lhe muito bem o traje.

-Disse que sua avó era espanhola...

-E você se pergunta por que os mexicanos atacaram a sua filha e a seu genro -adivinho ele.

-Sim.

-Acaso ignora que os mexicanos odeiam aos espanhóis? É um das razões pelas que lutam agora. Viveram sob a dominação espanhola dos tempos de Cortes e já tiveram o bastante -acrescentou-. Quem matou a meus pais não eram revolucionários, a não ser bandidos.

-Sinto o de seus pais.

-Eu também.

Suas palavras gotejavam dor, e Trilby recordou como seu olhar lhe havia dito como se vingou dos assassinos. Pregou o olhar no chão arenoso e pergunto:

-Crescem muitas coisas aqui?

-Os hohokam, quão índios em um tempo habitaram esta terra antes da era cristã, foram um povo agrícola. Aprenderam a cultivar milho e a regar a terra. Tinham um sistema de governo e uma religião muito avançados para sua época. Podiam ter perdurado como cultura durante milhares de anos.

Trilby o olhava com crescente respeito.

- Como sabe tudo isso?

Thorn riu entre dentes.

-Pelo McCollum -respondeu-. Vale a pena ter por amigo a um professor de antropologia. É muito bom em seu trabalho. Aloja-se em minha casa quando realiza escavações na zona. Vem

várias vezes ao anos quando esta ensinando.

-Eu gosto desse homem. Não sabia que fosse professor.

-Sim. Ensina classes de antropologia e arqueologia em uma importante universidade do norte.

-Deve ser uma tarefa interessante. Você lhe acompanha quando procura ruínas?

-Se dispuser de tempo, sim. -Colocou uma mão no bolso das calças e Olhou à moça de soslaio por debaixo da aba larga de seu chapéu-. Gosta da arqueologia?

-Se muito pouco sobre isso -admitiu ela-. Sem dúvida é fascinante, verdade?

-Muito. -de repente, ele estendeu uma mão magra e torrada pelo sol e deteve a Trilby-. Fique quieta um minuto. Não fale. Olhe ali.

Thorn assinalo para os arbustos e ela sentiu que o coração lhe desbocava. Era uma serpente cascavel? Quis pôr-se a correr, mas no instante em que seus pés recebiam a mensagem de seu cérebro, um curioso pássaro de cor marrom e corpo alargado saiu brincando de correr desde debaixo dos arbustos e se lançou veloz para o outro lado do caminho.

Trilby pondo-se a rir.

-Que pássaro é esse? -exclamou.

-Um correcaminos -respondeu o-. Caçam e matam serpentes.

-Bem, vá fanfarrão.

-Não seja boba, as serpentes são benéficas -repreendeu-a ele- e não causam machucado a ninguém. Alimentam-se de ratos. E uma serpente real mata e come às cascavel.

-Não estou acostumado às olhar o tempo suficiente para chegar às identificar - disse ela.

Thorn sacudiu a cabeça.

-Vamos.

Separou-a do atalho e a conduziu para uma zona sombreada do bosque por onde discorria um arroio junto ao qual se elevavam umas enormes rochas alisadas pela erosão que se estendiam em direção às montanhas.

-Este é um antigo acampamento índio apache -informou ele-. É obvio, não pertence à reserva, mas os apaches continuam vindo aqui. O Naki gosta de acampar neste lugar quando sai em busca de animais perdidos. É muito hábil na hora de encontrar cavalos.

-Usa pintura de guerra e penacho de plumas? -perguntou ela, inocentemente.

Ele lhe cravou um olhar desaprovador.

-É um apache -disse-, e os apaches não utilizam penachos de plumas como os índios das pradarias. Usam uma cinta de tecido de cores ao redor da frente e levam o cabelo comprido até os ombros. Não vivem em barracas como os índios das pradarias, a não ser em uma espécie de choça redonda ou oblonga chamada wickup.

-As pessoas daqui odeia aos índios? -inquiriu ela.

-Alguns sim. No passado nos aliamos com eles, e inclusive com os mexicanos, para lutar contra os comanches quando estes decidiram descer de seu território para nos conquistar.

-OH, Meu deus!

-E em um tempo a bandeira da Confederação ondulo em Tucson, durante a guerra civil - explicou ele sorrindo-. Muitos colonos procedentes do Este se instalaram aqui, no Arizona. Você deveria sentir-se como em casa.

-Eu gostaria que assim fosse -replicou ela, e era sincera. Ficou observando o chão-. Aqui não há cacto.

-Abundam no deserto, principalmente os saguaros e os canones de órgão. Os saguaros são enormes e pesados e albergam em seu interior uma espécie de esqueleto de madeira. Um deles pode matar a um homem se lhe cair em cima.

-Que são aquelas árvores altas e magras?

-Ocotes -respondeu o-. Os mexicanos os utilizam para construir cercados espinhosos.

-Na Luisiana há cacto espinhosos -disse ela.

-Seriamente?

-Não no Baton Rouge -esclareceu, sorrindo com nervosismo.

Ele se deteve e se voltou para olhá-la.

-Fala você francês?

-Só um pouco -respondeu ela-. Mama o fala com fluidez. -Olhou com fixidez os olhos escuros do homem-. E você?

-Falo espanhol -respondeu- e assassino o alemão.

Nem Thorn nem ela desviaram a vista. Ele manteve o olhar durante uns instantes que se prolongaram em uma doce tensão. Os lábios da Trilby se entreabriram enquanto seu coração começava a desbocar-se. Pensou que o homem exercia sobre ela um efeito nocivo.

O olhar do Thorn se deslizou para seus seios, o que nunca se atreveria a fazer um cavalheiro. Ela conteve a respiração.

-Travas -sussurro ele-. Vocês, as mulheres do Este, não podem viver sem elas. Aqui, quando um homem vê algo que deseja, simplesmente toma.

-Incluindo as mulheres? -perguntou ela, secamente.

-Depende da mulher -replicou ele-. Minha esposa era como você, Trilby -acrescentou com amargura-; uma orquídea de estufa transplantada a um chão quente e arenoso. Odiava esta terra tanto como a mim. Nunca deveria ter se casado comigo e não o tivesse feito, de não ter sido porque lhe atraía meu dinheiro -adicionou, com um sorriso cínico.

Tais lembranças lhe produziram irritação. Preferia esquecer a Sally, e Trilby para que a recordasse.

-Você a amava? -perguntou a moça.

-Sim -respondeu ele, com aspereza-, amava-a. Mas ela desejava poesia e rosas todas as manhãs e donzelas que a atendessem. Queria um cavalheiro que a acompanhasse às reuniões sociais. Detestava minha rudeza, minha solidão, e cada vez me aborrecia mas; a mim e a quanto me concernia -contínuo, desviando o olhar-. Não é necessário que me diga que sou um selvagem. Sally me dizia duas vezes ao dia.

A moça sentiu piedade pelo homem ao observar que seus rígidos rasgos se endureciam até mas. Que terrível amar a alguém que te odeia...

Thorn subiu a vista ao captar seu olhar compassivo. Enfureceu-lhe que Trilby sentisse pena por ele. E lhe zangava que a moça começasse a gostar dele, que ele começasse a desfrutar com sua companhia. Não era mas que uma rameira, e ele estava deixando-se arrastar para suas redes. Comportava-se como um imbecil!

Jogou o cigarro ao chão e agarrou à moça do braço.

-Não necessito sua compaixão -disse, cortante, com o olhar fixo em seus lábios-. Não quando você é mas desprezível que eu!

Sua boca cobriu a da Trilby, retorcendo-se contra ela, lhe fazendo dano. A moça ficou sem fôlego e tratou de resistir, mas ele era muito mas forte. Seus braços a sujeitavam como tenazes, e sua boca tinha gosto de tabaco e a homem de verdade. Utilizava seu corpo como uma arma para humilhá-la. Suas mãos se deslizaram ansiosas pelos quadris da Trilby, atraindo-a para suas coxas.

Essa ação deixou perplexa à mulher, que Inunca tinha sido beijada antes. O corpo da moça se acendeu ante a impactante sensação dos contornos novidadeiros do corpo do homem contra seu estomago. Começou a gritar furiosamente, ultrajada e envergonhada pelas inqualificáveis liberdades que se tomava o homem, lhe golpeando com os punhos e tentando lhe dar patadas.

Surpreso pela reação da Trilby, Thorn a soltou. Ela ficou olhando-o furiosa, com o rosto avermelhado, enquanto as mechas de seu cabelo escapavam do coque em que o tinha recolhido. De repente o propino uma bofetada com todas suas forças.

-Selvagem! -exclamo, tremendo de raiva-. Sabia que... não era... um cavalheiro!

-E você não é uma dama, rameira da Luisiana -espetou ele, sem que o soco lhe fizesse

recuar-. Se fosse um pouco menos civilizado do que sou, tombaria-a sobre o caminho poeirento e a violaria aqui mesmo.

O rosto da Trilby se acendeu até mas. Os lábios lhe tremiam e os olhos lhe encheram de lágrimas ante o insulto descarado. Pensar que Richard nunca tinha feito mas que lhe agarrar a mão, e aquele selvagem havia... havia...

-Como me ponho uma mão em cima... fustigar-lhe com um ramo! Como se atreve? -disse com voz afogada, quase soluçando de ira-. Vou contar a meu pai!

-Faça-o -replicou ele com seriedade-, e eu lhe falarei da aventura que tem com meu primo, um homem casado!

Trilby o olhou como se fosse louco.

-De que esta falando?

-É muito tarde para mentir a respeito -disse, com voz fria e desdenhosa-. Sally a viu beijando-se com o Curt. Explicou-me isso várias semanas antes de morrer.

O rosto da Trilby empalideceu. Se cambaleio e a ponto que esteve de cair. A mão do homem a sujeitou, e ela se soltou, olhando-o com ódio.

-Isso é mentira -sussurrou -. Uma mentira perversa!

-Por que tinha que mentir minha esposa? -perguntou ele, pausadamente-. E o feito de que ela este morta resulta muito conveniente para você, pois não poderá contradizê-la, não é assim?

Trilby tragou a saliva um par de vezes, temendo desmaiar. Era consciente de que não ficava uma gota de sangue em seu rosto. Pela expressão do homem concluiu que de nada sérvia discutir, pois Thorn havia resolvido que a calúnia de sua esposa era uma verdade indiscutível e portanto nada do que ela dissesse lhe convenceria de que simplesmente se limitou a falar com seu primo Curt.

Com mãos frias e trêmulas, recolheu-se ligeiramente a saia para poder caminhar mas depressa e foi em direção ao carro. Ele a seguiu e lhe abriu a portinhola com cortesia exagerada. Trilby não o olhou quando subiu ao automóvel; não tivesse podido suportá-lo. sentou-se ereta como uma estátua enquanto ele fazia arrancar o motor E conduzia de retorno à casa.

Thorn não falou até que se deteve diante da moradia dos Lang.

-De nada lhe servirá fazê-la mártir comigo -disse com absoluta desconsideração-. Sei quem é você.

-Se eu fosse um homem lhe daria um tiro no coração -assegurou ela com voz entrecortada, tremendo de indignação e raiva-. Quando disser a meu pai de que me acusa, provavelmente ele sim lhe disparasse! Espero que o faça!

Ele arqueou as sobrancelhas.

-É possível que não você tenha intenção de contar-lhe replicou Thorn com insolência-. Destruiria suas ilusões.

A jovem reprimiu o impulso de voltar a lhe esbofetear.

-Senhor Vance -disse, exasperada-, para manter uma relação clandestina com seu primo me veria obrigada a abandonar a casa depois do entardecer.

-Isso não lhe suporia nenhum problema. Dispõe de um carro -recordou-lhe ele.

-Não sei conduzir nem montar a cavalo -repôs ela.

Ele vacilou.

-Então, talvez alguém a leve.

Ela assentiu.

-OH, é obvio. Meus pais compreenderiam que queria sair de casa de noite, e sozinha, algo que não tenho feito jamais em minha vida!

Aquilo desmontava a teoria do Thorn, quem franziu o sobrecenho; desgostava-lhe a fria exposição de quão feitos ela expor.

-O incidente de que me falou Sally aconteceu em uma festa a que assistiram seus pais -disse

o, apartando o olhar com crescente mal-estar.

-Compreendo. fui prejudicada sem ter oportunidade de me defender. -ficou com o olhar perdido, estremecida ao surgir em sua mente um pensamento inquietante-. Suponho... que sua esposa não se limitaria a explicar-lhe somente a você.

-Ela contou ao Lou, a esposa do Curt - disse o.

A moça fechou os olhos. Isso explicava as olhadas furiosas que lhe dirigia a esposa do Curt. Provavelmente o perverso rumor tinha circulado por toda a comunidade. E tudo porque Curt lhe agradava e desfrutava com sua companhia. Sua relação tinha sido perfeitamente inocente.

-Por que não pergunta a seu primo se tiver tido uma aventura comigo? -inquiriu ela, com voz débil.

-E lhe obrigar a mentir para salvar a tua reputação? -Thorn riu-. Isso seria inteligente, não lhe parece?

-Senhor Vance, nunca me ocorreria lhe atribuir um ato inteligente -afirmo com aspereza-. E quanto a sua repugnante calúnia lhe direi que é infundada e extremamente injusta. Se, contá-lo a meus pais. -Se voltou e o olhou com fixidez-. Sei que a verdade é a melhor arma. E você, senhor, lamentasse ter acreditado uma mentira sem questioná-la, embora a formulasse seu difunta esposa.

A indignação se refletia em seu rosto. Desembarcou do carro, rechaçando a ajuda do homem, e se encaminhou para seu lar, seguida por ele.

Como os pais da moça e Teddy não se achavam na casa, ele não teve necessidade de explicar a hostilidade da Trilby. A jovem se dirigiu diretamente a seu dormitório, fechou a porta de um golpe e colocou o ferrolho sem dizer uma palavra ao Thorn.

O homem permaneceu ante a porta fechada. Por que atuava como se ele lhe houvesse dito algo inqualificável quando somente estava refirindo a verdade?

-OH, malditas mulheres! -exclamou com violência enquanto avançava para a porta para sair da casa.

Quando Jack e Mary retornaram, Trilby acabava de lavar a cara e as mãos com água fria. Entretanto, seus olhos continuavam avermelhados, ao igual a seu gracioso nariz.

-Querida -exclamo Mary-, que aconteceu?

-Seu herói se mostrou tal qual é em realidade -disse Trilby a seu pai, com voz trêmula-. Sua esposa lhe explicou que me tinha visto beijando a seu primo Curt, um homem casado, e acredita que mantenho uma aventura com esse homem.

-Como se atreve! -rugiu Jack, irritado-. Como se atreve a te acusar de algo semelhante!

-Não quero voltar a ver o senhor Vance disse Trilby com resolução, entrelaçando as mãos-. Desde o começo te disse que o considerava um selvagem incivilizado. Talvez agora compreenderá por que.

-Estou indignada -disse Mary, afligida. Tomo a Trilby da mão e, levando-a até o salão, fez-a sentar no sofá-. Graças a Deus Teddy segue arrumando os arnês com o senhor Torrance. Seria muito duro para ele inteirar-se disto.

-Sim -disse Jack, cortante-. Idolatra ao Thorn.

-O senhor Vance é um grande homem de negócios -disse Trilby, incapaz de ocultar sua ira-. É muito rico e não deveria lhes inimizar com ele. Mas deixem agora de me empurrar para ele? Acredita que sou... que sou uma mulher fácil, e quando esta a sós comigo se comporta de um modo muito... pouco cavalheiresco. -apertou-se as mãos. Resultava-lhe doloroso explicar essas coisas a seus pais-. Não desejo estar obrigada a sua companhia.

-Ninguém te obrigasse! -assegurou Mary, cortante, desafiando a seu marido.

-Não, certamente -murmurou Jack. Suspirou com pesar e passou a mão por seus cabelos grisalhos-. Trilby, equivoquei-me em relação a ele. Sinto-o muito.

-Também eu, pai, porque sei que lhe admira.

-Como pode acreditar isso de ti? -gemeu Mary-. E por que sua mulher lhe contou semelhante mentira? Não tem sentido.

-Tem sentido se inventou a mentira para apartar as suspeitas de se mesma -afirmou Jack, tenso-. Mas vale que não repitamos isto fora desta casa -advertiu às mulheres-. Não quero uma demanda por calúnias contra nós quando devemos confrontar sérias dificuldades financeiras.

-Não desejo causar nenhum problema ao senhor Vance -disse Trilby com dignidade- a não ser mantê-lo afastado de mim.

-Pode estar segura disso -garanto-lhe Jack-. Se surgir algum assunto relacionado com o gado que requeira sua presença aqui, avisar-te com tempo, querida. Lamento muito te haver colocado em uma posição tão incomoda.

-Não tinhas por que saber quanto me desagrada esse homem -disse a seu pai com amargura-. Oxala não nos tivéssemos partido da Luisiana! Richard logo retornarei...

-E seu quer vê-lo -contínuo Mary. Sorriu a sua filha e lhe deu um tapinha na mão-. Bom, pode nos visitar. Você gostaria? E ficar tanto tempo como deseja.

-Diz-o a sério? -pergunto Trilby, entusiasmada-. Seriamemente?

-Seriamemente. -Mary riu e abraçou a sua filha-. Virá-nos bem a companhia de um homem jovem.

-Poderiam lhe acompanhar Sissy e Ben? -pergunto Trilby, refirindo-se aos irmãos do Richard-. E possivelmente sua prima Julie?

-Claro.

-Um momento -interveio Jack, rindo-. Como vou dar de comer a esses viajantes?

-Podemos matar um novilho, é obvio -replico Mary-. E há abundância de verduras e hortaliças.

-Rendo-me. Adiante, podem convidá-los.

-É um encanto, pai -disse Trilby.

Tinha esquecido a dura experiência da manhã graças à alegria que lhe produzia o feito de que lhe tivessem concedido o que mas desejava. Voltaria a ver o Richard! Isso quase compensava a angústia do dia.

CAPÍTULO 4

Depois de enviar uma carta à irmã do Richard, Sissy Bate, para convidar aos quatro ao rancho, Trilby reatou suas tarefas cotidianas. Durante dias esperou com impaciência a resposta.

Thorn Vance tinha ficado esquecido em um canto de sua mente. Já não lhe preocupava a opinião que tivesse dela, e seu pai tinha visitado o Curt e Lou Vance um dia depois do comportamento insultante do Thorn para sua filha.

Voltou para casa exasperado. Ele e Lou tinham intercambiado duras palavras até que chegou Curt e perguntou pelo motivo da discussão. Quando Jack contou ao homem o que Thorn havia dito, Curt ficou consternado.

Embora Curt lhe tinha parecido culpado de adultério, o homem tinha negado imediatamente qualquer implicação da Trilby. desculpou-se pelas suspeitas de seu primo Thorn e pela vergonha que a moça poderia ter sofrido. Repreendeu severamente a sua esposa e prometeu falar com seu primo e reparar a imerecida desonra do nome da Trilby ante quantos se inteiraram da fofoca. Jack se aplacou em certa medida, mas continuava furioso pela ofensa de que tinha sido objeto sua filha. Não compreendia por que um homem como Thorn Vance tinha aceito tão rapidamente a culpabilidade da Trilby, quem logo que saía de casa e nunca se mostrava descarada, nem em sua vestimenta nem em seu vocabulário. De tudo que valorava, sua reputação e a de sua família

constituíam seu maior tesouro. Esperava que o dano pudesse ser reparado. No Baton Rouge ninguém que conhecesse a família Lang questionaria o bom nome de sua filha ou de sua esposa, mas pelo visto não era assim no Arizona.

Trilby se mostrou muito preocupada com a opinião pública. Não era pacata, mas Blackwater Springs era uma comunidade pequena, e as portas se fechavam quando se difundia uma falação maliciosa. Odiava a fofoca, mas pelo que podia afetar a sua mãe que a ela mesma. Não sabia como poderiam voltar a enfrentar-se a seus vizinhos.

Entretanto, tinham que fazê-lo. Jack Lang insistiu em que a família assistisse à igreja no domingo seguinte e lhes persuadiu de que se situassem em um lugar destacado, enquanto ele olhava em redor como se estivesse disposto a brigar em defesa do bom nome de sua filha. Tinha convencido a sua família de que ocultar-se em casa equivalia, mas ou menos, a admitir a culpabilidade, e posto que Trilby não tinha nada que reprovar-se não existia nenhuma razão que lhes impedisse de apresentar-se ante seus vizinhos com a cabeça bem alta.

Depois da cerimônia duas das matronas mas proeminentes da comunidade aceitaram o convite de passar o dia com a família Lang. Uma delas mencionou que Curt Vance tinha desmentido certo rumor malicioso que circulava sobre a Trilby. Ambas tinham a certeza de que a esposa do Curt tinha intervindo na propagação do falatório.

A notícia tranqüilizou a Trilby, sobre tudo ao reparar em que Thorn Vance não se contava entre os fofoqueiros. O senhor Vance não ia à igreja desde a morte de sua esposa, comentou a mesma senhora; o qual era uma pena, acrescentou, porque sua filhinha sem dúvida podia beneficiar-se dos ensinamentos do Evangelho. Trilby se mostrou de acordo com a observação.

Sentia-se aliviada pelo feito de que Curt, conforme parecia, tivesse tratado de pôr fim à maledicência. Quão único desejava era que cessasse. Estava segura de que nunca perdoaria as palavras nem a conduta do Thorn Vance.

Os dias transcorriam sem que Thorn visitasse a casa, e ela começava a serenar-se e a conceder ao incidente a importância que merecia. O melhor de tudo foi a chegada de um telegrama procedente da Luisiana. Richard, seus irmãos e sua prima partiriam a semana seguinte rumo ao Blackwater Springs. Trilby não pôde conter um grito de alegria, que se ouviu em todo o prédio em que se achava a agência de correios.

-Boas notícias, suponho -disse seu pai, reprimindo a risada.

-Sim! ;OH, pai, Richard vai vir nos visitar!

-É agradável ver-te rir de novo, filha. -Apertou a mão da Trilby carinhosamente-. Todo o esforço valerá a pena se servir para te fazer feliz.

-Logo que posso esperar!

-Não me surpreende.

Subiram ao carro, e Jack conduziu de retorno à casa. Essa noite celebraram a boa fortuna da Trilby. Mas tarde, quando se dispunham a deitar-se, uns fortes disparos ressonaram através do deserto, acompanhados pelos bramidos do gado em correria. Jack e Teddy se apressaram a vestir-se e saíram ao alpendre dianteiro. O velho Mosby Torrance alto e erguido, já se encontrava ali; seus azuis olhos chorosos resplandeciam em um rosto como de couro curtido.

-Eram dez. -Falava ofegando, porque tinha chegado correndo do barracão-. Vázquez e Moreno os viram entre as cabeças de gado. Pareceu-lhes que eram mexicanos.

-Perseguiremo-los -disse Jack friamente-. Pedirei a Mary que nos prepare um pouco de comida. Acorda aos homens enquanto eu procuro munição para os rifles.

-De acordo, chefe. Levarei meu Winchester.

-OH, não, Torrance -disse Jack com brutalidade, olhando ao velho ranger do Texas como se o considerasse um louco-. Não, deve-te cuidar das mulheres, e você também Teddy -disse a seu filho, que parecia aniquilado-. Este não é trabalho para vós. Eu Levarei minhas armas.

Torrance não pôde ocultar uma expressão de desgosto. Teddy se adiantou.

-Esta bem, senhor Torrance -disse o menino, pesaroso-. Suponho que nos separam deste assunto.

O velho engoliu saliva.

-É triste envelhecer, moço -disse Torrance secamente-; todos acreditam que já não serve para nada.

-Eu penso que é você magnifico, senhor!

Torrance sentiu o aguilhão das palavras do Jack quando sob o olhar para o rosto de admiração do menino. Ele também tinha um filho em alguma parte. Sua esposa tinha morrido de pneumonia um inverno enquanto o estava perseguindo foragidos; não conseguiu averiguar aonde tinham enviado ao moço. Quando chegou, nada ficava de seu lar, e seu único filho tinha desaparecido sem deixar rastro. Tinha-o procurado em vão. Olhou ao Teddy e desejou que seu filho fosse tão tenaz e valente como ele.

-Sabe disparar? -pergunto ao Teddy.

-Claro que sim -respondeu Teddy e, assinalando a seu pai, acrescentou-: Embora acredita que não. Por Deus, senhor Torrance, ninguém se dá conta de que servimos para lutar, verdade?

-Reconheço que assim é. Bem, de todas maneiras preparar meu revolver se por acaso lhes ocorre aproximar-se da casa. pode me ajudar a vigiar aqui fora. -Olhou para o salão-. Suponho que a seu pai não importasse.

-Não, se não o dissermos -sussurro Teddy, e o rosto lhe iluminou com um sorriso de conspiração.

Torrance lhe respondeu com uma risada afogada. Teddy era realmente um fantasia de diabo.

O velho volta ao barracão e agarrou seu Colt 44 niquelado com culatra de madrepérola. O revolver lhe tinha acompanhado em numerosas batalhas ao longo dos anos. Continuava sendo uma arma apreciada, apesar de que naqueles dias quase todos usavam o 45. Como o mesmo, seu revolver parecia anacrônico em um século em que as maquina viajavam tão rápido como um cavalo ou uma águia tanto por terra como por ar. Às vezes se sentia como um homem pré-histórico, alguém que tinha perdido o mundo ao que pertencia e não acabava de encaixar no novo.

Sua situação tinha sido distinta pouco depois da guerra civil, quando se converteu em ranger do Texas, escrevendo assim sua própria história. Junto com homens como Bigfoot Wallace, foi uma lenda entre os pacificadores do Texas. Tinha obrigado a recuar a foragidos e pistoleiros; em uma ocasião obtendo que retrocedesse uma multidão enfurecida que se propunha linchar a um prisioneiro. Entretanto no rancho ignoravam seu passado, e a ninguém importava que tinha sido ele cinquenta anos atrás.

Supôs que possivelmente deveria estar agradecido por conservar seu trabalho. Em realidade Jack Lang não tinha tido muitas opções no momento de contratá-lo. Torrance tinha sido capataz do rancho até que Lang o herdou.

Embainhando o revolver na cartucheira ele agarrou seu Rémington, comprovando o mecanismo antes de abandonar o barracão a grandes pernadas. Era um homem alto e ágil e, exceto por sua branca cabeleira, seu aspecto, erguido e altivo enquanto caminhava com passo firme pelo chão de madeira do alpendre, era quase o mesmo que tinha devotado aos trinta anos. Que vergonha, pensou com certa ironia, que um homem tivesse que envelhecer e morrer. Houve um tempo em que estava convencido de que seria eternamente jovem.

Jack Lang saiu fechando com dedos torpes o cinturão com a pistolera. Embelezado com um exagerado estilo do oeste (zahones de pele de cordeiro, muñequeras de couro, botas novas com esporas de pesadas rodela e um par de revólveres de seis balas com culatra de madrepérola), parecia um personagem de uma novela troca. Os do Este sempre se vestiam assim para perseguir cuatreros. Lang nunca encontrava nenhum porque não confiava no moço índio apache que lhes precedia em tarefas de reconhecimento e não acreditava que ninguém pudesse seguir o rastro de

um homem através de um arroio.

Torrance sacudiu a cabeça em um gesto desaprobador. Alguém devia explicar a esse oriundo do Este que os zahones de cordeiro eram adequados para os invernos do Norte e que os usavam os vaqueiros de Montana e Wyoming, mas não os do Arizona. E aquelas pesadas esporas eram mexicanas; a nenhum homem civilizado que se apreciasse lhe ocorreria as utilizar com seu cavalo. Os revólveres eram bonitos, mas nunca tinham disparado. E as muñequeras talvez serviriam a alguém destro no manejo do laço, habilidade que Jack Lang não possuía.

Torrance guardou seus pensamentos para se limitar a fazer um gesto com a cabeça quando ele o ordenou que se ocupasse de cuidar das mulheres. ele podia rastrear tão bem como esse mexicano, Vázquez, a quem Lang tinha encomendado as tarefas de reconhecimento, e disparar melhor que qualquer dos outros vaqueiros do Lang. Além disso conhecia bem aos mexicanos porque havia seguido a pista a muitos deles em seus dias de ranger, da idade do Torranelno era apto para o trabalho de vaqueiro.

Suspiro com saudade ao ver a equipe partir. Teddy se aproximou dele.

-Bom, senhor Torrance -disse o moço-. Estou seguro de que você poderia realizar um trabalho melhor que qualquer dos homens de papai, embora ele não saiba.

Torrance sob o olhar para o menino, agradado.

-É maravilhoso, Teddy.

-Também o é você, senhor Torrance.

Dentro da casa, Trilby observou como se afastavam os homens montados a cavalo. Um dos peões tinha proposto que se dirigissem aos Santos para procurar o Thorn Vance. Seu pai tinha discutido com o homem, e a jovem sábia por que não queria implicar ao Thorn. Logo tinha ouvido desprender o auricular do telefone e a seu pai resmungar porque o operador que demorava para despertar e lhe conseguir a comunicação. Ordenou ao operador que chamasse os Santos e presumivelmente aceitou a contra gosto deter-se no rancho para depois empreender a perseguição dos bandidos. Trilby esperava que Thorn não arrastasse a seu vulnerável pai a um tiroteio, pois em que pese a sua pose este não sábia quase nada a respeito dos homens violentos...

Quando a equipe armada chegou aos Santos, já os esperava. Tinha embainhado o rifle e levava um Colt 45 de culatra negra que tinha pertencido a seu avô.

Teve que amedrontar ao Jack Lang lhe explicando os possíveis perigos que lhes aguardavam para que lhe permitisse unir-se à partida. O colono vindo do Este se havia obstinado em ir só com seus escassos homens, e pela mente do Thorn cruzou a súbita imagem do homem que jazia sem vida sobre o chão poeirento do Arizona.

A Thorn remoía a consciência depois das acusações que tinha dirigido contra Trilby. Era consciente de que tinha prejudicado a reputação da moça e não se atrevia a voltar para casa dos Lang. Sábia que Jack e o resto da família lhe desprezavam por ter ofendido a Trilby, embora, milagrosamente, ao parecer ela não tinha contado a ninguém todo o acontecido durante o passeio pelo deserto; admitiu que esse silêncio era mas do que o merecia. De repente lhe apresentava a oportunidade de ajudar ao pai da moça, o que talvez servisse para compensar em parte sua inqualificável conduta.

Samantha tinha dormido. Preocupava-lhe a menina, que ultimamente se mostrava muito reservada e silenciosa. Além disso estava muito magra e pálida; não oferecia o aspecto de uma menina sã. Desejava ser capaz de vencer o bloqueio afetivo da pequena para poder comunicar-se com ela, pois da morte da Sally, Samantha se tinha encerrado em se mesma. Ele já não sábia que fazer para chegar a sua filhinha.

Com expressão preocupada, observou ao Jack Lang, que a sua vez examinou ao homem do oeste e de repente se sentiu fora de lugar e aparatosamente vestido. Thorn lhe pareceu sinistro, e inclusive nessas circunstâncias apreciou o aspecto perigoso do homem, embelezado conosco

cubra, camisa azul de quadros e um lenço vermelho atado ao pescoço. Levava muñequeras como Jack, mas as do Vance apareciam desgastadas e obscurecidas pelo uso. Suas botas tinham esporas com rodela pequenas e usava grandes zahones de couro. Sentava-lhe bem o chapéu, que não era novo como o do Jack, mas sim evidenciava o desgaste das horas à intempérie e estava curvado. Na cavanhaque da arreios se enroscava um laço, como a maioria de seus homens, e levava uma manta enrolada e atada com correias de couro. Jogado ao ombro havia um colorido poncho mexicano e fumava um cigarro com indolência. Parecia não lhe inquietar o que lhes aguardava.

Jack teve que tragar as iradas palavras que pugnavam por sair de sua boca. Em realidade, não tinha falado com o Thorn depois de sua conversação com o Curt Vance. Resultava-lhe difícil tratar com um homem que tinha tratado de arruinar a reputação de sua filha.

-Preparado para partir? -perguntou Thorn quando Jack se aproximou dele-. Posso acrescentar dez homens à partida.

-Estou seguro de que contamos com suficientes homens -replicou Jack, sério-. Eu trago seis.

Seis homens, além do Jack e Vance, para perseguir uma turma de bandidos. Thorn esteve a ponto de rir da inocência de seu vizinho. Provavelmente, os revolucionários mexicanos passavam de cinquenta. A luta ao outro lado da fronteira era mas encarniçada à medida que aumentava a resistência ao governo do Díaz. Várias bandas pouco numerosas de rebeldes procedentes da província de Sonora, no norte do México, dedicavam-se a atacar por surpresa aos rebanhos da zona com a intenção de transladar o gado ao outro lado da fronteira para vendê-lo ou alimentar a seus companheiros famintos. É obvio, não pagavam o gado que levavam. A situação no México desembocaria em uma guerra, pensou Thorn, e o preocupava a cada dia mas a sombria possibilidade da participação americana se os assaltos se estendiam ao outro lado da fronteira. A intervenção significaria a guerra com o México, algo que ninguém desejava.

-Sentiria-me mas tranqüilo se nos acompanhassem meus homens -disse Thorn, sem pestanejar, com a vista cravada nos olhos do Jack. O olhar tinha a força de uma imprecisão.

-Como quero, é obvio -respondeu Jack, com a mesma severidade.

Nenhum dos dois tinha mencionado a Trilby, mas seu nome flutuava entre eles e a ambos resultava difícil atuar com naturalidade.

Quando Thorn se inteiro da visita do Jack a seu primo e do que nela trataram, discutiu com o Curt pela primeira vez em sua larga relação. Ao final Curt lhe tinha convencido de que seu amante misteriosa não era Trilby, e tal revelação deixou ao Thorn confuso e envergonhado. Tinha ofendido cruelmente a Trilby porque tinha acreditado as acusações da Sally. Mas por que tinha mentido Sally? Essa era a única peça do quebra-cabeças que não conseguia encaixar.

Não obstante, não era o momento de pensar nisso agora. Thorn elevou dois dedos à boca e emitiu um assobio agudo, penetrante. Imediatamente, dez homens montaram seus cavalos e se uniram à pequena partida.

Jack observou que aqueles homens se pareciam muitíssimo a seu chefe. A maioria vestia roupas gastas, e foram armados até os dentes. Um par deles davam a impressão de ser uns perfeitos patifes. Havia dois índios apaches no grupo, um de baixa estatura e entrado em anos, e outro alto, com bom físico e uns olhos negros estranhamente perspicazes; seu aspecto lhe resultava desagradável.

-Pensa levar aos índios? -pergunto Jack, contendo o fôlego.

Thorn contou mentalmente até dez.

-Naki e Giz são meus rastreadores -respondeu-, os melhores de minha equipe. Nem sequer eu posso encontrar os rastros que são capazes de descobrir eles.

-Olhe, eu não confiou nos índios -disse Jack, irritado-. As histórias que ouvi sobre eles...

-Suponho que não ouviu que nos velhos tempos alguns brancos utilizavam aos apaches como escravos -replicou tranqüilamente Thorn-. O que nossos soldados estavam acostumados a assaltar os povoados índios e matavam às mulheres e meninos.

Lang se esclareceu a garganta.

-Bem...

-Eu respondo por meus homens, de todos eles -interrompeu Thorn com tom sereno-. Vamos.

-Sim, é obvio.

Jack elevou o braço e fez um sinal a seus homens para que lhes seguissem. Tratou de partir ao mesmo tempo do Vance, mas este esporeio suas arreios e saiu disparado como o vento. Jack Lang sabia que ele não seria capaz de manter-se sobre o cavalo se cavalgasse para a mesma velocidade que Vance. Ficou atrasado, com sua equipe, enquanto Vance e seus homens se distanciavam deles. Jack não precisava perguntar quem dirigia a partida; resultava evidente que era o Vance.

Uma débil luz brilhava por cima das montanhas; estava anoitecendo. Os apaches desmontavam de tanto em tanto para examinar as rochas e o terreno pedregoso. Lang estava seguro de que nenhum homem podia rastrear pelas rochas, mas os apaches sabiam fazê-lo. Guiaram aos homens através do largo rio que separava as terras do Jack das do Vance e logo se dirigiram para o oeste de Douglas.

-Vance, achamo-nos perto da fronteira, muito perto -disse Jack, expressando sua preocupação-. Não podemos entrar no México sem autorização.

Thorn se inclinou, apoiando os pulsos sobre suas arreios, e olhou ao Jack Lang.

-Escute, não há dúvida de que os ladrões cruzaram a fronteira. Precisamos saber por onde, não se o têm feito. Já teriam chegado a Água Escura, e se não nos apressamos não os encontraremos. Se esperarmos a que nos concedam uma autorização, você perderá a metade de sua manada. Além disso, não podemos nos arriscar a que o exercito nos persiga.

-Mas, homem, se nos apanhassem...

-Não nos apanhassem. -Fez um sinal a seus homens e contínuo avançando.

Depois de um momento de vacilação, Jack reatou a marcha.

Seguiram a pista dos mexicanos até uma Canadá mas abaixo do vale de São Bernardino, procurando manter-se a bastante distância das tropas do exercito dos Estados Unidos que estavam acampadas ao longo da fronteira. Os bandidos se sentiam tão seguros que se detiveram para tomar o café da manhã com um novilho do Jack Lang.

Só havia seis homens, por isso Thorn deduziu que não eram mas que desertores, que não formavam parte das forças de Madeiro. Estava convencido de que esses indivíduos obravam por sua conta, embora não pareciam o bastante preparados para atuar sem um chefe. Thorn devia averiguar para quem trabalhavam.

Fez um sinal a seus homens, esquecendo que se tratava da partida do Jack Lang, e cavalgou para o acampamento dos bandidos ao tempo que desenrolava o laço. Lanço-o sobre o homem que supôs era o chefe e o apanhou. Outros ladrões desencaparam suas armas, mas ao encontrar-se superados em numero e revólveres, levantaram as mãos, vociferando em um espanhol incompreensível.

Um rápido monologo em espanhol brotou da boca do Thorn, que tinha baixado agilmente da arreios para imobilizar ao chefe. Quando começou a interrogar ao homem, um dos apaches, o alto, aproximou-se dele, com um frio olhar dirigido ao Jack Lang, começou a falar em sua própria língua.

-Não estamos sozinhos aqui.

-Fala em inglês -ordenou Thorn, irritado.

-Não diante dele -replico Naki, assinalando ao Jack Lang-. Ouvi o que disse. Se voltar a me insultar, tirar-lhe as calças e o atarei a um cacto. Diga-lhe adiciono, olhando ameaçador ao Jack Lang, que se sintio intimidado.

-Explicasse-me que averiguaste?

-Farei-o quando deixa a esse vaqueiro falso que lhe espera um poste e um pouco de lenha se

segue comportando-se assim.

Thorn o olhou.

-Eram os iroqueses do nordeste, não os apaches, quem queimava às pessoas na fogueira!

Naki Olhou com raia ao Jack.

-Estas seguro?

-Maldita seja! -exclamo Thorn.

-Oh, muito bem! Uns cem federais vêm para aqui.

-Por que não o disse antes? Federais -repetiu Thorn-. Temos que partir daqui em seguida Dispersem o gado! -ordenou a seus homens.

Estes dispararam ao ar, e as cabeças de gado saíram em correria. Thorn se apressou a carregar a sua presa atada com o laço sobre suas própria arreios antes de subir ao cavalo e dirigir-se a toda velocidade para a fronteira.

-Não tenha piedade dos cavalos! -gritou Thorn Jack Lang-. Não podemos deixar que agarrem a este lado da fronteira.

-Como pinjente antes, andamos nos pavoneando por aquí-murmurou Jack para se, mas o bastante baixo como para que não pudesse lhe ouvir Thorn.

Conseguiram cruzar a fronteira com o gado pouco minutos antes de que chegassem os soldados mexicano Todos os ladrões exceto o que se achava sobre os arreios do Vance conseguiram escapar na disparada, enquanto os vaqueiros tratavam de recuperar o gado. Perderam-se umas quantas cabeças de gado, mas não tantas como para que se notasse sua falta nos bens do Jack Lang.

Com o Thorn à frente, cavalgaram como alma que leva o diabo para o rancho do Blackwater Springs. Trilby os ouviu aproximar-se e correu para a janela no momento em que Jack Lang e Thorn se detinham diante da casa. A moça se sentiu tão aliviada ao ver seu pai que se precipitou para o alpendre.

Thorn a viu enquanto jogava no chão ao mexicano imobilizado e afrouxava a corda. Logo, com uma expressão desumana, voltou-se para ela.

-Entre na casa e fique ali -ordenou com voz glacial.

O bandido olhou à moça, riu e disse algo em espanhol ao Thorn, sem dúvida uma obscenidade referida a Trilby, porque Vance se equilibrou sobre o homem. O mexicano sacou uma faca que Thorn, cegado pela ira, não alcançou a ver. Em troca Naki a viu. Enquanto o homem levantava a arma branca para atacar, Naki sob a mão com a velocidade do raio até seu cinturão, desencapou uma grande faca de caça e, depois de apalpá-lo, lançou-a com rapidez e precisão aterradoras, de tal modo que golpeio a faca do mexicano, que caiu ao chão.

-Caracóis! -exclamo Jack Lang, que se encontrava junto ao apache.

Naki desmontou com elegância para recuperar sua faca. Enquanto isso, Thorn e o mexicano se encetaram em uma violenta briga, alheios aos espectadores.

-Selvagens ignorantes -comento Naki enquanto voltava a montar seu cavalo.

Jack Lang o olhava com incredulidade.

-Estupendo! -ironizou Naki, agitando um braço para o Thorn-. Por Deus, homem, acaso não lhe preocupa que esses dois possam romper a cabeça? Creia que os brancos eram civilizados! - Tratava de parecer aborrecido e superior.

-Fala inglês! -exclamou Jack, com voz entrecortada.

-Sim, mas me deixa um gosto desagradável na boca; tantas metáforas, negações dobre, cacofonias...

Fez girar a seu cavalo e se afastou, resmungando para se. Logo que podia conter a risada detrás ter visto a expressão de perplexidade do Jack Lang.

Enquanto isso, Thorn e o mexicano estavam banhados em suor e cobertos de pó e sangue. Thorn era alto, mas o mexicano era mas corpulento, e seu orgulho tinha sido ferido pelo indigno

tratamento que tinha recebido.

Thorn acabou por lhe submeter e, lhe elevando do chão como se fosse um farrapo, começou a lhe interrogar em um áspero espanhol. O ladão se negou a responder ao princípio, mas finalmente falou. Thorn o soltou lhe dando um empurrão.

-Dê a ele um cavalo - ordenou ao Jack Lang-. Eu o reembolsarei.

-Vamos deixar ir? -perguntou, atônito-. Deveria ser detido e julgado pelo delito que cometeu!

-Digo-lhe que deixe que parta -insistiu Thorn com um tom que rechaçava qualquer protesto.

Jack indicou com uma sinal a um de seus homens que procurasse uns arreios. Trilby, que tinha entrado na casa quando os dois homens começaram a lutar, aproximou-se da janela ao advertir que o alvoroço da trifulca diminua. O que viu lhe produziu náusea, e saiu correndo para o alpendre traseiro.

Quando se achava sentada à mesa da cozinha, bebendo chá quente e açucarado para acalmar seus nervos, Thorn entrou com seu pai, com a cabeça descoberta e o rosto machucado e sangrando, ao igual a seus nódulos.

-Pode atender ao Vance, Trilby? -perguntou seu pai-. Sua mãe no dormitório e não querará sair.

Trilby compreendia a atitude de sua mãe.

-É obvio -disse, ficando imediatamente em pé.

Com muita dificuldade pôde reprimir as arcadas. O aroma do sangue lhe resultava insuportável. Agarrou uma bacia e se dirigiu à pia para inundar um pano na água. Sentou-se de novo ante a mesa frente a um Thorn fatigado e lentamente começou a limpar suas feridas, sem olhá-lo aos olhos. Em realidade, o homem não elevava a vista e atuava com uma estranha submissão; talvez, pensou ela com amargura, a causa da dor. Teve que vencer o impulso de abandonar a estadia e lhe deixar ali tal como estava, mas seu bom coração foi mais forte que a indignação que sentia.

-Não entendo por que se empenhou em liberar o mexicano -disse Jack, irritado.

-Se lhe retivéramos seus homens viriam a buscá-lo -explicou Thorn, dando um pulo quando Trilby lhe limpou a ferida da bochecha-. Alguns mexicanos se comportam como os apaches quando querem vingança.

Jack começava a entender a situação.

-Compreendo.

-Duvido-o, mas terá que me acreditar. Acostumam cruzar a fronteira em procura de gado para vendê-lo a um grande latifundiário do sul de Sonora. Adverti-lhe que se voltava a vê-los este lado da fronteira, falaria com seu benfeitor. Suponho que demorassem para aparecer. Entretanto há outros ladrões, de modo que não solucionamos o problema.

-Temia-me isso. -Jack fez um gesto de preocupação ao ver o rosto do Thorn. Apesar do dano que causou a sua família, aquele homem lhe havia ajudado. Tem um aspecto espantoso.

-Uma briga não é um divertimento, verdade, Trilby?-perguntou Vance à moça, e um fulgor seus olhos escuros ao olhá-la.

Ela apartou a vista.

-Não. Que disse esse homem para que você o atacasse?

-Nunca o direi -respondeu o, solene-. Provoco-me para assim me surpreender e me cravar a faca no ventre.

-Seu amigo índio -disse Jack, com certa confusão- não é o que eu pensava.

-Não é o que todos pensam -replicou Thorn-. Agradeço a Deus sua destreza com a faca. Esse mexicano teria me tirado as tripas.

-Por fortuna não foi assim -interveio Trilby. Logo o olhou aos olhos e lhe perguntou com serena altivez:- Devo supor que estava você me defendendo?

Reprimindo sua irritação, Vance respondeu com voz profunda e suave:

-Sim. Nenhum bandido assassino deveria falar assim de uma mulher decente.

A jovem inundou de novo o pano manchado de sangue, observando a cor rosácea que adquiria a água antes de voltar a aplicá-lo ao rosto do Thorn.

-Entretanto segundo você eu não sou uma mulher decente -repôs a moça com amargura.

Ele lhe agarrou o pulso com força. Em seus olhos se via uma sincera desculpa.

-Curt me contou a verdade. Lamento-o muitíssimo.

-Não arruíne sua imagem senhor Vance -disse ela, retirando a mão da garra do homem para continuar com seus cuidados-. Custa-me acreditar que a desculpa faça parte de seu repertório.

Jack Lang rondava perto deles, e Thorn desejava que se achasse na Montezuma. Precisava estar a sós com a Trilby para tentar cortar a distância que se abriu entre ambos. A moça lhe tratava com desprezo, e o certo era que o lhe tinha dado motivos para isso. Até um cego teria se dado conta de que seu acanhamento não era fingido.

-Seu homem, o apache- insistiu Jack, fala- inglês.

-Seriamente? -perguntou Thorn, mostrando uma irônica surpresa.

Jack se esclareceu a garganta e saiu da cozinha.

Sua ausência brindou ao Thorn a oportunidade que tinha esperado para tratar de reconciliar-se com a Trilby. -me olhe -disse Thorn com serenidade-; Trilby, me olhe.

A moça obedeceu com certa relutância.

-Lamento-o -repetiu o-. Assuste-a aquele dia?

Trilby se ruborizou e se apartou.

Thorn ficou em pé e se situou detrás dela, agarrando-a brandamente pelos ombros.

-Esta zangada. Ninguém a tinham beijado antes, verdade? -disse ele, pesaroso.

-Não -respondeu a moça com os dentes apertados-. E respeito a seu comportamento...

Vance deixou escapar um suspiro.

-Sim, tomei umas liberdades que um homem só deve permitir-se com sua esposa. Por outra parte você se inteirou de coisas sobre mim que nunca teria sabido se nossa relação se desenvolvesse com normalidade.

Trilby se alegrou de que ele não pudesse ver o rubor cada vez mais intenso de seu rosto.

-Será melhor que termine de lhe curar, senhor Vance -disse ela, com voz afogada.

Thorn a fez voltar-se para ele, inclinando-se para olhá-la aos olhos.

-Não me odeie -disse, com surpreendente doçura-. Equivoque-me e estou disposto a retificar.

O semblante do homem se endureceu. depois de tudo, tinha-a assustado e escandalizado. De repente ele se sentiu torpe. Retirou suas mãos dos ombros da moça e voltou a sentar-se.

Sua atitude fez que Trilby se sentisse culpada.

-Tem meu perdão se considerar que o necessita, senhor Vance. Apesar do ocorrido no passado, agradeço-lhe que me tenha defendido. Lamento que lhe tenham ferido por mim.

Estas feridas sem importância? -disse ele com tristeza-. Doem, mas não muito. Produzida-las por balas são muito piores porque estas rasgam a carne quando penetram; o sei porque as sofri.

A mão da Trilby se deteve no ar.

-Feridas... de bala?

A moça se cambaleio, e lhe dobraram os joelhos. Thorn a sujeitou contra seu corpo antes de que caísse.

-Trilby, por amor de Deus...

Ela aspirou lentamente, e as náuseas e a debilidade começaram a desaparecer.

-Sinto muito -sussurrou -. É que... depois de tanta violência...

Sentia-se frágil, muito frágil. Thorn se inclinou de repente e, tomando-a em seus braços, elevou-a do chão e a levou para o salão, onde Jack Lang acabava de entrar.

-Trilby, que acontece? -perguntou.

-Desmaiou. Eu não deveria ter mencionado as feridas de bala -explicou Thorn, causar pena-. Precisa descansar.

-Sim. É obvio. por aqui.

Jack lhe conduziu até o dormitório da Trilby e ao chegar à porta se apartou a um lado para permitir que Thorn depositasse a sua filha sobre a branca colcha bordada, o que este fez com grande delicadeza.

-Jack? -chamo de repente Mary Lang, com voz quase histérica-. Jack, onde esta Teddy?

-Acredito que esta fora, com o Torrance -respondeu Thorn, voltando a cabeça.

-OH, maldito seja -resmungo Jack-. Trilby, querida, estas bem?

-Sim, pai -murmurou ela-, embora um pouco enjoada. E contente de que você esteja são e salvo.

Jack assentiu.

-Voltarei em seguida.

Ao ficar a sós com o Thorn, Trilby procura fugir de seu olhar. O homem oferecia um aspecto deplorável, e a moça se perguntou se a ferida da bochecha sanaria sem deixar cicatriz.

-Sinto tudo isto -disse o, com semblante grave-. Suponho que tampouco tinha presenciado uma briga a murros antes.

-Ouvir o ruído dos golpes resultou bastante desagradável. -Desviou de novo a vista do rosto do homem-. Deveria aplicar-se compressas nas feridas esta noite.

-Farei-o. Naki conhece ervas para curar as feridas. Pedirei-lhe que me atenda.

-Esta seguro de que não lhe envenenasse? -brincou ela com acanhamento.

-É meu amigo -repôs ele-. Os amigos não se envenenam uns aos outros. Agora, se esta segura de que se encontra bem, partirei.

-Obrigado por cuidar de meu pai -disse ela com tom solene.

-Necessita que cuidem dele -replicou Thorn secamente-. Meu deus, perderá todas suas posses se não se endurecer.

-É tudo tão brutal aqui... -disse ela de repente, com grandes e expressivos olhos.

-Claro que o é. Não é um lugar para covardes.

Trilby empalideceu. Suas mãos descansavam sobre sua cintura enquanto jazia na cama. Sentia-se vulnerável ante a presença de um homem em seu dormitório. Thorn parecia encher a habitação, dominá-la. Observava-a como se ela estivesse despejada; talvez o estava.

O escuro olhar do Vance se deslizou pelo corpo da moça até seus finos tornozelos e voltou a cravar-se em seu rosto. Era esbelta e bem formada, e ele sentiu certa ansiedade ao recordar a sensação de sua boca sob a sua.

Ela o olhava como se ele lhe inspirasse temor, e provavelmente assim era, pensou o homem com amargura. Mostrou-se hostil com ela desde o começo; tinha-a ofendido, tinha-a tratado com brutalidade e depois tinha manchado sua reputação. Como podia esperar que confiasse nele?

E era uma pena, porque a moça começava a lhe atrair de um modo totalmente novo, pensou Thorn. Apesar de que se assustou ao presenciar a briga entre ele e o mexicano, tratava-se de uma jovem valente. Pálida e tremente, tinha reunido coragem suficiente para curar suas feridas. Sentia admiração por ela. Tinha-a admirado quando se enfrentava a ele verbalmente, e o tinha feito desde a primeira vez que se viram. Em troca não recordava uma ocasião em que tivesse admirado a seu difunta esposa, salvo ao início de sua relação.

-Não permitirei que lhe aconteça nada mau a seu pai, Trilby - disse - a nenhum de vocês. A moça reprimiu as náuseas e a lágrima os olhos.

-Este terrível país... -sussurrou -. Desejaria não ter vindo nunca.

Ao Thorn desagradou o modo em que a moça disse isso.

-Escute, não é tão mau como você acredita. Trilby, eu gostaria de lhe mostrar o deserto...

Os olhos da Trilby se abriram, e neles se apreciava um brilho de ressentimento.

-Do mesmo modo em que me mostrou isso a última vez? -perguntou com tom acusador.

Thorn balbucio e ficou em pé. Ele tirou o chapéu e se enxugou o suor da frente com a manga da camisa.

-Vai me lembrar isso sempre? -perguntou -. Atuei de acordo com o que acreditei que fosse a verdade.

-Sua opinião sobre mim me causou mas dor que a você suas feridas, senhor Vance -disse ela com aspereza.

Seus grandes olhos cinzas muito abertos ressaltavam em seu rosto, branco como o papel-. Não suporto a um homem que chega a uma conclusão e se nega a retificá-la, mesmo que todas as evidências a contradizem.

-Sally me mentiu -justificou-se o.

-Sei.

-Eu não conhecia você - disse Thorn-. Ignorava a classe de pessoa que era você realmente.

-Poderia me haver concedido ao menos o benefício da dúvida -repôs ela com frieza-. Por fortuna meu pai conseguiu reparar o dano que você fez a minha reputação, porque dentro de muito pouco tempo nos visitasse meu pretendente. Teria sido espantoso que se formasse uma má opinião de mim a partir da fofoca local.

Thorn ficou petrificado.

-Um pretendente? -perguntou.

Trilby sorriu presunçosa.

-Ao que parece você considera que minha falta de beleza me impede de despertar o interesse dos cavalheiros. Possivelmente não saiba que não todos os homens julgam a uma mulher por seu rosto ou sua figura. Richard me aprecia por minha inteligência.

-Richard que? -inquiriu o.

-Richard Bate. Crescemos juntos em Baton Rouge. Sua família e a minha aprovariam nosso enlace - acrescentou ela com intenção-. E a mim gostaria. Amei ao Richard a metade de minha vida!

Thorn estava tenso como a corda de um arco. O desprezo que ela experimentava por ele era tão evidente como o que em um tempo o tinha albergado por ela. Sentia-se insignificante, mesquinho e, como a culpa lhe carcomia, mostrou-se sarcástico.

-Será um moço de cidade, suponho; um dandi sem cérebro nem guelra.

-Richard é um cavalheiro, senhor Vance -replicou ela, com altivez- qualificador que nunca aplicaria a você uma mulher, sobre tudo se alguma vez teve a má sorte de estar a sós com você.

Thorn avermelhou enquanto espremia com a mão a aba de seu chapéu. Depois seu rosto empalideceu.

-Não se anda com olhares, não é certo?

-Desejaria poder fazê-lo, senhor Vance -disse ela-. A mim teria gostado de ter sido um homem só durante cinco minutos. Eu teria feito muito mas dano que o mexicano!

Ele se ergueu.

-Já me desculpei - disse secamente.

-E considera que isso apaga os meses de trato descortes, desdém e ofensas.

Visto desse modo, ele pensou que, em efeito, não o apagava. Enquanto observava atentamente o rosto da moça se deu conta de que em realidade merecia o ódio que Trilby sentia por ele. De um só golpe ficaria sem a moça e sem os direitos de água do seu pai. E esse muda de alface do Este a quem ela amava apareceria para afastá-la de sua vida. Começou a detestar o lugar em que vivia.

Sem pronunciar palavra, Thorn se voltou bruscamente, colocou o chapéu e saiu da habitação.

Trilby fechou os olhos. <<Deixa-o ir>>, disse-se, furiosa É obvio, não lhe queria; nunca lhe tinha querido. Penso no Richard, e imediatamente a tensão desapareceu de seu rosto. Richard a visitaria

por fim! Por uma vez, seu, sonhos pareciam fazer-se realidade. Quando Richard chegasse, o perverso senhor Vance não seria mas que um má lembrança; tão mau como os acontecimentos do dia.

Trilby se negou a pensar no perigo que tinha deslocado seu pai. Não queria que nada danificasse os tempo: de alegria que se chegava.

CAPÍTULO 5

Quando Trilby saiu de sua habitação, minutos mas tarde, Mary Lang ainda se sentia mal pelo que tinha visto através da janela. O desagradável episódio, tinha-lhe feito tomar consciência dos piores aspectos de seu novo lar.

-Não tinha idéia de que os homens lutassem dessa maneira -explicou mas tarde a sua filha enquanto estavam tranqüilamente sentadas depois de preparar a comida para o Jack-. Nunca tinham presenciado uma briga.

-Tampouco eu. O mexicano disse algo sobre mim. O senhor Vance se negou a me dizer quais foram suas palavras; em qualquer caso, essa foi a razão do enfrentamento.

-Obrigado por lhe curar as feridas, Trilby -disse Mary-, Eu não podia!

Pela primeira vez Trilby se sentiu maior que sua mãe; não seria a ultima vez que se sentiria assim.

Surpreendia-lhe que Thorn tivesse brigado por defendê-la. Ele tinha jurado que tinha trocado de opinião sobre ela, o que não apagava absolutamente as injúrias que lhe tinha dirigido.

Thorn lhes visitou uma tarde depois de que Jack Lang retornasse para inspecionar a seus cavaleiros. O sol ia ocultando-se, e Trilby, sentada nos degraus do alpendre, contemplava a paisagem enquanto sua família conversava em torno da mesa da cozinha. Então Thorn se deteve frente à casa.

O coração da moça se acelerou quando ele desceu do cavalo com movimentos ágeis e atou o cavalo ao poste. Ela atribuiu ao medo aquela reação; ou à ira, talvez. Observou que o homem vestia roupas de trabalho.

Seu inato sentido da cortesia não lhe permitia mostrar-se grosseira com um visitante, apesar de que detestava a aquele homem.

-Pelo geral vem a cavalo quando visita, senhor Vance - comentou ela educadamente, ainda sentada no ultimo degrau-. Acreditei que gostava dos automóveis.

-Eu não gosto muito.

Sem tirar o chapéu de aba larga, Thorn se sentou junto a ela, com um cigarro aceso na mão. Embora cheirava a couro e tabaco, a pó e suor, a Trilby não desagradava sua presença, o que lhe provocava certa confusão. Se aquele homem lhe desgostava, não deveria lhe repugnar sua proximidade?

-Meu pai está na cozinha com minha mãe e Teddy... -começou a dizer ela.

-Não lhe faltarei ao respeito, Trilby -afirmou com voz serena-; ele asseguro. Conversemos.

-Por que? Sobre... sobre que? -balbuciou a moça.

-Discuti com minha filha sobre a escola -explicou o homem-. Estive tratando de ajudá-la a fazer seus deveres, mas ela se nega a cooperar. É tão retraída que não posso me comunicar com ela de maneira nenhuma.

Aquele tema despertou o interesse da Trilby.

-Não vai à escola?

-Ia. A escola fechou quando a professora retornou ao Este para casar-se. Sally lhe dava aulas, e agora já não há quem o faça, exceto eu. A única alternativa é alugar uma casa em Douglas e enviá-la ali, à escola, como têm feito outros granjeiros.

-Aprende com facilidade?

-Quando quer, sim. Mudou depois da morte de sua mãe. Organizei o trabalho para passar mas tempo com ela pensando que talvez eu possa animá-la a estudar se a ajudo. Suponho que a descuidei; tive muitas preocupações.

-Estou segura de que as tem. Os mexicanos estão mas perto de você que de nós. Suponho que a revolução lhe inquieta.

-Inquieta a quantos vivem na fronteira -disse Thorn de forma categórica-. Cada facção suspeita que apoiamos à outra em que pese a que fazemos o possível por nos manter neutros.

-Tenho lido no periódico que se levantaram protestos na Cidade do México contra a intervenção americana -comentou Trilby-. E há rumores que Madeiro e seus seguidores planejam atacar com todas suas forças.

-Todos os indícios apontam a isso.

O homem contemplou com olhos apreciativos o formoso vestido de algodão de quadros azuis, cujo decote quadrado era bordado por uma cinta branca que lucia Trilby. A larga cabeleira loira da moça caía em cascata sobre seus ombros. De repente, Thorn se sentiu excitado por esse cabelo loiro. Afundou brandamente a mão nas ondas espessas, lhe jogando a cabeça para trás.

-Por favor, não faça isso -pediu ela, tensa, apartando a mão do Thorn com fúria.

-Tenho ouvidos de raposa -disse o com voz tranqüila, suave-. E estamos aqui, ocultos na escuridão.

inclinou-se para aproximar-se. Sua respiração cheirava a tabaco, e Trilby se sentiu débil e desejo voltar a sentir sua boca sobre a sua. Sua própria reação a irritou e por isso lhe deteve pondo uma mão sobre o peito.

-Não há nenhuma necessidade de que me pegue -disse ele, exasperado-. Não vou fazer lhe dano.

-Claro que não -acordou ela, com olhos furiosos. Somente vai obrigar me a aceitar seus cuidados para logo dizer que eu o incite!

Thorn a soltou imediatamente.

-Meu Deus disse, causar pena-. Acaso alguma vez o esquecesse?

Trilby se aparou o cabelo e alisou a saia com mãos trêmulas sem olhar o duro rosto do homem.

-Não quero seus cuidados, senhor Vance. Acreditei que estava bem claro.

-Sou rico... -começou a dizer o.

-E supõe que isso me importa? -perguntou ela com atitude-. Não me venderia nem ao homem mas rico da terra se não o amasse. E amaria a meu Richard embora fosse um poeta sem um centavo, pois não é sua posição social o que eu almejo.

-Considerava-a uma mulher adulta -disse o com frieza-, mas fala como uma colegial namoradeira.

A moça elevou o queixo e seus olhos cinzas cintilaram coléricos.

-Não tem nenhum direito a burlar-se de meus sentimentos. Você não sabe nada de mim.

Thorn estudo seu rosto pálido e magro.

-Isso é bastante certo -disse, e sua voz grave soou profunda na quietude do entardecer-. dei por supostas muitas coisas, mas nunca tratei de conhecê-la.

Ela voltou a vista para o horizonte, iluminado com as cores do ocaso; cores de festa, pensou ela, abstraída. O entardecer tinha um sabor mexicano esse dia.

-Você não tem bom conceito por mim, verdade, Trilby? -perguntou ele com calma, recostando-se contra uma das colunas quadrangulares de madeira para atar outro cigarro-. Não sou civilizado nem seguro como esse muda de alface do Este.

-Um homem civilizado trata a uma mulher como a uma dama.

-Fala como uma jovem espanhola bem educada -disse o, divertido-; muito correta, mas

indefesa sem sua dama de companhia.

-Nenhuma dama de companhia lhe permitiria aproximar-se de sua protegida -afirmou ela de maneira contundente, enquanto lhe dirigia um olhar furioso ao recordar o ultraje do beijo que lhe deu esse homem quando a levou a passear pelo deserto.

-Ofendi-a, não é certo? -inquiriu ele, com voz serena. Tinha o olhar cravado na ponta de seu cigarrillo-. Jamais perdoará minha conduta.

-Perdoei-lhe, senhor Vance. Entretanto, não posso lhe brindar mas que minha amizade -acrescentou a moça.

Ele a olhou com ira.

-Que pode lhe oferecer um homem do Este que não possa lhe proporcionar um do oeste? -inquiriu, premente.

-Um comportamento civilizado -respondeu ela-, um trato decente, ternura; coisas das que você não sabe nada.

Thorn não com amargura.

-Suponho que deve parecer assim. Você é uma garota valorosa, Trilby. Embora estivesse abatida pela violenta cena que tinha presenciado, teve a coragem suficiente para me curar. Não vou esquecer.

-Imagino que muitas das pessoas que tratam com você não poderiam fazê-lo se não tivessem valor -sussurrou ela.

-Considerá-lo um elogio -repôs ele.

A porta mosquiteira se fechou com força depois do pai da moça saiu ao alpendre.

-Thorn, é você? -Jack Lang lhe deu bem-vinda, estendendo uma mão enquanto seu vizinho ficava em pé com indolência. Seu amimosidade para com Vance tinha ficado esquecida depois de que o homem conseguiu recuperar seu gado. E pelo visto Vance e Trilby voltavam a falar-se, o qual somente pressagiava coisas boas para todos-. Alegria-me vê-lo. Entre a tomar café conosco.

-Obrigado. Detive-me para lhe perguntar se gostaria de assistir a uma festa amanhã de noite.

-Uma festa?

-Na Maladora. celebra-se a festividade de um Santo. Haverá música, baile e comida. Acredito que gostariam. Maladora esta somente a uma hora daqui e podemos ir de carro.

-Séria divertido -disse Jack-. Estou seguro de que Mary, Teddy e Trilby desfrutassem.

Trilby não tinha nenhum interesse em festas nem na companhia do Thorn Vance. Entretanto seu pai se mostrava tão entusiasmado que teria se sentido muito mesquinha negando-se a ir.

-Eu gosto da música -disse.

-Também a Samantha -replicou Thorn-. Levá-la comigo, é obvio. É seu aniversário.

Vance sorriu a Trilby e a moça sentiu que algo incrível lhe acontecia. Não sabia como interpretar as estranhas e perturbadoras emoções que ele despertava nela. Teve que recordar a seu amado Richard, que se apresentaria ao cabo de poucos dias.

Thorn Vance era indômito, indomável. Não convinha paquerar ou apaixonar-se por ele. Era a classe de homem com que não queria casar-se, mesmo que sua companhia lhe resultasse excitante. E sendo esse o caso, simplesmente tinha que manter-se alerta.

-Obrigado -disse Jack ao Vance com um sorriso-. Iremos com muito prazer.

-Estupendo. Passarei para buscá-los amanhã ao redor das quatro da tarde. Boa noite. -E, sorrindo a Trilby, acrescentou--: Estou desejando ir a essa festa.

Ela observou como se afastava montado em seu cavalo com o sobrelenho franzido. perguntava-se por que Thorn tinha decidido convidar a sua família à festa. Talvez o para a modo de desagravo, disse-se Trilby, e voltou a sumir-se em seus fantasias com o Richard.

O coronel David Morris pendurou o auricular do telefone em Forte Huachuca e uma expressão

de preocupação apareceu em seu rosto distinto. Tinham surgido mas problemas na fronteira, e se veria de novo obrigado a enviar um destacamento para ali para controlar a situação. As escaramuças aumentavam cada dia do estalo da insurreição no México. Poderia lhe acompanhar o capitão Bell esta vez, pensou com resignação, para falar com o rancheiro a quem tinham roubado o gado que o mesmo se encarregou de recuperar. Tais ações só contribuíam a piorar a situação. O rancheiro não estava autorizado a cruzar a fronteira; provavelmente se veriam envolvidos em uma guerra se alguns de seus soldados pisavam na linha de separação entre ambos países. México era um país muito grande; só Deus sabia quem tinha tentado roubar as cabeças de gado. Séria uma loucura levar a cabo uma jogada a rede de cidadãos de outra nação soberana e interrogá-los.

A idéia lhe resultou divertida. Sorriu e seu rosto de maçãs do rosto altos pareceu menos severo do habitual. Levantou-se de seu escritório, mexendo em sua espessa cabeleira loira. Seu cabelo era castanho claro antes de que lhe atribuíssem a missão de comandar essas tropas, mas o sol do Arizona o tinha esclarecido. Contemplou-se no espelho embaçado que pendurava de uma parede e apertou os lábios. Para ser um homem de trinta e seis anos, não oferecia tão mau aspecto, pensou com leve ironia. Selina estava acostumada comparar sua figura com a de um deus da mitologia grega, especialmente quando estava nu.

Sua esposa, Lisa, nunca o olhava. tornou-se triste e arisca depois da morte do bebe a começos de anos. Nunca tinha desfrutado com o Morris na cama, nem sequer nos primeiros tempos de seu matrimônio, o que em realidade ocorria a ambos. Ele a encontrava passável, mas nunca lhe tinha excitado. Sábia que Lisa o tinha amado ao princípio. Em troca ele se casou com ela devido a seu pai tinha sido um general muito influente. Quando ela se inteirou, desapareceram todos os sentimentos que lhe professava. Então ele começou a freqüentar os leitos de outras mulheres.

Ultimamente sua esposa não lhe reprovava suas aventuras amorosas. mostrava-se estranhamente reservada e tão retraída que apenas se advertia sua presença no quartel. Deveria falar com ela, pensou enquanto chamava a seu assistente. Mas a conversação terá que esperar, pois como de costume os assuntos militares tinham preferência.

Enquanto se encaminhava para seu carro, foi saudado pelos membros da Nona Cavalaria. O Nono e o Décimo estavam compostos pelos famosos «soldados de Búfalo», cuja gloriosa história ele era orgulhoso de estar ali em qualidade de comandante.

Durante todo o trajeto até Douglas pensou em visitar a Selina. Possuía um hotel, ou mas uma casa de entrevistas, na conhecida Sixth Street da pequena cidade. Selina tinha um corpo voluptuoso e o dom de obter que um homem se sentisse ante ela como um conquistador.

Lisa era calada, tímida e pouco atrativa. Em troca Selina, ah, acendia nele sensações que há muito tempo tinham desaparecido de seu coração. Só recordar o delicioso corpo da mulher lhe excitava. Morris voltou para presentes custoso, enviava-lhe flores, adorava-a. Por fortuna Douglas se achava bastante afastado do forte, por isso era improvável que Lisa se inteirasse de sua existência. Nesses dias, Selina constituía a única diversão do coronel.

O chofer apertou o pedal do acelerador do grande automóvel, deixando atrás às tropas estacionadas nos terrenos para feiras de Douglas, e David saúdo seus oficiais ao passar junto a eles. Essa pequena guarnição logo que representava uma ameaça para os maderistas, mas ao menos contava com alguns homens valentes e serviria em caso de apuro. Em tempos de perigo real, dotações procedentes de Forte Huachuca e outros postos eram enviadas a toda pressa para qualquer lugar onde surgissem dificuldades. Ultimamente se tinham produzido alguns incidentes, e ao David preocupava o futuro, pois estava convencido de que a situação na fronteira pioraria.

Considerou que o hotel Gadsden era o lugar mas adequado para inteirar-se da fofoca local sobre o que acontecia na fronteira. Tratava-se de um hotel majestoso, lugar de reunião de ricos e poderosos, que oferecia confortáveis habitações a seus clientes. Aos poucos minutos de entrar, um recepcionista bonachão lhe facilitou a informação que procurava, depois do qual não demorou

para sair da cidade.

Era um dos dias mas poeirentos dos últimos meses. Os homens cobriam a boca e o nariz com um lenço para impedir que lhes afogassem os grãos amarelados da areia em suspensão. Na cidade de Douglas estavam acostumados a orvalhar as ruas com água para evitar que se levantasse pó, o que em realidade só contribuía a agravar as coisas. Cada alpendre ostentava um espanador que os visitantes utilizavam para tirar o pó antes de entrar na casa, o que, como a rega das ruas, servia de muito pouco.

Apesar de tudo era um dia agradável, bastante afresco como para que seus homens se sentissem bem enquanto cavalgavam em direção ao rancho. A vista do Morris passeava de direita a esquerda em busca de rastros dos invasores. Indeadamente, pensou, os mexicanos transpassariam a fronteira e se iniciariam os problemas. Confiava em que o exercito fosse capaz de confrontar a situação.

O rancho do Blackwater Springs não causava grande impressão, pensou enquanto se aproximavam da casa. As cercas tinham os postes frouxos e era óbvio que precisavam de urgente reparação. As cabeças de gado dispersas estavam nos ossos e não se via muito alimento. Se havia uma exploração em dificuldades no Arizona, sem dúvida era essa.

São do Este, pensou, mostravam-se muito seguros de se mesmos até que se enfrentavam à tarefa de dirigir um rancho no deserto. Não era um lugar fácil para colonos recém chegados, e todos eles tinham que aprender a resistir as duras condições que impunha a vida nessas paragens.

Ordenou ao chofer que aproximasse o carro à casa. A seguir deu a voz de alto à pequena coluna montada e esperou a que alguém saísse ao alpendre.

Jack Lang se sentiu agrado e em certa medida impressionado ao encontrar-se com um esquadrão de cavalaria ante sua casa. Apresentou-se ao coronel e lhe convidou a entrar com suas habituais maneiras refinados.

-Não disponho de tempo, mas de todos os modos o agradeço -recusou Morris com aspereza-. Escute, quero que me relate sobre o problema que teve.

Jack, que avermelhou ligeiramente ante o tom desanimado do coronel, contou-lhe o acontecido. Não mencionou o feito de que tinham cruzado a fronteira para capturar aos ladrões; limitou-se a explicar que o tinham interrogado antes de deixá-lo partir.

-O homem afirmou que não formava parte das forças de Madeiro?

-Isso disse.

Morris ficou pensativo.

-Sempre há homens que atuam à margem dos exércitos e cometem delitos por sua conta. Em qualquer isto caso requer vigilância, senhor Lang. Não podemos permitir que os patriotas mexicanos defendam sua causa com dinheiro dos Estados Unidos.

-Estou de acordo. A questão é como impedi-lo. Conto com um numero limitado de peões.

-Isso está acostumado a ser o habitual nas zonas fronteiriças. É obvio, nós aumentaremos nossas patrulhas. Também alertarei às tropas de Douglas e as do vale de São Bernardino, perto do rancho Slaughter, caso você não disponha de homens suficientes.

-Eu tenho muitos -protesto Jack-. Ao menos, meu vizinho, Thorn Vance, tem-nos.

-Vance. -Pronunciou o nome com certa apreensão-. Sim, conheço-o. Bom, isso esta melhor. Incrementaremos nossas patrulhas e esperemos impedir assim que se repitam os feitos. Lamento muito o que lhe aconteceu.

-Recuperamos a maior parte do gado roubado -disse Jack.

-E o prisioneiro?

-Deixamo-lhe ir - respondeu Jack.

-Atuaram com prudência -acordou Morris-. Os mexicanos são vingativos. Matariam a quem retivesse um dos seu contrário sua vontade.

-Isso disse Vance.

-Ele viveu aqui toda sua vida. Convém seguir seus conselhos; são acertados. -levo-se a mão à aba do chapéu-. Bom dia.

-Bom dia, coronel.

Jack observou como se afastava a toda velocidade e se perguntou por que o tinha visitado. Os militares logo que podiam intervir para resolver os conflitos, pois a região era muito extensa e havia muitos lugares apropriados para ocultar homens e gado. Suspirou e entrou na casa.

David retornou a Douglas e ordenou a seus homens que se dirigissem para o forte enquanto ele se ocupava de alguns assuntos privados na cidade. Não houve nenhum comentário, mas alguns dos homens intercambiaram umas risadas dissimuladas enquanto abandonavam a cidade; era um segredo a vozes que o coronel tinha uma amante.

Depois de enviar, por manter as aparências, a seu chofer a fazer uns recados, David se encaminhou para a pequena casa de hóspedes em que trabalhava Selina.

A mulher se achava sentada a uma das mesas, corretamente embelezada com um formoso e discreto vestido de cor rosa e com a negra cabeleira recolhida em um coque. Elevou a vista com um sorriso gracioso quando viu o Morris tirar o chapéu e aproximar-se dela.

-David, quanto me alegra ver-te! -disse em espanhol, com um suave deixo, enquanto os olhos lhe acendiam.

Levantou-se da cadeira e estreitou a mão do coronel, baixando a vista com recato se por acaso alguém os observava, embora, como sempre, a essa hora do dia, a casa estava vazia.

-Vêem, mostrarei o novo sofá que instalaram na biblioteca -convidou ela.

O homem a seguiu, enquanto os batimentos do coração se aceleravam. Lhe conduziu até uma pequena sala de leitura e, depois de fechar a porta atrás deles, fechou o ferrolho.

-Estas coberto de pó - queixou-se enquanto ele a abraçava.

-Que importa o pó. Me beije.

O homem encontrou a boca da mulher e a beijou com um anseio desenfreado.

-Passaram duas semanas -lamentou-se ela.

-Oh! sim.

As mãos nervosas do homem levantaram a saia do vestido da Selina até que encontrou suas coxas escuras e suaves. Acariciou-as enquanto sua boca devorava a da mulher, deleitando-se com seus gemidos e a fúria de suas pequenas mãos, que se trabalhavam em excesso no peitilho de sua jaqueta.

O apoiou o corpo da Selina contra a porta e se encolheu até ficar a sua altura enquanto desabotoava os botões que se interpunham entre eles. Elevou a cabeça e observou o rosto aceso da mulher antes de tomá-la pelos quadris e levantá-la para apertá-la contra a dura e premente investida de seu corpo excitado.

Ela conteve o fôlego.

-David! Não podemos!

A boca do homem sossegou o protesto da mulher, e a manteve imobilizada enquanto a penetrava. A porta começou a produzir débeis ruídos secos à medida que o grau de excitação aumentava e logo começou a golpear com estrépito quando os quadris do homem se moveram em busca de satisfação com um insensato descuido.

Selina sorriu com tristeza ao sentir as convulsões do David. Nunca tinha amado tanto a alguém, mas, como a maioria dos homens, ele procurava seu próprio prazer mas que o de sua parceira.

O coronel reclinou a frente contra a porta, ofegando, enquanto um tremor estremecia seu corpo. Logo se relaxou, com seu corpo pesado e palpitante contra o da mulher.

-Me alegro de que não haja ninguém na casa -sussurro ele.

-Sim. Agora me solte, David - pediu ela, com calma.

Então ele levantou a cabeça e a olhou com olhos lânguidamente saciados.

-Sempre se mostra indiferente depois fazer amor - comentou ele com tom reflexivo-. Permite-me isso sozinho Para me agradar, verdade? Ama-me, mas não o interessa o sexo.

Ela se encolheu de ombros.

-Não tem importância.

O homem apertou os lábios.

-Talvez é hora de que me preocupe mas pelo agradar, pequena.

Separo-se dela e começou a despir-se. A sala estava bem iluminada, e Selina nunca tinha visto um homem nu. Ficou levemente impressionada ao ver que a ereção do David persistia quando se situou ante ela. Tinha um belo corpo, musculoso e magro.

-Estamos na biblioteca... -disse ela.

-Assim é. Alguma vez temos feito o amor no chão, verdade?

Selina se ruborizou. O homem se aproximou dela e começou a lhe tirar as roupas com habilidade e destreza. A mulher não protestou, nem sequer quando esteve nua, e o coronel se deleitou na contemplação de seus seios generosos e suas largas e esbeltas pernas.

-Que maravilha.

O homem riu com doçura e se inclinou para cobrir um seio com sua boca e sugá-lo. Agarrou-a em seus braços e a estendeu sobre a enorme tapete persa que se estendia entre as cadeiras e o sofá estofado de veludo para a seguir ajoelhar-se entre suas coxas. Durante uns minutos que pareceram horas se limitou a contemplar, acariciando-a brandamente. Logo sob a cabeça até o ventre da mulher e começou a lambê-lo como nunca antes ninguém o tinha feito.

Ela ofegou quando ele lhe separou as coxas com as mãos e afundou a língua com avidez em seu sexo. Selina lutou, mas o calor da boca do David lhe resultava tão doce, tão incrivelmente prazeroso, que não pôde resistir. Ele a arrastava através de sensações deliciosas até um lugar em que se alcançava uma nervura de absoluta tensão quase enfermo.

Quando se achava soluçando, abraçada a ele com força, lhe rogando, ele elevou o corpo da mulher apressado pela exaltada necessidade do dele. Ela se convulsionou ante o primeiro embate duro e violento, e os espasmos prosseguiram enquanto ele penetrava seu corpo em tensão. Ela ria, chorava e se aferrava ao homem enquanto a levava até o paraíso antes de chegar ao espasmo final e desabar-se sobre ela.

Muito mas tarde, Selina se sentou em uma cadeira, totalmente vestida, sentindo-se até aturdida e sem atrever-se a olhá-lo.

-Foi como tomar a uma virgem - disse ele com satisfação, plantando-se ante ela embelezado de novo com seu uniforme-. Como a primeira vez que estivemos juntos, embora então estava nervosa e assustada.

Ela se olhava fixamente os dedos das mãos.

-Faz isso... com o espôsa?

-Nunca o tenho feito com ninguém - respondeu ele, com aspereza-. E jamais o farei. Somente contigo. Amo-te. Não te deste conta?

Ela elevou o rosto, pálido e tenso. Seu olhar se cravou nos olhos do homem.

-Ama-me?

-Amo-te -repetiu ele.

-Mas... eu não sou uma dama - disse ela.

-É-o para mim -declarou ele com firmeza.

-Como pode sentir afeto por mim? Por uma mulher de origem humilde como eu? -Selina rompeu a chorar.

O homem emoldurou o rosto da mulher com suas mãos, sorrindo com uma leve expressão de triunfo ante a inesperada vulnerabilidade de sua amante.

-É toda uma mulher, Selina.

A beijou, e ela o abraçou com força, apoiando a bochecha contra seu peito.

-Por favor, me diga que sou a única, embora não seja certo -murmuro.

-É a única mulher- disse ele sinceramente-. E será a ultima em minha vida. -inclinou-se e a beijo com ternura - voltarei.

Ela o observou partir, enquanto sua mente segura sendo um torvelinho depois da experiência que ele acabava de lhe proporcionar. Os dias lhe resultariam muito compridos até que voltasse a vê-lo.

Pensou na esposa do David e sentiu que lhe fervia o sangue. Era uma situação que devia confrontar de algum modo. Não queria compartilhá-lo com outra mulher. De momento deveria esperar sua oportunidade. Se ele a amava realmente, e ela estava quase segura de que assim era, não lhe pediria que se resignasse a compartilhá-lo. Concluiu que ele não amava a sua esposa, que não lhe importava absolutamente. E com esse pensamento, começou a cantarolar enquanto se dedicava às tarefas da casa.

CAPÍTULO 6

Trilby contemplava com uma indiferença agradada aos mexicanos que, chamativamente embelezados, dançavam ao ritmo vibrante da música. Desde que se tinha estabelecido no Arizona, era a primeira vez que assistia a uma celebração dessa classe. Apesar de sua reticência natural, o colorido e o ambiente festivo lhe resultavam atrativos.

junto a ela, Thorn, recostado com indolência contra uma parede de tijolo cru, retorcia entre seus largos dedos uma parte de couro sem curtir. Nem ele nem Jack se vestiram para a ocasião. Em meio da multidão, Trilby e sua mãe eram as únicas pessoas que pareciam do Este. A maioria das mulheres mexicanas vestiam blusas brancas com saias de cores e os homens levavam calças brancas e ponchos de tons vivos. Trilby dirigiu um olhar de desgosto a seu elegante vestido azul marinho com adornos de renda branco e abotoado até o pescoço. Com gesto nervoso, levou-se a mão ao pescoço do vestido.

-Não se inquiete -repreendeu-a Thorn com suavidade-. Esta muito bonita.

-Não me dava conta de que estaria muito arrumada - se queixou -. Isto é tão... tão informal.

-Estas pessoas não tem dinheiro para comprar roupas elegantes – disse ele -. Mas são felizes apesar de tudo.

-Ao parecer o são -acordou ela, invejando em certo modo seu espontaneidade, já que as pessoas com que se relacionava se mostravam sempre muito contidas Não é perigoso estar aqui? Por causa dos distúrbios que se produzem no México, quero dizer.

-Mesmo que algumas destas pessoas sejam simpatizantes da revolta, não corremos nenhum risco -tranqüilizou-a ele -. Conheço a maioria dos aldeãos, pois alguns de seus parentes trabalham para mim.

-OH -foi o único que atinou a dizer ela.

A moça seguia tensa, com os dedos fortemente entrelaçados. Thorn o advertiu com um débil sorriso, guardo-se a parte de couro no bolso da camisa branca de mangas largas para tomar as suaves mãos da Trilby entre as suas.

-Relaxe – ele disse - olhando-a com olhos serenos-. Sempre esta tão tensa, pequena, tão receosa.

-Resulta-me... difícil -balbucio ela, enquanto a música, as risadas e a gritaria das pessoas os envolvia. O intenso olhar do homem, talvez muito prolongada segundo as normas de cortesia convencional, despertava em seu interior estranhas sensações. Teve a impressão de que o homem a estava escrutinando.

-Que lhe resulta difícil? Desfrutar?

-Suponho que sim. No Este nos mostramos muito mas discretos.

Thorn arqueio as sobrancelhas.

-De verdade? Acreditava que ao menos os 'Cajuns' eram amalucados.

-Eu não sou uma Cajun -alegou ela-. Meus antepassados eram originários da Virginia e se estabeleceram no Baton Rouge depois da guerra civil. Após minha família viveu ali.

As mãos do homem entre as suas se voltaram mas suaves, acariciadoras.

- Não leva sempre o cabelo solto?

-Eu... bem, não, não sempre -murmurou ela-. Como você me considerava o princípio uma... uma mulher fácil, pareceu-me que levar o cabelo solto estava mau...

Ele fez uma careta.

-Ignoro por que Sally disse essas coisas de você -disse ele, e em seus olhos se lia o arrependimento-. Se eu a tivesse conhecido um pouco melhor a você, nunca a teria acreditado.

-Seu primo só tentava mostrar-se simpático comigo -manifestou ela, à defensiva-. Limitou-se a me tratar com amabilidade; isso foi tudo.

Thorn elevou a palma da mão da moça aos lábios e a beijou lentamente, fazendo que um formigamento percorresse o corpo da Trilby.

-Eu serei amável com você, Trilby, se me permitir isso -prometeu o com voz grave, olhando-a aos olhos-. Arrependo-me sinceramente de meu comportamento com você. Nada do que tenho feito em minha vida me incomoda mas que isso.

Trilby lutou contra o delicioso prazer que despertava nela o sereno olhar do homem. sentia-se atraída por ele, e isso lhe desgostava. Era um rufião, muito distinto ao Richard.

-Não lhe guardo rancor -disse ela-. Você não me conhece.

-Quero conhecê-la -replicou ele, com voz rouca.

Os olhos do Thorn pareciam haver-se voltado mas escuros até e transmitiam uma sabedoria e uma segurança que a turvara.

Nesse momento a banda interpretava uma balada lenta, sensual. Ele a conduziu entre a multidão de bailarinos e a rodeio com seus braços com toda correção.

-Baile comigo, Trilby.

Thorn começou a mover-se ao ritmo da música. Não realizou nenhum ato ofensivo, mas o contato de sua mão cálida e forte em sua cintura e o apertão discretamente acariciador de seus dedos em torno dela a fizeram sentir que lhe fraquejavam as pernas. Ela olhou aos olhos e ficou cativa neles.

-Começo a lhe parecer menos selvagem, Trilby? -perguntou ele com calma-. Ou não consegue esquecer o que viu quando levei o ladrão ao rancho?

Ela se ruborizou ligeiramente.

-Suponho que ao final não se acostuma a essas coisas.

-Não há mas remédio -disse ele com tom doce e zombador-. Endureça-se, pequena. Tem tempera; somente precisa desenvolvê-lo.

-Acredito que deveria voltar para casa -disse ela de repente.

A alta figura do homem ficou rígida.

-Por que?

-Eu... sinto falta da o Richard -disse, em um vão intento por apaziguar os batimentos do seu coração.

-Com o tempo, esquecesse-lhe -repôs o, secamente.

Súbitamente, o homem deslizou a mão ao redor da cintura da moça para atrai-la mas para se e descansou sua bochecha contra a dela.

-Não faça isso! -rogou ela, sem fôlego. O robusto peito do Vance se apertava contra seus suaves seios, e na intimidade do abraço ela sentiu que o coração lhe desbocava -. Thorn!

O som de seu nome nos lábios da moça excitou mas ao homem, que começou a lhe acariciar

as costas.

-Não a deixarei partir -disse, contendo a respiração.

-Eu não sirvo para este tipo de vida -atinou a dizer ela. Colina os olhos, indefesa, quando o contato e a fragrância do homem venceram suas defesas, voltando-a vulnerável-. Para este lugar. Sou uma garota de cidade.

-Pode aprender a ser uma garota de campo.

-Essa decisão não incumbe a você.

-Não esteja tão segura disso –replicou ele com um sorriso irônico.

No momento em que ela se dispunha a protestar, Samantha puxou a manga de seu pai e lhes fez deter-se.

-Batata, posso comer uma empanada frita? -pergunto a menina-. Chamam-se tamales.

-Queimasse-te a língua. -Thorn soltou uma risada afogada, apartando-se da Trilby para ajoelhar-se ante sua filha-. Esta é comida mexicana de verdade, neném, e não a versão suavizada que Maria nos prepara em casa.

Samantha se enterneceu ante ao desacostumado sorriso afetuoso que lhe dedicava seu pai.

-Seguro? -perguntou, abrindo muito os olhos.

Thorn assentiu.

A menina fez uma careta.

-OH, muito bem. -Elevou a vista para observar com acanhamento a Trilby-. Você está muito bonita, senhorita Lang -acrescentou.

-Também o esta você, senhorita Vance -replicou Trilby, com um doce sorriso.

Samantha lhe devolveu o sorriso e se encaminhou para onde se encontravam os vendedores de comida.

-Não seguirá meu conselho e terá dor de barriga toda a noite –grunhiu ele.

-Parece-se muito a você, verdade? -comentou Trilby.

-Em alguns aspectos, sim. -Roçou-lhe a boca com a ponta de um dedo. Ela deu um coice ante a sensação que lhe produziu o contato e retrocedeu. Thorn sorriu porque conhecia o motivo-. Ruborizou-se muitíssimo. Quando dança comigo seu coração pulsa como um tambor. Notei-o enquanto a sustentava entre meus braços.

Ela avermelhou até mas.

-Você não fala como um cavalheiro.

-Não sou um cavalheiro -recordou-lhe ele. Seu olhar escuro, intenso, posou-se sobre sua boca-. Eu gostaria de levá-la atrás de um edifício e beijá-la até que não pudesse manter-se em pé. Eu gostaria de fazer que sua boca ficasse tão vermelha como o lenço que esses mexicanos se atam ao pescoço.

-Senor Vance! -protestou ela.

Thorn olhou ao redor em busca da família da moça. Ao comprovar que conversavam com outras pessoas, riu entre dentes e, agarrando a Trilby da mão a conduziu até um beco estreito e escuro.

-Que faz? -resmungo ela, furiosa-. Que pensaria as pessoas... ?

Thorn interrompeu a pergunta com sua boca. Elevou à moça e a estreito antes de beijá-la lentamente, com deliciosa ternura, e ela teve a sensação de que flutuava no ar. Trilby resendia a café, e ao homem lhe dava voltas a cabeça enquanto a atraía mas para se e lhe separava os lábios com sua cálida e premente língua.

Trilby resistiu um instante. A força do homem e a intimidade de sua boca sobre a sua a fizeram relaxar-se até que seus ossos pareceram derreter-se. abandonou-se imediatamente e rodeio com os braços o corpo do Thorn, estremecida e trêmula de prazer. Era impossível opor-se ao gozo que ele lhe oferecia. Desterrou de sua mente todas as razões por que deveria indignar-se e se entregou a ardente destreza do homem.

Recrearam-se no beijo. O corpo da moça começou a palpitar acalorado quando ele a estreitou mas para se, e vibrou contra o peito poderoso, que oprimia seus seios. Estava subjugada; quão único podia fazer era apertar-se mas contra ele, procurando prolongar o deleite, satisfazer a fome que aumentava quanto mas o alimentava.

Thorn advertiu a reação da moça. Não tinha desfrutado da companhia de uma mulher desde da morte de sua esposa, e Trilby exercia um poder mágico em seu corpo voraz. Gemeu, e de repente ela notou a mão dele sobre seu seio, e como o polegar esfregava brandamente seu mamilo, provocando seu endurecimento. Isso não era decente, pensou ela meio histérica. Devia lhe deter!

Mas Trilby estava inundando-se na nova experiência, e o prazer proibido que ele lhe proporcionava resultava delicioso. Sentiu que ele a apartava ligeiramente, o suficiente para permitir a aquela mão enloquecedora um melhor acesso ao suave ondulação de seu corpo.

-Doce –murmurou ele, hesitante, contra sua boca-. É... o mel mas doce de que gozei, Trilby. - Gemeu ele, agitado-. Me deixe te acariciar debaixo do sutiã.

A mão do homem se trabalho em excesso com os botões. E ele havia dito que já não pensava mal dela! A brusca intimidade do que ele estava fazendo dissipou de repente a febre que se deu procuração da mente e do corpo da moça, que começou a golpear o peito do homem com fúria. Retirou-se dele, ofegando, com o rosto avermelhado de raiva.

-Que ocorre? –perguntou ele, um pouco aturdido.

-Você disse que não acreditava no que sua esposa lhe tinha explicado sobre mim, mas não é certo. Deve acreditá-lo para me ofender deste modo! -sussurrou ela, angustiada-. OH, me solte! - exclamou, lhe empurrando quando ele tratou de retê-la.

O rosto do homem mudou.

-Não foi uma ofensa. Trilby, tranquilize-se e me escute! -grunhiu ele, sujeitando-a com mas força.

Ela se liberou com súbita determinação para retornar correndo ao baile. As lágrimas alagavam seus olhos: Thorn ainda a considerava uma mulher fácil. Havia-a meio doido de um modo indecente. E ela o tinha mimado! É mas, ela o havia... animado! Ele a agarrou do braço no momento em que ela chegava ao lugar em que se congregavam os bailarinos.

-Não foi uma ofensa-repetiu ele, olhando-se em seus olhos angustiados-. Maldita seja! Você é uma mulher, não é certo? Sua mãe não lhe contou o que acontece entre um homem e uma mulher?

-Os homens decentes não tocam às mulheres decentes como você o tem feito -murmurou ela, choramingando.

Thorn suspirou e percorreu com a vista a suave cabeleira loira da moça. E ele a tinha acreditado experimentada! Não sabia como dirigir essa ultima crise emocional.

-Ao menos me escute?

-Quero ir a casa -murmurou ela, lhe dirigindo um olhar assassino-. Odeio-lhe!

Sally lhe havia dito o mesmo muitíssimas vezes. depois de ter descoberto que estava grávida da Samantha, o tinha repetido quase diariamente. Trilby mostrava em seus olhos o mesmo olhar depreciativo que lhe dedicava sua esposa, e isso lhe provocava náusea. Seu temperamento venceu a sua compreensão, e a soltou bruscamente.

-É obvio, senhorita Lang. Partiremo-nos assim que sua família esteja pronta . Depois de tudo, talvez você não seja o bastante mulher para mim!

Trilby observou como se afastava com o orgulho ferido. Não queria danificar a diversão dos outros, mas não podia suportar permanecer ali depois do ocorrido. Não sabia por que se deixou arrastar por ele dessa maneira, por que lhe tinha permitido que a tocasse de um modo tão obscuro.

Lhe acendeu o rosto ao perguntar-se se não seria uma mulher sem moral, posto que assim o

tinha acreditado um homem experiente. Talvez Thorn só tinha visto o que ela era em realidade. Lutou por reprimir as lágrimas enquanto se apressava a procurar a seus pais.

-Estas muito ruborizada, Trilby -exclamou Mary, entre risadas-. Tudo vai bem?

-Sinto-me mau -disse Trilby, levando uma mão ao estomago-. Lamento-o, mas poderíamos partir ?

-É obvio, querida.

Mary rodeio com um braço protetor a cintura de sua filha, e ambas se reuniram com o Jack. Minutos mas tarde, empreenderam a volta pelo comprido caminho poeirento que conduzia ao Blackwater Springs.

Trilby ia sentada detrás com a Mary e Teddy, que não cessava de falar com grande excitação das piñatas. Enquanto isso, Jack Lang comentava a gritos a festa do Thorn para impor sua voz ao rugido do motor.

A moça se alegrava de que tudo tivesse terminado. Em casa trataria de acalmar seus nervos antes de que Richard chegasse. Devia recordar que amava ao Richard. Talvez era vulnerável a aquele selvagem que se achava junto a seu pai, mas Richard era seu amado. Reclinou a cabeça contra o respaldo do assento e fechou os olhos. Que ocorreria se Richard a considerasse uma mulher fácil? E algo pior, como pôde permitir que Thorn a tocasse desse modo quando ela amava ao Richard se não era uma libertina?

Seguiu torturando-se com esses interrogantes muito depois de que um taciturno Thorn os deixasse ante a porta de sua casa e o mesmo partisse para a sua em companhia de sua filhinha.

Lisa Morris ouviu que a porta dos aposentos dos oficiais se fechava de um golpe. Voltou-se no momento em que seu marido arrojava o chapéu e a jaqueta sobre uma cadeira. Sem pensar, agarrou-os e as escova. Estavam tão cobertos de pó que teve a impressão de que não conseguiria limpá-los por completo.

Chamou-lhe a atenção um comprido cabelo de cor negra, assim como a fragrância de um perfume barato. O cabelo da Lisa era loiro, não negro, e nunca usava perfume. Não olhou a seu marido quando depositou de novo a jaqueta sobre a cadeira com desgosto dissimulado.

-Estiveste fora do posto.

-Sim. Fazendo uma exploração para localizar aos mexicanos desaparecidos -disse ele, e bocejou -. Estou cansado.

- Perto da fronteira? -inquiriu ela.

-Pelos arredores de Douglas -respondeu ele, olhando-a com curiosidade-. Por que?

-Pergunto-me se tiver encontrado a algum rebelde. Ele riu. E tinha temido que ela suspeitasse dele! De todas formas, como poderia estar inteirada da existência da Selina?

-Nunca os encontro. São como fantasmas; fumaça no vento.

-Sim, compreendo.

Estava farta de tudo. Sábia que seu marido tinha uma querida em Douglas. A esposa consentida e fofqueira de outro oficial se deleitou lhe falando da Selina. A mulher ignorava que a Lisa tinha deixado de lhe importar para muito tempo a quem esquentava a cama de marido. Estava cansada dele, cansada da vida que levava.

Seu extraviado marido não suspeitava que ela tinha iniciado uma processo de divórcio em segredo. Ela não tinha nem idéia de como reagiria quando o notificasse. Embora temia seu caráter, não estava disposta a suportar nenhuma humilhação mas. Desejava sua liberdade.

-David, eu gostaria de retornar ao Este -disse com calma.

Ele se voltou, surpreso.

- Que?

Lisa enlaçou as mãos, pálida mas serena, sem que seu rosto inexpressivo delatasse a

inquietação que a embargava. O olhou com seus doces olhos azuis, que se mostravam obsessivos e feridos.

-Hei dito que eu gostaria de retornar a Baltimore -repetiu ela-. Tenho uma prima ali que me hospedaria em sua casa.

-A prima Hetty - disse o, com desprezo-, que o converteria em sua escrava.

Ela elevou a cabeça orgulhosamente.

-Acaso sou algo mas que isso aqui? -perguntou com voz rouca-. Eu me dedico a me ocupar da casa enquanto você visita a sua querida e vem a meus braços emprestando a perfume barato.

Se ela tivesse estado furiosa com ele ou tivesse começado a gritar ou tivesse atuado de um modo arrogante, ele teria se defendido da acusação. Entretanto Lisa falava com tranquilidade, quase com indiferença, e sua atitude o desarmou.

David a olhou, avermelhado de vergonha.

-Você me expulsou de seu leito quando perdeu o bebe, senhora -recordou-lhe ele-. Um homem tem apetites.

-Você nunca me amou realmente, David -disse ela.

Ao coronel lhe doeu ouvir a verdade.

-Talvez me farte de fazer o amor a uma esfinge de cera!

Ela não se alterou. Já não ficavam forças. Lhe tinham ido ao longo dos anos que levava nessa região, durante os quais tinha perdido sua juventude e a seu bebe. Ela tampouco amava a seu marido. Em troca tinha querido ao menino.

-Casou-te comigo porque meu pai era o comandante em chefe -reprovou-lhe Lisa-. Ambos sabemos. Fingiu me amar até que se produziu sua ascensão. E continuou fingindo enquanto seguia ascendendo. Depois da morte de meu pai, já não precisava simular mas. Mas, claro, um oficial alguma vez abandona a sua esposa, verdade, David? Não se quer conseguir um cargo importante. Já vê -acrescentou, ligeiramente divertida ao vê-lo avermelhar- conheço-te muito bem. Também te conhecia meu pai, mas eu me neguei a escutá-lo.

ele não podia assimilar as palavras de sua esposa, pois eram certas. Não a tinha amado. Ela se tinha mostrado fria e lhe recebia mal na cama. Nem sequer a gravidez tinha despertado nenhum sentimento tenro nele. Não a amava. Era culpado de havê-lo fingido. Mas era pobre e ambicioso. Em troca, o pai da Lisa era rico e tinha uma fila elevada no exercito. David tinha visto no matrimônio com a Lisa um modo rápido de subir na hierarquia militar. Ao cabo de um tempo, a desdita de compartilhar a vida com uma mulher a quem não amava eclipsou o aposento de seu êxito profissional.

-Não deveria te haver casado comigo -disse ele.

-Agora me dou conta. -Examinou o atrativo rosto de seu marido com mas desejo de que esperava sentir-. Sábia que nenhum homem se casaria comigo por meu mesma -disse ela, causando um grande impressão em seu marido-. Era consciente de que os homens só se interessariam por mim devido à posição de meu pai. Esta bem. Não fui completamente infeliz. De fato, houve... houve momentos em que acreditei sentir afeto por ti. Agora é melhor que nos separemos. Já não posso viver contigo, David, sabendo... o dessa mulher.

Ele aspirou lenta e profundamente.

-Não vais partir -assegurou com frieza-. Não pode partir! Pertence-me - acrescentou.

-Não sou uma propriedade.

-É - se eu o digo -replicou ele-. Não dispõe de dinheiro próprio, e eu não te daria nada. Como esperas comprar o bilhete para Maryland?

-Por que não me deixa ir? -exclamou a mulher-. Se não me quer!

-É minha esposa -disse ele, inflexível-. E eu sou o comandante em chefe deste posto. Não desejo que meus homens fofuquem sobre mi.

-É somente por isso. Não te importaria que eu te abandonasse se isso não conduzisse

conseqüências para ti!

A mandíbula do David se endureceu.

-Não tem de que te queixar. Proporciono-te uma casa, formosos vestidos, e gozas de boa reputação.

-Suponho que considera que isso basta para me fazer a vida suportável enquanto você te diverte com tua amante.

A expressão ofendida da mulher lhe irritou.

-Se quiser outro filho, darei-lhe isso - disse ele, secamente.

-OH, David, quanta generosidade - disse ela, irônica, com uma altivez que ele nunca tinha visto nela-. E que terrível experiência.

A hostilidade da mulher lhe assombrava. ele a olhou e de repente se deu conta de que nunca tinha dedicado nem um minuto a conhecê-la durante os dois anos de matrimônio. Ela era como uma sombra que se ocupava da casa, cozinava, limpava. Nunca falavam. Era para o amor quando ele necessitava, ela tinha ficado grávida e tinha perdido o bebe.

Depois, David tinha conhecido a Selina. Sua esposa nunca lhe tinha interessado e jamais lhe tinha devotado a tenra paixão que tinha demonstrado esse dia a Selina. O coronel nunca se preocupou por excitar a Lisa e agora se perguntava por que. Era uma mulher de seios pequenos, mas tinha uma bonita figura. Tinha-a beijado um par de vezes, e o certo era que não lhe tinha desagradado. Em qualquer caso, era Selina quem lhe enlouquecia, quem acendia seu sangue; a quem amava.

-Não quero ficar aqui, David - insistiu Lisa.

Ele se aproximou da mulher, lhe acolhendo o queixo.

-Gostaria de um pouco de café.

Lisa avermelhou de ressentimento e ira quando seus dedos a acariciaram. Ele interpretou seu rubor como acanhamento e sorriu com certa vaidade enquanto se inclinava para beijá-la. Ao sentir os lábios de seu marido, ela se retorceu, apartando-se dele, lhe olhando com fúria.

-Não me toque! -exclamou fora de se-. Como te atreve a tratar de me manipular quando acaba de sair da cama dessa mulher?

Esfregou-se a boca com a mão como se o contato do homem lhe repugnasse.

-Não te faça ilusões -disse ele, tenso, profundamente ofendido-. Selina é duas vezes mas mulher que você.

-Então guarda suas carícias para ela -replicou ela com orgulho-. Pode me obrigar a permanecer aqui, senhor, mas nunca a que me resulte prazeroso.

A mulher se dirigiu à cozinha e o ficou olhando-a, surpreso e escandalizado.

Thorn Vance estava ajoelhado ante um charco quando um de seu vaqueiros deteve seu cavalo junto a ele. Perto, duas vacas jaziam mortas sob o sol.

-Esta envenenada, senhor, verdade? -pergunta Jorge.

Thorn blasfemou.

-Sim, esta envenenada. Álcali, maldita a sorte! -ficou em pé-. Pensei que seria arsênico. Tenho terras no México.

-É sabido que você permite que os cavalos dos maderistas bebam aqui, senhor, que simpatiza com a causa -disse o homem de menor estatura com ar solene, sorrindo-. Nenhum revolucionário verdadeiro lhe faria mal.

-Duvido de que o tenham feito eles. Este era o ultima água potável de que dispunha -disse Thorn com aspereza. ficou olhando fixamente o charco, irado -. O gado sedento que não possa abreviar morrerá. realizaram-se escavações em busca de água no vale de São Bernardino e encontraram mananciais subterrâneos -disse quase para se mesmo-. Talvez me veja obrigado a fazer o mesmo.

-Há água no rio.

-Claro, mas discorre pelo rancho do Blackwater Springs' e Lang não me venderá isso. Nem sequer quer me dar água em arrendamento.

-Nos velhos tempos, senhor, seu pai teria usado a água inclusive sem permissão -recordou-lhe Jorge.

-Eu não sou meu pai.

Montou seu cavalo. Não queria que seu vaqueiro se inteirasse de que, de não ter sido pela Trilby, ele possivelmente teria atuado como seu pai. Ela já o considerava um selvagem incivilizado, e não podia tolerar que o conceito que tinha dele piorasse.

Detestava o modo em que a jovem tinha fugido dele na noite da festa. Thorn teria querido lhe explicar que tinha sido a paixão, e não o afã de ofendê-la, o que lhe tinha impulsionado a acariciá-la. Tinha-a desejado ardentemente e tinha perdido o controle. Em nenhum caso se proposto incomodá-la.

Vance reconhecia que a atitude da Trilby era lógica. Se ele não tivesse acreditado nessas estúpidas calúnias sobre ela, nunca lhe teria dado motivos para duvidar de suas intenções. Tinha perdido o terreno que podia ter ganho, e esse Richard não demoraria para apresentar-se no rancho.

Sentiu náusea ao pensar nesse homem do Este. Sabia que Richard era totalmente distinto dele e que Trilby se acreditava apaixonada por esse muda de alface afetado.

Jack Lang tinha mencionado sozinho uma vez ao pretendente da Trilby e de um modo nada menospreciativo. O desconhecido Richard estava acostumado aos boas maneiras e a vida fácil. Não cheiraria a gado e fumaça, não estaria coberto de pó nem vestiria roupas velhas, não distinguiria um extremo de um revólver do outro; aspectos que Trilby valorava. Thorn considerava a aquele cavalheiro um competidor.

-Provaremos mas longe - disse, esporeando suas arreios.

-O apache pode encontrar água, senhor-disse o mexicano-. Você sabe que Naki tem um dom especial.

-Permitirei que o tente. Respeito muito as habilidades dos apaches criados no deserto, Jorge, pois possuem conhecimentos que os homens brancos nunca alcançaram.

-Ah, senhor, você não é como esses gringos recém chegados que olham com desprezo e enrugam o nariz ante as pessoas de pele escura -disse o peão, meditando e melancólico-. Você é como o patrão, seu pai; conhece a natureza das coisas, senhor.

-Reconheço o conhecimento -replicou Thorn, e riu com amargura-, o que me converte em um selvagem ante certas pessoas procedentes do Este.

Jorge sabia a quem se referia, mas considerou que não devia mencioná-lo.

-Muitos opinam igual de Madeiro, o libertador de um povo oprimido.

-Falas como um partidário de luta.

-Senhor!

Thorn riu entre dentes ante a expressão ofendida do Jorge.

-Sei que sente sua gente por Madeiro e por que.

-Sim, senhor -acordou Jorge, mas acalmado-. ele é um santo para meu povo, assim como os que lutam por nossa liberdade.

-Eu lhe apóio, mas não lutaria por ele -disse Thorn, com olhos cintilantes, ao homem menos corpulento-. Os assuntos internos do México não me incumbem, a menos que Madeiro ou alguns de seus homens me envolvam neles. Nesse caso - acrescentou brandamente-, arrependerão-se de havê-lo feito.

O mexicano percebeu a ira do homem alto.

-A opressão não deveria ser assunto de todos os homens livres, senhor? -perguntou, com sereno orgulho.

Thorn o olhou.

-OH, diabos, possivelmente deveria ser assim -disse, furioso-. Mas eu já tenho suficientes problemas sem necessidade de me preocupar com os seus. O que quero é água, não uma guerra civil.

Jorge riu com nervosismo.

-Se você o disser, patrão. Os rebeldes não pretendem causar dano a você. Eles lutam contra Díaz. Estes estrangeiros que se dedicam à mineração em nossa terra possuem muito - observou Jorge, pensativo-, enquanto que no México os meninos pequenos passam fome. Esta é a situação, patrão, mas não deveria ser assim.

-Estas mostrando signos de te converter em um socialista, compadre? -perguntou ao homem de menor estatura.

Jorge riu e seus brancos dentes resplandeceram em um rosto como de bronze brunido.

-Não eu, senhor. Um maderista, talvez.

Thorn retirou o chapéu e fez uma reverência ao mexicano. Jorge riu e, esporeando a seu cavalo, seguiu avançando.

A tarde, no rancho, Thorn refletiu sobre o que Jorge havia dito sobre a água. Talvez fosse uma solução desesperada que merecia a pena ser considerada.

Aproximo-se do Naki. Seu nome se compunha de duas palavras índias apaches, mas a maioria das pessoas só sabia pronunciar uma, por isso em Los Santos o índio era conhecido como Naki. Com sua cortesia habitual, ele respondia pelo nome como se o tivessem dado ao nascer.

Naki era alto para sua raça, muito taciturno e tranquilo. Não tinha nem esposa nem família. Embora não era um homem velho, havia algo antigo em seus olhos negros. Era muito reservado e só se mostrava afetuoso com o Thorn Vance devido a este ter se dado ao trabalho de aprender seu idioma. Vance era o único homem branco que o tinha feito, conforme recordava Naki, além do antropólogo, McCollum. Em realidade, Naki falava vários idiomas, mas quando refletia, somente respondia em índio apache. Aquela era uma dessas ocasiões.

Thorn se dirigiu a ele em inglês e, como o índio não respondeu, interrogou-lhe em índio apache.

-Onde esta Giz? -perguntou, referindo-se ao amigo mimbreno do homem que estava acostumado a rastrear com ele.

-Oyaa, Naghaa -replicou Naki, com voz lenta e profunda, e acrescentou algumas poucas palavras mas a seguir, arrastando as vogais, remarcando os sons oclusivos, as consonantes nasais e os tons agudos quando era necessário. < Foi-se. Anda por aí», havia dito.

Thorn esquadrinhou o horizonte e riu entre dentes. -Naki -corrigiu, olhando perversamente em direção ao Naki-. Esta vomitando.

O apache se encolheu de ombros.

-A causa do licor do homem branco. Eu não o dava. Thorn apóio um joelho no chão, cravando a vista nos olhos serenos do outro homem. Naki era uns anos mais velho que Thorn, quem contava trinta e dois. -Já te agradei. Agora fala em inglês.

-Farei-o se assim o deseja, embora me deixe mau gosto na boca - repôs Naki secamente, em uma inglês quase perfeito; um legado dos anos que tinha vivido escondido com os padres quando seus parentes chiricahua foram enviados a uma prisão da Florida depois de que Jerónimo fora capturado-. Precisa praticar o apache. -Não tenho tempo. Devo encontrar água.

-Isso é tudo? -Naki estendeu um braço-. Há um rio a uns poucos quilômetros daqui -disse.

Thorn lhe lançou um olhar furioso.

-Preciso dispor de água aqui para meu gado. Não posso mover o rio.

Naki se encolheu de ombros. -Move ao gado.

-Às vezes chega a ser continuamente lhe exasperem -disse, irritado-. Por que não te pego um tiro?

Quem mas poderia te ler ao Herodoto em grego clássico? -replicou, sarcástico, o índio-. além de guiar a seu amigo arqueólogo às melhores escavações. Sem mim, McCollum se jogaria de cabeça ao poço de uma mina e nunca voltariam a vê-lo.

Thorn levantou as mãos.

-Muito bem, admito que é uma pessoa muito instruída. Agora, que te parece se me diz onde posso procurar água?

Naki se inclinou para o Thorn com ar conspirador, enquanto a murcha cabeleira negra emoldurava seu belo rosto de maçãs do rosto pronunciados.

-Prova no rancho Blackwater Springs.

O apache ficou em pé e se afastou enquanto Thorn se consumia de raiva. Vance estava convencido de que nada podia fazer com seu amigo quando este decidia mostrar-se enigmático.

CAPÍTULO 7

Naki montou seu cavalo com grande destreza e cavalgou até o lugar em que ainda se achava Thorn.

-Não é necessário que me olhe assim -disse o índio imperturbável-. Nós, os apaches, escrevemos o livro sobre as virtudes da atitude taciturna. Retornarei quando tiver encontrado água. Se não, enviar-te uma nota antes de me jogar em um precipício.

-Os apaches não têm senso de humor -recordou-lhe Thorn-. Todos os livros que tenho lido o mencionam.

-Esses livros estão equivocados. Pergunta a seu amigo arqueólogo McCollum. Viveu um mês conosco, durante o qual lhe facilitamos informações muito interessantes sobre nossa gente -replicou Naki, com um sorriso irônico.

-Craig McCollum não é arqueólogo, a não ser um antropólogo que também ensinae classes de arqueologia. E os historiadores futuros lhe amaldiçoarão se lhe proporciona dados errôneos sobre sua cultura -observou Thorn.

-Ao menos teve a consideração de aprender nossa língua, como você. A maioria dos seus é muito arrogante para tomar-se essa atitude.

-É uma língua condenadamente difícil de aprender.

-Isso mesmo afirmou o antropólogo - disse Naki, enfatizando a ultima palavra-. Tomo notas em apache para rascar a história da vida de cada um dos anciões a quem entrevide em busca de informação. Entretanto, homem branco, nossa língua é mas singela que a sua -repôs o índio-. Verei-te dentro de uns dias.

Fez girar seu pônei e se afastou ao trote.

Giz o saudou com a mão. Naki se deteve para dizer ao velho aonde se dirigia, mas rechaçou sua companhia. Em algumas ocasiões ansiava fervientemente a solidão; esse era um deles.

No sábado, a estação da ferrovia de Douglas no Railroad Avenue se achava abarrotada de gente. Trilby quase saltava de alegria na plataforma, e seu vestido de algodão azul de quadros lhe enredava nos tornozelos ao caminhar. Recolheu-se a loira cabeleira no alto da cabeça, que cobria com um gracioso chapéu. Com o rosto radiante, oferecia um aspecto jovem e atrativo, e Mary Lang sorria ante a impaciência de sua filha.

-Por Deus, Trilby, não pode ficar sentada? -murmurou Teddy, com chateação -. Acabará

fazendo um buraco na madeira do chão!

-Não posso esperar! OH, E se não vir no trem? -perguntou Trilby com tom lastimoso -. Não poderia suportá-lo!

-Enviou-nos um telegrama para nos anunciar que viria e lhe acompanhariam Julie, Ben e Sissy. Vamos desfrutar, moça - tranqüilizou-a seu pai, sorrindo -. Séria estupendo voltar a ver caras conhecidas.

-Para a Trilby, especialmente um rosto -interveio Mary, com um sorriso indulgente.

-OH, Richard, me leve contigo! -exclamo uTeddy com tom teatral, tampando-os olhos com o antebraço.

Trilby lhe atíço com a sombrinha.

-Para já!

Teddy lhe tirou a língua.

-Richard e Trilby, Richard e Trilby.

-Já esta bem, moço -admoesto-lhe Jack-. Por hoje já te levaste bastante mal.

Teddy se esfregou as costas dolorida e olhe a seu pai com irritação.

-É muito severo comigo, pai.

-Recorde-me isso quando comprar uma barra de hortelã no loja de comestíveis.

Os olhos do Teddy se iluminaram.

-E que te parece um sorvete de nata?

-Hoje não. Nossos convidados chegam cansados e quererão ir diretamente ao rancho. Prometo te obsequiar com um sorvete de nata a próxima vez que venhamos à cidade. De acordo?

-Sim.

Trilby apenas os ouvia. Tinha a vista cravada no horizonte, por onde tinha aparecido o trem, que avançava furiosamente para a estação, deixando depois do uma espessa nuvem de fumaça.

-O muito condenado deixa uma esteira de fumaça a seu passo -murmurava junto a eles um ancião-. Odeio os trens. Odeio a civilização. Quando cheguei aqui no princípio dos anos cinqüenta, nem sequer havia uma estrada, muito menos uma cidade. Somente havia índios apaches e uns quantos mexicanos. Era um lugar muito melhor sem todos esses salões de lhe e gelados e as associações em defesa dos direitos da mulher.

- Na última semana fecharam a única cantina que confiava - susurrou Jack a Mary, sorrindo-. Após não bebeu um só gole.

Mary reprimiu uma gargalhada. Voltou-se para olhar o automóvel da família, em que somente cabiam três pessoas, sempre e quando se apertassem. Ao Richard acompanhavam Ben, Sissy e Julie; em total, quatro. Trilby, seu pai, sua mãe e Teddy somavam outros quatro. Por essa razão tiveram que alugar outro carro, com chofer incluído. A idéia lhe tinha ocorrido a Trilby, que o tinha pago com o dinheiro que obtinha vendendo ovos e manteiga. Mary se sentia muito causar pena devido às dificuldades econômicas pelas que atravessavam. Ela, ao igual a Trilby e outros, estava acostumada a um nível de vida mas elevado de que desfrutavam desde que se trasladaram ao Arizona.

A proximidade do trem distraiu a Mary de seus pensamentos. As pessoas se apinhavam mas n plataforma, tratando de ver através da fumaça, e várias pessoas tossiram quando finalmente o trem se deteve e os passageiros começaram a baixar.

-Olhem! -exclamou Trilby ao vê-lo descender do trem com uma mala na mão-. É Richard!

Richard Bate a ouviu e a buscou com a vista. Era um homem alto, de cabelo muito loiro e tez pálida que usava um bigode fino e vestia traje cinza e chapéu de cogumelo a jogo. Um sorriso iluminou seu belo rosto quando divisou à moça.

-Trilby!

Trilby desejou correr para seus braços, mas a atitude do homem não convidava a fazê-lo. Avançou até ela com sua habitual graça indolente e lhe agarrou a mão para beijá-la calidamente,

com grande amabilidade e certo afeto. Seu olhar se desviou para a família da jovem antes de posar-se de novo nela.

-É estupendo que nos haja convidado -disse-. Todos esperávamos este momento com grande interesse. Sissy, vamos! -chamou, irritado, voltando a cabeça-. É que me exaspera -queixou-se-. Parece incapaz de dar dois passos sem tropeçar. Isso lhe ocorre por passar vida com o nariz metido nos livros!

Sissy era irmã do Richard e uma velha amiga da Trilby.

-Não deve ser tão cruel, Richard - repreendeu-lhe Trilby-. Sissy é muito inteligente.

-É um aporrinho. Você a conhece! - voltou-se para olhar para trás e sorriu de um modo diferente à chamativa loira que tinha descendido do trem antes que Sissy-. Esta é minha noiva. Te aproxime, prima Julie, para que lhe apresente aos Lang. Esta é minha prima, Julie Moureaux, de Nova Orleans. É obvio, recordassem a minha irmã Sissy e a meu irmão... Ben, onde estas?

Um homem jovem, de cabelo escuro e algo enxuto, ajudava a Sissy a desembarcar do trem. Ambos formavam um casal curioso; a moça magra, de cabelo castanho, com óculos, junto ao jovem narguirudo e desajeitado. Pareciam-se muito entre se, e nem tanto a seu irmão mais velho.

-Mostravam-se tão excitados pela possibilidade de ver índios selvagens que nem se envergonharam durante todo o trajeto, pois não apartavam a vista das janelas, buscando-os -disse Richard, aborrecido-. Estavam seguros de que lhes arrancariam a cabeleira assim que cruzassem a fronteira do Arizona. De ter sabido que se comportariam assim, não teria os trazido comigo. - Voltou-se para sua prima enquanto Sissy e Ben contemplavam quanto lhes rodeava com absorta fascinação-. Julie -prosseguiu com um sorriso, sustentando calidamente a mão de sua prima-, Te recorda da Trilby?

-Claro que lembro, embora faça muitos anos que não nos vemos -disse Julie cortesmente, olhando-a com seus belos olhos azuis ao tempo que lhe estendia a mão com um sorriso amistoso. É muito amável de sua parte nos convidar a todos. Espero que não sejamos uma preocupação.

-Que tolice! Claro que não! -replicou Mary Lang, adiantando-se para saudar os recém chegados. Trilby ficou muda e com o coração encolhido ao ver o modo em que Richard e Julie se tratavam-. Considerem o rancho sua casa durante todo o tempo que desejem.

Richard contemplou a desolado paisagem e fez uma careta.

-Suponho que não por muito tempo, senhora Lang. Como se sobrevive em um lugar tão horrível como este?

-Não resulta fácil, assegurou-lhe isso - disse Trilby, negando-se a permitir que a importunasse a reação do Richard ante o deserto. Depois de tudo, era espantoso. Acaso não o dizia ela continuamente?

-Vá, não é horrível absolutamente, moço - repôs Jack Lang, indignado-. Já veras; tem muito que oferecer.

Richard se limitou a encolher-se de ombros e sorrir a Julie.

Sissy se uniu a eles junto com o Ben, e Trilby a abraçou.

-OH, que alegria voltar a ver-te! Não tenho amigas aqui. Se não fosse por mama, não teria a nenhuma mulher com quem falar.

-Com muita dificuldade chamaria a Sissy uma mulher- disse Richard, com franqueza-. É direta como um pau e estuda na universidade - alardeou, como se considerasse uma aberração o interesse de sua irmã pela educação superior-. cumpriu vinte e três anos e nunca teve um pretendente...

-Cala, Richard -murmurou Sissy, empurrando os óculos sobre o nariz com um golpezinho arisco de seu dedo. Através das lentes, seus olhos verdes jogaram faíscas ao olhar ao homem-. Sabe muito sobre mim!

-É cruel, Dick - interveio Ben, ruborizando-se por sua própria audácia-. Sempre estas chateando a Sissy.

-Deixem de brigar agora mesmo -censurou-lhes a prima Julie-. Recordem que somos convidados e se comportam como meninos.

Sissy e Ben lhe dirigiram um olhar furioso. Com dezenove anos, sua prima era mas jovem que eles, e não gostavam. Julie pareceu dar-se conta de que se excedeu porque lhes dedicou um sorriso lânguido e logo riu com certo nervosismo.

-Vamos. Faz tanto calor aqui! -disse, abanando-se.

-Estou de acordo -suspirou Richard, agarrando a Julie pelo braço-. Já detesto este lugar! -disse com tom depreciativo, olhando ao redor.

Trilby voltou a sentir-se mau. Agarrou a sua amiga Sissy do braço e esta a olhou com certa compaixão, mas esse não era momento para falar.

Ben ajudou a Sissy e Julie a subir ao carro alugado, enquanto Jack Lang se encarregava da bagagem, pois nenhum dos jovens visitantes se mostrou disposto a ocupar-se das malas. Trilby observava a seu pai, imaginando ao Thorn liberando o dessa pesada carga. Irritou-lhe não poder fazê-lo ela.

A gota que cumpulou o copo foi o feito de que Richard decidisse viajar com sua prima e seus irmãos, e não com a Trilby, que tinha o coração destroçado, embora tratava de não demonstrá-lo. Mary a advertiu e sorriu a sua filha com o propósito de tranqüilizá-la, mas Trilby somente tinha vontade de chorar. Tinha posto todas suas esperanças nessa visita, e sua fantasia de que Richard o sorriria cortesmente e a olhasse aos olhos não se realizou.

O longo trajeto até o rancho resultou exaustivo. Trilby se sentou com rigidez entre seus pais, enquanto Teddy se ajeitava no assento traseiro. Richard tinha rodeado com um braço os ombros da Julie quando se acomodaram no carro alugado, e Trilby observou que assim seguia quando voltou a olhar para o outro carro através da espessa nuvem de pó.

Tinha esperado com essa ansiedade visita durante tanto tempo... e de repente se perguntava se não acabaria por converter-se em um pesadelo. Richard se tinha limitado a mostrar-se cortes. Certamente, não atuava como se a tivesse tido saudades durante os meses de sua separação.

Detiveram-se em um cruzamento, perto do rancho, ao encontrar-se com uma partida de homens a cavalo que flanquearam ambos os automóveis. Trilby se estremeceu ante a exibição de habilidade no manejo do cavalo. Logo lhe irritou comprovar que eram os cavaleiros de Los Santos, encabeçados por seu zombador e bonito patrão.

-Thorn, que alegria vê-lo -saúdo Jack Lang-. Que lhe traz por aqui?

-Estamos escoltando-os -disse Thorn. Dirigi a vista na Trilby para depois dirigi-la ao jovem alto e atrativo e outros passageiros instalados no outro veículo e então piscou. O que viu dissipou seus temores, mesmo que Trilby desse a impressão de que tinha morrido seu cão favorito-. Difundiu-se a notícia de que receberiam visitantes do Este -acrescentou Thorn-. E como se produziram incidentes na fronteira, acreditei que se sentiria mas seguro se os acompanhassemos.

-Realmente nos tranqüiliza e o agradecemos -interveio Mary-. Thorn, me permita que o presente a nossos hóspedes.

Mary e Tribly desembarcaram do carro. Thorn desmontou, e todos juntos se encaminharam por volta do segundo automóvel para fazer as apresentações.

Trilby se dedicou a observar com atenção as reações dos recém chegados. Sissy olhava com grandes olhos curiosos ao grupo de homens de aspecto perigoso. Ao ver quão índios apaches foram com o Thorn, seus olhos se exageraram.

A Sissy a fascinava a antropologia. Matriculou-se em uma universidade do Norte onde se ensinava a especialidade. Vivía ali em casa de uma tia avó e assistia a aula. Nesse momento desfrutava de umas férias antes que se iniciasse o seguinte trimestre, e a moça se sentia encantada de aproveitar a ocasião para reatar a velha relação com sua amiga Trilby. Sempre lhe tinha fascinado a possibilidade de aprender coisas sobre outras culturas, e lhe interessavam especialmente os apaches. Seu professor, que sábia muitíssimo sobre eles, tinha-lhe emprestado

livros e artigos sobre o tema. Além disso tinha lido toda a informação que pôde encontrar na biblioteca. E de repente aparecia ante ela um espécime vivo e tão belo que ao lhe contemplar lhe deu um tombo no coração.

O homem era alto; revelava-te a longitude de seus estribos e o tamanho de seu cavalo. Levava sua espessa cabeleira, negra e murcha, que chegava aos ombros, brilhante como a plumagem de um mirlo, presa com uma colorida cinta de tecido que lhe rodeava a frente. Seu corpo resultava agradável e dava a impressão de ser muito forte, a julgar por seu largo peito, coberto com uma camisa azul de quadros, e suas largas e poderosas pernas. Calçava mocasins de câ larga e usava perneiras, deixando ao descoberto umas coxas bronzeadas e musculosos. Suas belas mãos estavam cruzadas sobre a sela dos arreios. A vista da moça se atrasou nos compridos e morenos dedos. O mas formoso era seu rosto, de maçãs do rosto proeminentes e nariz reto como uma flecha, em que destacavam os olhos, muito escuros, grandes e afundados. Sua boca era curiosamente fina para tratar-se de um índio, e tinha a mandíbula quadrada e a frente ampla. Enquanto lhe examinava, pensou que poderia passar o resto de sua vida contemplando-o.

Naki era muito consciente do olhar ardente da Sissy, mas fingiu não ter advertido nem o olhar nem à garota. Os apaches consideravam de muito má educação emprestar muita atenção às mulheres em público. O código moral pelo que se regiam era muito estrito a respeito. A pesar do tempo que levava em companhia dos brancos, Naki respeitava as normas índias apaches.

Entretanto, tinha reparado na mulher branca. Era alta e esbelta e nada desagradável. Usava óculos. perguntou-se se isso significava que era inteligente. Às vezes desejava falar com alguém instruído. Tinha amado a seu difunta espôsa mexicana, cujos temas de conversação se reduziam a sua relação e o mundo que os rodeava. Pergunto-se como séria conversar com uma mulher sobre as obras do Poe ou Thoreau. Riu para seus adentros. Sem dúvida essa mulher estava tão assustada como fascinada. Era provável que o julgasse de acordo com o habitual estereótipo do homem branco: um pobre e ignorante selvagem digno de compaixão. Ele desfrutava representando esse papel só para ver os rostos atônitos de vítima quando começava a citar ao Tucídides ou Herodoto, ou a declamar poesia britânica do século XIX.

-Desculpe-me, senhor Vance - disse Sissy amavelmente, olhando-o com seus enormes olhos verdes detrá dos pequenos óculos de aros metálico -. Ele é índio apache? -perguntou, assinalando ao Naki.

-Sim, é -. Não se preocupe, os apaches não se mostram hostis na atualidade, apesar das historiam de horror que tenham podido lhe contar no trem - tranqüilizou-a Thorn. Fez uma indicação ao Naki, quem se adiantou sem baixar do cavalo. O aspecto do apache era majestoso, com seu belo rosto bronzeado como alguém mascasse da morte. Seus olhos escuros piscaram com uma tremenda perversidade-. Este é Naki. -Thorn apresentou o homem à esbelta moça vestida de azul procedente do Este-. Naki, apresento-te à senhorita Sissy Bate. Vem da Luisiana.

Ao Naki não gostou do que sentiu ao contemplar esses olhos verdes. Estava morto por dentro depois do falecimento da Conchita e queria permanecer assim. De modo que decidiu realizar uma representação exagerada. levou-se uma mão ao peito, e com uma leve inclinação da cabeça, disse:

-Uf! Meu muito bom injun!

Thorn arqueio as sobrancelhas, assombrado, e um dos vaqueiros cobriu a boca com a mão para dissimular a risada. O mesmo Jack Lang teve que conter-se para não danificar o espetáculo, pois tinha ouvido o Naki falar em perfeito inglês; se o índio queria mantê-lo em segredo, era coisa dele.

Sissy, que tinha acreditado com convicção a magnifica atuação do apache, sentiu-se decepcionada. Tinha esperado algo mas de um homem tão elegante. Ela também poderia representar o que provavelmente era o papel habitual de uma mulher branca, o que despertaria o interesse do apache. Ela queria penetrar em sua mente, desejava que ele a recordasse, embora

ignorava a razão. Não havia nenhum futuro em apaixonar-se por um homem como esse. Entretanto, a Sissy interessava o apache.

-Ele, o senhor Naki não arranca a cabeleira às pessoas, verdade? - pergunto Sissy ao Thorn em um sussurro.

Curiosamente, os olhos do índio, que além de belos eram perspicazes, iluminaram-se com um brilho divertido.

Thorn se esforçou por reprimir a risada e franziu o sobrecenho, reflexivo.

-Bem, não acredito que tenha arrancado a cabeleira a ninguém este mês. -voltou-se e pergunto ao Naki, em índio apache, se estava desfrutando.

Naki assentiu e replicou em sua língua nativa.

-Esta mulher é uma doente mental?

-Surpreende-te, verdade? Devem lhe haver falado dos apaches no trem.

-Lhe diga que levo uma cabeleira no bolso -murmurou Naki-. Desafiou-te a que o faça.

-Cala - murmurou Thorn.

-Que esta lhe dizendo? -perguntou Ben, curioso.

-Diz que a mulher branca parece forte e tem bons dentes -respondeu Thorn, dissimulando um sorriso irônico-. Quer saber quantos cavalos pedem por ela.

Sissy e Ben ficaram boquiabertos, Richard emitiu uma exclamação indignada, e os Lang vacilaram, tentando decidir como responder a insolente afronta que acabavam de fazer a suas hóspedes.

-Mentiroso -acusou Naki ao Thorn em índio apache, ofendido -. Não a aceitaria nem que me oferecessem cem cavalos por ela! Não tem nada de carne nos ossos. -Isso não era de tudo certo, mas Naki não queria admitir ante seu patrão que a mulher lhe atraía.

-Estas despertando suas suspeitas - disse Thorn, falando em índio apache. Sorriu-. Não pode sorrir?

Naki separou os lábios, mostrando os dentes a Sissy de modo ameaçador. Ela elevou a cabeça e o olhou fixamente. OH, bem, se o desejava que ela fingisse, faria-o. levou-se uma mão ao peito e conteve a respiração, sentando-se quase no regaço do Ben ao retroceder.

-Ve-te -disse Thorn ao Naki em inglês, com frieza.

-De acordo -replicou Naki em apache antes de afastar-se montado em seu cavalo.

-Não é majestoso? Julie se mostrava entusiasmada-. OH, Sissy, não deve estar tão espantada. Parecia bastante amável.

-Selvagens -disse Richard, incomodo-. Como se atrevem a viver perto deles?

Thorn lhe dirigiu um olhar circunspeto.

-Aqui conseguimos sobreviver a toda classe de insetos -disse ao Richard, com autentica malícia-. Inclusive aos recém chegados do Este.

Jack Lang o interpretou como uma piada e riu, ao igual a Richard, tão néscio que não captou o insulto. Em troca Trilby sim o fez e lançou ao Thorn um olhar assassino. Vance se limitou a sorrir.

-Temos que seguir - disse ao Jack, voltando a subir a suas arreios com um gracioso balanço-. Encantado de conhecer seus convidados. -tocou-se a aba do chapéu.

-Agradecemos-lhe que nos escolte, Thorn -disse Jack Lang, calorosamente.

Richard se inclinou.

-Há alguma possibilidade de organizar uma partida de caça durante nossa estadia? -perguntou-. Eu gosto do esporte. Recentemente estive caçando javalis na África.

-Aqui abundam os porcos selvagens -explicou Jack Lang- e os cervos de rabo branco. Espero que ao Thorn não importe acampar contigo uma noite, se gostar.

-Claro! -exclamou Richard, entusiasmado-. trouxe minha barraca de campanha...

-Temos muitas barracas -replicou Thorn, arrastando lentamente as palavras-. Quanto tempo estará aqui?

-Bastante tempo, suponho... - começou a dizer Trilby.

-Só uma semana; talvez algo mas, querida amiga. -Richard suspirou -. Sinto muito, mas meu primo, o duque do Lancaster, convidou-me a passar uma temporada em seu imóvel na Escócia.

-OH, Richard, que esnobe parece! - o repreendeu Julie-. Não é absolutamente cavalheiresco mencionar algo assim quando acaba de descer do trem.

-Lamento-o -disse, lhe dedicando um tímido sorriso.

Trilby reparou no brilho dos olhos da Julie, e também Thorn, quem se endireitou em seus arreios, alto e elegante embora vestisse roupas de trabalho. Os zahones de asa de morcego que levava postos não conseguiam dissimular os músculos, duros e poderosos, de suas pernas. Julie as olhava por debaixo de suas pestanas. Ao adverti-lo, Trilby sentiu uma estranha pontada de irritação.

-Então, manterei-me em contato. Siga pelo caminho principal, Jack -aconselhou Thorn ao Lang-. Estaremos por aqui perto até que cheguem à casa. Avise se nos necessita.

-Tenho um rifle no chão do automóvel - disse Jack.

Thorn assentiu. Levava sua própria arma, de forma bem visível em uma velha cartucheira negra à altura do quadril.

-É realmente necessário levar uma pistola como essa, senhor Vance? -perguntou Julie com curiosidade.

A magra e belamente masculina mão do homem, de comprimentos dedos e umas imaculadas, monte a culatra gasta da arma.

-Se, senhorita, é – ele respondeu -. Tivemos muitos problemas aqui desde que se inicio a Revolução Mexicana. Contamos com um posto do exercito em Douglas, mas nos achamos bastante longe da cidade. Às vezes nos vemos obrigados a depender de nossos próprios meios.

-Não quererá dizer que os mexicanos disparam contra vocês! -Julie se tinha ficado boquiaberta.

Thorn elevou uma sobrancelha.

-Isso quero dizer. Jack lhe explicasse que neste momento não é seguro cavalgar pelos arredores sem escolta ou afastar-se da casa, a menos que um dos homens lhe acompanhe. Sempre convém tomar precauções.

-Asseguraremos-nos de que as garotas não se afastem. Obrigado, Thorn -disse Jack.

-Não tem que. -Roço a aba larga de seu chapéu com a ponta dos dedos. Seus olhos escuros tinham um brilho tenebroso-. Bom dia. foi um prazer conhecê-los.

Depois de fazer um sinal a seus homens, esporeio seu cavalo e os precedeu pelo atalho que discorria paralelo ao caminho. Cavalgava do mesmo modo que para todo o resto, com graça e estilo. Trilby recorreu com a vista o corpo do Vance.

-Meu Deus, como cavalga! -exclamou Julie, entusiasmada-. Seu vizinho é muito bonito.

-É viúvo - disse Jack.

-Sim, esta apaixonado por nossa Trilby - interveio Teddy, sorrindo.

Trilby se ruborizou.

-Cala, Teddy! -ordenou.

-Parece bastante tosco -comentou Richard, com frieza - E esses homens... alguns eram mexicanos, e me estremeço ao pensar nesses apaches rondando pela zona de noite. Vive com selvagens, verdade?

-Sim, bom... -disse Jack, com certa rigidez, sentindo-se impulsionado a defender ao Thorn-. antes de chegar nós, este era seu território.

-Não fizeram quase nada nele -replicou Richard com desdém-. Que gente tão atrasada! Como suporta viver aqui, Trilby?

Era a primeira pergunta que dirigia diretamente a ela, e o rosto da moça se iluminou.

-É muito diferente à vida na Luisiana. A tenho saudades terrivelmente.

-Não sente saudades - repôs Richard.

Sissy e Ben permaneciam um pouco apartados enquanto outros falavam.

-Por que começou a tremer? -pergunto Ben a Sissy em um sussurro-. Você e eu sabemos que te fascinava o imponente pele-vermelha.

-Esse apache é um enigma -replicou ela com calma-. Deu-te conta do modo em que piscava quando o senhor Vance lhe falava? Arrumado a que tudo foi uma comédia. Não acredito que seja estúpido. Suspeito que estava atuando.

-Sissy, a maioria dos índios não está ao nível dos professores universitários -disse seu irmão.

-A maioria não. Mas esse... -mordeu-se o lábio inferior-. Ben, não era magnífico? Nunca tinha visto ninguém como ele.

-Tome cuidado -advertiu ele -. Existem barreiras raciais; não comece às transgredir. Já sabe como é Richard.

-Não me importa Richard -replicou ela-. Quero saber mas sobre o peão do senhor Vance.

-Só te aconselho que atue com cautela, de acordo?

-Ouvii o que esse pele-vermelha disse sobre o Sissy? -resmungou Richard, olhando a sua irmã-. Todas essas ofensas!

-OH, sim. -Sissy se impregno o chapéu de palha e sorriu a seu irmão-. Estou segura de que estava medindo meu couro cabeludo.

-Passa-te a metade da vida em museus contemplando velhas fotografias e retratos de índios - prosseguiu Richard-. Bem, me alegro de que finalmente tenha compreendido que os índios não são românticos, a não ser sujos, ignorantes e impertinentes.

-E você é um esnobe -disse Sissy, com desdém-. Eu estudo antropologia, e portanto me interessam as demais culturas.

-Seriamente? Deveria falar com o Thorn -atravessou Jack Lang-. Tem um amigo antropólogo.

-Ah, sim? - Sissy se mostrou entusiasmada.

-Sim. chama-se McCollum e vem todos os verões para realizar escavações pelos arredores. Thorn conhece muito bem a zona.

-Incrível! -Sissy não podia ocultar seu assombro-. O doutor McCollum é meu professor de antropologia!

Trilby riu.

-Nunca o mencionou em suas cartas!

-Reservava-me isso para lhe contar isso quando nos víssemos -disse Sissy-. eu adoro estar aqui!

-Eu adoro te ter aqui -adicionou Trilby. Dirigiu um olhar ao Richard, quem nesse momento se achava ocupado mostrando algo a Julie.

-O senhor Vance é bastante atrativo, não te parece? -comentou Sissy a Trilby.

-É melhor que tome cuidado, Trilby, ou Sissy tratasse de te arrebatara a seu pretendente. - Julie riu agradada, olhando de soslaio ao Richard, quem franzira o sobrececho-. É bem um selvagem, verdade? Suponho que viver com mexicanos e índios embrutece.

Trilby parecia -e se sentia- a ponto de vomitar. Julie estava cumprindo muito bem seu propósito; Richard lhe pertencia e não permitiria que Trilby se aproximasse dele. Se Richard tinha advertido sua atitude possessiva, não parecia lhe importar.

Trilby retornou ao carro sem pronunciar uma palavra mas. De todos os modos, não sabia que dizer. Richard observou seu silencioso retiro com repentina consternação. Começou a dizer algo, mas Jack Lang o impediu ao empurrar ao Ted e Mary para o automóvel. Depois de subir ele, fez-o arrancar, e o ruído do motor pôs fim à conversação.

A poucos quilômetros de Los Santos uma família de peões mexicanos dava de comer a um dos oficiais de Madeiro. Na pequena e mísera choça de tijolo cru, onde umas quantas galinhas bicavam o chão de terra, a mulher cozinhava em um pequeno fogo tortitas com a magra quantidade de farinha que lhes tinha entregue o maderista.

-Muito obrigado -murmurou o jovem alto quando a mulher lhe serve uma colherada de feijões sobre a torta. Cuidava-se de não ofender a essas pessoas rechaçando sua hospitalidade e seu mantimentos. Não possuíam nada, mas eram orgulhosos.

-É um prazer poder lhe atender -disse o peão, com grande seriedade-. Vocês lutam contra os federais para defender a pessoas como nós.

-Um dia ganharemos, amigo -afirmou o homem de Madeiro com ardor-. Nossa causa é justa. Recuperaremos a terra que esses porcos espanhóis roubaram a nosso povo. Conseguiremos que esses cães paguem pelo que têm feito ao México.

-Sim -replico o peão.

-Agora, me informe das novidades.

-Se rumoreia que um grupo de gringos veio ao rancho do Blackwater Springs; gente acomodada das cidades ricas do Este.

O oficial assentiu e franziu o sobrecenho, meditabundo.

-Não são como o gringo que recentemente visitou patrão de Los Santos? Um homem instruído, mas sem dinheiro?

-Não, senhor -disse o peão, com veemência-. Estes gringos possuem muito dinheiro. Meu amigo Juan, que trabalha no Blackwater Springs, assegura que viu muitos bilhetes de banco e moedas de ouro.

-Interessante - disse o homem mas jovem-. Comunicarei as notícias no México. E a próxima vez -acrescentou sorridente, enquanto ficava em pé- haverá mas farinha. Talvez até um pouco de café.

-Senhor - disse a mulher da casa, ajoelhando-se para lhe beijar a mão-, damo-lhe obrigado em nome da Virgem Santa por sua amabilidade. Cada noite rogar à Virgem em minhas preces que interceda por você e o mantenha a salvo.

-E eu por toda nossa gente -disse o homem com solenidade-. Não é justo que nós tenhamos tão pouco quando os patrões desfrutam de tanto e até ambicionam mas. E apesar do que os federais têm feito aos aldeãos, ai por mim!, recuperaremos nossa terra. Alimentaremos ao faminto e lhe devolveremos o que os invasores lhe roubaram. Faremo-lhes pagar pelos crimes cometidos contra nós, juro-o! -assegurou com voz rouca.

Recordava cenas que lhe produziam náuseas, atrocidades perpetradas por quão federais lutavam em favor do Díaz contra os revolucionários. A fama desses homens aterrorizava aos peões; torturavam a esses inocentes, assassinavam às mulheres e os meninos, e tudo em nome do governo do México. < O governo >, pensou com raiva, enquanto seus olhos compassivos percorriam o mísero interior dessa choça. Não era o governo do povo o que permitia que os pobres morressem de fome e tratava de lhes arrebatá-lo o pouco que possuíam. Terei que atuar, e Madeiro era o homem indicado.

-Vão com Deus, meus amigos -disse, tirando o chapéu-. Comunicarei as notícias que proporcionaram a nosso amigo Francisco Madeiro. Adeus!

Richard caminhava pela casa dos Lang tentando desentorpecer suas doloridas pernas. Julie e Sissy se deitaram, porque o calor lhes resultava molesto. Ben se achava no estábulo com um antigo ranger do Texas chamado Torrance e o pequeno Ted, escutando horripilantes relatos do velho Oeste. Ao Richard não interessavam esses temas e não dispunha de tempo para os embustes de velhos inúteis.

Trilby se encontrava na cozinha com sua mãe, preparando bolachas. Richard apóio um ombro contra o marco da porta e as observou. Pregou a vista com curiosidade na Trilby. Tinha mudado durante o tempo que levava sem vê-la. Seguiu sendo feia, é obvio, mas tinha esquecido seu doce que era. Às vezes Julie chegava a mostrar-se desagradável devido a sua língua afiada e sua franqueza. Em troca Trilby era distinta. De algum jeito, para que um homem se sentisse melhor. Gostava como lhe adulava a silenciosa adoração da moça. Era isso o que tinha tido saudades.

-Muito trabalho, não é assim?

Trilby se ruborizou, e suas mãos se voltaram torpes quando Richard entrou na cozinha. Riu com nervosismo.

-Assustaste-me. Acreditei que estava descansando.

-O repouso é para as damas. Já estou bastante recuperado da viagem, embora ainda tenho as pernas um pouco intumescidas. Alguns dos passageiros temiam que os mexicanos assaltassem o trem, imagina?

-Não é tão desatinado como supõe -interrompeu Mary.

A seguir procedeu a lhe contar um recente incidente acontecido no México, durante o qual se disparou contra um trem da Ferrovia Mexicana do Noroeste, e vários passageiros morreram.

-Morreram vários passageiros? - repetiu Richard, estupefato.

-Sim -respondeu Mary-. Produziram-se distúrbios e tiroteios em todo o território mexicano, em especial na Chihuahua. Tropas americanas foram enviadas ao Texas para patrulhar a fronteira, e se rumorea que milhares de rebeldes estão agrupando-se perto da Chihuahua, dispostos a atacar.

-E o rancho de Madeiro, situado perto do Laredo, foi saqueado - acrescentou Trilby-. Madeiro conseguiu fugir, e os assaltantes mataram a muitos de seus cavalos.

-Em todas partes se fala da guerra - disse Mary, com preocupação-. Espero que não entremos em guerra contra México. -Sacudiu a cabeça enquanto esvaziava em uma panela o conteúdo de uma lata de favas e logo vertia sobre estas a água do bule. Depois, com grande cuidado, colocou a panela sobre o fogão da cozinha de lenha e a tampo, enxugando o rosto com o avental quando terminou -. Francamente, o calor que faz nesta cozinha resulta insuportável. Trilby, por que não vos sentais no alpendre? Devo te advertir, Richard, que o calor nunca diminui, nem sequer no outono.

-Haverá pó fora - observou Richard-. Preferiria o salão. Podria tomar um pouco de chá? Foi um dia exaustivo.

-Claro -disse Mary, sorrindo.

Trilby percebeu um brilho de desaprovação, rapidamente apagado, nos olhos de sua mãe. Richard não desfrutaria de sua estadia no rancho; de momento, isso parecia.

Richard e Trilby se dirigiram ao salão. O jovem fez uma careta de desgosto ao comprovar que havia pó no sofá

-É impossível impedir que o pó cubra tudo - justificou Trilby-. Lamento-o...

-Este maldito deserto - disse ele, movendo a cabeça-. Como vieste a parar aqui, Trilby? Envelhecerá antes de tempo. E os habitantes destes contornos... Esse Vance e os homens incivilizados que lhe acompanhavam. Meu Deus!

Trilby reprimiu o impulso de defender ao Thorn Vance.

Surpreendia-lhe que lhe incomodasse que insultassem a aquele homem, que tinha causado tanto dano a sua própria reputação. Não obstante, ultimamente ele se mostrou quase tenro.

Observo como Richard se acomodava no sofá com uma careta de desgosto e apoiava um pé calçado sobre ele sem lhe importar sua antigüidade ou a qualidade da malha.

Trilby manuseava nervosamente a saia do singelo vestido de quadros marrons e brancos que se havia posto ao voltar da estação. A larga cabeleira loira lhe caía até os ombros, e tinha beliscado as bochechas e mordido os lábios para lhes dar cor. Mas, infelizmente, isso não a ajudava a parecer mas bonita. Richard a comparava com a Julie e a encontrava carente de atrativo.

-Julie detestou este lugar - disse ele, contendo um bocejo-. E duvido de que Sissy agüente muito tempo aqui. < Viu a cara que pôs quando o índio lhe sorriu?

-Acredito que subestima a Sissy -replicou ela, sentindo um súbito arrebatamento de indignação-. Não é covarde e estuda a cultura Índia nas classes de antropologia...

-É uma juvenzinha tola e sem cérebro.

Os olhos da Trilby jogavam faíscas.

-É muito instruída; e em seu ambiente se mostra muito sossegada. O Oeste selvagem não é o lugar mas adequado para todo mundo.

-Certamente, minha pobre querida, não o é para ti. Noto-te apagada, Trilby –disse ele, pensativo-. Estas pálida e magra. Considero que deveria retornar ao Este conosco.

O rosto da Trilby se iluminou.

-De verdade?

-Claro! Poderia encontrar a alguém que te hospedasse, não te parece?

Richard atuava como se lhe resultasse totalmente indiferente o que ela fizesse. Trilby não pôde evitar que a decepção se trasluciesse em seu rosto. Havia esperado tanto e recebia tão pouco! Sorriu, como se a atitude de seu amigo não lhe importasse, e voltou para a cozinha para ajudar a Mary. A visita de seus sonhos estava convertendo-se em um pesadelo e o só levava um dia ali.

Trilby tinha pensado que não poderia ser pior, mas a partir desse dia a situação se agravou. A Richard irritava tudo; desde seu dormitório até a falta de comodidades na casa e o feito de que a água extraída do poço devesse esquentar-se na cozinha para o banho. Ele acostumava a tomar um banho diário e, quando Jack mencionou que a água era um bem custoso, limitou-se a rir.

Ben não se comportava de uma forma tão desagradável. Passava a maior parte do tempo com o Teddy, Mosby Torrance e os vaqueiros, interessando-se pelo trabalho destes. Para assombro de todos, tratava aos cavalos com toda familiaridade e ao cabo de dois dias cavalgava como um nativo. Inclusive se vestia com o traje próprio dos vaqueiros e o vestia com tanta naturalidade que um dos mexicanos comentou que já pertencia ao rancho. Quando não cavalgava, sentava-se em companhia do Ted a escutar os relatos do Torrance sobre os velhos tempos com interesse adulator. O velho e ele simpatizaram imediatamente.

Sissy não se separava da Trilby, o que dificultava que esta conversasse com o Richard. Em realidade, isso não importava muito, porque Julie, quando não estava dormindo, não se separava dele.

-Os índios não atacaram -assegurou Trilby a sua amiga-. Deve te relaxar e deixar de procurar grupos guerreiros.

Sissy suspirou e fez uma careta.

-Essa é a impressão que dou? Não me assustam os grupos guerreiros -disse Sissy.

Em realidade, somente procurava um apache em particular, a quem encontrava fascinante. Era uma estupidez esperar que ele tratasse de encontrar com ela. Com o cabelo escuro recolhido em um coque, vestida com uma blusa blusa de marinheiro e uma saia larga e meio-fio com sapatos passados os laços de salto alto, Sissy oferecia um aspecto muito feminino. Nem sequer os óculos subtraíam atrativo a seu belo rosto e seus grandes olhos verdes. E quando sorria, era encantadora.

Desde sua chegada Sissy se mostrou estranhamente silenciosa. Não era a companheira entusiasta e vivaz que Trilby tinha conhecido na infância. Parecia preocupada.

-Julie parece estar desfrutando - disse Trilby, observando através da porta do corredor a Julie e Richard, que jogavam xadrez no salão.

-Esta louca pelo Richard - disse Sissy com tristeza-. Sinto muito. Sei que estava apaixonada por ele. Mas eles são muito mas afins, não te parece?

-Suponho.

Não queria falar desse tema; sentia-se desventurada. Sissy a abraçou.

-Não se preocupe, lhe formassem rugas na cara. Tudo se arrumará -consolou-a com doçura.

Trilby lhe devolveu o abraço.

-Sou tão infeliz. Não se nota? Acreditava que ele me tinha sentido falta, mas não foi assim.

Temo que fantasiei muito. Richard ama a Julie.

-Eu sim. Quis te escrever para te informar, mas não pude. Quero a meu irmão, mas não merece a alguém tão doce como você -afirmou Sissy com solenidade-. Ben é duas vezes mas homem que ele.

Trilby riu.

-Minha cabeça sabe, mas meu coração não escuta. Amei-o sempre.

-Eu não sei muito sobre o amor -murmurou Sissy, com o olhar cravado no horizonte-. Duvido que algum homem chegue a apaixonar-se por mim; é lógico -apressou-se a dizer quando Trilby começou a protestar-. Realmente, acredito que não sirvo para ser uma boa esposa e mãe; sou muito estranha. Trilby, acredita que poderíamos explorar as montanhas? -perguntou Sissy de repente-. Eu adoraria procurar ruínas antigas. Os índios hohokam habitavam esta zona faz muitíssimo tempo, conforme disse o doutor McCollum.

-Suponho que seu doutor McCollum é o amigo do Thorn Vance. Deve conhecer muitíssimo sobre esta zona.

-Em efeito, mas explicou muito pouco sobre os apaches -acrescentou Sissy, franzindo o sobrecenho-. Lembrou que outros estudantes falavam de um apache em particular a quem McCollum mencionou em uma conferência, a que não assisti porque estava doente; os apontamentos que me emprestaram não incluíam nenhuma referência a respeito. -Olhou a Trilby-. Deve haver muitos objetos interessantes nesta zona; é muito rica historicamente.

-Sim, acredito que poderíamos empreender uma exploração. Perguntarei a papai.

-Obrigado -disse Sissy-. Séria estupendo. E vamos de caça? Eu não quero disparar contra nada...

-Não teremos que fazê-lo. Isso é algo com que desfrutam dos homens. Em troca acampar ao ar livre resulta divertido, não te parece? -perguntou Trilby-. Frequentemente me perguntei como séria. Nunca me apresentou a oportunidade de fazê-lo.

-Que grande ideia, Trilby! -exclamou Sissy, sorrindo-. Me alegro ter vindo.

-E eu de que o tenha feito -disse Trilby, sem apartar a vista da Julie e Richard.

-A universidade seguirá estando ali quando começar o próximo trimestre.

Richard ouviu a suave voz da Trilby e advertiu que o observava. Agradava-lhe ser o centro de atenção na competência que se estabeleceu entre a tímida Trilby e a sofisticada Julie. Elevou a vista e ao captar o olhar da Trilby lhe sorriu lentamente. Ela se ruborizou e o riu.

-Diverte-te algo? -pergunto-lhe Julie com curiosidade.

-É obvio, o jogo me resulta estimulante -replico ele.

Em realidade, não se referia ao xadrez.

CAPÍTULO 8

A Lisa Morris irritaram as olhadas perspicazes e compassivas que lhe dirigiram as esposas dos outros oficiais. Estava habituada à vida do exercito por haver-se criado em quartéis, e inclusive acostumada às aventuras de seu marido. Entretanto, até então David tinha atuado com discrição, e ninguém se inteirou de seus devaneios.

Só o feito de que nesta ocasião se apaixonou verdadeiramente justificaria seu comportamento. Se assim era, sem dúvida acessaria gostoso ao divórcio. Lisa devia lhe anunciar que o tinha solicitado, e logo.

Estava tão absorta em seus pensamentos que caminhou diretamente para um homem alto, vestido com um uniforme de cor cáqui, sem vê-lo.

-Alto, senhora Morris -disse uma voz rouca e arruda.

Umas mãos fortes e firmes a agarraram pelos ombros e em seguida a soltaram quando ela se deteve.

A mulher elevou a vista até os olhos incrivelmente azuis do medico do posto, o capitão Todd Powell. Aquele homem não se parecia em nada a seu marido. Era tão violento que nenhum dos soldados se atreveu a fingir uma enfermidade para aludir alguma missão desagradável. Mostrava-se cruel quando lhe importunavam e às vezes bebia em excesso.

Entretanto, sempre tinha tratado a Lisa com amabilidade. Quando perdeu o bebe e seu marido se achava de manobras, foi Todd Powell quem permaneceu sentado junto a sua cama toda a noite enquanto ela chorava e dormia poucos momentos. Foi Todd quem enterrou o menino, quem falou com ela, quem a escutou e finalmente a obrigou a voltar para a vida. Talvez intimidava a outros, mas a Lisa inspirava uma ternura estranha, que se refletiu em seus olhos quando lhe sorriu.

-Obrigado, capitão Powell - disse com doçura-. Estava refletindo sobre certas questões. Sinto muito.

O capitão tomou fôlego.

-Tenho entendido que essas questões poderiam ser a ultima amante de seu marido -disse bruscamente.

A mulher avermelhou.

-Não deveria me dizer essas coisas.

-Alguém deve dizer algo sensato, senhora. Durante quanto tempo esta disposta a tolerar a ultrajante conduta de seu marido? Sem dúvida terá ouvido a fofoca.

-É obvio que sim. -Vacilou, olhando ao redor para assegurar-se de que ninguém podia escutá-los-. Eu ... iniciei os tramite de divórcio. Não se aonde irei...

O rosto e o olhar do homem se suavizaram.

-Eu sim. -Agarrando-a do braço, conduziu-a para um carro-. Você vem comigo.

-Capitão Powell! -protestou ela.

-Só quero lhe apresentar a uma pessoa -disse ele.

Depois de ajudá-la a subir ao automóvel, sentou-se ao volante junto a ela e resmungo com impaciência até que conseguiu que o motor arrancasse.

Quando o vento lhe refrescu o rosto, Lisa se sentia melhor e esqueceu as fofocas. O doutor Powell tinha uma maneira de assumir a responsabilidade das situações que a reconfortava. Sorriu ante a ironia que suponia ser cuidada, pois tinha passado a maior parte de sua vida atendendo a primeiro seu pai e logo ao David.

Resultava agradável que alguém se mostrasse solícito com ela.

O capitão não se afastou muito; deteve o veículo em um pequeno estabelecimento próximo à cidade do Courtland.

-Aqui é – anúncio - depois de ajudá-la a desembarcar do carro, conduziu-a até uma bonita casa branca que destacava entre as que flanqueavam a diminuta agência de correios. Ele bateu na porta, e sorriu, tirando o chapéu, quando uma mulher mais velha saiu a lhes receber.

-Olá, Todd -saudou a mulher-. Quem é esta senhora?

-Uma jovem que muito em breve necessitará um lugar onde alojar-se -respondeu Todd-. Ainda tem uma habitação disponível para alugar?

-Claro que sim -disse a mulher amavelmente-. Sou a senhora Moye. E pode pagar sua manutenção ocupando-se das tarefas domestica, se necessita.

-Você não me conhece... -começou a dizer Lisa.

-Conheço o Todd - a atalhou a senhora Moye-. A opinião que ele tem de você me basta.

-Não estou muito preparada... -disse Lisa.

-Quando o esteja, poderá instalar-se na habitação -interrompeu a senhora Moye-. Não gostariam de entrar e tomar uma taça de chá?

-Oxala tivéssemos tempo -interveio Todd cortesmente-. Talvez a próxima vez.

-Espero que seja assim. Adeus, querido amigo.

-Não me apresentou -observou Lisa quando Todd lhe abriu a portinhola do carro.-Não tivesse sido prudente. -Cravou seu intenso olhar azul nos olhos da mulher-. Esta muito magra, mas contínua sendo encantadora.

Lisa se sentiu aturdida. Nenhum homem a tinha cuidado como o capitão Powell. Ante sua presença, experimentava estranhas pontadas nas coxas, no sob ventre, e um formigamento percorria todo seu corpo. Nem nos momentos mas íntimos David tinha provocado nela sensações tão prazerosas.

Todd se esclareçou a garganta.

-Suponho que será melhor que nos apressemos a retornar ao posto.

-Sim, certamente.

Lisa entrou no carro. O homem posou a mão sobre o pulso dela para ajudá-la e se atrasou um instante. A mulher elevou a vista para olhá-lo, e lhe acendeu todo o corpo. Era alto e corpulento. Tinha mãos grandes e um rosto de rasgos irregulares e toscos; não era bonito absolutamente. Seus murchos cabelos negros impregnam, indomáveis, sobre sua frente ampla e suarenta. Tinha sobrancelhas espessas e um nariz enorme. Não era atrativo, mas ela desejava beijá-lo. Lisa desviou a vista, sentindo algo muito semelhante ao pânico.

-Cuidado com a saia -avisou ele.

Fechou a portinhola e rodeio o automóvel enquanto Lisa o observava com uma mescla de incerteza e desejo. Não devia interessar-se por ele, pois o capitão só tratava de mostrar-se amável.

Todd Powell sabia o que era sofrer. Sua esposa e seu filho tinham sido assassinados muitos anos atrás. Estava acostumado a beber quando o recordava. Ele tinha contado a Lisa quando ela convalescia, abatida e angustiada, depois de ter perdido a seu bebe. O capitão lhe tinha explicado que conhecia a dor que causava a morte de um filho. Ele havia falado do levantamento índio apache a conseqüência do qual morreu sua família, de sua própria angústia. Não o tinha revelado a ninguém mas que a ela.

Aquele momento de debilidade o senvergonhou pouco depois, e por isso tinham evitado aludir a ele. Entretanto, tinha nascido entre eles um afeto que crescia dia a dia. Ele a observava quando ela não se achava no quartel de seu marido, ao igual a Lisa o contemplava quando o não o advertia, embora procurava não fazê-lo. Era uma mulher honesta, e o capitão Powell, um homem honorável. Mas se não estivesse casada... Oxala não o estivesse!

Retornaram ao posto sem que nenhum olhar bisbilhoteiro os observasse.

-Obrigado -disse ela, vacilante-. Reconforta-me saber que disporei de alojamento em caso de que o necessite.

-Você sabe que ele não abandonará a sua amante - disse o capitão, com voz serena-. Quão único pode esperar é que a situação piore com o tempo. Seu marido é um insensato, e a moça esta profundamente apaixonada por ele. Ela não é uma má pessoa -acrescentou com rudeza-. É uma mulher bastante atrativa que não está acostumado a perseguir os homens casados. Foi ele quem a perseguiu.

-Compreendo - replicou ela. Logo procurou os olhos do capitão-. Você a conhece

Ele pareceu sem jeito.

-Sei algo sobre ela. É uma moça que procede de uma família pobre, mas honrada e honorável, que não aprova a relação.

Ela se moveu um pouco.

-Talvez ele também esteja apaixonado - disse com calma-. Isso explicaria seu comportamento.

-Elevou a vista-. Obrigado por me ajudar.

O capitão apertou a mandíbula.

-Não é nenhum problema ajudar a alguém com problemas. Bom dia, senhora Morris.

Ela observou como se afastava, com as mãos unidas à costas em sua postura característica, para o dispensário. Parecia triste e sozinho, e ela sentiu pena pela solidão do homem. Em realidade ela também se encontrava sozinha. Decidiu que essa noite falaria com o David do divórcio. De nada serviria pospô-lo...

Lisa acabava de pôr o jantar na mesa e estava retirando a cafeteira do fogo quando a porta principal se fechou de um golpe e uns passos pesados ressonar, na cozinha.

-O capitão Arthur me há dito que a viu no automóvel do capitão Powell. -David estava furioso, o rosto vermelho de ira.

Ela se voltou para ele com grande serenidade.

-Sim, assim é. O jantar está na mesa.

Ele guardo silêncio. Lisa quase podia ver o cérebro de seu marido trabalhando, tratando de decidir como confrontar esse novo e estranho comportamento.

-Por que passeava de carro com o medico do posto?

-Porque ele sabia onde podia alugar uma habitação - respondeu ela.

Olhava-o com firmeza e sem piscar, como uma serpente disposta a atacar. A transformação que tinha experimentado surpreendia ao David. Lisa, tranqüila e silenciosa, converteu-se de repente em uma mulher independente e obstinada. Até sua postura tinha trocado.

-Não esta bem que lhe vejam em companhia de outro homem...

-Esta bem que lhe vejam a ti com outra mulher? - interrompeu ela, com calma.

ele enrojeceu.

-Selina não é assunto de sua incumbência - disse, cortante.

-É da incumbência de todo o posto, ou não sabe que as esposas de seus oficiais se regozijam me informando de sua aventura? - perguntou ela.

O coronel se meso, irritado e incomodo, sua espessa cabeleira loira.

-Não o sabia - disse lentamente.

-Não importa, David. Já não importa. Falei com um advogado - anunciou ela, aspirando fundo - para iniciar os tramite de divórcio.

Ele a olhava atônito.

-Iniciaste... que? -estalou-. Como te atreve! Ela entrelaçou as mãos diante de seu regaço.

-Faço-o com a melhor intenção... Sem dúvida o compreenderá. Se verdadeiramente amar a essa garota, e ela te ama...

David tinha emudecido. O primeiro em que pensou foi em sua carreira; o divórcio lhe prejudicaria, sobre tudo se era sua esposa quem o solicitava.

-Deve paralisar os tramite -disse friamente, com um olhar ameaçador.

-Não o farei! David, ambos sabemos que te casou comigo por minha posição. Durante anos me desonraste com quem te gostou. Mas esta ultima afronta resulta intolerável. Converteste-me no bobo do posto. Divorciarei de ti. E nada do que diga ou faça me deterá!

Ele perdeu a cabeça. Impulsionado pelo afã de vingar a humilhação a que ela se propunha lhe submeter, elevou a mão e esbofeteiou à mulher com tanta força que a fez cair sobre a prancha de ferro candente da cozinha de lenha.

Lisa gritou e se separou de um salto quando um pontada de dor lhe queimou o quadril no lugar em que o tecido do vestido se pegou à pele. A malha pegou fogo de repente, e ela agitou a saia, nervosa. O medo e a dor fizeram que esquecesse a pontada que sentia na bochecha enquanto tratava desesperadamente de apagar o fogo.

David ficou estupefato um instante. Logo reagiu rapidamente. Agarrou o cubo de água da mesa da cozinha e arrojou o conteúdo sobre a saia de sua mulher. Consigo extinguir o fogo que já tinha causado uma grave queimadura a Lisa. O coronel observou a pele-vermelha e com bolhas do quadril e o flanco de sua esposa a traves do buraco enegrecido do tecido da saia.

-Lisa, me perdoe, não pretendia... -começou a dizer, com voz rouca.

A mulher lhe golpeio as mãos, soluçando, e interpôs uma cadeira entre ambos. sentia-se muito mal. A dor era terrível. de repente, lhe nublou a visão, e se sumiu em um negro e frio esquecimento.

Quando Lisa despertou, achava-se no dispensário do posto, Todd Powell estava inclinado sobre ela. O homem tinha um olhar cínico e um modo brusco de falar que conseguia irritar a quase todos. Os soldados lhe temiam tanto como aos índios, o qual lhe divertia muitíssimo.

Entorno os olhos ao examinar a bochecha arroxeadada da mulher estendida na maca. detrás dele, David o observava, pálido e abatido.

-Administrei-lhe um pouco de morfina para aplacar a dor, senhora Morris -explicou Powell-. A queimadura provavelmente lhe deixasse cicatriz, mas não é nada grave.

-Obrigado - disse ela, começando a notar os efeitos da droga.

-Posso levá-la a casa agora? -perguntou David. Powell se voltou e se enfrentou ao homem.

-Não.

-Eu sou o comandante em chefe - recordou David.

-Não sou nem cego nem ignorante -replicou o medico, impertérrio-. Uma olhada à bochecha de sua esposa explicará este... acidente..., coronel Morris. Todos estamos inteirados de seus devaneios e eu sei que ela iniciou os tramite de divórcio. Não retornasse a seu quartel. A menos que goste de comparecer ante um tribunal militar por conduta imprópria de um oficial e cavalheiro, aconselho-lhe que não force os acontecimentos.

-Você sabe muitas coisas -disse David, zangado.

-Levo muito tempo aqui, coronel - repôs Powell com calma, medindo com o olhar ao outro homem-. Enquanto você se achava no Este, situado na sociedade de Washington, eu estava aqui, no deserto, extraindo flechas do corpo de quão soldados perseguiram Jerónimo por este lugar desolado.

David enrojeceu.

-Doutor Powell...

-Vá-se a casa, coronel -disse Powell com aspereza-. Esta de mas aqui.

David vacilou. Depois de um prolongado olhar de arrependimento ao rosto ausente da Lisa, saiu do dispensário dando uma portada.

-Obrigado - disse ela, com voz sonolenta.

Uma mão grande e calejada lhe apalpo a frente.

-Durma, senhora Morris. Não há nada que agradecer.

Ela se deixou arrastar-se para o supremo, sentindo-se segura pela primeira vez em muito tempo, apesar da dor. Quando ficou dormida, um homem melancólico com um grande nariz e uns cansados olhos azuis se sentou junto a ela e lhe sustentou a mão. E ali permaneceu até a manhã.

O dia de Ação de Graças tinha transcorrido tranqüilo e sem novidades. As mulheres tinham passado a manhã cozinhando e a tarde limpando. Tinha sido uma reunião divertida, mas Trilby estava triste. Os cuidados que Richard prodigalizava a uma Julie cada vez mas coquete lhe tornavam aguada a festa.

Sissy persuadiu à abatida Trilby de que a acompanhasse ao deserto, não muito longe, para visitar algumas ruínas.

-São ruínas hohokam? -perguntou Trilby quando as duas mulheres desceram da calesa e começaram a percorrer uma convocação com restos de objetos de cerâmica em uma planície próxima à cadeia montanhosa.

-Não o sei. -Sissy se ajoelhou e agarrou uma parte de cerâmica-. Não é incrível? -disse com admiração reverente-. Trilby, ate dá conta de que este trocito foi fabricado por seres humanos faz talvez mil anos?

Trilby se abanou com o chapéu de aba larga que levava na mão. Pôs-se uma larga saia de montar e uma blusa. Sissy vestia como sua amiga. Fazia muito calor no deserto, e o ar seco não representava nenhum alívio.

-Tivesse gostado de trazer o carro - murmurou Sissy. -me acredite, o cavalo e a calesa são muito menos complicados.

Trilby sorriu. Surpreendia-lhe que tivesse tido o valor suficiente para ir até ali com a Sissy, embora o cavalo que atirava da calesa era manso e não lhe dava medo; além disso, não tinha tido que conduzir. Elevou a vista, franzindo o sobrecenho.

-Sissy, há nuvens no horizonte. Recorda o que te disse sobre o perigo dos arroios secos, mesmo que chova a muitos quilômetros de distância, e da terrível enchente que se produziu no verão?

-Sim, recordo-o -sussurro Sissy.

-Séria melhor que retornássemos.

-Mas se acabarmos de chegar!

-Sissy!

-Vamos, Trilby. Somente quero bisbilhotar um pouco. Depois de tudo, isto não é um arroio seco. Por que não vais procurar ao Richard nos currais? -perguntou Sissy, com um sorriso travesso-. Não posso partir neste momento. -Suspirou de maneira teatral-. Terá que ir sozinha. -Olhou a Trilby com curiosidade e sorriu ironicamente-. Estou segura de que te partirá a alma quando tiver que acontecer me recolher.

A Trilby deu um tombo o coração. Lhe apresentava a oportunidade de estar a sós com o Richard, que tinha ido com elas até os currais para observar como os homens marcavam o gado. As garotas lhe tinham deixado ali com a promessa de retornar ao cabo de uns minutos. Sissy estava representando o papel de Cupido, e Trilby a agradeceu por isso. Entretanto, teria que conduzir a calesa sozinha. Examinou com nervosismo ao cavalo manso; estava solto e as rédeas se arrastavam pelo chão.

-Ainda me assusta um pouco esse cavalo -disse Trilby, preocupada.

-Você gosta. Te limite a lhe dar um golpecito com as rédeas para que fique em marcha e a atirar destas para trás para que se detenha. O cavalo seguirá o caminho e Richard conduzirá de volta a casa.

-Muito bem. Mas não deveria te deixar aqui sozinha...

-Não seja parva-interrumpiu a Sissy-. Estou perfeitamente segura. Além disso, tenho esta coisa horrível que seu pai insistiu em que trouxesse. -Com grande cautela agarrou a pistola pela culatra como se fosse uma serpente-. Uf!

-Demorarei pouco mas de um minuto - prometeu Trilby, com os olhos brilhantes ante o pensamento de estar a sós com o Richard-. É encantadora!

-Eu sei. -Sissy riu entre dentes-. Vamos. Faz que Julie tenha algo de que preocupar-se.

-Podia nos haver acompanhado -disse Trilby.

-E danificar a cútis expondo-se ao sol? ;Que horror!

Trilby subiu a calesa, rindo ante o comentário de sua amiga.

-Não demorarei.

-Não importa se o faz -murmurou Sissy, enfrascada já na busca de restos de cerâmica.

Trilby chegou sã e salva aos currais e agradeceu entregar as rédeas ao Richard no caminho de volta. Produziu-se um prolongado silêncio entre ambos enquanto a calesa estralava a seu comprido do caminho. O calor e o aroma da pele chamuscada dos animais tinham posto de mau humor ao Richard. Tinha empalidecido nos currais, e alguns dos vaqueiros se burlaram dele. Sentia-se ferido em seu orgulho.

-Detesto este lugar - disse irritado -. Arrependo-me de ter vindo.

Trilby se ajeitou em seu assento, incomoda.

-Esperava que desfrutasse de sua visita, Richard. Não resulta tão desagradável quando te acostuma.

-Sinto discrepar. -Seus olhos escrutinaram o horizonte-. É como o inferno, e perdão pela expressão. Realmente é um páramo.

Trilby sob a vista enquanto o golpeava brandamente a garupa do cavalo com as rédeas para lhe obrigar a partir mas rápido.

-Vais casar te com a Julie, Richard?

-Não o sei -respondeu ele-. É formosa e doce, e sua família tem dinheiro. Por certo, não lhe agrada absolutamente viver em meio deste maldito deserto! -Os olhos da Trilby brilharam ao aparecer as lágrimas a eles-. ; OH, maldita seja! Vamos, Trilby, não queria dizer isso. -Richard atirou das rédeas e deteve o cavalo para acariciar o rosto triste da moça-. Sinto muito, pequena. Realmente, sinto muito. Trilby...

Elevou-lhe o queixo e olhou sua boca tenra e tremente. Somente a tinha beijado uma vez, para muito tempo, e nesse momento aparecia muito tentadora com seus olhos cinzas alagados em lágrimas. Sorrindo com pesar, inclinou-se e roçou lentamente com seus lábios a boca da Trilby, atraindo-a para se.

A jovem tinha esperado que caíssem estrelas se Richard a beijava desse modo. Surpreendeu-lhe descobrir que o que tinha experimentado não se parecia absolutamente ao prazer explosivo que Thorn tinha despertado em seu corpo. Isso a feriu, e levantou a cabeça para lhe devolver o beijo, tratando de obrigar-se a sentir. Ela amava ao Richard! É obvio que o amava!

Isso mesmo acreditou o homem que cavalgava perto do lugar ao vê-los beijar-se. A fúria se apoderou dele.

-Te controle -disse Naki com calma, lhe agarrando do braço com uma mão forte e firme-. Esse não é o modo.

-Você não é a pessoa mas adequada para recomendar moderação - disse Thorn, soltando-se da mão com violência.

-OH, a moderação e a cortesia formam uma boa combinação para minha gente -disse o apache-. Um dia lhes expulsaremos de nossas terras como os mexicanos estão decididos a fazer com os amos espanhóis nesta revolução que iniciaram. Com a diferença de que nós o faremos legalmente. E lhes venceremos utilizando suas próprias armas.

-Desejo-te boa sorte.

-As mulheres são vaidosas - disse o índio, observando como Trilby se separava do homem-. Este lugar não é para ela.

-Seria-o se tratasse de adaptar-se -replicou Thorn, com os dentes apertados. Com o chapéu de aba larga cansada sobre seu rosto magro, oferecia um aspecto ameaçador-. Maldito seja esse dandi do Este! Por que teve que aparecer agora? Nem sequer é um homem! Meu Deus, vomitou ao ver como marcavam ao gado!

Naki deixou escapar uma risada afogada.

-Já me dava conta.

-E também outros. Que vê ela nele?

-O passado -disse Naki sabiamente-. As lembranças que revive com ele. -Agarrou a mão de seu amigo-. Se a quiser, toma-a.

-Essa é sua filosofia, verdade?

Naki se encolheu de ombros.

-Entre minha gente, as mulheres são fortes, independentes e valorosas, muito semelhantes às mulheres mexicanas. burlam-se da debilidade de um homem. Tal seja igual a elas. Poderia demonstrar a debilidade homem loiro e sua força.

-Às vezes me surpreende com sua perspicácia - Thorn, pensativo-. Baixemos e interrompamos é.. emotiva.

Naki dirigiu a vista para o céu.

-Esta a ponto de chover. Não tinha saído com essa mulher fraca de óculos?

Thorn franziu o sobrecenho, perguntando-se como Naki isso sabia. Ele os tinha visto passar na calesa. Naki não se achava perto então.

-Sim, acompanhava-os. Seu irmão menor disse algo de ir procurar restos de cerâmica.. a procurar restos de cerâmica.

-Será melhor que a encontre. As ruínas estão perto de um arroio seco.

-Deu-me a impressão de que a assustou quando lhe apresentaram. Será melhor que eu vá.

-Não. Eu o farei -replicou Naki, com um malévolos olhar-. Levá-la a rancho.

-Não te exceda na diversão.

Naki arqueio as sobrancelhas.

-Como vou divertir me com uma juvenzinha aterrorizada?

-Não me resta dúvida de que o fará. Recorda são hóspedes do Jack Lang e que eu quero conseguir sua água.

-Igual a quer a sua filha, se não me equivocar.

-Vete de aqui - resmungou Thorn.

Naki soltou uma risada afogada, fez girar seu cavalo se afastou em direção às ruínas.

Trilby se tinha afastado do Richard assim que viu aos cavaleiros na distância. Furiosa, deu-se conta imediatamente de quem era.

-Que ocorre?-perguntou Richard, sorrindo. Atribuindo seu reação o acanhamento e isso lhe comoveu. Não resultava tão excitante como Julie, mas sua boca suave era doce, e lhe tinha gostado de beijá-la. Ter a Trilby sob seu feitiço era algo muito adulator para não aproveitá-lo.

-Ali esta Thorn Vance com um de seus homens; acredito que se trata do apache -disse Trilby, nervosa.

Richard olhou para o montículo aonde se achavam homens. Nesse momento o índio para girar seu cavalo e se afastava. Vance começou a avançar para eles, comodamente instalado na arreios, como qualquer dos vaqueiros. Ao Richard irritou a maneira em que os olhou o homem, tão condenadamente arrogante e seguro de si mesmo, quando se deteve junto à calesa.

-Bons dias -disse Thorn, tocando a aba do chapéu a modo de saudação-. Têm problemas com o cavalo, ou se perderam,

Trilby se ruborizou.

-Nem um, nem o outro. Somente nos paramos para falar - respondeu, com voz afogada.

O olhar do Thorn a turvava, pois lhe trazia vividas lembranças da festa e a sensação do forte corpo do homem contra a sua enquanto sua boca explorava a sua. Beijar ao Thorn tinha representado uma experiência explosiva, enquanto que a mesma carícia com o Richard tinha resultado estranhamente insatisfatória.

-Sem dúvida você terá algo melhor que fazer - interveio Richard, lhe dirigindo um olhar irado. Thorn se torno para trás o chapéu.

-OH, claro que sim - acordou Thorn, divertido -. Mas ameaça chuva e existe o perigo de uma enchente repentina. Aconselho-lhes que retornem a casa enquanto possam.

De repente Trilby recordou a sua amiga.

-Sissy! Deixei-a nas ruínas!

-Naki foi a recolhê-la - disse Thorn -. Estará a salvo.

-O apache? -Trilby estava horrorizada-. Levará um susto de morte! Esse homem a aterroriza!

-Será melhor que vá acostumando-se a ele – Replicou Thorn-. Ainda quer ir acampar conosco - perguntou ao Richard.

O jovem se animou.

-Claro que sim. É aborrecidíssimo permanecer todo o dia em casa.

-Esta seguro de que gosta de caçar? -inquiriu Thorn, aludindo veladamente ao estomago

revolto do homem quando marcavam as cabeças de gado.

Richard avermelhou.

-Há uma diferença substancial entre caçar e atormentar ao gado.

-O roubo de gado é algo habitual aqui, filho - disse Thorn, condescendente-. Gado que não se marca, gado que se perde.

-Estou convencida de que Richard sabe, senhor Vance - interveio Trilby, sarcástica.

Thorn a olhou, inclinando-se sobre a sela de suas arreios, e em seus olhos escuros cintilavam vestígios de desejo. Logo sob a vista até a tenra boca da moça, onde se atrasou tanto tempo que Trilby sentiu que lhe acelerava o pulso. Ela começou a manusear as rédeas com nervosismo, temendo que Richard advertisse o interesse do Thorn.

É obvio, Richard se tinha precavido. Sentia saudades que a aquele homem atraísse Trilby, sobre tudo quando não lhe correspondia. Deslizando um braço possessivo sobre os ombros da moça, aproximou-a para se.

-Quando iremos de caça? -pergunto Richard ao Thorn.

Vance se ergueu nos arreios, e sua fascinação pela boca da Trilby se converteu em franco aborrecimento pelo dandi sentado tão perto dela.

-Em dois ou três dias -respondeu-. Devo ultimar os preparativos com o Jack Lang e dispor o fornecimento de algumas provisões. Você tem seus próprios rifles?

-Sim, é obvio -respondeu Richard-. Nunca viajo sem minha equipamentos de caça e acampada.

-Naturalmente.

-Sinto que tenha tanta pressa por causa da chuva, senhor Vance - disse Trilby, de maneira intencionada.

-É esse o motivo pelo que tenho pressa? -pergunto ele -. Muito bem. Suponho que assim seja. Vão com cuidado e procurem não ficar entupidos em nenhum terreno baixo do caminho. Poderia ser fatal. Se o desejarem, ofereço-me a escoltá-los.

-Somos capazes de chegar sozinhos a casa - falou ela-. -Esta seguro de que o vaqueiro índio se ocupasse da Sissy?

-Estou seguro -tranqüilizou-a ele.

Richard franziu o sobrecenho.

-Espero que você mesmo se ocupe da Sissy -disse ao Thorn-. Eu não gosto da idéia de que minha irmã este só com um índio.

-Sua irmã estará perfeitamente segura, o asseguro.

Richard interpretou que isso significava que Thorn se encarregaria de sua irmã e se relaxou.

-Muito bem então. Bom dia. -Richard atirou bruscamente das rédeas, urgindo ao cavalo a sair ao trote.

Thorn os observe divertido e agradado.

-Sua conduta resulta irritante, não é certo? -disse Richard quando retirou o braço dos ombros da Trilby e se estirou perezosamente-. Entretanto, será agradável pô-lo em um aperto quando formos de caça. Toma. -Entregou-lhe as rédeas-. Conduz um momento. Estou esgotado. Trata de evitar os buracos.

Ele se recostou contra o respaldo do assento, cruzou os braços e fechou os olhos. Trilby esteve a ponto de começar a gritar. Somente então se deu conta de que Richard lhe tinha dedicado seus cuidados para chatear ao Thorn. Seu interesse tinha sido fingido. Sentiu vontade de chorar.

Enquanto avançavam pelo caminho em direção ao rancho, as nuvens foram aproximando-se. Trilby confiava em que Sissy a perdoasse.

CAPÍTULO 9

À medida que transcorriam os minutos, Sissy ficava mas nervosa. Ouviam-se trovões na distância, e Trilby inclusive não tinha retornado. Recordou a aterradora história que sua amiga lhe tinha contado sobre a enchente que tinha causado a morte a várias pessoas uns meses atrás. Apertou com força os braços em torno de seu corpo, sem soltar as valiosas partes de cerâmica que tinha envolto no lenço. Esperava que sua paixão pelo passado não fosse sua perdição.

O som dos cascos de um cavalo a distraiu. Sentiu saudades que não se tratasse do habitual ruído metálico que se ouvia quando se aproximavam os cavalos do senhor Lang. O coração começou a lhe pulsar com violência. Recordou que os apaches estavam acostumados a montar cavalos sem ferrar.

Nesse momento o alto apache a quem o senhor Vance tinha chamado Naki apareceu à vista por cima da crista da colina. Logo não podia acreditá-lo! O coração lhe deu um tombo quando observou, com olhos exagerados, sua majestosa silhueta, que se recortava contra as nuvens. Decidiu não lhe demonstrar seu interesse.

O apache se dirigiu para o lugar em que se encontrava Sissy e deteve o cavalo para olhá-la fixamente por cima de seu arrogante nariz. Esta vez não sorria de maneira ameaçadora. Seus olhos escuros não revelaram nada enquanto constataavam o aprumo e a serenidade da garota. Seu comportamento distava muito do que havia exibido quando se conheceram.

Naki pensou que a moça era realmente magra e muito pálida. Mas mesmo que tivesse medo dele e o ocultasse, não tinha posto-se a correr. Isso lhe intrigava.

-Chuva - disse ele, assinalando para o horizonte e logo ao arroio seco correndo-. Mulher branca ser arrastada pelo arroio quando chegar a Chuva -acrescentou, impassível.

Ela elevou a vista para olhá-lo, e um brilho malévolo cintilou em seus olhos verdes. Estava segura de que esse homem possuía qualidades que não mostrava. Era muito bonito, pensou; a classe de homem que nunca se fixaria em uma garota feia como ela. Suspirou ao dar-se conta de que sua falta de atrativo representava uma desvantagem tanto no Este como no Arizona. « Nada muda -pensou-, exceto o lugar em que é desventurada.»

-Não tem que me olhar como se a perspectiva de meu iminente desaparecimento lhe resultasse tão agradável - disse ela com tom zombador.

Naki arqueio as sobrancelhas.

-Talvez afundar-se como uma pedra com essas roupas. - Ele assinalou a larga e grossa saia da Sissy.

O sarcasmo do apache a sacou de suas casinhas.

-Talvez você caia de seu alto cavalo e rompa seu arrogante pescoço -replicou ela, imitando sua forma de falar.

Ele riu entre dentes e cruzou os pulsos sobre a sela dos arreios, inclinando-se para examiná-la. A jovem gostava. Não recordava haver sentido algo assim por uma mulher da morte da Conchita. Sua esposa tinha sido formosa, e essa mulher não o era. Contudo, havia algo nela que lhe atraía.

-Muitas serpentes de cascavel aqui.

-Lamento frustrar suas expectativas, mas as serpentes de cascavel não me assustam. Também abundam no Este e são maiores que as que vi até agora no Arizona. Eu adoraria conversar com você, querido amigo, mas eu não gostaria de morrer afogada aqui. Minha amiga virá logo a me recolher.

-Não logo. -Naki sacudiu a cabeça-. Muito ocupada beijando homem branco em calesa.

-OH, maldita seja! -exclamou ela, preocupada-. Esquecesse-se por mim e me afogar!

-Injun salvar mulher branca. Eu tirar você daqui.

Ela o Olhou receosa. Isso não parecia real. Ela sabia a ciência certa que, embora pelo geral os apaches se adaptaram à época moderna, alguns dos que viviam em Sierra Madre se dedicavam a saquear os povoados mexicanos. Se o estava burlando-se dela -e Sissy suspeitava que assim era-, tinha chegado o momento de lhe mostrar sua verdadeira personalidade.

-Um corno -disse a jovem, enérgica-. Não permitirei que me leve a sua cabana e me obrigue a mastigar seus mocasins. Não esqueci que você perguntou ao senhor Vance quantos cavalos pedia meu irmão por mim. Não iria com você nem até a rocha mas próxima!

Os olhos escuros do homem cintilaram.

-Pimiento o Chile -murmuro.

-Pimiento o Chile picante - acordou ela -. Tome cuidado de não queimar-se, pele-vermelha.

Já estava bem de subterfúgios. Não lhe importava tirar o chapéu ante essa moça procedente do Este.

-Você é um adversário interessante, senhorita Bate -replicou em perfeito inglês-. Podemos discutir suas horrorosas metáforas mas tarde. Eu não gosto do aspecto dessa nuvem. Suba antes de que nos afoguemos os dois aqui.

Ela arqueio as sobrancelhas quando se deu conta de que sua intuição sobre o homem era acertada. Riu e apertou os lábios.

-É o sol -disse ela-. estive muito tempo aqui. Você é muito brincalhão, né?

-Considerou que a possibilidade de morrer afogados não é para brincar a respeito -replicou o com calma, aproximando mas o cavalo a Sissy para lhe estender a mão-. Vamos. Não temos muito tempo. As distâncias são enganosas aqui, e as crescidas podem te alcançar antes de que te dê conta. Dois amigos do Vance pereceram na enchente do verão, e isso que conheciam o terreno.

-Fala inglês bastante bem -disse ela, timidamente.

-Falo inglês, espanhol e latim. Inclusive algo de grego. Mas no momento basta com o inglês.

O ruído de trovões ao longe a impulsou a atuar. Agarrou a mão do Naki e se encontrou elevada até os arreios para ficar sentada diante dele. A força do apache a fascinou, pois acostumava relacionar-se com intelectuais, não com homens de ação. Ele controlou expertamente ao nervoso cavalo com a pressão de seus joelhos enquanto a acomodava contra ele e empreendia a volta ao rancho dos Lang. O homem cheirava a vento, pinheiro pioneiro e deserto. Não estava sujo absolutamente, embora um pouco de pó amarelo se aderiu a suas roupas, igual as dela.

-Por que? -perguntou Sissy, olhando fixamente o belo rosto bronzeado, que se achava muito perto como para não inquietá-la.

-Por que a enganei? - ele sorriu com leve altivez-. Desfruto me burlando da imagem que a maioria de vocês, os brancos, têm do selvagem pobre e ignorante.

Ela avermelhou.

-Já.

-Suponho que nunca lhe ocorre pensar a nenhum de vocês que grandes civilizações habitavam este país quando seus antepassados europeus se dedicavam a golpeá-la cabeça uns aos outros com paus.

-Os hohokam eram muito civilizados -acordou ela-. Sua sociedade se estruturava em torno da coabitação pacífica e a idéia de compartilhar, e seus ritos de purificação para matar a um inimigo duravam tanto que logo que foram capazes de ir à guerra.

-Você é uma mulher instruída -observou ele, sorrindo assombrado e agradado. Sob o olhar até ela quando o cavalo afrouxou o passou nos sulcos do caminho-. Sei. Os hohokam viveram aqui talvez milhares de anos atrás. Regavam a terra e a cultivavam, construíram cidades; eram inteligentes e pacíficos.

- Seus antepassados não... ? -Naki prorrompeu em gargalhadas.

-Não -exclamou ela, temendo lhe haver ofendido-. Não quis dizer isso. Queria perguntar se não foram eles os antepassados do apache.

-Ninguém sabe. Os arqueólogos supõem que talvez fossem os antepassados dos pima e os papago –comentou ele-. Sabe que significa a palavra -índio apache-?

-Não.

-É uma palavra zuni que significa «inimigo».

-Como se denominam os apaches a se mesmos?

-O povo.

-Recentemente conheci uma garota cherokee no Este -disse Sissy, excitada-. Explicou-me que a palavra cherokee que os designa a eles mesmos quer dizer povo principal>.

-Sioux também significa – povo -. A maioria dos índios se referem a se mesmos desse modo. Por que se preocupou por aprender tanto sobre nós se nos tem medo?

-Não tenho medo. O dia que lhe conheci estava me burlando de sua imagem das mulheres brancas -brincou ela-. Os apaches raptam às mulheres...

Ele a observou e apertou os lábios.

-Assim é -disse Naki, divertido. Baixou a vista no sutiã da moça-. E imagina o que lhes fazemos. OH, OH.

Ela se ruborizou um pouco e lhe lançou um olhar furioso.

-Senhor Naki...

-Meu nome é Dois Punhos em minha língua -interrompeu ele, corrigindo-a-. Não lhe parece que os índios são muito precisos quanto aos nomes?

-Agradeceria-lhe que deixasse de me olhar desse modo...

-Esta muito bonita quando se ruboriza –afirmou ele-. Não violo às mulheres brancas, senhorita Bate. Em realidade, prefiro as de pele escura e mas bonitas. Por não mencionar que o que você está pensando é impossível no lombo de um cavalo.

O rosto da Sissy se acendeu até mas.

-Eu não estava pensando nada!

-Suponho que deveria me desculpar por fazer um comentário indecente como esse, mas já sabe como somos os selvagens.

-Atrevidos, injuriosos...

-Inclusive assim se alude a nós nos livros -disse ele, passando por cima seus adjetivos-. - Nobres selvagens», como se carecêssemos de cérebro.

Ela se pôs a rir.

-Como aprendeu a falar tantos idiomas? -pergunto ela, para trocar de tema.

-Os padres me ocultaram quando o governo dos Estados Unidos trasladou a Florida a toda a tribo do Jerónimo depois de sua rendição. Finalmente, instalaram-nos em Forte Skill, no Oklahoma, mas eu ansiava permanecer aqui, em minhas montanhas. Os padres descobriram que tinha boa disposição para aprender e me ensinaram.

-E seus pais?

-Minha mãe morreu quando eu nasci. A meu pai o mataram ao tratar de escapar da cavalaria quando nos sitiaram - respondeu, com amargura.

-Lamento-o...

-Vocês, os brancos, sempre dizem o mesmo -disse Naki ao evocar os episódios mas dolorosos de seu passado. Logo, com a vista perdida, acrescentou -- Roubaram-nos o que possuíamos, assassinaram aos nossos e nos escravizaram. Aniquilaram virtualmente à tribo índia apache chiricahua. Eu compartilho mais afinidades com os camponeses mexicanos que com os brancos, senhorita Bate. Se que significa pertencer a um rato oprimido sem possibilidade de rebelar-se.

-Seu povo combateu, igual aos mexicanos lutam agora -alego ela.

-Talvez os mexicanos ganhem. São muitos e sua causa é justa -disse com ardor-. Meu povo,

em troca, era pouco numeroso e se achava esparso. E sabe que nos separa dos brancos, senhorita? Sabe em que se diferencia sua gente da minha? Na cobiça. O homem branco ambiciona possuir ou controlar quanto lhe rodeia, enquanto o apache só deseja viver em paz com o mundo e sua gente. A cobiça nos é tão alheia como a honra o é à maioria dos brancos.

As palavras do homem impactaram a Sissy. Tinha sido uma manhã de muitas revelações, mas essa era inesperada. Naki era mas culto que ela e provavelmente mas inteligente. Que terrível ter uma mente assim e ser tratado como um macaco!

-Deve resultar doloroso que as pessoas o julgue de maneira tão errônea -disse ela ao cabo de um momento.

O homem cravou o olhar nos olhos serenos e doces da moça.

-Thorn disse que eu a assustava. Não queria que viesse a procurá-la.

-Não me assusta absolutamente -apressou-se a negar ela, causa pena-. Você não é o único que sabe representar um papel. Estaria disposto a me dar lições sobre sua cultura? -perguntou.

Ele soltou uma risada afogada e fria quando se aproximaram do rancho dos Lang.

-Poderia me persuadir.

-Por que lhe chamam Dois Punhos? -interessou-se Sissy.

O tiro das rédeas do cavalo e a olhou a ela.

-Quando a cavalaria veio por nós, eu ataquei a um dos soldados com ambos os punhos.

-OH.

-Tinha cinco anos -murmurou ele, sorrindo -. Os padres suplicaram ao oficial a quem golpeia que não me castigasse e me permitisse ir com eles. Nunca o esquecerei. Era um medico. Na atualidade esta destinado em Forte Huachuca e me visita de tanto em tanto.

-Deve ser um homem bondoso.

-Certamente, mostrou uma grande bondade, pois os apaches tinham assassinado a sua esposa e seu filho pequeno no mês anterior.

-Sem dúvida é um homem especial.

-Sim. produziram-se muitas mortes em ambos os bandos como para que as relações entre minha gente e a sua sejam fáceis.

-Suponho que assim é. -Ela elevou a mão para a larga e abundante cabeleira negra do homem. Logo começou a retirá-la, mas de repente cedeu ao impulso de tocar as murchas mechas-. É a primeira vez que vejo um homem com cabelo comprido.

O contato dos dedos da moça resultou surpreendentemente perturbador ao Naki. Agarrou-lhe a mão e a apartou, com olhos frios e esquivos.

-Me perdoe -balbuciou ela, desviando a vista.

O apache se arrependeu de havê-la rechaçado de forma tão brutal. Entretanto não podia permitir que Sissy entrasse em sua vida, já que o branco e o vermelho nunca se mesclavam.

-É melhor evitar as situações impossíveis - disse o com frieza.

Quanda Sissy se deu conta do que essa frase implicava, seu coração começou a pulsar com força. Lenta, muito lentamente, voltou a vista para ele e encontrou em seus olhos o que tinha estado procurando toda sua vida.

-Não -sussurrou ela, em protesto, quando notou que Naki a tocava.

-Não -acordou ele.

Entretanto a mão do homem se desagradou para o grampo que recolhia seu cabelo na nuca. Naki atraiu o corpo da Sissy para se, de modo que seus rostos ficaram tão perto que o mundo se reduziu para a jovem aos olhos dele. Ela tremeu ante o súbito embate de prazer que a alagou. Os dedos do homem se contraíram, e um pouco puramente masculino e triunfador apareceu em seu rosto e seus olhos ante a submissão da Sissy. Mas a prudência lhe aconselhou conter-se.

-Enquanto permaneça aqui, limite sua busca de restos arqueologicos a quão terrenos rodeiam a casa -disse ele, com voz rouca-. Porque este é um vento violento de que não é possível

proteger-se - enfatizou enquanto sua mão reforçava seu domínio-. Entende?

-Acredito que sim.

Sissy se estremeceu ao experimentar uma sensação muito próxima ao prazer. Nunca antes lhe tinha acontecido algo assim.

Ele assentiu e foi soltando lentamente a mão. Seus olhos procuraram os dela.

-Tive uma mulher – explicou ele -. Era uma mexicana jovem, muito formosa. Vivíamos no México, na linha da fronteira. Seu irmão era um dissidente que odiava ao governo e tinha amizade com um homem chamado Branco, que na atualidade é um famoso revolucionário. Um dia um oficial do governo mexicano se apresentou em nossa casa com sua companhia, e o irmão da Conchita, Luis, achava-se ali. Eles lhe perseguiram. Mataram ao Luis e nos acusaram de ser revolucionários. -A dor escureceu seus olhos-. O oficial agarrou a Conchita, e eu me joguei sobre ele. Dois de seus homens me derrubaram. Não é necessário que lhe conte que fizeram a Conchita. Por fortuna, em algum momento desses torturas que lhe infligiram, ela morreu. -O semblante do Naki se endureceu-. Não quero voltar a sentir o que senti por ela. Trabalho para o Thorn Vance e vivo sozinho. E assim seguirei pelo resto de minha vida.

As lágrimas alagaram os olhos da moça, empanando seus óculos. Soluçava por ele e pela mulher que o tinha amado; soluçava por se mesma, por ter a desdita de sentir um pouco de maneira tão repentina por um homem que rechaçava seu afeto. Soluçava pelo mundo.

-Detesto as lágrimas –resmungou ele.

Sissy retirou os óculos e enxugou os olhos com a mão suja de pó.

-OH, eu também -murmurou com voz quebrada-. De maneira que, por favor, nunca chore diante de mim. Me sentirei destroçada se o faz.

Um minuto mas tarde, Naki se encontrou sorrindo apesar da dor que lhe tinha embargado segundos antes. Percorreu com o dedo indicador os rastros das lágrimas nas bochechas da moça e olhou seus olhos úmidos como se a conhecesse profundamente, o que lhe produziu um grande impacto. De algum modo, Naki intuo que Sissy não estava acostumada a chorar, que ela não demonstrava debilidade, dor ou pesar diante de outros.

-Disse que fingiu me temer a primeira vez que nos vimos. Por que? -perguntou Naki de repente.

Ela fez uma careta.

-Os homens não se fixam em mim porque sou feia, fraca e instruída... Queria que você reparasse em mim -respondeu ela, secando os olhos.

E o tinha feito; tinha-a cuidadoso, recordado e desejado. Esquadrinhou o horizonte e divisou a casa e gente no alpendre dianteiro. Ele e Sissy se encontravam fora do caminho, entre as rochas, ocultos à vista. No rancho não demorariam para preocupar-se com sua hóspede e sair a procurá-la. Devia levar a à casa.

-Sinto muito -disse ela, ficando de novo os óculos-. Não deveria ter fingido.

-Eu fiz o mesmo –replicou ele, com tom solene-. Desfrutou com a reação dos brancos quando descobrem que não sou totalmente estúpido.

-As mulheres também são estúpidas, não o sábia? Somente servimos para esfregar chãos e parir. Deus nos deu cérebro, mas o guardamos na despensa para que não se danifique -repôs ela, secamente.

Ele prorrompeu em gargalhadas. Sissy lhe levantava o animo.

-Entendo que tampouco lhe agrada o trato que lhe dispensam.

-Isso é atenuar a realidade, senhor. Quando anunciar que desejava estudar na universidade, a metade dos membros de minha família empalideceu. As garotas decentes não têm que ser instruídas; devem casar-se. -torna-se para trás uma mecha de cabelo que lhe tinha solto do coque-. Quero me informar dos povos antigos que habitaram esta região, saber a que se dedicavam, como era sua cultura. Você não sente curiosidade?

-Sim –replicou ele-. Desejaria saber mas.

-Também você poderia assistir à universidade.

-Um índio na universidade? -Parecia horrorizado.

-Bom, suponho que muitos membros de sua família também empalideceriam.

-Não fica família - disse ele.

-Sinto muito. É bom ter família, mesmo que às vezes nos produza irritação.

-Estou de acordo. Devo levá-la a casa - disse ele, elevando o olhar para o céu-. A chuva é muito perigosa aqui.

-Já me havia isso dito.

Naki riu entre dentes.

-Assim é. -Emprego melhor à moça enquanto o cavalo reemprendia a marcha pelo caminho-. Qual é seu nome de batismo?

-Alexandra. Para minha família sou Sissy porque quando meu irmão Ben era pequeno não sabia pronunciar meu nome e me chamava assim.

-Alexandra. -E sorriu levemente -. Vai bem.

-Você tem nome de batismo?

-Os padres me chamam Ferro, é espanhol. Diziam que tenho uma cabeça dura como o ferro.

-Não posso acreditá-lo.

-O papel de uma mulher é estar de acordo - burlou-se

-Todos os índios são selvagens -replicou ela, em brincadeira.

Ambos sorriram. O cavalo começou a descender a colina rochosa em direção ao rancho. A chuva já começava a cair.

-Não posso acreditar que lhe tenha permitido te trazer para casa desse modo - disse Richard ao Sissy com fria altivez-. ;Um índio pondo as mãos sobre minha irmã!

-Tivesse preferido que me deixasse no deserto para que me arrastasse a enchente? -perguntou Sissy, furiosa.

Ficou atônita ante o ataque de seu irmão na hora do jantar. Nem Mary nem Trilby, quem se encontrava no alpendre quando Naki a levou ao rancho, falaram, embora a primeira se mostrou surpreendida. Os homens, que se achavam ocupados com o gado, inteiraram-se do ocorrido quando retornaram a casa na hora do jantar. A reação do Richard foi imediata.

-A falta de respeito... -começou a dizer, exasperado.

-Estou de acordo -interveio Jack Lang-. Falar com o Thorn sobre esse homem.

-Por que não falar com o diretamente? -interpelou-lhe Sissy-. Não é um selvagem ignorante. Richard se burlou.

-Nem sequer entende a inglês.

-Fala três idiomas -repôs Sissy, cortante-, entre eles, a inglês. É muito mas culto que você, querido irmão, e menos esnobe.

Sissy se levantou da mesa, resolvendo a discussão. Enquanto se afastava, ouvia o Jack Lang e seu irmão, que continuavam deplorando a conduta do Naki. A voz cantarina da Julie se uniu a dos homens para lamentar o extravagante comportamento da Sissy. A moça pensou que Julie não desperdiçaria a ocasião para criticá-la e apoiar ao Richard.

Se Sissy tinha crêdulo em que depois da noite todos esqueceriam sua aventura, deve ter sentido-se decepcionada à manhã seguinte. Richard e Jack reataram a discussão sobre o incidente durante o café da manhã, e Sissy foi repreendida e criticada.

-Homens! -exclamou Sissy, carancuda, quando uma Trilby fascinada se reuniu com ela no salão depois de ter recolhido os pratos.

-Ontem disse que Naki fala vários idiomas - recordou Trilby, curiosa.

-Assim é. Foi educado por padres. É um homem muito interessante -afirmou Sissy com certa vacilação e se ruborizou.

Trilby não sabia que dizer. O comportamento da Sissy tinha escandalizado ao Richard, aos pais da Trilby, e inclusive a esta. Embora Sissy era sua melhor amiga, sabia que seu irmão tinha razão em relação à impossibilidade de qualquer relação entre uma mulher branca e um homem de outra raça.

-Sissy, ele é índio - disse Trilby -. Apesar de sua educação, pertencer a outra raça.

-Por favor, você não -protestou Sissy, com tristeza. Sentou-se, enfasiada, no sofá-. Ben é o único que não censura minha conduta. Ele é muito jovem, claro. Ao que parece terei que enfrentar a todo mundo, incluída minha melhor amiga, se quero seguir vendo o Naki.

-Não; não terá que fazê-lo -apressou-se a dizer Trilby, sentindo que a lealdade para sua amiga vencia à desaprovação-. Lamento-o.

-Naki disse que te viu beijar ao Richard -murmurou

Depois de titubear Trilby assentiu.

-Sim, mas não resulta como esperava -disse involuntariamente.

-Estas apaixonada por ele. Sem dúvida foi como você queria que fosse.

-Não, absolutamente. -Trilby se sentou junto a sua amiga e entrelaçou as mãos no regaço-. Não o entendo.

-Tampouco eu, a menos que tenham sentido as alusões da Julie a seu tosco vizinho. Thorn Vance é muito atrativo, Trilby, e não lhe olha como a maioria dos homens olham a suas vizinhas.

Trilby se ruborizou.

-Bom, tivemos um mau começo. ele supunha que eu era o que não sou e me tratava de um modo nada cavalheiresco.

- Como?

Trilby elevou o olhar e voltou a baixá-la.

-Ele é... muito experiente. Conheci uma faceta dele que não deveria ter conhecido. Agora esta arrependido, mas eu já não confiou nele. -Fez uma careta-. Sissy, amei ao Richard durante anos. Entretanto, quando me beijou, não senti nada!

Sissy lhe agarrou a mão e a apertou entre as suas.

-E senti algo quando te beijo o bonito senhor Vance?

-Sim. - cobriu-se o rosto com as mãos-. Estou tão envergonhada. Sentir... isso... por um rufião!

-Como acredita que me sinto eu? Atrai-me um selvagem pele-vermelha.

Trilby fez um gesto de impotência.

-E eu não te ajudei absolutamente. Estou... -Vacilou e olhou fixamente a Sissy-. Mas eu acreditava que te aterrorizaria!

-Sempre quis ser atriz -replicou Sissy, malévola-. Ele me resultava muito atrativo, e eu queria que se fixasse em mim. Agora não estou segura de ter agido bem. Naki não é absolutamente o que eu supunha.

-Suspeito que isso mesmo acontece contigo.

-Trilby!

Esta se levantou quando seu pai entrou no salão.

-Ponha o chapéu e a jaqueta, por favor -disse Jack com arrogância-. Visitaremos o Thorn Vance. Tenho que me assegurar de que se ocupasse deste problema. Sissy, devo te pedir que nos acompanhe.

-Mas... -começou a protestar Sissy.

-Por favor, faz o que te peço -disse Jack Lang, cortante-. Deverei substituir a seu irmão, posto que conheço melhor ao senhor Vance.

Isso significava, pensou Trilby com perversidade, que ao Richard não gostava da idéia de que o senhor Vance lhe rompesse os dentes por pôr em tecido de julgamento de seu empregado.

-Não me perderia isso por nada do mundo -murmurou Trilby, sorrindo a Sissy enquanto recolhia suas coisas.

Thorn ficou olhando a seus visitantes com a boca aberta.

-Que quer que faça?

-Despedir esse índio apache rufião, é obvio -disse Jack Lang, ameaçador-. Realmente, considero intolerável o trato que dispensou a minha convidada, mesmo que utilize um vocabulário próprio de um erudito de Oxford.

-Não me trato mau, senhor Lang - protesto Sissy-. Por que não me escuta? Me salvou de uma enchente! -voltou-se para o Thorn, exasperada-. Senhor Vance, pode fazer ele compreender você? Seu empregado não me ofendeu.

-Sim o fez, querida - contradisse Jack-. O simples fato de que um selvagem como esse te tocasse...

-Posto que ao parecer sou a causa deste alvoroço, talvez deveria participar da discussão.

Naki cruzou a porta muito sereno. Thorn lhe tinha avisado depois de que Jack Lang tivesse telefonado para anunciar sua visita.

Naki parecia taciturno. Vestia suas características roupas índias apaches, e sua larga cabeleira negra lhe caía sobre os largos ombros. Dedicou um sorriso a Sissy, que a devolveu.

-Digo eu... -vacilou Jack Lang.

Naki era alto e forte e Jack era muito consciente de suas próprias limitações físicas. O índio se aproximou mas dele.

-Senhor Lang, você me considera indesejável. Posso saber o motivo? -perguntou com calma.

O rosto do Jack avermelhou.

-É você muito direto.

-Opino que isso economiza discussões -replicou Naki. Não desviou o olhar nem retrocedeu um centímetro. Sua atitude parecia mas beligerante que a do Jack-. Quero saber por que censura que acompanhasse à senhorita Bate a casa.

-Não... não se trata disso -hesitou Jack-. É obvio que agradecemos sua intervenção.

-Mas tivesse preferido que a salvasse um homem branco. Por desgraça, nesse momento não havia nenhum.

Jack teve a discrição de baixar a vista. Esse homem era tão educado como Sissy tinha afirmado, e Jack se sentia como um canalha.

-Não me surpreendem esses prejuízos nos habitantes do Arizona, senhor Lang -replicou Naki-. Entretanto, não os esperava das pessoas do Este, que supunha mas refinada e melhor educada que os colonos rurais.

Jack fez uma careta quando seu olhar se encontrou com a do apache.

-Os prejuízos não sempre têm o mesmo destinatário, senhor.

-Certo; no Este se menospreza às pessoas de pele negra, não vermelha, não é assim? -perguntou Naki, glacial-. Um povo que, em sua terra natal, foi guerreiro.

-Apresenta os feitos de um modo incomum.

-Antes de que chegassem os espanhóis, os astecas e os maias habitavam o México -contínuo Naki-. Eram raças orgulhosas e inteligentes, com seus próprios sistemas de governo, culto religioso e estrutura econômica. Corte e os espanhóis destruíram essas culturas porque consideravam os astecas e os maias <<selvagens,. Agora é a gente civilizada, os mesmos conquistadores espanhol, quem arrebatava a terra aos peões para entregá-la a ricos latifundiários estrangeiros, escravizando aos nativos, que trabalham até morrer. É este um comportamento civilizado?

Jack pigarreou.

-Senhor, você tem uma estranha maneira de interpretar a realidade.

-Possuo uma visão eqüitativa e carente de prejuízos do mundo que me rodeia -replicou Naki-. Apóio minha opinião sobre outros em suas qualidades morais, não na cor de sua pele.

-Naki passa os verões guiando ao Craig McColluin pelo deserto -explicou Thorn-. Como vêem, esta muito bem informado. -Seus olhos escuros resplandeceram-. E aqui não consideramos uma

ofensa salvar a vida de alguém.

-Acredito que incumbe a meu dizer se foi uma ofensa - interveio Sissy-. E lhe asseguro que não foi. Este cavalheiro me salvou a vida. Como pode condená-lo por isso? -perguntou ao Jack-. Se se tivesse tratado da Trilby, haveria preferido que morresse arrastada pela enchente a que aceitasse a ajuda de um homem cuja pele é de uma cor diferente a dela?

Apresentados os feitos desse modo, Jack não conseguiu encontrar nenhum argumento e se adveio a razões.

-Devo admitir que a vida de minha filha estaria por cima de meus prejuízos -concedeu Jack-. Mas seu irmão...

-Meu irmão é um esnobe fátuo e afetado -disse Sissy friamente, ignorando o olhar da Trilby-. Ao igual a seus conterraneos, sua postura ante o mundo é muito intransigente.

Jack se esclareçou a garganta enquanto Trilby se ruborizava; os olhos do Thorn começaram a resplandecer, divertidos.

-Desculpo-me por meu comportamento -disse Jack ao Thorn e, dirigindo-se ao Naki, acrescentou com relutância-: Agradeço-lhe o que fez.

-De nada -disse Naki em espanhol-. Acredito que valeu a pena me arriscar a sofrer o desdém de minha gente por salvar uma vida.

-Perdão?

-A meu povo repugnam os brancos, senhor Lang -sentiu prazer em explicar Naki-. Por isso desaprovasse meu contato com uma mulher branca, seja qual seja a razão

- Que rabugice! -exclamou Jack, sem fôlego.

Naki riu brandamente. Ao cabo de um minuto, o homem do Este captou a analogia e um sorriso apareceu em seus lábios.

-Sim, compreendo que quer dizer - disse Jack.

-Me permita que a acompanhe - ofereceu-se Thorn a Trilby.

Agarrou o braço da moça, e a proximidade do homem ativo uma leve reação no corpo da Trilby. Resultava incrível que Richard, a quem ela amava, não lhe provocasse essas sensações, a não ser um indivíduo a quem detestava. Ou não o detestava?

-Salvação milagrosa, investigadora branca - disse Naki a Sissy em voz baixa.

-Não foi minha idéia vir aqui.

- Eu sei.

Ela examinou ao homem com avidez, procurando seus olhos escuros.

-Já acordamos que dadas as circunstâncias, seria desastroso tentar cercar amizade.

-Muito desastroso -concedeu ela.

-Muita oposição. - ele assentiu, e Sissy sorriu, pensativa e melancólica-.

-Odeio que digam a quem posso escolher por amigo.

Ele lhe devolveu o sorriso.

-Eu também.

Foi como ver aparecer o sol detrás de uma nuvem. O sorriso do Naki animou a jovem, cuja alegria se refletiu no brilho que iluminou seus olhos verdes.

Ele desejava da Sissy algo mas que uma simples amizade, mas isso era tudo que poderia obter. O apache o sabia, mas ela parecia não ser consciente disso.

-Não ficarão fácil -disse ele, assinalando aos demais, que se encaminhavam para o carro.

Ela o olhou.

-Não me importa -declarou com voz rouca, sem dar-se conta do que estava dizendo até que foi muito tarde.

Os olhos do homem cintilaram de emoção. A mandíbula lhe endureceu quando reconheceu o sentimento que lhe embargava, enquanto apertava os punhos aos lados do corpo.

-Sissy! -chamo Trilby de uma maneira brusca.

Sissy avançou rapidamente diante do Naki. Parecia perturbada, por isso Trilby se colocou a seu lado enquanto se despediam. Não sabia se Thorn se deu conta da corrente subterrânea que se estabeleceu entre seu empregado e Sissy até que o lançou um rápido primeiro olhar ao Naki e logo a sua amiga antes de encontrar os olhos inquietos da Trilby.

-Não se preocupe -sussurro-lhe-. Eu me ocuparei do assunto.

-Não o entende - disse ela em seguida, procurando que não a ouvissem, enquanto Sissy solicitava a ajuda do Jack para subir ao carro.

-Sei que o entender -replico Thorn-. Não é nada.

Curiosamente, essas palavras a serenaram. Ele tomou a mão e a elevou até sua boca para lhe beijar com ânsia a palma cálida e úmida. A moça se ruborizou e Vance lhe sustentou o olhar durante um momento prolongado e tenso.

-Sei exatamente como se sente Naki -murmurou Thorn ardentemente, com olhos tão turbulentos como os do apache para uns instantes.

Subitamente Thorn lhe soltou a mão, conduziu-a até o carro e a ajudou a subir, com rosto pétreo e sem pronunciar uma palavra. Durante o caminho de volta à casa, Trilby não ouviu nada do que se falou. Ainda sentia um formigamento na palma da mão.

CAPÍTULO 10

Lisa Morris se deslocava entre a vigília e o sonho. Sorriu ao recordar o balanço do pátio traseiro de sua casa quando era pequena. Seu pai se achava fora, de manobras, e ela e sua mãe se transladaram à casa de sua avó materna em Maryland. Era uma enorme casa vitoriana que tinha um grande pátio, onde um balanço pendurava dos ramos das árvores.

-Eu gosto tanto me balançar -murmurou.

-Com que esta diabos sohando - ouviu que dizia uma voz desgostada, sarcástica.

Ela se obrigou a abrir os olhos. Um homem alto, vestido com uniforme de oficial e com a jaqueta desabotoada, inclinava-se sobre ela, e sua espessa cabeleira negra caía, desgrehada, sobre sua ampla frente. Aquele rude rosto masculino sem barbear, não era belo, e os lábios pareciam fixos em um rictus depreciativo. A enorme mão do militar sustentava uma seringa que parecia recém utilizada.

-Capitão Powell? -perguntou ela, com voz apagada.

-Ele mesmo - respondeu o homem. Deixou a seringa sobre uma mesinha. Seus olhos injetados em sangue se olharam nos da mulher-. Como se sente?

-Dolorida.

Ao mover-se, uma careta de dor contraiu o rosto da Lisa. Logo, ao dar-se conta de que estava nua sob o lençol que a cobria, ruborizou-se, horrorizada.

-OH, pelo amor de Deus, sou medico - disse ele, com frieza-. Realmente acredita que a minha idade o corpo de uma mulher entranha algum mistério?

Ela tragou saliva e se atou ao lençol ao corpo. Estava atordoada pelos medicamentos e sentia uma dor aguda no quadril e o lembrou da queimadura, mas até ficava um pouco de pudor.

-Depois de todo você é um homem -disse, tratando de justificar sua confusão.

-E você é uma mulher casada -acrescentou ele -. Mas até, uma mulher casada que perdeu um filho.

O semblante da Lisa se escureceu. Quando ela perdeu o bebe, o doutor permaneceu toda a noite junto a sua cama, lhe sustentando a mão e lhe falando com uma voz doce que absolutamente se parecia com a desse homem cínico que agora lhe atendia. Mas tarde se inteirou que essa noite David tinha estado em Douglas com a Selina.

-Você se achava comigo - disse ela, sonolenta, e sorriu- O agradeço?

-Sou médico -recordou ele-. É meu trabalho.

Lisa pensou de repente que ele se esforçava por ocultar seus sentimentos de ternura ou compaixão, fazendo todo o possível por aterrorizar a quem rodeava. Entretanto, baixo dessa falaciosa aparência desagradável se ocultava um homem sensível.

A mulher se recostou contra o travesseiro, suspirando tremente. O cabelo solto lhe caía sobre os brancos ombros. Apesar de sua palidez e as orelhas o doutor a achava formosa.

-Ele não lhe deixou nenhuma marca, exceto a da bochecha - disse Todd inesperadamente.

Lisa levou uma mão à bochecha arroxeadas.

-Nunca antes me tinha batido.

-Não referia a isso, embora de todas maneiras o desprezo pelo que tem feito. Queria dizer que você parece intacta -acrescentou, procurando os olhos da mulher.

Lisa cravou a vista na jaqueta e na camiseta de flanela do homem, que desabotoadas, deixavam ao descoberto o espesso pêlo negro de seu peito. Rapidamente apartou o olhar. Essa evidência da masculinidade do médico parecia indecente na estadia, apesar de sua profissão.

-Turvo-a? -perguntou ele, sorrindo. Logo se sentou na cama e a fez voltar o rosto para que se encontrasse com seus olhos zombadores, de um azul brilhante e vivido, que pareciam esquadrihar o interior da mulher-. Não gosta de me olhar, verdade? Sou feio; um rufião em quem uma mulher como você nunca se fixaria, embora não fosse, como é o caso, casada e decente.

Ela conteve a respiração, surpreendida pela franqueza com que ele se expressava.

-Capitão Powell, por favor!

-Seu marido a golpeio -disse ele com aspereza-. Poderia lhe haver matado por isso! Meu Deus, não merece uma mulher como você.

Lisa começava a compreender que ele se preocupava com a difícil situação que ela atravessava. Elevou a vista até o homem com curiosidade.

-Você é muito direto, senhor.

Sim, sou-o. E um pouco bêbado. Bebo para esquecer o que os apaches fizeram a minha esposa e meu filho, senhora Morris. Ataram a um poste e me obrigaram a contemplar.

Ela estendeu uma mão até o rosto do homem e lhe acariciou a bochecha com tímida compaixão.

-Sinto muito -sussurro-. OH, quanto o sinto.

A voz do capitão Powell se quebrou. Apoiou sua bochecha sem barbear contra o peito da mulher coberto pelo lençol e começou a soluçar. Através do tecido, sentia as lágrimas e hesitação só um instante antes de aproximar o rosto do homem ao dela. E de sempre, pensou ela; bebia para aplacar a dor, mas isso não lhe imunizava contra o sofrimento. Quantas vezes lhe assediaria esse tortura sem ter a ninguém com quem compartilhá-lo, a quem contar-lhe Que vida de farsa! Havia alguém no mundo que estivesse livre do sofrimento? A mulher rodeiou a cabeça do homem com seus braços e a embalou contra seu peito, sussurrando doces palavras de consolo.

Um minuto mais tarde, ele elevou a cabeça e se separou dela, com o rosto sereno e ligeiramente sobressaltado. -Compadeci-me tantas vezes de mim mesma -disse ela, com calma-. Envergonho-me por isso, pois tenho muito pouco que lamentar em comparação com você.

Ele se endireitou.

-Bebo muito - disse de repente -. Necessita algo que a ajude a dormir?

-Não, obrigado. A dor não é tão intensa.

Ele assentiu e se dispôs a abandonar a habitação. -Capitão Powell...

O doutor se voltou indeciso, depois de ter perdido o controle uns minutos antes.

-Sim, senhora.

-Por favor, tem uma bata ou algo com que me vestir? - Lisa se ruborizou e subiu a vista.

-Me perdoe. Faz muito tempo que não entrava aqui uma mulher decente. -Foi até a habitação

contígua e apareceu com uma bata branca, muito larga, que deixou sobre a maca-. Você não esta em condições de vestir só.

O rosto da mulher avermelhou ainda mas. -Senhor...

-Doutor.

Ao cabo de um minuto ela aceitou o oferecimento de ajuda. Depois de tudo, ele era um medico, e ela estava muito enjoada e dolorida para arrumar-lhe sozinha.

Powell deslizou um braço pelas costas da Lisa para que se incorporasse. Ela gemeu, porque cada movimento lhe causava dor. O capitão lhe tinha aplicado um unguento nas queimaduras e as havia coberto com uma ligeira vendagem.

-Permaneça sentada enquanto eu lhe ponho a bata.

O homem apartou o lençol. Quando a débil luz do abajur, viu seus seios pequenos, sua expressão mudou. Lisa sentiu que o interesse profissional do capitão cedia passo ao pessoal, e que seu próprio corpo reagia ante o intenso exame de um modo que ela logo entendeu. David nunca a tinha sido cuidadoso. Havia-a possuído com brutalidade, sem amor, e nunca tinha contemplado seu corpo nu. Todd Powell não só a observava mas sim além lhe dizia com os olhos que a encontrava deliciosa.

«Não deveria permitir isto -reprovo-se a mulher-. Somente uma amante consentiria a um homem contemplar sua nudez tão abertamente sem protestar.>>

-Capitão Powell - disse ela, trêmula, cobrindo-os seios com um braço.

Os olhos do oficial procuraram os da mulher.

-Me perdoe, me perdoe -sussurrou -. Eu... -Manipulou desastradamente a bata e ao final conseguiu vesti-la, com seus grandes dedos, torpes e trementes, procedeu a lhe fechar os botões. Depois a recostou e voltou a cobri-la com o lençol-. Doerá-lhe durante vários dias. Se decide retornar ao quartel, seu... seu marido terá que ajudá-la a vestir-se até que esteja totalmente recuperada.

-Não tenho intenção de retornar ao quartel. De todas formas, meu marido não suporta me tocar - disse ela, apertando os dentes, com a vista cravada no teto -. Poderia esperar mas ajuda de um estranho que dele.

Powell contemplou o pálido rosto da mulher durante um comprido momento. -Custa-me imaginar que exista um homem tão cego, senhora, para resistir a tentação de vê-la nua. E se isto é uma indecência, então sou um pecador que necessita salvação.

O medico se voltou e abandonou a sala, cambaleando-se. Lisa o observou antes de que saísse, muda de surpresa. Seu corpo experimentava umas sensações que seu negligente marido nunca tinha sido capaz de despertar nela. Aferrou-se ao bordo da cama e, com os olhos fechados, rezou durante um comprido momento, confessando o prazer que lhe produzia a companhia do doutor Powell e sua necessidade de perdão. Era uma mulher casada, a quem a infidelidade resultava impensável. Mesmo que seu marido se entregou a uma pecaminosa aventura amorosa, ela não era livre de desfrutar de nenhuma relação com outro homem, por muito inocente que fosse; não até que tivesse obtido o divórcio.

O olhar do medico tinha provocado nela uma sensação que nunca antes tinha conhecido. Esperava que pela manhã ele chegasse a pensar que tinha sido um sonho. Talvez com o tempo ela também pudesse convencer-se de que o tinha sido.

O coronel David Morris se achava longe do posto, incumpliando seu dever, nos braços da Selina. Era a primeira noite que passavam juntos, e não seria a ultima, pensou ele. Amava a essa mulher.

O homem se girou na cama, expondo o rosto à luz da lua que penetrava pela janela. Surpreendia-lhe o modo em que se comportou com a Lisa. Deus era testemunha de que sua esposa tinha direito a sentir-se ultrajada pelo trato que o lhe tinha dispensado durante os anos de matrimônio. Casou-se com ela para progredir em sua carreira; tinha-a miserável até ali, a uma vida

para a que não estava preparada; tinha-a deixado grávida e se afastou dela quando perdeu ao bebe e para cúmulo mantinha uma apaixonada aventura amorosa com outra mulher. Quando Lisa lhe anunciou que ia abandonar lhe, ele a golpeou, embora não tinha sido essa sua intenção. Gemeu ao recordá-lo. Não tinha querido que o vestido pegasse fogo e a queimasse.

-Que ocorre? -pergunto Selina, sonolenta.

-Minha esposa vai se divorciar der mim -respondeu ele.

Selina se sentou na cama, repentinamente acordada.

-Divorcia-se de ti? -Seu rosto resplandecia.

-Sim -respondeu ele, com uma risada bronca-. Quando lhe tiverem concedido o divórcio, poderá te casar comigo, se o desejar.

Ela ponho-se a chorar de alegria. Era o sonho de sua vida feito realidade; muito mas do que nunca se atreveu a esperar.

-OH, David, serei tão boa contigo... -sussurrou ela com ardor-, tão boa.

A mulher o atraiu para se e começou a demonstrar-lhe do melhor modo que sabia. O corpo do homem cedeu ao da mulher muito antes que sua mente. Não existia motivo para não conceder o divórcio a Lisa, considerou ele enquanto começava a excitar-se; em realidade, não havia nenhum.

Mas tarde, quando o coronel Morris retornava, ouviu sons que lhe alarmaram. Com grande cautela conduziu o automóvel sob a sombra de algumas árvore de paloverde e desconectou o motor para poder escutar. Pelo geral, preferia cavalgar, pois lhe desgostava o ruído infernal do carro, que além se avariava, com irritante freqüência. Entretanto no dia anterior tinha tido pressa por ver a Selina.

Aguçou o ouvido; cavalos, muitos cavalos. Enquanto observava desde seu esconderijo, uma partida de homens - mexicanos, a julgar por seus grandes chapéus- avançava cautamente para Douglas.

Embora não chegou a reconhecê-los, soube que eram de zona. Havia algo neles que proclamava sua condição de revolucionários, dirigiram-se a realizar tarefas de vigilância. Quando chegasse a Forte Huachuca telefonaria à guarnição de Douglas para informar desse movimento de tropas. Se já estavam atuando em território americano, não demoraria para armar-se a de São Quintín. Por uma vez havia algo de certo nesses rumores que corriam ultimamente sobre contrabando e a formação de uma partida de junta local.

Thorn Vance cavalgou até o rancho dos Lang absorto em seus pensamentos. Pela primeira vez em sua larga amizade não podia conseguir que Naki se justificasse com ele. Sábia que o apache estava fascinado pela hóspede dos Lang, mas não tinha idéia de que medida tomar a respeito. Se os sentimentos de seu amigo se achavam implicados, a situação séria desagradável, sobre tudo dada a opinião do irmão da moça sobre os índios. Ignorava que poderia resultar de uma relação tão desafortunada como aquela e carecia de autoridade para afastar ao Naki da Sissy.

Uma alternativa séria falar com a garota se encontrasse uma oportunidade para fazê-lo. Lhe tinha ocorrido que talvez lhe apresentaria na expedição de caça, de modo que já tinha organizado os preparativos par acampar com os convidados dos Lang nas montanhas

Jack Lang se mostrou resistente. Em troca, pela primeira vez desde sua chegada, Richard manifestou interesse por algo.

-Muito bem! -exclamou, imitando a maneira de gesticular de seu ídolo, Theodore Roosevelt-. Quando partiremos?

-Ao despontar do dia -respondeu Thorn-. Dada a situação mexicana, não quero estar fora depois de que oscurezca, a menos que já tenhamos acampado.

-Perfeito. Mas não nos aproximaremos muito à fronteira, verdade? -inquiriu Richard.

-Não -tranqüilizou-lhe Thorn-. Instalaremos-nos bastante longe.

-Nesse caso, estou disposto. E você, carinho? -disse, brincando, a sua prima Julie, que se

recostava coquetamente contra seu ombro.

-Estou muito ansiosa por ir -respondeu, com voz rouca.

Trilby deveria ter sentido ciúmes. De fato, queria senti-los. Quando seu olhar se encontrou com a do Thorn, estremeceu-se. A moça posou a vista na boca do homem e desejo beijá-lo com um anseio tão inesperadamente ardente que se cravou as unhas nas palmas das mãos. Voltou-se para colocar um guardanapo na mesa e, enquanto ela para, notou o olhar do Thorn fixo em suas costas.

-Levasse a Samantha? -perguntou Mary Lang ao Thorn.

-Não nesta ocasião -respondeu, com voz estranhamente grave-. Ficou com meu primo Curt e sua esposa na cidade.

Silêncio que Samantha tinha rogado lhes acompanhar e que a menina não parecia desfrutar em companhia do Curt e Lou. Por que não o tinha advertido ele antes? Teria que falar com a menina a respeito.

-Será estupendo para a Samantha, embora, é obvio, lhe sentisse falta do pai -disse Mary.

Thorn sabia que a pequena não opinava o mesmo, mas era muito cortes para dizê-lo.

-Passar a lhes recolher com as primeiras luzes do alvorecer --anunciou.

-Thorn, já sabe que também pode usar meu carro, se o necessitar -ofereceu Jack.

-Iremos a cavalo. Temo-me que é o único modo de chegar até ali -repôs Vance-. Se algum de vocês não pode cavalgar...

-Não diga tolices. -Richard riu com ironia-. Ben, Sissy e eu crescemos entre cavalos, e Julie cavalga como uma nativa.

-Bem, mas Trilby não -observou Thorn.

-Aprenderei -replicou ela, cortante.

-Certamente - concedeu ele, observando-a-. Eu lhe ensinarei.

Trilby imaginou como seria sentir as mãos do Thorn sobre seus braços, sobre seu corpo, enquanto ia sentado detrás dela e a sustentava sobre o cavalo. Sufocou-se, e sua mão procurou automaticamente um leque com que começou a abanar-se.

-Eu tentei lhe ensinar - disse Richard, aguilhoado pela atenção que Thorn dispensava a Trilby-. Mas é muito lenta...

-Isso é injusto, Richard - interrompeu Sissy-. Você estava impaciente e lhe gritou. Não é um bom instrutor. Espero que Thorn se mostre mas paciente.

-Tão paciente como é necessário -assegurou ele, e seus olhos reforçaram as palavras, provocando que Trilby se sentisse até mas coibida e se ruborizasse.

Richard, que observava a cena, decidiu frustrar os propósitos do viril senhor Vance. Não desejava que Trilby se apaixonasse por aquele rústico rancheiro. Propôs-se então tratar de impedir que o olhar daquele homem anunciava se realizasse.

-Richard, ficaste-te muito pensativo -murmurou Julie.

-Eu? Pergunto-me por que.

Sob o olhar para sua prima e sorriu; ela quase começou a ronronar. Richard jurou que algum dia teria que fazer algo respeito da excessiva paquera da Julie e comprovar se ela era capaz de cumprir todas as promessas que ele lia em seus olhos.

Partiram pela primeira hora da manhã seguinte, formando uma pequena caravana que avançava pelo caminho poeirento. Trilby se sentia incomoda na sela e tão nervosa que seu cavalo quase se desbocou enquanto outros se diminuía na distância.

-Não deve fazer isso, pequena - disse Thorn amavelmente.

Desmontou e ajudou a Trilby a desembarcar da arreios e a levou em seus braços até seu próprio cavalo enquanto ela se aferrava a ele, sem advertir a leve curiosidade que aparecia nos

olhos dos homens do Thorn quando passaram junto a eles.

-Que... que esta fazendo? -balbucio ela.

-Viajasse em minhas sela diante de mim. Não se mova ou Randy se zanga.

-Quem é Randy?

-Meu cavalo.

Subiu-a à sela e imediatamente se acomodou detrás dela. Os braços do homem rodearam à moça para agarrar as rédeas e Trilby sentiu a suas costas a imensa energia do corpo masculino enquanto guiava ao cavalo zaino para o atalho que conduzia às montanhas. Thorn apertou o braço ao redor da cintura da Trilby para sustentá-la melhor.

-Esta cômoda? -perguntou-lhe ao ouvido.

O coração da jovem se acelerou, e se perguntou se ele o notaria.

-Sim -sussurrou ela.

A boca do homem se aproximou da orelha e logo ao pescoço da moça, onde o pulso lhe pulsava com força.

-Cheira a flores, Trilby -disse ele-; doce e fragrante.

O corpo da moça se estremeceu enquanto sua mente se esforçava por combater desejos incrivelmente poderosos.

-Thorn -consigiu dizer.

Ele colocou a mão aberta no estomago da moça para jogá-la para trás e atrai-la para se em uma intimidade a que Trilby deveria opor-se. Entretanto, quão único pôde fazer foi gemer e tremer ao sentir o corpo do homem.

-Meu Deus! -exclamou ele, ofegando e enlouquecido pela submissão da moça-. Que momento para render-se a mim, Trilby!

-Não estou... me rendendo -consigiu articular ela, com voz apagada.

A jovem mantinha os olhos fechados, e todo seu corpo tremia. Dominado por desejos que não podia satisfazer e aos que não podia entregar-se, Thorn esporeio ao cavalo, que saiu como um raio até alcançar ao resto da partida.

Julie e Richard cavalgavam um ao lado do outro, conversando. Sissy cavalgava muito serena junto ao Ben.

-Naki não vem conosco? -perguntou Trilby quando voltou a confiar em sua voz.

-Já esta no acampamento, explorando os arredores. Sabe que esta embevecido com a Sissy?

-E ela com ele - demarcou Trilby-. Mas não significa nada. Sissy é uma boa garota.

-Claro que o é. E Naki é um bom homem, um ser humano, que a deseja. Assegure-se de que sua amiga não se afaste de você na medida do possível. Não sei se os demais o notaram já, mas reina uma química física muito capitalista no ambiente. Uma vez sozinhos no bosque, nada poderia detê-los.

-São adultos -disse ela.

-Também a nós -sussurrou ele, estreitando-a-. E quer fingir que não lhe turva sentir meu corpo tão perto do dele?

Ela tragou com dificuldade, fechando os olhos quando Thorn voltou a atrai-la para se.

-Você... não deve - começou a lhe repreender ela.

-Devo - disse ele, contendo o fôlego-. Por Deus, Trilby, a desejo intensamente, não posso dizer-lhe.

-Não é a mim a quem deseja - afirmou ela, ofendida-. Você se equivoca respeito a mim. Você... você segue sem convencer-se de que não sou uma mulher fácil.

-Isso não tem nada que ver com o que sinto -replicou ele-. Trilby, se bem que não é o que suspeite em um princípio. Já o hei dito dúzias de vezes!

-Mas me trata como se fosse!

-A trato como se a desejasse - repôs Thorn, com respiração ardente e irregular-. A desejo, e

não porque a considere uma mulher fácil. Sonho estando com você, inteiramente com você.

O braço que a sustentava se mostrava fracamente instável, e Trilby temeu que a emoção que revelava. Seu desejo de beijar ao Vance era tão forte que lhe resultava doloroso, mas não podia - não se atrevia - a ceder a ele. Era pecado entregar-se a essa classe de intimidades fora do matrimônio.

-Esta mal sentir isto -disse ela, tensa-. Esta mau, Thorn.

-Não. Desde dia da festa tratei que lhe explicar que não esta mau. O que sentimos um pelo outro se sai do comum. Por que não pode aceitá-lo?

-Eu... amo ao Richard -sussurrou ela.

-Richard não é mas que um costume -replicou ele com frieza-; um costume que deixaste de gostar assim que descobriu que o pertence a sua prima.

-Ele não lhe pertence!

-Abra os olhos, Trilby. São inseparáveis. Ele se mataria se ela o pedisse. Talvez Richard não se deu conta de que Julie o tem apanhado em suas delicadas mãos.

Trilby sabia que Thorn tinha razão. Entretanto, Richard representava seu único amparo contra o que sentia pelo vaqueiro.

-Mas são primos -alegrou ela.

-E certamente você não ignora que os primos podem casar-se -repôs ele.

-Prefiro não falar deste assunto.

-Está bem, Trilby, enterre a cabeça na areia. Em qualquer caso não poderá continuar negando por muito tempo o que começou a nascer entre nós. Você e eu sabemos.

Ela o sábia, mas não queria admiti-lo. Manteve o corpo rígido e não se relaxou nem um segundo durante todo o caminho de ascensão às montanhas.

Começou a esfriar e tinha anoitecido quando chegaram ao arroio bordeado de árvores junta ao qual acampariam. Tratava-se de um lugar bastante elevado que lhes permitiria defender-se em caso de que fosse necessário; Trilby tinha ouvido o Thorn falar disso com o Mosby Torrance, quem insistiu em acompanhá-los apesar dos protestos do Jack Lang, que argumentava que era muito velho.

As barracas para mulheres se montaram perto do fogo, enquanto os homens dispuseram as suas em torno do circulo anterior. Isso brindaria mas amparo em caso de que se apresentasse uma situação difícil.

-Você não era partidário de nos trazer -recordou Trilby ao Thorn depois do saboroso jantar que tinha consistido em carne seca e pão-doces cozidos a fogo lento na fogueira do acampamento.

Thorn se achava estendido sobre a manta que normalmente cobria sua sela, com a arma na pistoleira e o chapéu, as esporas e os zahones atirados junto a ele.

-Maldita seja, claro que não queria vir aqui, porque nos encontramos muito perto do México, onde os distúrbios são cada vez mas violentos - disse Thorn, escutando pela metade ao mexicano que tocava o violão.

Naki não tinha aparecido pelo acampamento. Sissy o tinha advertido e se sentia ferida por isso. Além disso lhe incomodava que o apache não lhe prestasse atenção e se dedicasse a ocupar-se de outros. Inclusive se comportou como se se sentisse ofendido em uma ocasião em que lhe falou. Após, seu amigo se mostrou reservado e sério.

-Então por que depois acessou? - pergunto Trilby.

Ele voltou a cabeça para a jovem, que se achava sentada sobre uma rocha, observando-o.

-Porque eu não gosto do modo como você olhava a Bate - disse, contundente-. É um moço de cidade, um mequetrefe. Você acredita que o ama porque é o único homem que conheceu. Agora eu estou aqui, e a quero.

Trilby se ruborizou.

-Eu não o quero a você, senhor Vance - disse.

Os escuros olhos do homem refulgiram, e um sorriso ligeiramente zombador se desenhava em seu magro rosto.

-E um corno que não me quer - repôs ele com doçura.

Ela apartou a vista, alterada pelas palavras do homem, e se negou a voltar a olhá-lo. Com passos inseguros, retornou ao lugar em que se encontrava o resto do grupo e se sentou junto a uma abatida Sissy, enquanto o mexicano entoava canções sobre corações destruídos e sonhos nostálgicos.

CAPÍTULO 11

Sissy se dirigiu ao arroio para recolher água para preparar mas café. Era uma noite fria de finais de novembro, e as espessas nuvens que se deslocavam pelo céu ameaçavam chuva. De algum modo, pareceu-lhe adequado que assim fosse, porque a embargava a tristeza de um dia chuvoso.

Inclinou-se para enxaguar nas rápidas águas do arroio a cafeteira de metal. Quando estava enchendo-a ouviu um som musical, inquietante e belo na quietude da noite. O mexicano continuava tendo o violão no acampamento, mas não era essa a música que ouvia.

Sissy ficou em pé e aguçou o ouvido. Agarrou a cafeteira e balanço para o atalho flanqueado por árvores apartando do arroio. de repente distinguiu uma silhueta recostada contra uma árvore de pau verde.

Uma manta multicolorida cobria os ombros do Naki, quem, para surpresa da Sissy, estava tocando uma flauta, e bastante bem, por certo.

A jovem, ainda ferida pelo anterior comportamento do homem, começou a afastar-se, mas ele se interpôs em seu caminho.

-Supõe-se que deve me adular o feito de que tenha decidido tocar a flauta para mim esta noite, depois de não me haver emprestado a mas mínima atenção em todo o dia? -perguntou, com altivez.

Naki esboçou um sorriso.

-O costume nos dita não prestar atenção às mulheres em presença de outros. Não o sábia?

Ela sujeitou a cafeteira com mas força.

-Um... um costume?

-Assim é. Os homens e as mulheres nem sequer se olham em um acampamento. Toda exibição de afeto ou atenção para o sexo oposto se considera de má educação.

-OH.

-Você o ignorava. Até tem muito que aprender. -Avançou para ela, com passos ligeiramente ameaçadores. Parecia muito diferente na escuridão da noite; alto, poderoso, irresistível-. Os homens índios apaches abandonam o hábito de nos banhar juntos quando deixamos atrás a infância. Sempre usamos uma tanga quando vamos nadar. Pudicos e tímidos; assim somos os apaches.

Sissy elevou a vista quando Naki lhe estendeu a mão.

- E... a flauta?

-Requerimentos amorosos - respondeu ele.

Ela se ruborizou, acalorada. As mãos lhe começaram a tremer. Ele lhe entregou a flauta e agarrou a cafeteira para depositá-la no chão. A seguir estendeu um lado de sua manta.

-Este gesto... significa algo? - inquiriu ela, hesitante.

-Muito - respondeu ele.

Sissy se cubriu sob o braço do homem sem fazer perguntas, e Naki a envolveu com a manta.

-E agora que? - sussurrou ela, estremecendo-se ao notar a cálida força do corpo do Naki. Sentia-se segura e querida.

-Agora podemos falar até que nos descubram, ou eu posso tocar para você.

Sissy lhe devolveu a flauta e sorriu.

A música era suave, lenta, e ela soube que a recordaria toda a vida. Deveriam brilhar as estrelas ou ao menos a lua cheia, mas o céu aparecia coberto de nuvens e começava a cair uma ligeira garoa.

Não lhe importava molhar-se. Sentia-se transportada a outro lugar, a outro tempo. Fechou os olhos e descansou a bochecha sobre o ombro do Naki.

-Alexandra.

- Sim? - murmurou ela.

-Solte o cabelo.

A jovem se desprende demoradamente os grampos até que sua escura e abundante cabeleira lhe cobriu, ondulada, as costas até a cintura.

-Sim - agradeceu ele com doçura, lhe roçando o cabelo com a mão que sustentava a flauta-. Sim, é muito belo. Alguma vez o leva assim?

-Não seria... correto - balbuciou.

-Tabuis culturais?

-Talvez.

A mão do homem lhe apertou o cabelo. Com ousadia, Sissy elevou a mão para tocar a abundante cabeleira do homem, fascinada por seu comprimento e seu esmero. Naki se inclinou para esfregar sua bochecha contra a dela.

-Os apaches... não se beijam, verdade? - perguntou ela, em um sussurro.

-Nunca depois do casamento; raramente antes. -A boca do homem se posou na dela-. Eu estive casado com uma mulher mexicana, a quem adorava me beijar. Ela me ensinou.

Últimas palavras foram ditas na boca da moça. Os duros lábios do homem haviam coberto os da Sissy, e seus braços a envolveram por completo para atraí-la para seu amplo peito. Ela ficou levemente rígida e conteve o fôlego. Ele levantou a cabeça.

-Alguma vez tem feito isto antes?

-Bom, não - admitiu. Seus grandes olhos se contemplaram nos do apache-. Já vê, como não sou bonita e sou instruída...

Ele sorriu com doçura.

-Desagrada-lhe sentir minha boca sobre a sua? O corpo da moça se estremeceu.

-OH, não. Absolutamente.

O homem apóia a mão no rosto da Sissy e com o polegar lhe elevou o gracioso queixo.

-Se a beijo brandamente, terá menos medo?

-Eu... não tenho medo -disse ela, turvada-. De verdade, não o tenho.

-As mulheres índias apaches são honestas -murmurou ele-. Como você...

Nesta ocasião ela soube recebê-lo. A boca masculina era dura, cálida e úmida, e lhe agradou o que sentiu quando se intensificou a pressão lenta e profunda sobre seus lábios. Sissy emitiu um fraco gemido, ao tempo que suas mãos se aferravam à camisa do homem.

As mãos do Naki se enredaram na cabeleira da moça, enquanto as da Sissy se afundavam na dele até lhe acariciar a nuca. O corpo da jovem começou a tremer, sacudido por um estranho estremecimento de prazer. Naki a sustentava com tanta firmeza que ela sentiu o peito do homem contra o seu.

De repente, o elevou a cabeça. O contato com a moça o debilitava, as pernas lhe fraquejavam devido ao intenso desejo. Mas isso não devia acontecer; não podia desonrá-la.

Apartou-a castamente dele e voltou a colocar a manta em torno deles. Com respiração entrecortada, começou a tocar a flauta, e logo se serenou. Sissy estava comovida, e os batimentos do seu coração demoraram muito tempo em apaziguar-se.

-Como se chama isto? -perguntou ela, referindo-se ao modo em que se achavam instalados.

Ele pronunciou uma palavra em apache que em seguida traduziu.

-Vocês, os brancos, denominam-no «cortejo». Pelo geral se trata de um pouco muito discreto e recatado.

-Como sabes, não tinha beijado a ninguém antes.

-Sim, dei-me conta –replicou ele, direto.

-Farei-o melhor uma vez que tenha aprendido - assegurou ela, ligeiramente ofendida.

-Tem-no feito bastante bem. De todas formas, em interesse de sua pureza, devemos nos abster de fazê-lo.

-OH!

Naki a olhou.

-Escandalizei-a? Estas questões não revistam comentar-se. É consciente do que pode acontecer quando um homem e uma mulher que se atraem mutuamente passam muito tempo sozinhos?

-Não sou estúpida - disse ela.

Ele suspirou.

-Tal como estão as coisas, encontramos-nos em uma situação impossível. Não quero piorá-la cometendo alguma estupidez. -Inclinou o rosto da moça para o seu-. Alexandra, ocorra o que ocorra, nunca deve haver um filho.

As palavras do Naki doeram a Sissy, que assentiu com tristeza.

-Não é de meu agrado -acrescentou ele-. Entretanto, um menino que pertence a duas culturas não pertence nem a uma nem a outra. A mescla de raças não é nada bom.

-Então por que me cobre com sua manta?

-Refiro-me à união que produz filhos – esclareceu ele, procurando os olhos da moça, tratando de vê-los na escuridão-. Encontro-te muito atrativa.

-Eu sinto o mesmo -sussurrou ela.

Naki gemeu brandamente e descansou a bochecha sobre a escura cabeleira da moça.

-É impossível.

-Eu sei.

Sissy não se apartou e Naki não permitiu que ela partisse. Ela se aferrou a ele, segura em seus braços, enquanto a garoa salpicava sua pele.

A chuva aumentou mais tarde, depois de que Sissy se separou do Naki a contra gosto para deitar-se. Trilby estava quase dormindo quando de repente começou a filtrar-se água na barraca ali onde ela se achava deitada. Em princípio, ela e Sissy deviam compartilhar uma barraca, mas no último momento Julie esperneio e insistiu em que Sissy lhe fizesse companhia. Trilby suspeitava que isso formava parte da estratégia da Julie para zangá-la.

Despertou molhada. Tinha dormido vestida com a larga saia e a blusa de marinheiro e não suportava a idéia de permanecer com as roupas molhadas durante o resto da noite. Abriu a mala e sacou algumas roupas secas, mas não podia trocar-se ali, pois a água caía copiosamente na barraca.

Com o propósito de chegar até a da Sissy e Julie, avançou a tropeções em meio, da escuridão. De repente, apareceu uma sombra alta, e Trilby se assustou tanto que a ponto esteve de gritar.

-Que esta diabos fazendo aqui fora? -perguntou Thorn, mal-humorado -. Por que não esta dormindo?

-Estou molhada - resmungou Trilby -. Gosta de passear - burlou-se ela.

-Custa-me acreditá-lo -disse ele, tenso -. Me acompanhe. Ao parecer me entremeti no plano

por equívoco. Sendo esse o caso, ocupar-me de arrumá-lo.

-Não entendo... - balbucio ela enquanto Thorn a guiava sob a chuva.

-Já entenderá.

Trilby esperava que Vance se detivera ante a barraca da Sissy, mas não o fez, mas sim foi para o círculo exterior. No interior de uma das barracas havia um abajur aceso que permitia distinguir a silhueta de dois corpos muito juntos, ao tempo que se ouvia murmúrios.

Tratava-se da barraca do Richard. Somente havia três mulheres no acampamento; Sissy era sua irmã, e Trilby se achava ali com o Thorn, o que significava que quão única podia estar dentro com ele era Julie.

Trilby se sentiu tão desventurada que não se deu conta de onde a conduzia Thorn até que se encontraram calidamente cobertas na barraca do homem. A jovem, ainda atônita, sujeitava com força suas roupas secas, ligeiramente umedecidas agora, com os olhos muito abertos ante a perplexidade que lhe produzia o que considerava uma traição.

Thorn retirou o chapéu e o capote de lona com que se protegeu da chuva e os jogou em um lado. Seu olhar escuro se cravou nos olhos da Trilby quando acendeu um fósforo.

-Rainha da tragédia - comentou, zombador-. Agora já sabe, não é certo? Estou seguro de que você se dirigia para ali. Vi alguém rondando e por isso me levantei. Obviamente, sua amiga Julie cuidou para que na barraca tua se infiltrasse água e isso a obrigasse a sair, de modo que pudesse vê-la em companhia do Richard. Agora já deve ter retornado a sua própria barraca, e sem dúvida estará se parabenizando.

Trilby sentiu que o rosto lhe acendia de raiva.

-OH!

Ele apagou o fósforo de um sopro.

-Escandaliza-lhe que ela lute tão bravamente para reter o Richard? Não sabe quão doloroso pode ser amar a alguém do modo em que ela ama a seu lânguido noivo?

-Não sei que quer dizer...

Ele a tomou em seus braços e a beijou na boca, sossegando as palavras que começava a pronunciar.

Trilby tentou opor resistência, mas não pôde dispor atenção a seus esforços, que foram debilitando-se quando os poderosos braços do homem se fecharam em torno de seu corpo, estreitando-o contra o seu. Thorn era quente, forte, e sua boca perita. Trilby gemeu.

-Você deseja isto tanto como eu. Seja silenciosa, Trilby. Não faça ruído - sussurrou ele, excitado, enquanto sua boca se apertava avidamente contra os lábios da mulher-. Não emita nenhum som, ou alguém poderia nos ouvir apesar da chuva.

Atraiu-a mas para se e a beijou de novo. O prazer que ele lhe proporcionava era muito perfeito e embriagador para rechacá-lo. Trilby se abandonou aos braços do homem e começou a lhe devolver os beijos. Em algum momento, no meio, da interminável pressão contra sua boca, ela notou que ele a empurrava para o chão. Não protestou; o que Thorn fazia era muito doce. Adorava o modo em que a beijava; com lentidão e ternura. Trilby desejava mas.

Nem sequer protestou quando sentiu que o corpo do homem se deslizava em cima do dele. Thorn era pesado, mas por alguma estranha razão seu peso aliviava o anseio palpitante que a dominava. Trilby se moveu ligeiramente para que o corpo do Vance ficasse em contato com a parte mais premente do dele e ficou sem fôlego ante a sensação, desconhecida até então, de um corpo masculino completamente excitado.

Surpreendeu-lhe a reação do homem. Sentiu a ereção do Thorn sem entender realmente que significava. Resultou-lhe algo agressivo e ficou um pouco rígida. Ante esse gesto eloquente, Vance a beijou de novo e introduziu, com muito cuidado, uma de suas largas pernas embainhadas nas cuecas largas de flanela entre as da moça, aprisionadas pela saia. O leve ritmo que Thorn impôs a

fez sentir-se estranhamente tensa; estranha porque se tratava de uma tensão cálida, doce e aditiva, da que em seguida começou a desfrutar. Conteve o fôlego e suas mãos se aferraram a ele, dizendo-a sem palavras que não queria que se detivesse.

Thorn sorriu contra os lábios da Trilby e a beijou. As bocas se atrasaram, sem nenhuma urgência, brindando uma tremenda ternura, ao tempo que o corpo da moça começava a tremer. O homem a acariciava com suavidade, sem propor-se ser muito ousado de momento. Trilby, em troca, desejava que o fosse.

Quando as mãos do Thorn percorreram os flancos do esbelto corpo, Trilby se arqueio, elevando-se até elas com um movimento lento, indefeso, sabedora do que o contato faria sentir a seus seios. Desejava que ele a tocasse, que lhe tirasse o sutiã e acariciasse sua pele quente, que abrisse a boca e capturasse seu mamilo...

Enquanto isso, sentia o quente fôlego do rancheiro sobre sua pele, aproximando-se para o lugar que ela desejava. Estremecida, aferrou-se a ele. A chuva que caía sobre a barraca amortecia os gemidos de prazer da moça.

Ele sussurrava algo, com voz ardente e premente. Trilby sentiu que as mãos do homem sobre sua pele aliviavam sua ânsia. Sentiu o peito viril contra seus seios quentes, e, embora o pêlo lhe produzia ardência, não lhe importava porque ele estava beijando a de um modo novo, tão profunda e ardentemente que se estremeceu.

Segundos mas tarde, quando ela se deu conta da realidade, era muito tarde. As mãos do Thorn a sustentavam com firmeza enquanto suas pernas nuas se introduziam entre as suas. Ele pressionou, penetrando-a, em uma assombrosa invasão que nunca tinha imaginado sequer. Nenhuma de suas leituras a tinha preparado para a intimidade do corpo nu de um homem em cima do dele, para a realidade da posse sexual.

Trilby gritou então contra a boca do homem, deixando-se arrastar pela impressão e o primeiro assombro, e pela dor depois, quando o ritmo imposto fez gemer e sussurrar ao homem contra o ouvido da mulher enquanto seu membro rasgava a barreira protetora de sua virgindade e a possuía inteiramente.

CAPÍTULO 12

-Thorn! Não... pode! -disse ela, ofegando.

Mas ele podia, e ele fez. Procurando loucamente a satisfação, cego de desejo, Thorn gemeu, e seu corpo se contraiu quando sentiu que o envoltório da suave pétala ativava nele uma urgência explosiva. Sustentou a Trilby debaixo dele e empurrou ritmicamente até que conseguiu saciar sua agonizante necessidade de clímax

Quando o alcançou, sua mente ficou em branco, enquanto um prazer ofuscador o elevava e arqueava seu corpo no berço da morbidez da Trilby.

-OH... meu deus! - A voz do homem se quebrou, reverente.

Conteve-se, somente por um segundo, e logo se derrubou em cima dela, devastado.

Trilby soluçava apaixonadamente, porque intuiu que ele tinha alcançado o paraíso. Em troca para ela a ascensão tinha sido dolorosa e insatisfatória. Notava o suor do peito do homem contra seus seios enquanto ele seguia estremecendo-se e resfolegava em busca de ar. A Trilby doíam os lugares mais íntimos, e se sentia como se a tivessem esmigalhado. De repente Thorn resultava pesado em cima dela, e Trilby advertia uma molesta umidade... ali.

Ela reparou nas lágrimas de seu amante ao voltar a cabeça e começou a lhe beijar o rosto com grande ternura. -Por favor-sussurrou ela, sentindo-se desprezível. Deixe ir.

-Não, pequena - murmurou ele com doçura- ainda não.

A magra mão do homem se deslizou pelas coxas nuas, entre os corpos de ambos. Uniu lentamente sua boca a da moça, lhe separando os lábios com delicadeza enquanto seus dedos se moviam e começavam a acariciar zonas sensíveis.

Ofegando, Trilby tratou de apartá-lo, protestando ardentemente ante a absoluta intimidade. Entretanto, ele tocou seu corpo de um modo tal que obteve que ela se abandonasse a suas carícias. Os dedos da Trilby se aferraram aos duros braços do homem enquanto um gozo doce e escuro invadia seu corpo.

-Sei -sussurrou ele-. Dói e estas decepcionada; prometo-te que esta vez não doerá. Sente-o, carinho? -perguntou ele, com voz rouca, enquanto sua mão percorria o corpo da mulher, que gemia, trêmula-. Não é agradável, Trilby? Não te faz desejar mais? E eu lhe posso dar isso.

Os segundos se dilataram; ela começou a morder os lábios do homem, palpitando com o ritmo, com o prazer intenso e a tensão crescente, mágica e diabólica, indecorosa e satisfatória.

As unhas da moça se cravaram nos braços do homem. Não via seu rosto, mas se ouvia sua respiração, irregular e rápida como a dela. Sabia que enquanto vivesse recordaria a respiração do homem mesclada com a sua e o barulho da chuva sobre a grossa lona da barraca, não mais suave que seus gritos apenas contidos de prazer.

-OH... por favor, Thorn - disse ela, com uma débil choramingação, enquanto se retorcia sobre a manta que cobria o chão debaixo deles. Estava dominada por umas sensações desenfreadas que a mantinham em um topo de prazer que resultava arrasadora-. Por favor... por favor... me faça... tudo...

-Logo. -Ele pronunciou a palavra na boca da moça-. Não devemos nos apressar. Tem que ser lento a fim de que seu corpo esteja preparado para aceitar o meu quando voltar a posuir-te.

Trilby fincou os dedos nas costas do homem, desejando-o, e ela sussurrou ao ouvido, apenas capaz de pronunciar as palavras.

A boca do homem descendeu até os peitos da moça para mordiscá-los, sugá-los e acariciá-los com a língua. Com súbita urgência, Trilby guiou a mão do homem em uma demanda licenciosa que depois a envergonharia. Entretanto nesse momento só importava acabar com o tortura e a tensão, transpassar a barreira que bloqueava sua entrega ao prazer. Somente um pouco... mais... um pouco... mais... Ela se convulsionou de repente, e broncos gritos brotaram de sua garganta quando alcançou o êxtase.

Nesse instante, Thorn entrou nela, que viu constelações sob as pálpebras fechadas. Não havia dor, nem futuro, nem passado; somente a invasão do corpo daquele homem dentro do dela e a paixão que a deixava totalmente a mercê do Thorn, que arremetia contra seus quadris acolhedores até que ela, estremecida, perdeu a consciência.

ele a sustentou durante um comprido momento depois, lhe aparando docemente o cabelo, balançando em seus braços o corpo ofegante e suave da moça enquanto ouviam cair a chuva. Vance não fez gesto de vestir-se, e tampouco ela. A realidade de seu desejo era muito assombrosa.

-Devo retornar... a minha barraca, Thorn - disse Trilby soluçando, enquanto as lágrimas escorregavam por suas bochechas.

Ele bebeu as lágrimas com seus beijos.

-Não deve chorar, carinho - sussurrou -. Entregaste-me sua virgindade. -Sua voz soou profunda contra o ouvido da moça-. Senti quando me deu isso, Trilby - gemeu ele-. Senti-o.

Ela ofegava. A boca do homem cobriu a dela e a mulher voltou a desejá-lo. Era incrível, seu corpo dolorido, seguia ofegante. Trilby atraiu para se ao Thorn, enquanto suas mãos prementes lhe acariciavam com ansia incontida.

-Não - murmurou ele -. Não, Trilby, outra vez não. É melhor que não o façamos. Agora te doeria.

Ela chorou, e o vaqueiro a abraçou, embalando-a até que se tranqüilizou.

-Deve te casar comigo - disse ao fim Vance-. Compreende-o, verdade?

-Thorn...

-Talvez tenha engendrado um menino, Trilby - sussurrou ele em seu ouvido.

Ela conteve o fôlego. Estendida na escuridão, entre os braços do Thorn, tratou de imaginar como seria levar em seu ventre um filho dele.

Trilby apoiou a bochecha contra o peito peludo do homem e só então compreendeu. Sim, podia haver um filho. E não estavam casados.

-OH... OH, querido... - começou a dizer.

-Confia em mim -sussurrou ele-. Deixa de brigar comigo. Quero-te mais que a minha vida. Posso te proporcionar quanto deseje, quanto necessite. Depois de tudo, o matrimônio não é o fim do mundo. E agora não temos opção -disse, solene.

-Nenhuma opção - repetiu ela, angustiada.

Desvaneceram-se definitivamente as esperanças de encontrar a felicidade junto ao Richard, pois até então ela se enganou convencendo-se de que o poderia fixar-se nela embora Julie se achasse perto. Agora nunca poderia conquistar ao Richard porque Thorn a tinha incitado a comportar-se de um modo impróprio de uma dama. Tinha-lhe mostrado o lado escuro de se mesma, aquele que lhe produzia mais vergonha.

Thorn, por sua parte, estava enfrascado em seus próprios pensamentos. Por fim tinha conseguido a Trilby, de passagem, o acesso à água da terra de seu pai. Além disso, tinha vivido a experiência mais sensual de sua vida. Sentir desse modo com uma virgem! Todos seus planos se realizaram à margem de sua vontade, sem que o se esforcasse por levá-los a cabo. Entretanto, ele tinha eliminado as opções da Trilby, e ela estava chorando por isso; não se sentia muito orgulhoso de se mesmo.

-Samantha pode ser a encarregada de levar o buquê em nossas bodas. E se Sissy quer ficar para a cerimônia, poderia ser dama de honra. Você gostaria? - perguntou Thorn.

Trilby mordeu o lábio, nervosa. Samantha, matrimônio, filhos... Thorn em nenhum momento tinha falado de amor. Só havia dito que a queria. E ela, como uma idiota, deixou-se arrastar por suas emoções. E havia... deitado com ele!

-Deverá ser logo -acrescentou ele com calma-. Muito em breve.

Ela se ruborizou.

-OH... Meu Deus - sussurrou, agitada.

Ele lhe beijou a frente com grande ternura.

-Deixa de te lamentar como se fosse uma perdida. Fizemos o amor, mas o mundo não se acaba por isso. Vamos casar nos, Trilby.

-Esta bem - replicou ela.

Vance pretendia consolá-la, mas não o conseguia. Ela se sentia como uma qualquer. Recordou as palavras que lhe havia dito... e as que havia dito a ele! Ruborizada, separou-se de seu amante para vestir-se. Ao cabo de um minuto, ele fez o mesmo. Uma vez vestidos os dois, Trilby se sentiu ainda mais envergonhada de sua falta de princípios. Thorn acendeu um abajur e, agarrando-a do braço, acompanhou-a à barraca de depósito que se montou para a equipe.

-Ao menos estará seca - disse o vaqueiro.

Ela elevou o olhar para o homem pela primeira vez desde que deitaram juntos. Parecia distinto; mais jovem e vital, sem a expressão séria que estava acostumado a mostrar. Entretanto, lhe notava sério. Trilby fez uma careta ao perguntar-se se talvez ele se arrependia do irracional arrebatamento de ambos tanto como ela. De fato não parecia feliz. Talvez, pensou a moça, em realidade não queria casar-se com ela, mas era um homem honrado, e ambos tinham permitido que suas emoções os arrastassem e não podiam retroceder.

Vance lhe tinha feito prometer que se casaria com ele, apesar de que sabia o que ela acreditava sentir pelo Richard. Agora lamentava não lhe haver pedido a mão de uma maneira

honorável. Tal como se tinham desenvolvido os acontecimentos, ela se sentiria apanhada. O que ocorreria se de verdade amava ao Richard? O vaqueiro lhe teria privado de toda possibilidade de felicidade. O que antes tinha dado a impressão de ser tão sincero, de repente lhe parecia algo menos verdadeiro, e amaldiçoava sua impetuosidade tanto como seu egoísmo.

-Procura não preocupar-se - disse ele com calma-. Seremos felizes juntos, Trilby. Cuidarei de ti e tua família. Juro que não terá de que te arrepender.

Ela já se arrependia, pensou desventurada, porque entre eles não existia mais que desejo. Ele não a amava. Além disso estava Richard, quem, embora a tivesse traído com a Julie, tinha sido seu mundo durante muito tempo. Embargada por emoções confusas, sentia-se culpado e envergonhada.

Thorn advertiu a inquietação em seu rosto.

-Trata de não me odiar - disse com serenidade.

-Também foi minha culpa, Thorn -disse ela, vacilante.

Não sabia que sentia. Tinha sido educada na crença de que as mulheres suportava a suja luxúria dos homens só para ter filhos e acabava de descobrir que isso não era mais que uma falácia, que as mulheres também podiam obter prazer. Isso a atormentava.

Thorn agarrou as mãos da moça entre as suas, olhando-a aos olhos.

-Não pode te jogar atrás. Devemos impedir que nossas famílias sofram por causa de nosso engano, em caso de que haja conseqüências.

-Você já tem a Samantha... - começou a dizer ela.

-Não me importaria ter outro filho - interrompeu ele -. Assim que tenha finalizado esta acampamento, solicitaremos uma licença de matrimônio e procuraremos um pastor.

-Talvez Samantha não goste de mim - conjecturou ela.

-Samantha te adora. Não imagine complicações - atalhou ele, severo.

Thorn apartou a vista. Resultava difícil olhar a cara depois de que se esfriou a paixão que tinha explodido entre eles abruptamente. Nunca tinha acariciado a Sally desse modo nem a tinha desejado tanto para não poder conter-se. De todas formas, Trilby quase o tinha pedido. Ainda tremia como conseqüência do êxtase que tinha experimentado com ela.

-Devo entrar - disse ela, com acanhamento.

Procurou o rosto do homem e deixou que seu olhar se posasse em seu peito. Thorn só fechou alguns botões da camisa, deixando visível uma boa parte de seu peito, largo e peludo. Trilby desviou a vista em seguida ao dar-se conta de como reagia seu corpo. Incomodava-lhe ser tão receptiva a ele fisicamente. Sempre se tinha considerado bem fria e de repente, depois de ter descoberto a sexualidade, seu próprio desejo lhe produziu temor e rechaço.

-Devo entrar - repetiu, nervosa.

-Aqui estará cômoda e seca - assegurou ele -. Que durma bem, Trilby. Se te servir de ajuda, direi-te que lamento ter deixado que as coisas chegassem tão longe.

Thorn parecia tão preocupado como ela e se mostrava esquivo.

-Também eu - afirmou ela, rígida-. Boa noite.

ele se limitou a fazer um gesto de assentimento e partiu. Trilby entrou na lbarraca, esgotada de prazer triste, e fechou a abertura da porta.

Thorn permaneceu à intempérie durante um comprido momento, passeando. Nunca deveria ter permitido que acontecesse. O olhar que tinha visto no rosto da moça lhe perseguiria por toda a vida. Não tinha deixado de feri-la desde o dia em que se conheceram. Desejava saber por que reagia daquele modo ante ela. Seu comportamento com a Trilby era inexplicável, quase como de apaixonado. Burlou-se disso. Estava voltando-se insensato ao chegar à maturidade, pensou enquanto retornava a sua barraca.

Trilby logo que pôde dormir, e à manhã seguinte se sentia causar pena e curvada pela culpa. Julie parecia ofendida, e Richard se mostrava mal-humorado e esquivo. Quando Julie se

aproximou dele, este se apartou, deixando a sua formosa prima desfeita em lágrimas.

Julie ignorava que ele tinha perdido o respeito e o afeto que lhe tinha professado em uma noite. Ao entregar-se a ele, tinha dado a impressão de que estava desejando caçar a qualquer tipo. E um homem do mundo, de sua classe social, não se casava com uma mulher experimentada e fácil.

Richard lançou um olhar a Trilby e lamentou havê-la ignorado durante sua estadia no rancho. Trilby era o tipo de garota adequada para o matrimônio e a que um homem estimaria. A ela nunca a surpreenderia rondando a barraca de um varão em meio da noite para pedir que a possuíssem. Sim, Trilby lhe convinha, e ainda não era muito tarde para reconduzir as coisas. Julie sem dúvida se enfureceria e armaria alvoroço, mas ninguém faria conta. Ele já não a amava, e não lhe importava que ela se inteirasse.

Quando se reuniram em torno do fogo para tomar o café da manhã, Richard se sentou junto a Trilby e a encheu de cuidados.

-Levei-me mal contigo, verdade? -disse com serenidade-. Sinto muito, Trilby. Estava embevecido com a Julie, mas tenho aberto os olhos - acrescentou, dirigindo um olhar malicioso a sua prima.

Julie avermelhou e apartou a vista. Nunca tivesse suposto que Richard reagisse desse modo ante sua atitude. Tinha-a impulsionado tão somente o desejo de que Trilby os ouvisse juntos. Além disso, tinha sido muito doce beijá-lo. Entretanto, ele a tinha rechaçado assim que Trilby se afastou e lhe tinha ordenado que saísse de sua barraca. Tinha-lhe recriminado seu comportamento, que, segundo ele, demonstrava quem era ela em realidade e lhe havia dito que não queria relacionar-se com uma descarada.

Julie tinha retornado à barraca que compartilhava com o Sissy e tinha chorado até que conciliou o sonho. Por fortuna sua companheira ignorava que tinha acontecido, pois estava profundamente dormindo. Mas Trilby sim sabia; tinha que sabê-lo, e por isso Julie odiou a piedade que percebeu em seus olhos tanto como detestava os repentinos cuidados que Richard lhe prodigalizava.

Trilby intuía o que tinha feito abrir os olhos ao Richard, mas não podia abordar esse tema. Levou-se a boca uma colherada de ovos mexidos. O que acreditava ter sentido pelo Richard tinha morrido de forma repentina.

Quando Thorn, que tinha estado atendendo aos cavalos, retornou, encontrou ao Richard sentado junto a Trilby em uma atitude aparentemente muito amistosa. Teve que conter-se para não prorromper em maldições. Com uma raiva selvagem, limpou e carregou seu rifle, mantendo-se bem afastado do resto do grupo.

Trilby, que advertiu sua ausência, começou a temer que a intimidade que tinham compartilhado tivesse extinto o que Thorn tinha sentido por ela. Talvez tivesse decidido que nem sequer se desposaria com ela, e lhe resultava aterrador. O que faria se estivesse grávida? Seria sua perdição.

À medida que avançava o dia, Thorn continuou ignorando-a, embora em ocasiões lhe lançava algum olhar. Trilby não suspeitava que Vance estava ciumento do repentino interesse que Richard mostrava por ela. Pelo contrário, supunha que a olhava com desdém devido a seu comportamento da noite anterior. Para cúmulo, assediada por seu próprio sentimento de culpa também ela começou a evitar ao rancheiro, o qual, evidentemente, complicou ainda mais a situação.

Pela tarde os homens foram de caça. Julie, abatida e ofendida, encerrou-se em sua barraca, de modo que a duas amigas ficaram sozinhas. Com certa relutância Trilby contou a Sissy o que tinha visto na barraca do Richard.

-Meu irmão e Julie passaram juntos a noite? -perguntou Sissy.

-Francamente, não sei. Estou quase convencida de que Julie fez algo em minha barraca para que a água se filtrasse. Thorn foi em minha ajuda, e ambos ouvimos sua prima e Richard. Ignoro se

aconteceu algo, mas ele pareceu hoje muito zangado com a Julie.

-Agora te dá conta de como é realmente meu querido irmão, verdade?

Trilby assentiu. -Temo-me que sim. -Por fim -disse Sissy.

-Vou casar me com o Thorn. Ao menos, acredito que o farei. Ele me pediu isso.

-Felicitações! Thorn cuidará de ti. Trilby se encolheu de ombros.

-Thorn não me ama. Acredito que nenhum homem dos que conheci me amou. Em qualquer caso, Thorn é uma pessoa acomodada e viveremos bem. Espero que nos entendamos.

-Ama-lhe? -inquiriu Sissy, docemente.

Trilby a olhou com semblante sombrio.

-Isso carece de importância.

-Claro que importa.

Trilby olhou de marco em marco a sua amiga.

-Aonde foi ontem à noite quando desapareceu depois do jantar?

-Ofereceram-me uma serenata. Não ouviu a flauta? - perguntou Sissy, com alegria forçada.

-A flauta?

Sissy assentiu.

-É um costume índio apache. -Seu rosto adotou uma expressão abatida, e todo seu fingido entusiasmo se desvaneceu-. Não sei o que vamos fazer. Naki sente quão mesmo eu, mas vivemos em um mundo que não aprova o amor entre pessoas de raças diferentes.

-Pobrezinha.

Sissy suspirou com tristeza.

-Tive má sorte, ou não é assim?

-Entretanto, ontem não te emprestou a mínima atenção durante todo o dia.

Sissy sorriu.

-Outro costume. O povo índio apache é fascinante. Quando lhe comentei que o doutor McCollum era um de meus professores, ficou impressionado. Matricularei-me em outro curso de arqueologia na primavera. Isso me brindará a oportunidade de retornar aqui com minha classe. Nossas famílias contribuem a pagar a viagem. Ficaremos duas semanas. Assim voltarei a vê-lo - disse com voz apagada, sentindo já a dor da partida.

-Vê? Você tem ilusões.

-OH, sim. O mau é que primeiro terei que me despedir - replicou Sissy, afligida -. Não sei como poderei suportá-lo. Amo-lhe - murmurou com veemência -. Trilby, amo-lhe tanto!

Sem saber que dizer, Trilby acolheu a sua amiga em um abraço quente, consolador, e em seus olhos se percebia quanto lhe inquietava a situação da Sissy.

-Vêem - disse Trilby ao cabo de um minuto, mais preocupada com a dor de sua amiga que pelo sua -. vamos lavar os pratos. Trarei um pouco de água do arroio.

Sissy se enxugou as lágrimas e se obrigou a sorrir.

-De acordo.

Empunhando um rifle, Richard se convertia no homem mais violento que Thorn tinha visto em sua vida. Seu comportamento assustava ao Ben, quem se apartava cada vez que seu irmão disparava ao azar para os matagais.

Em uma ocasião Thorn lhe agarrou o canhão do rifle e o desviou bem a tempo de impedir que ferisse um de seus homens, a quem Richard tinha apontado imprudentemente com a arma.

-Vigie o que faz - advertiu-lhe Thorn, cortante-. Se continua atuando desta maneira tão insensata, tirarei-lhe o rifle.

-De maneira nenhuma, senhor! - replicou Richard, indignado.

Thorn não se alterou.

-Não quero que nenhum de meus homens resulte ferido. Se não guardar você esse rifle, farei-o eu. -Sua mão se posou, ameaçadora, sobre a culatra de seu revólver. Não acrescentou uma

palavra mais. Não era necessário depois de um gesto tão eloqüente.

Richard riu com nervosismo. - Está brincando, é obvio.

-Não.

-Por amor de Deus! Eu não teria disparado a ninguém.

-Alegra-me ouvi-lo. Seguimos?

O homem do oeste se afastou com ágeis pernadas sustentando seu próprio rifle com a mão livre. Naki, que se achava perto, dirigiu ao jovem um olhar frio antes de voltar-se e alcançar ao Thorn para continuar rastreando a presa.

-Como há Deus que não seria capaz de me disparar! - sussurrou Richard ao Ben, quem não estava seguro disso.

-Será melhor que vigie aonde aponta a próxima vez – acautelou -. O senhor Torrance me falou do Thorn Vance, e te advirto que utiliza o revólver se o julgar oportuno. Matou a alguns homens, sabe?

O rosto do Richard empalideceu até mais.

-A um selvagem como esse não deveria permitir lhe andar solto!

-É um selvagem rico - replicou Bem -. E um mal inimigo. Não é necessário que te diga o que poderia te fazer se acidentalmente ferir alguém.

Richard o entendeu. Intimidava-lhe Thorn Vance, cujo caráter irritável preferia não pôr a prova. Durante o resto do dia, comportou-se como um convidado modelo e inclusive dissimulou seu desdém pelo índio. Tampouco daria as costas a esse índio apache, pensou com fúria, pois o olhar que brilhava em seus olhos era tão selvagem como o deserto.

Esse dia, somente Ben conseguiu caçar um cervo de rabo branco. Colocou-o sobre suas arreios e o levou com orgulho ao acampamento. Outros prorromperam em exclamações ante a beleza do animal e logo fizeram comentários a respeito da deliciosa carne que lhes subministraria. Arrastando as palavras, Richard manifestou que a cabeça, devidamente engastada, ficaria muito bem em cima do suporte da chaminé de sua casa da Luisiana. Trilby não olhou ao cervo; era muito melindrosa, e adorava os animais. Sissy abraçou a seu irmão menor e elogiou sua destreza. Julie continuava dentro da barraca, e na hora do jantar Sissy lhe levou um prato de comida que a moça não provou.

Richard sabia que acontecia a sua prima e não lhe preocupava sua tristeza. Era uma mulher adulta que tinha ido a noite anterior. Se queria representar o papel de mulher licenciada, devia saber confrontar as conseqüências. Ele não se sentia culpado.

Sentou-se junto a Trilby e começou a falar, animado, sem mostrar-se doído pelo tratamento que Thorn lhe tinha dispensado anteriormente. Alardeava das expedições de caça em que tinha participado e das grandes peças que tinha conseguido, esperando impressionar aos homens.

Certamente, não impressionou ao Thorn, que se achava um pouco afastado, com uma xícara de café negro entre as mãos. O rancheiro estava tão sério como Trilby, a quem não olhava nem falava. Finalmente se dirigiu a sua barraca depois de dar uma volta pelos arredores do acampamento. Não deu boa noite a Trilby, uma omissão imperdoável.

Trilby permaneceu junto ao Richard, e as amáveis cuidados que este lhe dedicava aliviaram a dor de seu coração. Resultou-lhe estranho que Richard, que tinha sido todo seu mundo meses atrás, converteu-se de repente em uma espécie de camuflagem para impedir que Thorn advertisse quanto sofria por seu rechaço.

Quando todos se deitaram e o acampamento se achava em calma, algo quebrou a paz. Fazia tempo que a chuva tinha cessado. Trilby estava quase dormindo quando uns passos a sobressaltaram. Uma figura alta irrompeu na barraca e se ajoelhou junto a ela. A moça se incorporou, e uma mão lhe tampou brandamente a boca.

-Tranqüila -disse Thorn, secamente, com voz grave e premente-. Vista-te em seguida. Sabe disparar um revólver?

Ela se estremeceu.

-Não - respondeu, assustada pela urgência do tom de voz do homem.

A luz de um abajur penetrou pela abertura da entrada da barraca, e ela distinguiu ao Mosby Torrance.

-Torrance, avisa a outros -disse Thorn, voltando a cabeça.

-Sim, senhor.

Antes de que o velho se afastasse, Trilby apreciou o brilho do canhão de aço de um Colt 45 na mão do Thorn.

-O que ocorre? -perguntou imediatamente.

-Mexicanos -respondeu, direto -. Naki estava efetuando um reconhecimento pela montanha e se topou com uma partida de mexicanos. É provável que tenhamos que fugir. Espero que seus amigos tenham têmpera. Trilby, tudo dependerá disso.

-Sissy e Ben agüentarão - disse ela-. O resto..., não sei.

-Não sabe se seu amado tem têmpera? - perguntou ele friamente-. Acredito que se encontrar em um apuro, ficará de joelhos e suplicará. Em qualquer caso não deixarei que lhe aconteça nada.

-E que ocorrerá com a Sissy?

-Naki a protegerá com sua vida. Suponho que já sabe.

-Ao Richard não gostará disso.

-Ao diabo com o Richard! -disse o, mal-humorado-. Te levante.

Trilby se levantou e procurou calçar os sapatos. Calçou e, embora vestisse a jaqueta, quase tremia quando saiu da barraca. Thorn e ela se reuniram com o Mosby Torrance, Naki e outros sob as árvores.

-Seriamente, esta é uma maldita e inconveniente precaução - murmurava Richard-. Eu não ouço nada.

-E não ouvirá nada até que se aproximem para lhe cortar o pescoço - assegurou Thorn-. Estes homens são revolucionários e estão desesperados. Não têm nada. Me acredite, se podem capturar a um de vocês e exigir um resgate por sua liberação, farão-o.

-O exército não intervém? - perguntou Ben.

-Não dispõem de efetivos -informou Thorn-. A fronteira é extensa. Vamos, movam-se tão rápida e silenciosamente como podem. Descenderemos pelo lado oposto da montanha e talvez assim os evitemos. Do contrário, temo-me que se produzirá um tiroteio.

-Eu cuidarei das mulheres - ofereceu-se Mosby Torrance, reunindo a Julie, Sissy e Trilby-. Não se preocupe - tranquilizou Thorn, empunhando com mão firme seu revolver de seis tiros-. Comigo estarão a salvo.

-Sem dúvida, senhor - disse Ben, sorrindo.

-Graças a Deus deixamos ao Teddy em casa - assinalou Trilby-. Eu não gostaria de que estivesse aqui.

-Ele amaldiçoará não ter estado. -Thorn riu entre dentes -. Vamos, senhoritas.

Sissy dirigiu um olhar inquieto ao Naki, sabendo de que ele não a devolveria. O ancestral costume estava profundamente arraigado nele. Depois de uma silenciosa prece pela segurança do homem, a moça seguiu aos outros.

Naki levava uma enorme faca no cinturão e um rifle na mão. Observando-o, Thorn pensou que era fácil entender por que os primeiros colonos ficavam nervosos ante a menção da palavra - índio apache-. Com seus mocasins adornados com franjas, a tanga e a camisa, tinha uma aparência selvagem. Quando Naki afundou um dedo em um bolso de seu cinturão, tirou-o lubrificado com um ungüento de cor vermelha e o passou pela cara. Desse modo seu rosto ficou pintado com um brilho luminoso de vermelho intenso, que para jogo com a cor da cinta de tecido que rodeava sua frente. Seu aspecto resultava tão inquietante como a situação.

-Quantos são? -perguntou Thorn ao apache.

-Ao menos dez - respondeu Naki com calma-, todos a cavalo.

-Você retornou ao acampamento sozinho, não é assim? Possivelmente você mesmo os conduziu até aqui! - acusou Richard com veemência.

Naki se voltou para o homem loiro com resignada irritação.

-Senhor Bate, até um selvagem ignorante se sentiria obrigado a ajudar ao homem para quem trabalha.

Richard se ruborizou. Resultava desconcertante ouvir um índio utilizar um inglês tão preciso. E nem sequer tinha acento!

-Podemos evitá-los? - pergunto Ben.

-Com essas enormes mulas de carga que vocês cavalgam? -perguntou a sua vez Naki, cético.

Thorn lhe dirigiu um olhar cintilante.

-Adiante, ofende a meus cavalos.

-É minha opinião - replicou Naki -. Apesar da... inexperiência de seus convidados, teria sido mais prudente que montassem cavalos apropriados.

-É minha culpa? Alguns deles se cansado dos «cavalos apropriados» em menos de cinco minutos - grunhiu o rancheiro, embainhando seu revólver-. Vamos. Ben, você e Richard acompanhem ao Torrance, por favor, e cubram sua retirada.

-E onde estará você? -perguntou Richard, arrastando sarcásticamente as palavras.

Thorn esboçou um sorriso desdenhoso.

-Naki e eu daremos bem-vinda a nossos visitantes no acampamento.

Quando alcançaram ao Torrance, Richard se aproximou da Trilby e a agarrou de um braço, como se o fosse seu único protetor. Thorn lhe lançou um olhar colérico, mas não era momento para ciúmes. Fez um sinal ao Naki e ambos desapareceram entre as árvores.

-De verdade vão receber aos mexicanos, senhor Torrance? - perguntou Sissy enquanto desciam velozes para o lugar onde os cavalos se achavam atados em um curral improvisado.

Torrance olhou à moça, que se encontrava a seu lado. Pensou que essa garota não demonstrava nada de medo podia lhe dizer a verdade, porque seria capaz de suportá-la

-Não, senhorita, não o farão -respondeu-. Mataram tantos como podem e imobilizassem a outros para nos dar a oportunidade de escapar.

Sissy conteve o fôlego e voltou a olhar para a colina com um gesto de preocupação. Sábia que Naki podia cuidar de se mesmo, mas pensar que existia a possibilidade de que o matassem lhe resultava insofrível.

-O apache não é insensato, senhorita Bate - disse Torrance, advertindo a inquietação da jovem, que o olhou, ruborizada.

-Estou preocupada com os dois - alegou.

-É obvio, senhorita. É por aqui.

Ela o seguiu, surpreendida ante a agilidade do ancião. Alguns no rancho consideravam que o senhor Torrance era muito velho para o ter em conta, mas ela nunca o tivesse descartado absolutamente; era um homem mais capaz do que parecia.

Trilby não olhou para trás, pois temia que seu rosto a delatasse. Thorn se tinha encarregado de avisá-la antes que a ninguém, o que sem dúvida significava algo. Mas de momento estava muito preocupada com o Vance para refletir sobre essa questão.

-Não te ocorrerá nada -disse Richard, sorrindo-. Eu cuidarei de ti.

-É volúvel, Richard - reprovou-lhe sua prima, com voz quebrada.

Julie estava fatigada e zangada. Richard se voltou e cravou o olhar no rosto aceso da moça.

-A maioria dos homens apreciam às mulheres pelo valor que elas mesmas se atribuem - disse, relaxadamente-. As mulheres que se comportam vilmente se machucam a si mesmos.

Julie conteve o fôlego, e suas bochechas avermelharam.

-Como pode dizer algo semelhante? Amo-te. Somente queria que soubesse que te amo. Não atue agora como se não tivesse acontecido nada!

-Seu comportamento foi intolerável -disse ele, contundente-. Rebaixou-te, fora qual fosse o motivo.

Julie afundou o rosto nas mãos e começou a soluçar.

-Isto é muito cruel por sua parte - repreendeu Sissy a seu irmão-. Não é um cavalheiro!

-Quem é você para falar de normas morais comigo, quando permitiste que um índio pelev vermelha pusesse suas sujas mãos sobre ti? -acusou Richard.

Os olhos da Sissy relampejaram de fúria.

-Canalha asqueroso! - espetou Sissy, com raiva.

-Por favor -atravessou Trilby-. Encontramo-nos em uma situação muito perigosa. Este não é momento para brigar.

-Trilby tem razão -concedeu Richard, sorrindo para dissimular o aborrecimento que lhe tinha provocado a inesperada reação de sua irmã-. Temos que conseguir retornar ao rancho enquanto possamos.

-Espero que ao Thorn e Naki não lhes ocorra nada-disse Sissy com voz apagada.

-Eu também - acordou Trilby.

Com uma Julie abatida arrastando-se atrás deles, dirigiram-se até os cavalos. Trilby passou um momento angustiante quando sua mansa arreios esteve a ponto de atirá-la ao chão. Em poucos minutos se achavam cavalgando pelo poeirento atalho que descia pela montanha. Na distância se ouviu um estampido súbito e penetrante, seguido por muitos mais. Tinha começado o tiroteio. Trilby começou a rezar ao imaginar ao Thorn ferido e sofrendo, rodeado de inimigos, sem ninguém que lhe atendesse.

"Não deve lhe acontecer nada - pensou, voltando-se para olhar com olhos angustiados o caminho pelo que tinham descido-. Por favor, Deus, que não lhe aconteça nada!"

CAPÍTULO 13

O primeiro tiro procedia de detrás de uma árvore. Thorn se girou rapidamente com a pistola desencapada assim que o ouviu. Apontou e alcançou a um homem mau escondido, vestido com farrapos e um poncho descolorido jogado ao ombro.

-Olhe ali! -apressou-se a advertir Naki.

Três mexicanos mas se precipitavam pelo estreito caminho entre as rochas e as árvores, disparando seus rifles de vez em quando.

Naki disparou sua arma e acertou a um dos homens. Thorn deu conta de outro. Os dois homens ficaram a coberto para proteger-se dos tiros do terceiro mexicano.

Se ouviu uma rápida surriada de palavras em espanhol e o som de muitos passos.

-Maldito seja! - falou Thorn, lançando um olhar cintilante ao Naki-. olha o que tem feito!

-Eu? -perguntou o apache.

-Esta bem, foi um ato inocente. -Voltou a carregar seu revolver a toda velocidade.

-Se te tropeçar com uma pedra, a culpa é minha murmurou Naki enquanto olhava em torno da grande pedra que o ocultava.

-Bom, pelo geral assim é - disse Thorn.

Uma bala impacto com força perto deles e desprende um fragmento de rocha detrás da qual se achavam escondidos.

-Malditos Latinos -disse Thorn, com raiva.

-Deveria te dar vergonha recorrer a insultos raciais.

Thorn dirigiu ao Naki um olhar colérico.

-Selvagem sanguinário.

Naki elevou a vista ao céu.

-E eu pensei que poderia reformar a este homem - disse-. Cuidado! -Girando o rifle com a velocidade do raio, disparou por cima do ombro do Thorn, bem a tempo de impedir que tratasse a seu amigo uma figura sombria coberta com um poncho. Ouviu-se um gemido e o ruído surdo de um corpo ao cair.

-Obrigado -disse Thorn com voz rouca.

Respirava com dificuldade, como Naki, descarregando adrenalina, enquanto reservava um pensamento para a Trilby e outros. Entretanto, não podia permitir-se preocupar-se com eles. Devia manter-se alerta para protegê-los.

Naki captou os temores de seu chefe.

-Sitiassem-nos se não atuarmos em seguida, e não há nenhuma garantia de que não vão perseguir a outros. Onde esta esse presumido pavão branco do Este?

-Quem esta usando agora insultos raciais?

-Bom, é um presunçoso -disse Naki, defendendo-se-. Rodeá-los e aparecerei detrás deles.

-Procura que não lhe descubram.

-Sou um apache -assinalou Naki-. Quem acredita que inventou o de andar sem fazer ruído?

Segundos mas tarde se desvaneceu como um espectro na escuridão, tão silenciosamente que não se ouviu nenhuma pegada.

Naki se deslizou pela maleza, escondendo-se depois das árvores e as grandes pedras. Três mexicanos se achavam escondidos detrás de duas enormes rochas, tratando de esquadrihar a escuridão. Tagarelavam entre eles, discutindo as táticas, o que favorecia ao Naki, pois continuavam gritando não lhe ouviriam.

Sacou a faca da capa e esperou, alerta. Seu corpo se estendeu, disposto a atuar a fim de salvar as visitas de seu amigo e a mulher que com tanta rapidez tinha chegado a significar tudo para ele.

Um dos homens da partida se zangou com os outros e anúncio que avançaria sozinho. Séria o ultimo que pronunciasse em sua vida. Chegou até as árvores onde aguardava Naki, quem com grande eficiência enviou ao mexicano com seus antepassados. O apache limpo sua faca na perna da calça do morto e se apressou a lhe tirar o chapéu e o poncho. Disfarçado e com a cabeça encurvada, arrastou-se para o claro, sustentando o rifle com a mão direita, em busca dos outros dois. Os homens discutiam o resgate que exigiriam pelos gringos que se propunham seqüestrar. Ao Naki, que os escutava furtivamente, não lhe coube dúvida de que para eles era menos importante salvar aos pobres mexicanos companheiros de luta, que encher os bolsos.

Quando chegaram a um acordo, começaram a disparar.

-Chihuahua! É Juan! - grunhiu um deles. E se voltaram.

-Sinto muito, compadres -disse Naki, tirando o chapéu-, mas não me chamo Juan.

Os mexicanos reagiram muito tarde. Naki pôs o rifle em posição e disparo do quadril, abatendo rapidamente a ambos os homens. Detestava matar, mas eles não teriam vacilado em assassinar a alguns dos integrantes de seu grupo. Era gente desesperada.

Em certa medida, Naki entendia seu desespero, mas não podia permitir que causassem dano a Sissy. Ferveu-lhe o sangue ao pensar em quão mexicanos tinham matado ao Luis e a Conchita, sua esposa. Aqueles tinham sido federais e estes não o eram; devia o ter em conta. Conhecia muito bem a difícil situação que viviam os pobres peões mexicanos e simpatizava com eles. Entretanto, aqueles homens teriam matado a Sissy sem vacilar. Sábia que alguns revolucionários não eram precisamente honestos e estavam decididos a tirar proveito daquela luta em favor da liberdade. Tal evidência lhe provocou náusea.

De repente, quando alcançou o claro, ouviu o Thorn chamá-lo. Naki elevou a vista e voltou a ser o amigo sereno e educado de tantos anos, não o antigo apache à espreita da presa.

-Vi-te quando os localizou - disse Thorn.

-Por sorte chegue a tempo - respondeu Naki. incorporou-se e embainhou a faca.

-Havia outros dois, mas fugiram - informo Thorn -. Deixe-os partir.

Naki intercambio um olhar com seu amigo.

-Os que mataram a seus pais eram mexicanos.

-Sim. Mas não assassino a sangue frio. Como você, só disparo em defesa própria.

Antes que Naki pudesse replicar, ouviram-se no meio do silêncio umas pegadas ruidosas, e ambos se giraram com rapidez, apontando com seus rifles, para encontrar ao Richard seguido pelo resto do grupo.

-Por amor de Deus, oculte às mulheres! -ordenou Thorn.

-O apache arranco a cabeleira a alguém? - exclamou Julie; não podia ser outra.

-Não, o apache não arrancou a cabeleira a ninguém - disse Naki, furioso-. Os apaches não arrancam cabeleiras nem saqueamos vagões de trem. Por amor de Deus, estamos em 1910.

Trilby olhou mas alem do Richard e sentiu nojo. Precipito-se para os matagais e vomitou. A visão dos homens mortos, até a débil luz da madrugada, resultou-lhe tão violenta que não pôde suportá-la.

Sissy passou velozmente junto ao Richard e balanço, com olhos desmesurados e curiosos, para os cadáveres.

-Não! - disse Naki com firmeza, com uma atitude tão fera como os olhos escuros que enfrentaram aos da moça-. Retroceda.

-Não dê ordens a minha irmã - protestou Richard-. Vêem aqui, Sissy - acrescentou.

-Ele não pode me dar ordens, e você sim? -perguntou Sissy com voz afogada, dirigindo um olhar colérico a seu irmão-. A mim não provoca nojo. Se não estarem mortos, eu sei um pouco de primeiros auxílios.

-Estão mortos - asseguro Naki, friamente.

Sissy sabia, porque o tinha contado, que tinha motivos para odiar a alguns mexicanos. Entretanto, não dava a impressão de sentir-se triunfante, a não ser abatido. Sissy quis ir com ele, mas as circunstâncias a dissuadiram, assim como o semblante esquivo do Naki.

-Como pode olhar isso? - a repreensão Julie -. É algo selvagem.

-Estou de acordo - disse Richard com desdém -. Era necessário massacrá-los?

-Eles tampouco tivessem duvidado em nos matar a nós - disse Naki, erguendo-se e olhando fixamente ao homem branco-. Gostaria de saber o que teriam feito às mulheres? -adicionou com uma frio sorriso.

Sissy já o sabia.

-Richard, basta - disse a seu irmão, que se dispunha a discutir.

-Não estas esquecendo qual é seu lugar? - inquiriu seu irmão.

-Meu lugar é aquele em que eu escolho estar. Não tem nenhum direito nem nenhuma autoridade sobre mim - replicou-lhe Sissy.

-Certamente, terei que mencionar a nossa mãe seu comportamento aqui -prometeu Richard.

Sissy o Olhou com olhos furiosos.

-Acredita que isso me preocupa?

-Parece que não se preocupa, tendo em conta a companhia que buscas.

A jovem propino uma sonora e forte bofetada a seu irmão, quem levou a mão à bochecha e ficou olhando ao Sissy de marco em marco, estupefato.

-Bateste-me! - deu com voz entrecortada.

-Certamente que o tenho feito e te asseguro que desfrutei - replicou ela-. Agora, querido irmão, é melhor que vamos.

Richard não voltou a pronunciar palavra. Sissy evitou olhar ao Naki ao passar a seu lado para retornar ao caminho pelo que tinham vindo. Estava observando o costume índio apache, e ele tinha que sabê-lo. E Naki soube; sorriu para seus adentros quando se reuniu com o Thorn para enterrar aos mortos.

Depositaram os cadáveres em fossas pouco profundas, que logo cobriram com pedras. Foi um trabalho árduo porque o terreno era rochoso, mas não deviam deixar nenhum rastro que pudessem encontrar os outros mexicanos.

-Teremos que notificar o incidente ao exercito - disse Thorn ao Naki depois -. Isto poderia ser o começo de muito desagradável. Eu não gosto da idéia de que os revolucionários se passem dessa maneira por este lado da fronteira, apesar de que simpatizo com sua causa. Apostaria-te dez dólares contra um cubo de lata a que planejavam um seqüestro.

-Se, planejavam-no, mas não formavam parte das forças revolucionárias. Ouvi-os falar - informou Naki.

Referiu o resto do acontecido ao Thorn, que olhava a Trilby. Pensou que seu mundo poderia ter terminado se os desertores tivessem conseguido lhe fazer dano.

Thorn e Naki se reuniram com outros e quando todos levantaram o acampamento. A expedição de caça tinha concluído e, por fortuna, não em tragédia.

Trilby cavalgava ao lado do Thorn, depois de ter deixado atrás o atalho de montanha, pelo comprido e sinuoso caminho poeirento que conduzia ao rancho. Ela não montava melhor que antes, mas já não suportava a idéia de compartilhar o cavalo com o Thorn. Ele pareceu senti-lo, porque não insistiu.

-Encontra-te bem agora? -perguntou o com voz serena.

Ela até estava um pouco pálida mas, como ele havia dito uma vez, era valorosa.

-Sim -respondeu.

Vance a observou com franco interesse. De algum modo, a moça parecia mas jovem, frágil e vulnerável. Queria acolhê-la em seus braços, levar a à montanha e cuidá-la sempre. Aquele desejo de posse lhe resultava inquietante.

-Refletiste sobre a idéia de nos casar? - inquiriu ele.

-Não tem por que - começou a dizer ela.

-Não seja ridícula. Quero fazê-lo. -A mudança as rédeas de mão. Seu corpo alto, que se balançava com graça com o movimento do cavalo, parecia quase parte do animal. Trilby, por sua parte, movia-se de um lado a outro em suas arreios e apenas se mantinha sobre ela-. Em pouco menos de três semanas será Natal. Se quiser, poderíamos nos casar antes dessa data.

-Isso... estaria bem - acordou ela-. Viveríamos em Los Santos?

O coração do homem deu um tombo.

-Onde se não? -perguntou ueleo razoavelmente-. É minha casa; minha e da Samantha.

Trilby sentiu que um muro se levantava em torno dela; realmente não havia saída. Nem sequer nesses momentos podia olhá-lo aos olhos, pois se sentia tão tímida e nervosa em sua presença como nos primeiros dias de sua turbulenta relação.

-Eu poderia retornar ao Este...

O olhar do homem escrutinaram os olhos da moça.

-E fazer que? Fingir que adota um menino, se tiver ficado grávida? E onde te alojaria?

Ela fez uma careta de desgosto.

-É tão difícil... -consigiu dizer.

O semblante do rancheiro se endureceu ao advertir o olhar que Trilby dirigia ao Richard, quem cavalgava junto à Julie. Logo que falavam, mas ele observava de tanto em tanto, que sua prima atuava como uma mulher diferente à tola coquete que tinha descido do trem. Richard tinha demonstrado o que realmente era em realidade e a Trilby incomodava pensar que tinha estado tão cega para acreditar-se apaixonada por ele. Inclusive Julie parecia estar trocando de idéia.

Richard sem dúvida era bonito, mas também superficial e egoísta.

-Por causa dele? -pergunto Thorn, lacônico, assinalando ao Richard-. Nem sequer te terá em conta quando se der a escolher.

-Eu sei -disse ela, rígida.

-Então confronta os feitos -disse Thorn-. Você e eu nos deitamos juntos, e você era uma virgem. Em meu mundo, isso significa que te desposou comigo. Estamos fazendo o correto para emendar nosso engano -prosseguiu ele, com suavidade-. Isso não a compensa sequer um pouco?

-Suspeito que não tornaste esta decisão de forma repentina, Thorn. Pergunto-me se não planejou o que aconteceu, embora fosse de maneira inconsciente. Ouvi rumores.

-Que rumores? -pergunto ele.

-Que não tem mas que charcos de água envenenada em Los Santos e em suas posses do México e que necessita acesso à água que há em nossas terras -explicou ela, com valentia-. Nosso matrimônio não representa uma solução a esse problema?

Ele assentiu.

-Sim, é – ele admitiu sincero -. Mas deve saber que te quero. Nem a pessoa mas desconfiada confundiria meu interesse por ti com cobiça.

-Eu sei -acordou Trilby -. Nunca poderei voltar para a Luisiana – murmurou -. Terei que ficar aqui, contigo. -Afundou o rosto nas mãos.

-Não faça isso -reprovou Thorn com raiva, ferido pela falta de entusiasmo da moça ante a perspectiva de converter-se em sua esposa. Ele não ia por aí pedindo à primeira mulher que encontrasse que se casasse com ele. Em realidade, Sally tinha sido a única a quem o tinha proposto-. O feito de que tenha que te casar comigo não é o fim do mundo, Trilby.

-Não o é?

O rosto do homem se congelou em uma expressão inusitada quando captou a ofensa. Quis lhe recordar que em seus braços ela se abandonava como uma qualquer, mas isso tivesse sido injusto. Vance tinha as mãos atadas. Trilby se desposaria com ele, mas seu coração seguiria pertencendo ao homem do Este. Como poderia combater isso? E o que era mas importante por que queria fazê-lo? Pergunta-a o atormentou todo o caminho.

Lisa Morris ainda se encontrava na enfermaria dois dias mas tarde. Recuperou-se, mas não o suficiente para partir. Teria que hospedar-se em casa da senhora Moye, e lhe faltavam forças para isso.

Enquanto isso, resultava-lhe agradável permanecer na cama e ouvir os protestos do muito irritado Todd Powell quando se ocupava das tarefas doméstica de noite.

Resmungava enquanto tratava de preparar um guisado. A carne tinha ficado crua e as hortaliças excessivamente cozidas, mas ao menos o caldo estava bem temperado. Serve um tigela de caldo a Lisa e o mesmo o deu a comer a colheradas. Nunca ficava satisfeito até que conseguia que o terminasse.

Arreganhava-a porque estava muito magra. Com a camisola de flanela que tinha posto, observava-se que tinha perdido peso.

-Seu marido mandou dizer que não se oporá ao divórcio - anúncio o capitão Powell-. Parece que tem intenção de casar-se com a mulher de Douglas.

Ela assentiu.

-Não me surpreende. - recostou-se contra os travesseiros, exalando um leve suspiro-. É o melhor. Eramos pouco menos que inimigos muito antes de que eu perdesse ao menino.

O soltou o tigela e a colher sobre a mesinha e tomou o pulso; notou-o um pouco acelerado e sorriu ante a evidência do muito que sua presença afetava à mulher. Tirou o estetoscópio ao redor do pescoço e o elevou até seus ouvidos.

-Tussa -indicou deslizando o estetoscópio debaixo do peitilho da camisola contra sua pele cálida e suave.

Ela obedeceu, e o contato da mão do homem lhe produziu vertigem. Todo seu corpo se contraía ao mas leve roce dos dedos do capitão. Lisa sabia que seu coração pulsava depressa e que ele o ouvia.

ele elevou a cabeça, consciente do nervosismo da mulher. A olhou com força, sem retirar a mão, e muito lentamente, quase a modo experimental, apertou seus dedos do amplo círculo metálico para a pele nua da paciente.

Lisa conteve a respiração, sem mover-se, sem protestar. Seus olhos se voltaram mas grandes e curiosos.

Os lábios do homem se separaram. Olhava-a intensamente aos olhos enquanto explorava a suave curva de seu peito atrasando-se na súbita dureza de seu mamilo, que capturou entre o polegar e ele começou acariciá-lo com suavidade.

-OH, minha querida - sussurrou, com voz rouca.

Notou que Lisa tremia. O medico retirou o estetoscópio, e suas grandes mãos, trêmulas e vacilantes, procuraram os botões da camisola de flanela. Lisa descansou suas mãos sobre as do homem.

Transcorreram uns segundos, porque ele se mostrava torpe em sua urgência por vê-la, por tocá-la. Ajudou-a a sentar-se e pouco a pouco ele desceu a camisola até a cintura, procurando não machucá-la onde estava queimada.

Ela se incorporou, subjugada, com a vista cravada em seus seios, enquanto ele os percorria com a ponta dos dedos.

Lisa era uma mulher miúda, de carnes firmes e belamente formada. Resultava erótico observar as mãos do Todd acariciá-la tão docemente.

-Nunca... desfrutei... antes - sussurro ela.

ele elevou o olhar para encontrar os olhos da mulher.

-É formosa -murmurou-. Muito formosa.

Lisa percebeu o desejo que transparecia nos tenros olhos do homem.

-Brandamente -murmurou ele.

Apóio à mulher na curva de seu braço e se inclinou para posar seus lábios, com grande ternura, sobre seus peitos inflamados, sobre seus mamilos endurecidos, desenhando doces círculos com a língua.

Os dedos dela, trementes, enredaram-se em sua espessa cabeleira lisa do homem. De sua garganta brotou um profundo som, e Lisa se estremeceu.

Recostou-a contra os travesseiros, deleitando-se na contemplação de seu corpo branco e brando durante compridos minutos. Ela suspirava e gemia sob o calor da boca do oficial, entregando-se com enfermo abandono.

O controle do homem cedia segundo a segundo e, quando deslizou a mão pelas suaves coxas, perdeu-o por completo.

Lisa gemeu e se moveu um pouco, o suficiente para respirá-lo. Todd Powell observou o rosto da Lisa durante um instante antes de que suas bocas ávidas se fundissem.

Ela ficou rígida ao notar a nudez do homem contra a sua e começou a ofegar.

Os lábios do homem se separaram dos da Lisa somente uma fração de segundo.

-Me deixe te agradar -sussurrou excitado -. Cuidar de ti... me deixe te mostrar como pode ser, como deveria ser.

Ela o olhou aos olhos, envergonhada, mas em seguida se relaxou, entregando-se à carícia lenta e suave das mãos masculinas. Arqueamento o corpo, e sua cara se tensionou de temor e assombro.

-Não me rechace, querida – murmurou ele com ternura-. OH, Lisa, não resista -pediu ele,

enquanto seus quadris se moviam e unia seu corpo, com deliciosa ternura, ao da mulher.

Todd gemeu ante a chegada de prazer, ante a primeira intimidade que se permitia depois da morte de sua esposa.

O sensual movimento do capitão agarrou a Lisa despreparada, quando já era muito tarde para protestar. Ondas envolventes de prazer emanavam dos gestos lentos e acariciadores do corpo do homem. Aferrou-se aos largos ombros do Todd, com os olhos em branco, separando os lábios quando a tensão começou a estender-se loucamente por seu corpo. Nunca tinha conhecido tais sensações, nunca havia sentido como se um calor puro ardesse em seu ventre e uma maré a arrastasse para o prazer. Jamais tinha experimentado a incrível plenitude da posse, a expansão de seu próprio corpo para acomodar-se a esse ato. O gozo era tão intenso que lhe deu pânico.

-Todd! - exclamou assustada.

-OH, sim -sussurrou ele com paixão -. Sim, sim minha querida. Ela arqueio as costas e começou a curvar-se ritmicamente, estremecida, enquanto de sua garganta brotavam uns débeis gritos quando ambos se converteram no resto flutuante de um naufrágio no agitado oceano. Cavalgava na crista de uma onda muito mas poderosa e selvagem do que nunca tinha divulgado que pudesse ser.

Todd lhe sussurrava ao ouvido palavras íntima, escandalosas, com uma voz profunda e erótica. Quando Lisa voltou a encontrar-se na espiral ascendente, seu último pensamento foi que até esse momento nunca tinha sabido que era a vida...

Depois ele a calçou com frases doces e carícias tenras, cobrindo-a em seus braços até que dormiu. Quando Lisa despertou, disse-se que tinha sido um sonho. Nem ele nem ela mencionaram o acontecido. Quando a mulher se instalou na casa da senhora Moye, soube que quando lhe concedessem o divórcio não estaria muito tempo sozinha. Também soube ele.

CAPÍTULO 14

Trilby foi incapaz de explicar a sua mãe o que tinha ocorrido no acampamento. Nem sequer se atreveu a contar a Sissy. A consciência lhe removeu durante vários dias, enquanto seus hóspedes vadiavam pelos arredores, representando mas trabalho para sua mãe e ela mesma. Somente Sissy e Ben ajudavam. Richard parecia considerar que deviam servi-lo, e Julie se passava quase todo o tempo zangada em sua habitação.

Apesar da alegria que os embargou quando Thorn e uma estranhamente abatida Trilby lhes anunciassem seu compromisso, Jack e Mary Lang ficaram horrorizados ao inteirar do incidente que se produziu com a partida de mexicanos que atacaram aos jovens nas montanhas.

-Este esta lugar sem civilizar -comentou Jack, mal-humorado, a Mary-. Oxala nunca tivesse cometido a loucura de vir aqui. Agora não podemos permitir retornar a casa, e tudo é minha culpa. Que teria passado se tivessem matado a Trilby e outros?

-Por fortuna não lhes aconteceu nada, graças ao Thorn e ao estupendo homem índio apache - disse Mary com doçura-. Deixa de preocupar-se - acrescentou, lhe dando um tapinha no braço-. Agora tudo vai bem.

-E por quanto tempo? -perguntou Jack-. Já sabe que se diz que se cometem muitas atrocidades ao longo da fronteira. Isto me recorda um barril de pólvora à espera de que alguém o acenda.

-Não nos achamos perto de Douglas - disse Mary-. Estou segura de que aqui estaremos seguros.

-Oxala seja assim -disse Jack, que deixou a um lado sua inquietação para centrar a

conversação no compromisso do Thorn e Trilby, que excitava e agradava tanto a ele como a sua esposa-. Devo reconhecer que nunca pensei que o fariam -adicionou, com um sorriso irônico-. Sobre tudo depois de seus contínuos enfrentamentos. Embora me dá a impressão que o faziam como uma prova antes do matrimônio. Orgulha-me que Trilby acabe tão bem.

Mary disse:

-Considero que Thorn sai tão beneficiado dessa relação como nossa filha. -E riu ao ver o rosto avermelhado de seu marido enquanto se desculpava, um pouco envergonhado, por subestimar a sua própria filha.

Richard, Ben e Julie prepararam as malas, decididos a partir para a manhã seguinte.

-A verdade, não suportaria outro dia aqui - disse Richard-. O Oeste eu não gosto. Tenho saudades a sociedade civilizada.

-É um esnobe, Richard. -Sissy suspirou-. Bom, parte se quiser, mas eu não estou disposta a perder o casamento da Trilby.

-Anunciaram-na que forma bastante precipitada, não te parece? -inquiriu Richard.

-Thorn já explicou que a tinham planejado para muito tempo e que tomaram a decisão quando se achavam no acampamento -retificou Ben.

Richard se mostrava inquieto.

-Esta aproveitando-se dela. Trilby deveria retornar conosco e afastar-se desse rancheiro enquanto possa; nunca conseguirá adaptar-se à vida do deserto.

-Qualquer mulher se adaptaria a qualquer classe de vida com um homem como Thorn, querido irmão. -Sissy riu entre dentes-. O senhor Vance cuidará dela; não se preocupe.

-Trilby foi minha primeira noiva - disse Richard, ressentido.

-Comportou-te como um néscio ao paquerar com a Julie desde dia em que chegamos - replicou Sissy em voz baixa, para que Julie, que se achava no salão, ouvisse-a-. Você empurrou a Trilby aos braços do Thorn, e me alegro. Ele é duas vezes mas homem que você.

O rosto do Richard se acendeu de raiva.

-Olhe, será melhor que não me inteire de que te vê com esse índio desprezível -muito ameno.

-Esse índio desprezível me salvou a vida -recordou ela-. Meus assuntos privados não lhe incumbem.

-Ora!

-Não se esqueça de escrever. E diga a mama que irei a casa depois das bodas -acrescentou Sissy com aposento, piscando os olhos um olho ao Ben, que dissimulava um sorriso.

-Mama ficará furiosa!

-Não, não acredito. Ela me animou a que estudasse na universidade enquanto que você e papai lhes burlaram de mim. Um dia serei antropóloga; espera e veras.

-O lugar de uma mulher é o lar - disse Richard, imitando o tom severo de seu pai.

-Talvez ele era, mas já não. E quando todas sejamos instruídas, ninguém nos reterá na cozinha todo o dia.

-OH, maldita seja. vamos acabar de preparar a bagagem, Ben. Não se pode discutir com nenhuma mulher -sentenciou Richard, aborrecido.

Ben se limitou a encolher-se de ombros, dedicando Um sorriso cálido e sincero a sua irmã.

Julie quase não falava com ninguém. Tinha voltado do acampamento, convertendo-se em uma triste sombra da moça que tinha sido. Tinha começado a olhar ao Richard com olhos frios, tão zangada com ele como Sissy e Trilby. Entretanto ele era tão obtuso que não parecia adverti-lo.

Na estação, Thorn se acertou para estar perto da Trilby quando esta se despediu do anterior homem de sua vida. Rodeio-lhe a cintura com um braço, enquanto ela estreitava educadamente a mão de um Richard abatido.

-Espero que seja muito feliz, Trilby -disse Richard com rigidez, dirigindo um olhar gélido ao Thorn-. Manteremo-nos em contato, verdade?

-OH, terá que nos visitar no próximo ano, quando estivermos adequadamente instalados - interveio Thorn, com securo. Organizarei outra partida de caça.

-Bom, sim, seria estupendo -replicou Richard. Sustentou a mão da Trilby um pouco mas do aconselhado pela cortesia e a apertou. A moça estava já fora de seu alcance, e ao Richard doía não ter atuado com mais decisão. Julie o tinha cegado e impedido de valorar a Trilby. Agora pertencia a aquele rufião ardiloso e só Deus sabia que seria dela-. Adeus, Trilby. Lembrarei-me de ti.

Ela sorriu, a ponto de chorar, embora não de tristeza pela marcha do Richard, mas sim pela sensação de perder o passado. Ela formava parte de sua infância e adolescência. Sempre tinha associado essas etapas de sua vida ao Richard, seu moço maravilhoso. Agora, na estação, sentia-se completamente desiludida e pensava que seus sonhos não tinham sido mas que fantasias próprias de uma colegial. Richard não se ajustava absolutamente à imagem doce que ela se criou dele. Trilby estava desprendendo-se de tudo que tinha acreditado desejar, e seus sonhos de amor tinham sido substituídos pelo matrimônio com um homem que somente se interessava por ela para obter a água de seu pai.

-OH, Meu Deus - sussurrou.

Richard, no cúmulo da vaidade, interpretou que a moça lamentava abertamente o feito de perdê-lo. Conteve o fôlego e teria falado se um brusco movimento do Thorn e um olhar de seus olhos escuros não lhe tivessem dissuadido. Apesar de tudo, disse:

-Se alguma vez me necessitar, pode contar comigo, Trilby. -Falou com veemência e logo lhe soltando a mão, voltou-se para encaminhar-se para o trem.

Trilby teria rido de sua jactância se não houvesse sentido tão desventurada. Tinha o coração destroçado, e não lhe importava que Thorn o notasse. Depois de tudo, ele a tinha feito cair na armadilha.

Thorn, que se se tinha precavido da inquietação da moça, não conseguia encontrar as palavras precisas para expressar o que sentia. Desejava desculpar-se por havê-la posto em um apuro e também queria baixar ao Richard do trem e jogá-lo contra um cacto. Estava convencido de que Trilby amava ao Richard tanto como o odiava a ele por ter feito impossível seu amor.

Separou-se dela com brutalidade para atar um cigarro com dedos destros. Enquanto isso, Trilby se despedia do Ben e, com certa frieza, da Julie. Logo o trem se afastou da estação e não demorou para converter-se em uma mancha de fumaça no horizonte cinza.

O vento era frio, inclusive para o mês de dezembro no sul do Arizona.

As bodas se celebrou três semanas mas tarde, em outro dia frio e melancólico. Mary e Jack tinham tratado de persuadir ao casal de que esperassem até a chegada da primavera, mas nenhum dos dois transigiu. Thorn especialmente se empenhou em não postergar a data das bodas, como se algum motivo o apressasse, pensou Mary. É obvio, nada podia ter acontecido nas montanhas, pois tinham estado em companhia de muitas pessoas para permitir uma imprudência... Talvez sua urgência se devia a que Thorn amava a Trilby e temia perdê-la em favor do Richard. Sim, tinha que ser isso... Entretanto Richard tinha partido para a Luisiana com seu irmão Ben e Julie. Então, como explicar a obstinação do senhor Vance? A pergunta ficava sem resposta.

Trilby, vestida com um traje comprido de cetim branco, apresentou-se à cerimônia com uma expressão que nenhuma noiva deveria adotar no dia de suas bodas. Rígida e melancólica, pronunciou sua promessa de fidelidade com ar ausente. Nem sua atitude nem seu rosto irradiavam alegria, e quando Thorn se inclinou para beijá-la, lhe ofereceu a bochecha em lugar da boca.

A distância entre ambos era descomunal. E a recepção posterior não contribuiu absolutamente a diminuí-la, em especial quando Curt, o primo do Thorn, aproximou-se para beijar à noiva.

Trilby lhe sorriu, um gesto que seu marido teve que aceitar.

-Obrigado, Curt - disse ela com doçura.

-Lamento o modo em que começaram aqui as coisas para você - disse com acanhamento -. Espero que você e Thorn sejam felizes. Desejo-o sinceramente.

-Também eu - acertou a dizer ela.

Sissy fico olhando ao Curt, com curiosidade.

-É bonito -disse.

-Sim, ele é -Trilby advertiu que a pequena Samantha parecia triste quando Curt lhe dirigia a palavra, e que em seguida se defendia em seu pai. A aparição da Sissy apartou à noiva desses pensamentos. Sorriu ao ver sua amiga com um vestido de cor rosa com adornos de volantes e renda-. Estas muito bonita - disse, observando que levava o cabelo solto.

-A um determinado cavalheiro alto não gosta que me recolha o cabelo. - Suspirou e olhou ao redor-. Não se encontra aqui, é obvio. comporta-se com cortesia ao me evitar. e tarde, da noite, ouvirei uma flauta e sairei furtivamente para me cobrir sob sua manta enquanto falamos de raças antigas e recitamos sonetos do Shakespeare.

-Não fala a sério -exclamou Trilby, com malícia.

-Oh, claro que sim. Nossa relação é impossível - disse Sissy, depois de haver lhe eclipsado a alegria-. Sei que não existe futuro para nós, mas desejo estar com ele. Cada segundo é precioso; amanhã retornar eia casa.

-Poderia ficar aqui comigo - disse Trilby, agarrando-se por um prego ardendo.

Sissy riu com tristeza.

-Em sua lua de mel? Certamente que poderia. - Fez um gesto irônico-. Deveria te envergonhar. Que opinaria Thorn?

-Não me importa.

A outra garota se apertou levemente as mãos.

-Não lhe tem medo, verdade? -perguntou solene-. Não sei muito mas que você a respeito, mas tenho lido muito. Não deve doer muito, e se amas a um homem se supõe que tem que resultar muito prazeroso, apesar do que diga as pessoas maior -sussurro com tom conspirador.

Trilby se ruborizou, porque já sabia muito. Mas não podia confessá-lo.

-Não lhe tenho medo - disse, dirigindo um olhar à esbelta figura de seu marido que, vestido com um traje escuro, achava-se perto, junto a um grupo de convidados que tinham ido para lhes dar o parabéns.

-Me preocupa Samantha – apontou a Sissy, assinalando à menina, que se encontrava junto à mesa do refrigerante, totalmente sozinha, tratando de passar inadvertida-. Sinto pena por ela. É como fomos você e eu a sua idade - acrescentou, com um sorriso de pesar-. Nenhuma das duas fomos particularmente sociáveis.

-Eu cuidarei dela - disse Trilby, olhando à menina com carinho -. recebeu muito pouco amor. Seu pai não é uma pessoa carinhosa.

-Talvez te leve uma surpresa - disse Sissy -. A meu parece muito sensível; um homem que oculta seus sentimentos porque teme que lhe firam. Seu anterior matrimônio não seria feliz, verdade?

-Não; não acredito que fosse.

Sissy assentiu.

-Bem, estas bodas talvez seja o melhor para os dois. Certamente, Thorn tem mas que oferecer que meu irmão, Trilby. Suponho que você também sabe.

-Sim, o sei. Relacionou ao Richard com uma parte importante de minha vida - disse lentamente-. Suspeito que desejava tanto reviver o passado que o confundi com ele.

-A verdade é que será mas feliz com o Thorn. Se Richard tivesse chegado a casar-se contigo, te teria deixado em casa enquanto ele se dedicaria a perseguir a outra mulher. Nem sequer pode ser fiel a uma noiva. Como tivesse sido suportar sua traição dentro do matrimônio?

-Tivesse sido terrível - admitiu Trilby-. Em um tempo acreditei lhe amar -disse com tristeza-. Foi necessário esta viagem para que me desse conta de que não era assim. Realmente, não lhe amava.

-Pode aprender a amar ao Thorn. É muito homem – enfatizou a Sissy-. Duvido de que te arrependa.

-Já veremos. -Tomando a Sissy de um braço, conduziu-a para a mesa do refrigerates, enquanto procurava não pensar na noite que se aproximava -. vamos comer e beber algo.

Mas tarde, Samantha se aproximou timidamente da Trilby, que se ajoelhou para ficar à altura da menina.

-Somente queria felicitá-la -disse Samantha com sua doce voz-. Me alegro de que se casou com meu pai. Espero que seja muito feliz.

-Eu espero que você também o seja. Eu gostaria que fôssemos amigas.

-Pensa ter muitos meninos? -perguntou a menina, séria, com gesto resignado.

Trilby se ruborizou.

-Não deveríamos falar disso agora, de acordo? Suas palavras provocaram um débil sorriso na menina. -De acordo.

-Teremos muito tempo para chegar a ser amigas, Samantha. E realmente o seremos.

-Ama a meu pai, senhorita Lang? -perguntou a pequena com um tom muito prudente-. Quero dizer...mama - corrigiu-se.

-Não séria mas fácil que me chame Trilby? -perguntou a moça à menina, evitando responder sua pergunta. -Meu pai disse que devo chamá-la mama-. -Então o fará sozinho em sua presença - disse Trilby com doçura e sorriu-. Quando estivermos sozinhas, pode me chamar Trilby.

Os olhos escuros da menina se iluminaram. -OH, bem, estupendo. Trilby riu.

-Será nosso segredo.

-Sim, um segredo de verdade. Trilby, poderia me ajudar com meus estudos? Não quero viver com o tio Curt para assistir à escola da cidade - disse, preocupada.

-Estou segura de que resolveremos esse problema - repôs a jovem-. Eu não gosto da idéia de que permaneça em Douglas precisamente agora, com todos esses incidentes na fronteira. Falarei com seu pai a respeito.

-Alegra-me muito. - Olhou a Trilby com inquietação -.Devo ir a casa do tio Curt esta noite?

-Temo-me que sim. Não lhe agradam seus tios?

Samantha não respondeu diretamente.

-São bons; dizem que posso voltar para casa amanhã.-Então, verei-te amanhã, não é assim? - disse Trilby com um sorriso.

A conversa tinha entristecido a Trilby; então recordou que essa era sua noite de bodas. Somente ela, e Thorn sabiam que não séria a primeira vez que se deitavam juntos, mas não podiam admiti-lo ante outros.

Trilby e Thorn estiveram ocupados até tarde despedindo-se dos convidados. Depois, como era inevitável se encontraram sozinhos no salão, fracamente iluminado por um abajur, junto ao calor do fogo da chaminé, bebendo a ultima taça de champanha.

A recém casada trocou o traje de noiva por um singelo vestido de cor cinza. Em um primeiro momento pensou em vestir a camisola, mas temeu que Thorn o interpretasse erroneamente como uma insinuação de ir a sua cama, e isso era o ultimo que desejava.

Vance não se trocou. Vestia uma impecável camisa branca e calças negras a jogo com o faixa. Tão somente tirou a jaqueta e seus dedos estavam afrouxando o gravata-borboleta.

-Estou cansado, e você? – perguntou ele para iniciar a conversação-. Tinha esquecido quão exaustivo é casar-se.

O comentário recordou a Trilby que não era a primeira vez que ele ia ao altar. Observando as borbulhas da taça de champanha, disse:

-Sim, é exaustivo.

A vista do homem se posou na elegante taça que a moça sustentava na mão.

-Sabe por que as taças de champanha têm esta forma? –perguntou ele de repente.

Trilby o olhou e logo examinou a taça.

-Não. por que?

Ele sorriu.

- Estas segura de que quer sabê-lo?

-Sim, é obvio -replicou ela, curiosa.

Thorn se inclinou um pouco, acariciando sensualmente a taça que sustentava.

-Foram desenhadas a partir de um molde dos seios da Maria Antonieta -disse, com voz suave.

Ela deixou cair a taça, tanto pela surpresa da resposta como pela maneira em que o acariciava a sua enquanto olhava o peito da Trilby.

Thorn sorriu ante a visível confusão da moça. Depositando a taça sobre uma mesinha, levantou-se do sofá. Quando se aproximou dela, Trilby apreciou o brilho cintilante de seus olhos, a ameaça sensual de seu corpo, e se ergueu rapidamente.

-Será melhor que limpe isto - começou a dizer, desesperada.

Vance a agarrou em seus braços, como se não pesasse.

-Não até que tenhamos feito o amor - disse, com voz rouca.

Inclino-se e começou a beijá-la. A boca de seu marido, tinha gosto de champanha e hortelã, e o fôlego dele era quente quando aproximou a boca da moça.

Trilby tinha querido protestar, resistir, mas o contato do homem a narcotizava. Demorou poucos segundos em ceder e rodear com acanhamento o pescoço do homem com os braços, tremendo com deliciosa expectativa a recordar a ultima vez e quão maravilhoso tinha sido inclusive na fria umidade da barraca, sobre o duro chão. Nesta ocasião seria em uma cama quente e sem nenhuma possibilidade de interrupções: tinham toda a noite para eles.

-Desejei-te durante muito tempo, Trilby - disse ele quando a depositou docemente sobre a imaculada colcha branca da cama-. É quanto sonhei.

Ela ficou estendida, a débil luz do abajur de querosene. O coração começou a lhe pulsar agitadamente quando ele começou a tirar camisa a ponto esteve de lhe pedir que apagasse o abajur quando a jogou em um lado e seus olhos descobriram o que suas mãos já sabiam a tempo; era peludo, musculoso e muito, muito varonil. Estava tão fascinada contemplando o peito do homem que nem sequer reparou em que este começava a desabotoar as calças.

Quando sim as retirou, revelando a parte mas ameaçadoramente masculina dele, ela ficou imóvel, sem fôlego.

-Agora já sabe - disse Thorn.

Ela desviou a vista, esperando até uma risada zombadora, mas não a houve. O rangido do tecido e o ruído surdo das pesadas botas chegaram a seus ouvidos. A seguir Thorn se sentou na cama junto a ela.

-O abajur, Thorn - sussurrou com desespero ao ver que as mãos do homem se dispunham a lhe desabotoar o vestido.

-Quero que esteja aceso, Trilby - disse ele com serenidade-. Desejo que me veja e ver todas as intimidades de seu corpo.

-Mas...

Ela avermelhou, furiosa, quando ele tocou seu torso nu e a recostou para despojá-la do resto das roupas gostará muito.

A mulher tratou de cobrir-se, mas as mãos do homem o impediram. Permaneceu estendida durante uns segundos, aniquilada, enquanto os olhos do homem completavam a posse extasiada de sua nudez.

-Thorn, por favor... -começou a dizer ela, coibida.

-Toda minha vida o tenho feito na escuridão - disse ele, com o olhar fixo em seus seios-. Esta vez quero ver tudo, cada segundo. Nunca desejei a ninguém como desejo a ti.

Inclinou-se e posou sua boca no topo de um mamilo. Beijou-o e o sugou, obtendo que logo se endurecesse.

A moça conteve o fôlego ante o prazer recordado e afundou os dedos na espessa cabeleira escura do homem, com a vista cravada nos leves movimentos de seu rosto enquanto ele a saboreava.

A outra mão do homem se deslizou pouco a pouco pelas coxas, os quadris e o ventre liso da Trilby. As carícias se prolongaram durante minutos largos e lânguidos, e a boca e as mãos do homem se voltaram mas audazes, ao igual às palavras que saíam dos lábios úmidos da Trilby.

Quando ela esteve por completo sensível, Thorn a insistiu a que explorasse seu corpo com as mãos, lhe ensinando onde e como acariciar, de modo que seu próprio prazer foi em aumento, compassado ao de sua esposa.

-É... indecente! -protestou ela, quando ao fim ele colocou seu corpo entre suas pernas e tomou pelas coxas para elevá-la abruptamente até alcançar a intimidade absoluta.

Ela notou o estremecimento do corpo masculino sacudido pelo prazer, e viu a súbita e intensa escuridão dos olhos do homem e a contração dos músculos de seu rosto suado.

-Sim -replicou ele. Sob o olhar dele o amplo espaço entre os corpos de ambos e se fixou no ponto em que se uniam amorosamente-. Olhe, Trilby -sussurrou.

De maneira automática ela olhou e ficou sem fôlego enquanto ele permanecia imóvel, lhe permitindo assim ver o total contato íntimo ao que se achavam entregues. Vance elevou a vista para encontrar-se com a expressão escandalizada da moça. Sustentou-lhe o olhar e lentamente, com um movimento semelhante ao do vento estival ao agitar as folhas das árvores, começou a entrar no corpo da mulher.

-É formoso -murmurou, procurando o rosto da Trilby quando o prazer a estremeceu-. Contigo é algo muito mas profundo que a simples união carnal dos corpos.

A inesperada ternura do homem comoveu à moça. relaxou-se quando Thorn aprofundou sua posse e lhe embalou o rosto com as mãos, acariciando sua boca enquanto ele ofegava e começava a tremer.

Ambos estavam alcançando o êxtase. Estremecendo-se, sem ocultar o rosto, Trilby permitia que ele a olhasse, o que parecia acentuar o prazer do homem, que gemia com cada movimento.

-Me aceite -sussurrou ele agitado.

De repente se convulsionou na posse completa e arremeteu com rápidos e intensos embates de prazer que a elevaram do colchão em seu incontenível frenesi.

Nesse momento ela não entendia nada, dominada pela doce rajada de cor, calor e esquecimento que a impulso a gritar por tudo o que o podia lhe proporcionar.

Vance lhe deu satisfação. separou-se dela e se estendeu de costas a seu lado, com o olhar cravado no teto enquanto assumia que a amava, pois somente o amor podia explicar a febre que acendia não só seu corpo a não ser sua mente, seu coração e sua alma. O modo em que a havia possuído tinha pouco que ver com uma necessidade simplesmente física. Essa vez tinha sido inclusive mas incrível que a anterior.

Trilby jazia junto a ele, oferecendo-se a seus olhos e procurando apaziguar sua agitada respiração. De repente, depois do prazer, sentia-se lânguida, como se ainda fosse parte dele. Seu marido a olhou e ela não fez gesto de cobrir-se; agora lhe pertencia.

O olhar do Thorn se deslizou pelo corpo feminino, percorrendo todos os lugares que sua boca e suas mãos tinham explorado, observando as marcas vermelhas que sua fome devoradora tinha deixado nela.

-Terá marcas - disse, com voz serena-. Sinto muito. Não pretendia ser tão brusco.

-Ao final é quase impossível não sê-lo -disse ela e se ruborizou, desviando a vista.

-Dei-te prazer, não é certo? –perguntou ele, tranqüilamente, lendo a resposta no rosto até mas avermelhado de sua esposa e no débil som que emitiu-. Explicaram-lhe que as mulheres não devem desfrutar com seus maridos?

-Sim -admitiu ela-. Dizem que somente as más mulheres gozam com um homem.

-Você não é uma má mulher. - Agarrou-lhe uma mão e a beijou com ternura-. Obrigado pelo prazer que me proporcionaste.

-Thorn...

Ele se inclinou e lhe beijo as pálpebras fechadas.

-Me deixe te ter outra vez - sussurro ele, descendendo até sua boca.

-Mas não estaria bem! -protestou ela com veemência.

-Por que não?

A boca do homem se abaixou na dela, e enquanto ela tratava de alegar razões voltou a deslizar-se em seu interior e a possuiu com eficiência doce e perita. Quando a mente da Trilby começou a funcionar de novo, encontrou-se estendida contra ele, na segunda e saciada lassidão que acontece ao prazer.

-Nunca supus que resultaria tão grato - disse, ele sonolento. Atraíu-a para seu corpo e a cobriu com as mantas-. Agora dorme, pequena.

-Minhas roupas - disse ela.

Vance a olhou aos olhos antes de apagar o abajur.

-Pela manhã voltaremos a nos desejar, inclusive mas do que já o temos feito. Será mas fácil se não termos que nos incomodar em nos despir. -Trilby se ruborizou, estremecida-. Não é pecado que deseje fazer amor comigo – murmurou ele, sorrindo-. Deus nos deu o prazer para realçar a alegria do matrimônio e os filhos. Gozemos um do outro, Trilby. Não temos que nos envergonhar disso.

Conseguiu convencer a jovem espôsa, que, entretanto, pensou que sua atitude não era muito lógica, pois uma parte dela seguia ressentida pelo modo em que ele a tinha manipulado para levá-la ao matrimônio. Mas quando ele a possuía, somente era consciente da sedução de seus sentidos, de seu corpo. Quando se aproximava dela, o era quão tônico desejava.

Com um débil suspiro, se aconchegou junto a ele, apoiando a bochecha em seu ombro quente e forte enquanto fechava os olhos.

-Sim, isso - murmuro ele-. Dorme. Deixei-te exausta, não é certo?

Ela pensou que era o esgotamento mas maravilhoso que tinha conhecido em sua vida. Assim o expresso em um sussurro quando ele se voltou para apagar a luz e ela se sumiu lentamente no sonho.

Longe da casa dos Lang, duas figura envoltas em uma mesma manta contemplavam a lua. Uma era alta e tocava a flauta; a outra era muito feminina e descansava a cabeça no peito do homem enquanto desfrutava de seu ultima noite em companhia de seu amado.

-Qual era essa ultima canção? -perguntou Sissy, agradada, quando ele terminou.

-Uma mas de uma larga sucessão de canções de amor -respondeu Naki-. Dispomos de uma fonte inesgotável. Os homens sempre tratam de levar às mulheres a nossas choças para que acendam fogo, cozinhem e tenham filhos.

Filhos. Ela nunca os teria, porque os filhos mestiços não eram bem recebidos. Esse pensamento a entristeceu.

-Se eu fosse uma mulher índia apache, poderia viver contigo - disse.

-Teria que pagar vários cavalos por ti -recordou ele-. E seu irmão Richard nunca aceitaria nossa união.

-Meu irmão é um homem terrível.

-Seu pai é como ele? Ela suspiro.

-Temo-me que sim. Minha mãe, em troca, é como eu.

Opõe-se às antigas crenças e considera que as mulheres deveriam usar o cérebro e ter direito a votar -acrescentou, com um sorriso.

-Aos apaches não nos permite votar –replicou ele, sorrindo com tristeza-. É nosso país e nos nega o direito ao sufrágio.

-Há muitas injustiças -disse ela. -Realmente.

Sissy permaneceu silenciosa em seus braços.

-Amanhã partirei.

-Uma decisão prudente –replicou ele-. Cada vez que nos separamos me resulta mas difícil te deixar partir.

-Também é difícil para mim.

Naki lhe acariciou o queixo com o polegar e lhe elevou o rosto com doçura para ver seus olhos à pálida luz da lua.

-Você gostaria de te deitar comigo, verdade? -sussurro ele.

-Sim -respondeu ela, sincera.

-E eu contigo. – ele suspirou -.

- Oxala fosse índia apache.

-Ou você branco. -Ela se ergueu e o beijo na comisura dos lábios-. Naki, poderia vir comigo a Luisiana...

Ele pôs o dedo indicador sobre os lábios da moça.

-Nunca pronuncie meu nome - disse ele-. É um tabu entre nós. Um nome tem poder. Ela sorriu.

-É muito supersticioso.

-É minha herança cultural. -O homem lhe acariciou a larga cabeleira-. Não posso te acompanhar. No Este não seria mas que uma curiosidade e uma vergonha. Este é o lugar a que pertença.

-Poderia ficar eu aqui -disse ela, obstinada.

-E viver em uma choça primitiva ou em uma reserva –perguntou ele com tristeza - pára ser tratada como se fosse uma emprestada? Muitos de meus odeiam aos brancos.

-Por que têm que ser assim as coisas?

Os poderosos ombros do apache se elevaram e caíram, abatidos.

-Quem pode explicá-lo? -perguntou a sua vez, pesaroso-. Você e eu somos da mesma classe. Não sei como nos encontramos. Minha vida estará vazia sem ti.

-E a minha sem ti -disse ela com voz apagada.

Naki se inclinou até seus lábios, beijando-a com suavidade, com dolorosa ternura.

-OH, não, assim não -suplicou ela, aferrando-se à larga e espessa cabeleira do homem. ele lhe desenredo os dedos e os apertou com calidez.

-Só assim -corrigiu Naki-. De modo que possamos nos separar sem risco de transpassar a linha das convenções.

-Eu arriscaria algo...

-O filho que engendrássemos pagaria o preço de nosso engano -recordou ele-. E seria um preço alto.

Ela desistiu.

-Tem razão, é obvio. Por que sempre tem razão?

-OH, porque sou superior e brilhante.

Ela riu e lhe acaricio o peito, brincalhona. -É um vaidoso.

-É o resultado inevitável do assédio de uma mulher bela e inteligente –sussurrou ele.

Ela se ergueu e o beijou com ternura.

CAPÍTULO 15

Chorosa mas serena, Sissy subiu ao trem ao dia seguinte. Thorn e Trilby a tinham acompanhado à estação no Ford. Naki não apareceu por ali, mas Trilby tivesse apostado algo a que não se achava longe.

E assim era. Perto da estação, em uma elevação do terreno, encontrava-se Naki, montado em seu cavalo, despedindo-se em silêncio da mulher escolhida por seu coração.

-Olhe! Não é um índio? -perguntou, assinalando excitada uma das mulheres do vagão.

-Sim - respondeu seu acompanhante masculino, com desinteresse-. Este lugar infestado de índios. Selvagens sujos e ignorantes! Quando os aniquilarem a todos, este será um mundo melhor!

Sissy se aferrou com força a sua bolsa para reprimir a ira. Detestava essas amostras de ignorância, por outro lado bastante correntes. Sem dúvida o homem que proferiu os insultos não tinha idéia da classe de pessoa que era Naki, nem das cultura que tinha habitado ali muito antes de que os primeiros homens brancos pisassem em chão americano. Prometeu-se que algum dia isso mudaria. Quando as pessoas estivesse mas informada sobre os nativos, aprenderiam a respeitá-los.

Quando divisou a figura solitária sobre o cavalo pinto na distância, Sissy lhe dedicou um adeus silencioso. A silhueta do Naki foi diminuindo-se à medida que o trem avançava, até converter-se em um borrão cristalino nos olhos alagados de lagrimas da moça. Finalmente, somente foi visível no coração da Sissy; uma lembrança luminosa de amor que duraria toda sua vida.

Thorn retornou com a Trilby ao rancho em companhia da Samantha. Enquanto ele se trocava. Ainda não se sentiam muito cômodos à luz do dia, apesar da magia sensual da noite anterior.

-Bom, vou trabalhar -disse ele quando se vestiu com roupas mas adequadas. Agarrou o Stetson e sob o olhar até a Trilby com ansiedade levemente impaciente-. Procurar voltar para casa a meio-dia - acrescentou.

-Estupendo.

Como Trilby não o olhou, Vance lhe elevou o rosto para ele sua com doçura.

-Por que te empenha em me tratar como a um estranho? -perguntou com tom suplicante-. Acaso pretende fingir que não alcançou o céu em meus braços ontem à noite?

As bochechas da mulher avermelharam.

-Esse não é um tema de conversação muito... muito apropriado - balbucio ela.

-Sim é -disse ele com ternura-. Estamos casados. - É o mesmo...

-Pequena dissimulada -reprovou Thorn com um suspiro-. Muito bem, guarda seus segredos; um dia os conhecerei. -Seus olhos escuros se entrecerraram ao erguer-se ante ela-. Sente falta da Sissy, não é certo?

-Somos amigas há muitos anos -respondeu ela-. Sempre acreditei que um dia seria minha cunhada.

Em seguida se arrependeu de ter pronunciado essas palavras e levou a mão à boca. Doeu-lhe ver a expressão que apareceu no rosto de seu marido.

-Portanto é ao homem a quem sente falta, não a sua irmã. Deveria havê-lo adivinhado - disse o com amargura e se voltou com o orgulho ferido. Ao cabo de um minuto, com voz serena, adicionou - Bom, parece que o desejo não é o substituto real para o amor, mesmo que tenha querido me convencer de que poderia sê-lo. -Dirigiu um olhar cintilante a Trilby, e um sorriso zombador se desenhou em seus lábios-. Sonha com seu amor perdido, si o necessita; não me importa. Somente te peço que não sussurre seu nome em minha cama.

-Isso é uma grosseria, Thorn!

-E eu te devolverei o favor -contínuo ele, enfurecido e com a intenção de ofendê-la-. Tratarei

de não sussurrar o nome da Sally quando me encontrar em seus braços. Deus sabe que por doce que seja, nunca poderá substituí-la!

Saiu da estadia, deixando a Trilby com o coração destroçado. Não se tinha dado conta de que estava apaixonada por ele até que lhe ouviu dizer que tinha saudades a sua primeira esposa e que somente a utilizava a ela como uma substituta na cama. Deixou-se cair pesadamente em uma cadeira e soluçou desconsolada.

Ao Thorn preocupavam suas posses no México. A tropa destacada em Forte Huachuca tinha recebida ordens de proteger a fronteira no fim de novembro, e um destacamento da Oitava Cavalaria se achava acampado em Douglas, nos currais provisórios de gado. Os charcos de água se secavam, e o caudal dos mananciais diminuía. Thorn tinha mencionado que agradeceria que Jack Lang permitisse a seu gado sedento abreviar. Também falou de reduzir as perdas desfazendo-se das posses mexicanas.

Os revolucionários mexicanos pretendiam expulsar a quão estrangeiros possuíam a maior parte de suas terras. Não lhes importava que os investidores, ou fazendeiros, fossem ou não boa gente; somente queriam que o México voltasse a pertencer ao povo. Os revolucionários talvez consideravam que ao atacar a fazenda do Thorn no México lhe obrigariam a partir; escaparam-se dúzias de cabeças de gado e cavalos, e dois de seus trabalhadores do rancho do México tinham sido feridos de bala. Thorn não contou nada disso a Trilby, mas sim Jorge. No tempo que levava vivendo no rancho, Trilby foi informando-se pormenorizadamente dos assuntos do Thorn, e Jorge era uma enciclopédia andante de suas posses e façanhas.

-Ele é muito bom com minha gente, senhora - disse-lhe Jorge, com sentimento-. Para nós é o chefe, o patrão. Dá de comer ao faminto e procura que sempre haja um pouco de terra para que nossas famílias possam cultivá-la. Quando o governo nos arrebatou nossas terras, nem sequer podíamos alimentar a nossos filhos. Muitos se trasladaram às cidades, mas ali não havia trabalho para todos e tiveram que mendigar. -Seu semblante se escureceu-. Asseguro-lhe, senhora, que o vento soprasse com força sobre o México e se levasse ao Díaz de seu escritório. Madeiro curasse nossas feridas quando conseguir o poder, ele sim!

-Pelo bem de seu povo, espero que assim seja, Jorge - disse Trilby-. Mas, se for tão bom com os empregados de suas propriedades do México, por que os mexicanos lhe atacam?

-Foram os federais e os rurais, senhora -disse Jorge-, camponeses que trabalham para o Díaz e seus depredadores. Eles são nossos inimigos; assassinos.

Trilby se estremeceu. -Compreendo.

-Muitos de meus odeiam tanto aos espanhóis como aos americanos, homens brancos todos eles que nos têm submetidos. Madeiro, a quem a Virgem Santa benza, prometeu que os expulsasse do México e nos devolverá o país que nos roubaram. Os gringos ricos, donos das minas e as industrial, já não nos escravizassem.

-Na Luisiana -disse Trilby- há granjeiros que trabalham para homens ricos. Lhes denomina «parceiros» porque cultivam a terra de outro homem em troca de uma parte da colheita. Entretanto o resultado sempre é o mesmo; o granjeiro acaba endividando-se cada vez mas e nunca obtém o suficiente por seu trabalho.

-Sim. Assim são as coisas em todas partes; o pobre é escravizado pelo rico. Mantêm-nos famintos a fim de que tenhamos que depender de seu dinheiro. Mas a situação trocasse. Esses... parceiros por que não se rebelam como nós e matam aos latifundiários?

Trilby esboçou um sorriso ao imaginar uma ação armada como essa em seu estado natal.

-Suponho que não lhes ocorreu -respondeu-. Espero que seus patrícios obtenham a independência, Jorge.

-Eu também, senhora. Já morreram muitos. E morrerão mas. -encolheu-se de ombros-. Não há direito a que os homens tenham que morrer e matar por um pouco de farinha e feijões.

Durante o resto do dia, Trilby refletiu sobre as palavras do Jorge. Os jornais informavam profusamente da escalada dos combates no México. Pascal Orozco, o líder dos rebeldes na parte ocidental da Chihuahua, tinha instigado a todos os mexicanos patrióticos a levantar-se em armas contra Díaz. A luta na Chihuahua era encarniçada, e aos agentes da Ferrovia Mexicana do Noroeste custava encontrar empregados para a companhia, inclusive para conduzir os trens de cercanias. Rebeldes e federais se odiavam a morte, e a fronteira se achava baixo constante vigilância das tropas locais de cavalaria e infantaria. Todos estavam nervosos.

Trilby estava tão absorta em seus pensamentos que Samantha teve que lhe perguntar duas vezes pelos preparativos de Natal.

-OH, prepararemos um nascimento, é obvio - disse Samantha, referindo-se ao costume mexicano de colocar na casa durante as festas umas figuras de madeira esculpida que representavam uma cena do natal-. Além disso eu adoraria ter uma árvore de Natal. Minha mãe sempre o punha, mas nunca me permitiu ajudar a decorá-lo. Poderia te ajudar?

-Claro -disse Trilby, sorrindo à menina.

Era a primeira manifestação de alegria que advertia na pequena.

Ambas começaram a organizar a celebração do Natal com entusiasmo contido, ignorando as irritados protestos do Thorn sobre o revôo que armavam enquanto preparavam pipocas de milho, grinaldas com bagos de nos arando e recortavam papéis de cores.

-Enquanto não penduremos adornos em suas arreios e suas roupas, não tem motivo de queixa - disse-lhe Trilby, com expressão cândida.

Tratava de brincar, mas Thorn tinha suportado muitas crises emocionais para mostrar-se contente. Mantinha-se distante, e Trilby o notava.

-Virão alguns de seus homens ao jantar de Natal? -perguntou a moça, em outro tento por cercar conversação.

-Revistam tomar o dia livre para passá-lo com sua família -respondeu ele-. Naki não tem família e é cristão, de modo que acostumo convidá-lo.

-Será bem recebido.

-Resulta que partiu às montanhas depois de nossas bodas, e ninguém sabe onde se encontra - acrescentou ele.

Trilby estava quase segura de que o desaparecimento do índio apache tinha algo que ver com a partida da Sissy. Se sua relação com o Thorn não tivesse sido tão tensa, ela haveria dito.

-Se retornar a tempo, incomodaria-te compartilhar mesa com dois selvagens? -pergunto ele secamente.

Trilby avermelhou e evitou olhá-lo.

-Preparei um bolo para esta noite - disse, agradada, ignorando o sarcasmo-. É de limão.

-Não estarei aqui para o jantar -anúncio ele.

Quando ela e Samantha ficaram de novo sozinhas, Trilby se lamentou de que Thorn passasse tanto tempo fora de casa esses dias. Tinha esperado que poderiam chegar a estar tão perto à luz do dia como o tinham estado aquela primeira noite mágica de seu matrimônio. Entretanto, à medida que o tempo transcorria, a situação piorava. Thorn supunha que ela sentia falta do Richard, e Trilby tinha permitido que acreditasse, pois lhe tinham ofendido os comentários de seu marido sobre a Sally. Em ocasiões se perguntava se ambos não ocultavam seus verdadeiros sentimentos para evitar sofrer. Quando ela tratava de aproximar-se dele, Thorn se apartava. Nunca falava de questões pessoais. Por fim ela tinha desistido, não porque não lhe importasse, mas sim porque resultava evidente que Vance já não desejava nada dela; seu comportamento demonstrava que já não a amava.

Na semana anterior um homem e sua bela esposa se apresentaram em Los Santos para pedir ajuda porque se perderam. Thorn se tinha mostrado muito cavalheiresco e solícito com a mulher, e Trilby esteve mal-humorada durante o resto do dia ao recordar que não fazia muito tempo

Vance a tinha tratado assim a ela, antes de que a presença do Richard destruísse sua esperança de felicidade.

Sissy tinha escrito. Em sua carta comentava a possibilidade de retornar com a classe de arqueologia do professor McCollum na primavera. Não mencionava ao Naki, mas Trilby soube ler entre linhas. Aquela noite que Trilby e Thorn tinham compartilhado na barraca do acampamento parecia ter acontecido muito tempo atrás. A moça se entristeceu ao pensar no súbito distanciamento que se produziu entre eles.

Thorn advertiu a pesar no rosto da Trilby e olhou por cima do ombro para ver a letra, bela e legível, da Sissy. Ao final havia uma referência ao Richard e uma juvenzinha de quem se apaixonou loucamente. O rancheiro interpretou erroneamente que essa notícia tinha causado a tristeza da Trilby.

-De modo que encontrou a uma noiva, não é certo? Deve te resultar muito doloroso, Trilby - disse ele com frieza.

Ela ficou desconcertada por um momento e em seguida se deu conta do que Thorn pensava. Furiosa, elevou a vista

- Não tem nada melhor que fazer que te burlar por mim? arqueamento uma sobrancelha.

-Perdoa. Estou seguro de que me compara freqüentemente com esse tipo do Este e desejais que me pareça com ele. Por certo, é um triste consolo, querida, que o tenha que depender da caridade dos parentes para subsistir.

Ela piscou.

-E que quer dizer?

-Translada-se continuamente de uma casa senhorial a outra. Acredito que Sissy mencionou que sua família teria dificuldades para custear sua educação universitária porque seus assuntos financeiros não andam bem.

A Trilby nunca lhe tinha ocorrido pensar nisso. Se, Richard viajava muitíssimo, e sempre a gastos de algum parente rico. Nunca antes o tinha considerado um parasita.

-O modo em que Richard ganha a vida não é de sua incumbência.

-Felizmente para ti, não tem que compartilhá-lo. Você gostaria de representar uma carga para seus parentes com tal de manter as aparências?

-Detestaria-o - sussurrou ela.

Ele assentiu.

-Eu também. Você e eu nos parecemos em que ambos temos muito orgulho. -De repente se inclinou e, agarrando-a pelo cabelo, jogou-lhe o rosto para trás. Não lhe surpreendeu o feito de que ela não protestasse. Por uma vez Trilby parecia completamente a sua mercê. A vista do homem descendeu até a suave boca entreaberta da moça-. Que desperdício -murmurou antes de beijá-la com afeição.

Trilby gemeu com prazer inesperado. Para tanto, tanto tempo! aproximou-se mas para o Thorn, quem de repente se apartou e se ergueu, olhando-a com olhos zombadores.

-Tanto lhe sente falta dele? -perguntou -. Tanto que até eu posso substituí-lo? Foi uma pena que não te partisse com ele.

Ela tragou saliva, trêmula.

-Foi uma pena que me seduzira!

Ele refletiu sobre as palavras de sua esposa e sacudiu a cabeça lentamente.

-Não, não estou de acordo. Foi formoso. Quão único lamento é que não engendrássemos um filho.

Trilby se ruborizou e sob a vista até seu regaço.

-Não me desagradaria ter um filho.

Thorn vacilou. Ela se mostrava menos reservada e inclusive afetuosa com ele.

-Eu poderia te dar um filho, se me amasse -disse ele.

Trilby mordeu o lábio inferior. Tentava-lhe a idéia, Pois queria um filho a quem cuidar, a quem amar. Entretanto, seria conveniente dada a situação? Ela e Thorn apenas se falavam e era óbvio que a ele desgostava sua mera presença. Elevou a vista para os atentos olhos escuros.

-Você... você segue amando a Sally - disse Trilby com tristeza-. Não desejo um menino porque me utiliza para substituí-la.

ele conteve o fôlego. Ela não podia acreditar isso! Vance tinha representado muito bem seu papel.

-É por isso? -perguntou - Ou porque não sou a muda de alface do Este?

Os olhos da Trilby se enterneceram. Dispunha-se a lhe dizer a verdade quando Samantha entrou dançando na habitação, levando papéis de cores. A pequena ainda se sentia um pouco coibida ante seu pai, mas muito a gosto com a Trilby. Sentou-se ao lado da jovem e começou a tagarelar sobre adornos.

Thorn suspirou e se retirou. Durante o resto do dia, perguntaria-se que lhe haveria dito Trilby se Samantha não tivesse aparecido.

-Eu gosto do vermelho, a ti não, Trilby? -perguntou a menina quando partiu seu pai, interrompendo os pensamentos da Trilby.

Samantha grudava o papel que Trilby tinha talhado para confeccionar grinaldas.

-Eu gosto muito - respondeu Trilby -. É alegre como o Natal, não te parece?

-OH, sim. -Samantha se mordeu o lábio inferior e de repente olhou à moça com olhos angustiados-. Trilby, acredita que o primo Curt virá o dia de Natal?

-Estou segura de que ele e sua tia virão se você quiser.

-Não, não quero! - exclamou a menina-. Não quero que venha ele! Não quero vê-lo!

O coração da Trilby pareceu parar-se. Cortado por tesouras.

-Mas por que, querida?

Os enormes olhos da menina se alagaram de lágrimas.

-Porque o me encerrou na despensa.

-Não entendo.

-Quando vi minha mãe e o primo Curt beijando-se - disse Samantha, desconsolada-. Abri a porta e os surpreendi na cama, nus. Então minha mãe me gritou e me pegou. Depois ele me encerrou na despensa. Ela me obrigou a permanecer ali durante uma hora, Trilby, e havia um rato. -A menina se estremeceu-. Mordeu-me e eu chie, mas minha mãe não me deixou sair. Olhe.

Ela baixou as meias e lhe mostrou a cicatriz na pantorrilha. A julgar pelo tamanho do sinal, deve ter sido uma mordida importante.

-OH, querida - disse com ternura, abraçando à menina-. Querida, quanto o sinto!

Samantha pos-se a chorar. Pela primeira vez uma pessoa adulta a escutava e consolava. Em sua vida tinha recebido muito pouco afeto por parte dos adultos.

-Você contou a seu pai? -perguntou Trilby, lhe enxugando as lágrimas com um lenço.

-Minha mãe me proibiu contar -lhe explicou a menina, choramingando-. Juro-me que a próxima vez faria algo muito pior que me encerrar na despensa, e o primo Curt me olhava com ódio. E segue me olhando assim. A ultima vez que o vi me perguntou se havia dito algo a meu pai. Dá-me medo. Detesto estar em casa do primo Curt. E não gosta, e ele tampouco gosta a mim. Sempre me diz que não me atreva a contar a meu pai o que vi.

-Nunca voltará a ficar com ele - prometeu Trilby-. Nunca!

-Meu pai disse...

-Não importa o que disse seu pai -replicou Trilby-. Eu falarei com ele.

-Não deve contar-lhe suplicou Samantha-. Não deve! Ele amava a minha mãe, Trilby.

Elevou o queixo da menina com doçura.

-Samantha...

-Não deve dizer-lhe insistiu a menina-. É um segredo.

Trilby observou a cicatriz da menina e se perguntou quantos outros castigos terríveis teria suportado enquanto Sally se entretinha com o primo de seu marido. Tendo experiência de domínio do Thorn na cama, resultava-lhe quase incrível que Sally tivesse preferido a outro homem.

-Então não voltaremos a falar disso - asseguro à menina e lhe sorriu.

Samantha se sentia muito aliviada para precaver-se de que Trilby não tinha prometido não explicar-lhe ao Thorn.

E o contou, essa mesma noite depois do jantar, enquanto passavam uns minutos sós no salão. Tinham dormitórios separados e vistas separadas. Existia tão pouco contato entre eles que dava a impressão de que eram dois estranhos.

-De modo que não volte a obrigá-la a alojar-se em sua casa -disse Trilby-. Entende-o agora? Samantha lhe tem medo, Thorn.

-Não posso acreditá-lo - disse o com uma careta de dor-. Pensar que Sally e Curt me traíam... - adicionou com voz rouca-. Não!

-Sinto que te tenha informado desta forma -disse Trilby, angustiada, com as mãos sobre o regaço-. Samantha teme que convide a seu primo ao jantar de Natal. Curt lhe assusta muito. À menina ficou com uma terrível cicatriz na perna em consequência da mordida de um rato.

-Mordida de rato! -Thorn estava horrorizado.

-Embora a pequena gritasse, sua esposa não a deitou sair da despensa - prosseguiu Trilby-. Alguma vez reparou na mordida?

-Samantha me mostrou uma ferida. Sally me explicou que tinha cansado sobre uma parte de lata. Não tinha idéia do que ocorria!

Trilby se sentiu culpada. Thorn parecia atormentado e era evidente que amava a sua filha, embora não o demonstrasse. Também tinha amado a Sally. Por mas que Trilby sentisse ciúmes de sua primeira esposa, nunca lhe teria contado ele da Sally e Curt de não haver-se visto obrigada a isso. Tinha-o feito pelo bem da Samantha. E de um modo indireto a explicação também liberava a Trilby do ultimo vestígio de suspeita, em caso de que Thorn até albergasse alguma, em relação à suposta aventura que tinha mantido com o Curt. Não sentia saudades que Sally a tivesse acusado de ser a amante do Curt.

-Não se fez algo mas a Samantha - prosseguiu Trilby, com relutância-. Perdoa, mas me parece que se sua esposa era tão insensível para castigá-la encerrando-a em uma despensa com ratos...

-Também pôde ter feito outras coisas - concluiu Thorn. Fico com o olhar cravado no chão-. estive cego.

-Você amava a sua esposa. Eu jamais lhe tivesse contado isso se sua filha não tivesse tanto medo ao Curt.

-E ultimamente a deixei em sua casa muito tempo. -levantou-se e caminhou acima e abaixo pela habitação. Agarrou um retrato da Sally e o olhou fixamente-. Era uma mulher bela. Decepcionou-lhe que Samantha não fosse tão formosa como ela, e a odiava. Eu sabia que se sentia desventurada. Mas maltratar a sua própria filha... É uma crueldade!

-Eu gostaria não ter tido que lhe dizer isso .

-Samantha nunca o menciona - disse Thorn.

-Temia que não acreditasse - replicou a moça.

Thorn fez uma careta de dor.

-Também me tem medo?

Trilby se aproximou dele, reprimindo o impulso de acariciá-lo e lhe aliviar a dor com um beijo.

-Thorn, dedica muito pouco tempo à menina - afirmou.

-Ela parece preferir que assim seja -repôs ele, com dureza-. Atua como se eu fosse um

estranho para ela.

-É- observou sua esposa.

-Uma menina necessita uma mãe. Minha filha e eu não temos de que falar, não temos nada em comum. Trilby não sabia como proceder. Temia que ele não a escutasse.

-Curt ignora que Samantha me contou isso - disse.

-Não espere que guarde o segredo, Trilby – replicou ele, acalorado-. Maldito seja Curt! Inclusive permitiu que suspeitasse de ti, em lugar de me dizer a verdade. Que importância tivesse tido então? Ela estava morta.

-Você a amava, não é certo? - inquiriu ela.

-A meu modo, sim, amava-a - reconheceu ele, finalmente, negando-se a aprofundar no tema. Sua atitude não convidava a prosseguir a conversação-. Falarei com o Curt. Direi a Samantha que meu primo não voltará a pisar nesta casa.

-Você sente afeto por ele.

-Nenhum homem integro se diverte com a mulher de outro. -Sua voz era fria, cortante-. Não se se te importasse agora -começou a dizer, vacilante-; lamento o modo em que te tratei. Sally me disse... bom, já sabe que me disse. Era óbvio que somente tentava proteger-se.

-Já me dava conta. -Observou o rosto do homem, compadecendo-se dele-. Às vezes as mulheres cometem loucuras, Thorn. Isso não significa que Sally não te amasse. Possivelmente procurava emoções novas.

-A risco de perder a sua filha, seu marido e sua reputação? -Thorn riu, irônico-. Tenho a impressão de ter vivido em um mundo de sonhos. Alguma vez as pessoas é o que aparenta?

-Suponho que sim - disse Trilby com tristeza, lembrando-se do Richard e de quanto o tinha amado, para terminar descobrindo que era um ídolo com pés de barro. Elevou o olhar para o Thorn-. Trará uma árvore?

Ele não respondeu imediatamente. Os doces olhos cinzas de sua esposa faziam que lhe fraquejassem os joelhos. Adorava a deliciosa ternura que transmitiam, o modo em que suas largas pestanas se curvavam para cima. Sorriu com melancolia.

-Que classe de árvore quer? Estraga.

Ela se estremeceu.

-Qualquer, exceto um paloverde -respondeu em um sussurro.

-Muito bem. -inclinou-se e baixou seus lábios, muito brandamente, sobre os dela.

Logo parto antes de que lhe esclarecesse que classe de árvore queria. Retornou com um pinheiro pioneiro de ramos irregulares, e Trilby e Samantha penduraram os adornos que tinham confeccionado.

Trilby cozinhou e Samantha decorou as geléias e os bolos. Quando chegou o dia de Natal, dispuseram de um delicioso sortido de comestíveis preparados para entregar às famílias dos empregados, assim para consumir eles mesmos.

A família se reuniu em torno da mesa embelezada com suas roupas de domingo, e Thorn procedeu a trincar o peru dourado que Trilby tinha assado.

-Não está delicioso, papai? -perguntou Samantha, com acanhamento-. Eu a ajudei.

-Claro que ajudou - disse Trilby, sorrindo à menina-. Não tivesse podido cozinhá-lo sem ti.

Thorn olhou a sua filha, que manifestava abertamente sua adoração pela Trilby. Esta a sua vez se mostrava carinhosa e amável com ela, justamente o contrário que com ele. Tinha-lhe evitado desde que lhe contasse o acontecido com a Samantha. Às vezes se perguntava se não tinha sonhado com as duas noites que tinham acontecido juntos.

Disse-se que era melhor não olhar para trás. Trilby sentia falta do Richard, e o tratava de refrear-se para não ir ao leito dela de noite. Resultava-lhe difícil reprimir-se.

Em troca não se controlou com o Curt. Se havia apresentado em sua casa e, ante o assombro do Lou e sem mediar palavra, tinha-lhe golpeado. Curt, que compreendeu por que razão atuava assim, não se tinha defendido. Thorn o tinha deixado atirado no chão e não foi necessário que lhe dissesse que sua presença já não seria bem recebida em Los Santos.

O mas duro de tudo era admitir que tinha sido um parvo. Jamais tinha suscitado a infidelidade da Sally. E enquanto sua esposa o expulsava da cama, aceitava nela ao Curt. A traição da Sally lhe tinha ferido profundamente. Ao começo de seu matrimônio, ela tinha sentido afeto por ele, tanto como ele por ela. De repente se perguntava se podia voltar a confiar em seu próprio critério. Samantha tinha pago um preço alto por sua cegueira. Perguntava-se se sua filha alguma vez o culparia pelo sofrimento que lhe tinha infligido sua mãe. Desejava atrever-se a perguntar-lhe à menina.

-Batata, não como - observou Samantha, com acanhamento.

-Que? Ah, sim, agora mesmo o provar. - Provo o peru e sorriu à menina-. Esta muito bom.

-Obrigado -murmuro Trilby, coibida.

Assim que terminaram de comer, Thorn se recostou contra o respaldo da cadeira e procedeu a atar um cigarro.

-Talvez McCollum venha antes do esperado para realizar alguma escavação - disse.

-Seu amigo arqueólogo? - perguntou Trilby com deferência.

-Sim. Acompanha-lhe alguns estudantes. Poderão alojar-se no barracão.

-Sabe se virá Sissy com o grupo? - perguntou Trilby-. Mencionou-o em suas cartas, embora não começasse a assistir à classe de seu amigo até janeiro. Acredita que lhe permitirá unir-se a eles?

-Não o sei. Terá que esperar. -A Olhou com fixidez-. McCollum você gosta, verdade? - acrescentou com um sorriso frio-. É civilizado.

Ficou em pé e sorriu a Samantha ao passar junto a ela.

Trilby lhe lançou um olhar que ele não devolveu. Já tinha sido parvo uma vez e não queria voltar a expor seu coração; não quando ela continuava tendo saudades a aquele condenado petimetre loiro do Este.

Essa noite abriram os presentes. Trilby tinha confeccionado um vestido amarelo com volantes e adornos de renda para a Samantha, a quem encantou o obséquio. Deu de presente ao Thorn uma gravata de seda em suaves tons azuis que ela mesma tinha feito. Thorn entregou a sua filha um prendedor de cabelo dourado, um jogo de porcelana e um tiddleywinks' e a Trilby uma caixa de música.

Depois se sentaram no salão, com as velas da árvore de Natal acesas, para escutar a serenata que lhes brindaram vários vaqueiros mexicanos, acompanhados por seus violões. Apesar de que a cena era quase idílica, Trilby sentia saudades de sua própria família, para quem o Natal sempre tinha representado um acontecimento feliz e buliçoso que reunia a todos em Nova Orleães. Em comparação, aquela era uma celebração triste e solitária. Essa noite telefonou a seus pais, e seu rosto se iluminou quando lhe anunciaram que visitariam Os Santos ao dia seguinte. Ao menos assim não se sentiria tão sozinha.

Antes de deitar-se, Trilby lhes desejou boa noite e levou a caixa de música a sua habitação. Era uma caixa de madeira redonda, com um belo desenho verde e dourado na tampa, para guardar o pó de maquiagem. Fez girar a chave e escutou com deleite a valsa que soava.

Uma brusca chamada à porta a fez voltar-se. Thorn irrompeu no dormitório e se deteve o cruzar a soleira.

-Queria te agradecer que tenha organizado um Natal tão agradável para a Samantha. Faz muito tempo que não recebe tantas cuidados. Esta noite desfrutou.

-Eu também -disse ela com calma.

Também Thorn tinha desfrutado, mas não podia admiti-lo sem confessar sentimentos que se

negava a manifestar.

-Ausentarei-me uns dias -anúncio de repente-. É inevitável. Devo viajar ao México para me ocupar de alguns assuntos concernentes a minhas propriedades ali. Começa a resultar muito perigoso manter a fazenda.

-Amanhã virão meus pais e Teddy - disse ela -. Você... não ficará até então?

-De maneira nenhuma - disse ele secamente, pensando no muito que lhe doeria ver a Trilby rir feliz com sua família quando em sua casa parecia sentir-se como uma prisioneira.

Os olhos da moça se entristeceram e evitaram olhá-lo.

-Compreendo -murmurou-. Então, darei-lhes lembranças de sua parte.

A serenidade da Trilby endureceu ao homem. -É tão condenadamente correta, Trilby! - reprovou ele, com os dentes apertados-. Embora somente fosse uma vez, eu gostaria que protestasse e fosse às nuvens.

-Educaram-me para me comportar com correção -replicou ela, à defensiva.

-Sei, como esse anêmico moço de cidade a quem amas - repôs Thorn-. Deus sabe que vêm ele um no outro. Levam-lhes com tanta educação que provavelmente nem sequer conseguiriam fazer amor. Apagariam a luz e lhes despiriam na escuridão para não sentir vergonha.

-Ao menos ele não é um selvagem! - espetou ela.

O semblante do homem se escureceu ante aquelas palavras.

-Há momentos em que isso não te importa. Em realidade, há momentos em que você adora! -replicou ele, com voz rouca.

Trilby agarrou a caixa de música e arremeçou, ofendida pela humilhação a que a tinha submetido. A caixa de pó se chocou contra a parede e caiu ruidosamente ao chão, rompendo-se.

Os grandes olhos trágicos da Trilby destacavam na palidez de seu rosto.

-Como te atreve a me tratar assim? -exclamou, escandalizada-. Como a uma vulgar prostituta!

-Deus, preferiria que fosse -replicou ele-. Ao menos as prostitutas revistam ser sinceras em relação ao que sentem, pensam e fazem. É tão estirada que nenhum homem de verdade consegue aproximar-se de ti. Richard Bate; ele é de sua classe, Trilby. Lamento sobremaneira ter perdido a cabeça e forçado este matrimônio.

Olhou a caixa de música, rota no chão. Tinha-a comprado com o desejo de encontrar algo que gostasse a Trilby, algo que pertencesse a seu mundo, a seu estilo de vida. E assim tratava seu espôsa o que o lhe tinha dado; para ela era lixo, nada mas que lixo.

Com um violento chute estampo contra a parede a caixa de música, que ficou realmente destrozada. A olhou com raiva antes de sair da habitação dando uma portada.

Trilby recolheu a caixa de música rota com mãos trêmulas e pôs-se a chorar. Era tão bonita; a classe de presente que nunca tinha imaginado um homem rude como Thorn lhe faria; um obséquio delicado que ela tinha quebrado de tal maneira que já não poderia ser reparado.

Até que a viu no chão, não se deu conta de quanto se esmerou Thorn em escolher o presente. De repente o compreendia e lamentava amargamente a discussão que tinha alargado a distância que existia entre eles e que agora parecia insolúvel.

Seus pais e Teddy se apresentaram ao dia seguinte, e ela desfrutou com sua visita. Apesar da alegria que sentia ao estar em companhia de sua família, sentia falta do Thorn, que tinha partido à alvorada, sem lhe dizer uma palavra.

-Retorná logo, querida - disse Mary Lang, sorrindo, ignorante da difícil situação que vivia sua filha-. É feliz?

-É óbvio -respondeu Trilby, lhe devolvendo o sorriso-. vamos tomar um pouco de café e te lerei a última carta da Sissy.

CAPÍTULO 16

Thorn retornou até mas taciturno do que se partiu. Trilby se desculpou pelo incidente da caixa de música, mas o logo que pareceu ouvi-la. Depois a evito abertamente.

A moça lamentava ter desperdiçado a oportunidade para reconciliar-se. Frequentemente tratava de reunir a coragem suficiente para aproximar-se dele lhe explicar o acontecido, mas nunca o obtinha. Passado o dia de Ano Novo, e de repente o inverno aumentou, trazendo neve e intenso frio.

A luta no México seguia sendo encarniçada, e se tinham situado mas tropas ao longo da fronteira. Dois dias antes de Natal, os rebeldes tinham capturado um trem perto do Juárez, e os passageiros tinham sido abandonados a sua sorte em meio das vias; também tinham queimado as pontes e dinamitada os trilhos. No Guzmán tinham roubado uma maquina e um vagão. O cabeça dos rebeldes, Pascal Orozco, tinha seqüestrado um trem na Chihuahua, como represália pela morte de cento e cinqüenta de seus homens.

A começa de fevereiro, enviou-se a São Bernardino um pequeno destacamento de soldados para vigiar a fronteira, pois corriam rumores de que Orozco se propunha atacar Juárez. Tinha surto três lidere rebeldes mas, todos eles muito conhecidos pelos habitantes de Douglas e seus arredores. Eram Bracamonto, Cabral e Arturo Rede López, o mas famoso na zona, que falava uma perfeito inglês e estava acostumado a atuar como interprete. O coronel José Branco, homem de confiança das forças revolucionárias na Chihuahua, converteu-se, depois de ter uma desavença com o Orozco, no líder de quem mas se falava nos acampamentos rebeldes. Se rumoreava que vários americanos lutavam com os rebeldes às ordens do López, e Thorn estava seguro de que um dos homens era Naki, quem tinha desaparecido súbitamente do rancho depois da partida da Sissy. Trilby esperava que estivesse equivocado, pois sabia que sua amiga morreria de dor se Naki resultasse ferido.

Dada a situação, não se afastavam do rancho. Os incidentes perto da fronteira chegaram a ser alarmantes, até o ponto de que se ordenou a vinte mil efetivos dos Estados Unidos que patrulhassem toda a fronteira com o México do Texas até o Arizona e a costa em ambos os extremos; assim se efetuou o movimento mas amplo de tropas e navios de guerra em tempos de paz nos Estados Unidos. Os rumores de guerra com o México eram cada vez mas insistentes, embora o presidente Taft tinha assegurado ao adoentado presidente Díaz que careciam de fundamento. Entretanto, a pesar do anúncio publico de que as tropas americanas se achavam realizando « manobras» na zona, os rancheiros e os habitantes das cidades mantinham bem à mão os revólveres carregados e rezavam suas preces. O numero de membros da Igreja aumentou nesses dias

Março trouxe mas novidades sobre o conflito. Trilby e Samantha se dedicavam à costura e a limpeza. enquanto que Thorn se preocupava com o traslado de, gado e a contabilidade e ajudava a seus homens a reparar as instalações anexas para a semeio e a aparição da primavera.

Tinha conseguido vender suas posses mexicanas. Mas de repente a situação piorou em Água Escura com a chegada de uma força rebelde encabeçada por Rede López às portas da cidade, que se encontrava justo na fronteira com o Douglas. Não obstante, os rebeldes se replegaron, e em seguida circulou a notícia de que Madeiro tinha resultado ferido em um combate na Chihuahua. No México, Díaz instaurou a pena de morte para os revoltosos em um esforço desesperado por sufocar a rebelião.

O periódico publicou que quinze americanos tinham sido capturados em Casas Grandes e se temia que fossem fuzilados seguindo a ameaça do Díaz de executar a todos os rebeldes. Thorn proferiu uma maldição ao ler a notícia e imediatamente telefonou a pessoas prestigiosas que

conhecia em Washington para fazer indagações. O presidente Taft tinha pedido informação a Madeiro sobre a sorte dos cativos, mas não se revelou a identidade destes.

McCollum tinha telefonado ao Thorn depois do frustrado ataque a Águas Escuras, e Thorn lhe tinha persuadido de que não aparecesse por ali até abril, quando talvez a situação se apaziguou. Trilby ficou um pouco decepcionada porque tinha esperado que Sissy chegasse com o grupo e a visita de sua amiga a animasse. Thorn se mostrava hostil e sarcástico. Apenas se falavam, e nunca se tocavam.

Trilby caiu na rotina triste e silenciosa, e o brilho de felicidade desapareceu de seus olhos. Para tempo que tinha descoberto que não estava grávida. Sentia-se desiludida, mas sabia que era o melhor. Considerando sua relação com o Thorn, um filho não era o mais conveniente nesse momento. Thorn tinha permanecido inimitável e calado, quando ela o comunicou. Depois disso apenas lhe falava, a menos que fosse necessário.

Enquanto isso, Trilby se granjeava o carinho da Samantha. A menina tinha uma mente acordada e desfrutava estudando. Como o tempo tinha melhorado, os dias em que soprava pouco vento se sentavam na rede do alpendre para repassar as lições.

Em certo modo, foi uma das épocas mais ditosas da vida da Trilby. Dedicava-se às tarefas da casa e desfrutava da companhia da Samantha. Em certos momentos inclusive conseguia esquecer que uma vez tinha ficado entre os fortes braços do Thorn, estremecida com seus beijos e suas carícias. Alguns dias ele nem sequer a olhava e em ocasiões comia e dormia no barracão, sobre tudo em períodos particularmente duros, quando tinham que marcar o gado, mantendo-se vigilantes para impedir o assalto de ladrões.

Durante o inverno, o número de incursões tinha diminuído. Entretanto, com a chegada da primavera e o tempo caloroso, os saques aumentaram.

As unidades do exército estacionadas em Douglas tinham intensificado suas patrulhas ao longo da fronteira e os incidentes violentos se incrementaram. O coronel David Morris, alertado da situação, estava preparado para apoiar de novo às tropas de Douglas em caso de que fosse necessário.

O doutor Powell visitava a Lisa Morris com regularidade. Não havia nisso nenhum indício de incorreção, pois nunca se encontravam a sós. Lisa era consciente do que o médico sentia por ela, e a senhora Moyer tinha advertido o deleite que lhe produzia a companhia do capitão.

-Já me concederam o divórcio - anuncio Lisa ao doutor Powell.

Mostrava-se curiosamente distante com ela esses dias, o que não deixava de ser estranho, tendo em conta que tinha intimado com ele em alguns aspectos inclusive mais que seu próprio marido. - Ele se levantou da cadeira e a olhou aos olhos. -Ao parecer seu marido planeja casar-se com seu amante de Douglas. Ao menos isso se rumoreia no posto. -Espero que seja feliz com ela - disse Lisa, serena.

- Pôs-se em contato com você?

-Através de seu advogado -respondeu ela-. E só para deixar claro que também está disposto a pagar os honorários. Considero-o um gesto amável.

-Tendo em conta a dor que lhe causou, era seu dever. Ao perceber ira na voz profunda do capitão, Lisa experimentou uma sensação prazerosa. Ele ainda não tinha mencionado o futuro. Pergunto-se se Powell começava a duvidar; até se mostrava muito reticente, inclusive depois de que ela, de forma deliberada e com certo descaramento, realcasse seu recém adquirido celibato.

-Já sabe que eu também estive casado - disse ele- que minha esposa e meu filho foram assassinados pelos apaches.

-Sim.

O doutor desviou o olhar e fez girar o chapéu entre suas grandes mãos.

-Estive morto por dentro durante um tempo. Não quis... me implicar em nenhuma relação.

A mulher entrelaçou as mãos e o coração lhe deu um tombo. Supôs que tinha interpretado

mal por completo as intenções do homem.

-É obvio - disse com um tom de voz inexpressivo, levemente ferido.
ele elevou a cabeça despenteada, e seus olhos cintilaram.

-Mas agora quero fazê-lo -disse de forma categórica-. Desejo-a intensamente, senhora!

Ela se ruborizou ante a intensidade do sentimento que traslucia sua voz. O casal se olhou fixamente no silêncio que seguiu a tão direta declaração.

Powell ficou em pé com certa estupidez.

-Deveria me haver expresso de um modo mais correto. Rogo-lhe que desculpe minhas maneiras.

Lisa também se levantou.

-Não há por que desculpar-se - disse. Seus olhos brilhavam, felizes-. Estou... encantada... de que você... de que você...

O doutor se aproximou um pouco mais, cauteloso ante a porta aberta e a par da presença da senhora Moye, que devia rondar por algum lugar da casa. As convenções sociais também se respeitavam ali.

-OH, Lisa! - disse com voz rouca, expressando sua adoração na veemência de seu olhar-. Quero muito mais que palavras. Muito mais!

Ela conteve o fôlego e o olhou com ânsia premente; os olhos e a cara radiantes, as pernas inseguras.

A mão do homem espremeu a aba do chapéu e murmurou algo enquanto lutava em seu interior contra o impulso de abraçá-la e beijá-la na boca.

-Devo partir! -disse bruscamente-. Tenho que me unir ao destacamento em Douglas. Já sabe que surgiram problemas ali. Não afrouxamos a guarda por precaução.

Lisa advertiu o desejo que ele não podia ocultar e desviou a vista para a parede.

-Sim, o sei. OH, Todd, tenha muito cuidado? -sussurrou com inquietação, olhando-o com olhos angustiados.

A doce pergunta da mulher produziu um imenso prazer ao militar, que de repente pareceu perder o controle. Com o rosto lívido pelo desejo reprimido, baixou o olhar no sutiã da mulher durante tanto tempo que ela sentiu que os seios lhe inflamavam. Ele observou como se marcavam os picos e gemeu.

Recatada, Lisa se apressou a cobri-los cruzando-se os braços. O doutor lhe agarrou a mão e a levou avidamente à boca.

-Sim, tomarei cuidado. Eu gosto que você... preocupe-se com mim. Bom dia... senhora Morris - disse ele com um tom de voz sufocado. Em realidade, não era isso o que queria dizer. Malditas convenções!

Ela pensava o mesmo. Como a porta entreaberta a coibia. Fez uma careta.

-Bom dia, capitão Powell - murmurou a mulher a causar pena.

Ele lhe dirigiu um largo olhar, última-a, e partiu a contra gosto. A viúva Moye não disse uma palavra, mas o sorriso que dedicou a Lisa foi de fato expressivo.

No mês de abril se ditou uma ordem de detenção contra Rede López como presumido responsável por uma matança acontecida em Fronteiras, a partir das acusações que o cônsul mexicano tinha formulado contra ele por alteração da ordem pública. Entretanto os funcionários locais encarregados da execução do decreto negaram que López estivesse bêbado ou que tivesse provocado briga alguma. Teddy leu a notícia e sorriu. López era um herói para o adolescente, que lia com avidez quanto encontrava sobre o capitão rebelde e referia a Trilby suas aventuras sempre que ia vê-la. Foi Teddy quem a informou que López tinha sido apelidado o Capitão, depois de haver-se convertido em uma lenda local. Thorn, que tinha conhecido ao homem, raramente mencionava o tema da revolução. A Trilby incomodava seu pertinaz silêncio sobre o tema e se perguntava quanto saberia a respeito. Se ao menos se falassem!

Os estudantes de arqueologia, um grupo de moços alegres e felizes, chegaram a primeira semana de abril. Até o ultimo minuto Trilby confiou em que Sissy lhes acompanhasse, mas em Douglas só descenderam do trem McCollum e seus alunos, todos varões.

-Trate de conseguir que a senhorita Bate viesse conosco - disse McCollum com seu estilo jovial e sua voz rouca-. Mas se expor a questão da necessidade de uma dama de companhia, pois sua mãe julgou incorreto que viajasse junto com tantos jovens solteiros. Sissy não se opôs a tal decisão.

De modo que sua amiga não tinha querido ir. Sem dúvida intuía que Naki não cederia um ápice e para o que considerava melhor para ambos. A notícia entristeceu a Trilby porque lhe tivesse encantado desfrutar da companhia da Sissy, ter a alguém com quem falar, dada a enorme distancia que existia entre ela e Thorn. Sissy não estava inteirada do desaparecimento do Naki, nem das suspeitas que eles começavam a albergar sobre as causas. Embora não se confirmou a presença do Naki no México, Trilby e seu marido presumiam que se encontrava ali.

-Trago cartas da senhorita Bate e de seu irmão para você -anunciou McCollum com um sorriso-. Lhe envia muitas lembranças.

-Como estão todos? -perguntou Trilby, sem referir-se a ninguém em concreto, consciente da presença, solene e calada, do Thorn.

-Acredito que o jovem Ben se expõe vir aqui para provar fortuna como vaqueiro. -rio-. E Richard... -Vacilou, lançando um olhar ao Thorn.

-Adiante. Lhe diga-o animou este, imutável.

-O... bem... entregou-me uma carta para a Trilby.

-Verei-a, se não te importar -disse Thorn.

-Importa-me - objetou Trilby, olhando-o colérica-. Vai dirigida a mim!

-Você é minha esposa - replicou Thorn, lhe devolvendo o olhar- e não tolero cartas de amor de outros homens!

McCollum se sentia incomodo. Richard o tinha pressionado para que levasse sua carta, e ele não tinha tido mas remédio que acessar, apesar de que sabia que Thorn era um homem ciumento.

-Terei que procurá-la - disse ao Thorn-. Guardo-a na mala.

-Então, quando chegarmos a casa - disse Thorn, que se esforçava por não perder a compostura, face à humilhação que sentia. Condenado Richard!

Trilby se perguntava por que Richard lhe escrevia uma carta pessoal sabendo que estava casada. Isso lhe inquietava quase tanto como a ira irracional do Thorn. Era como se ela tivesse solicitado a missiva!

McCollum sorriu a Trilby, como se queria desculpar-se.

-Sou arqueólogo, não diplomata - disse-. Espero não lhe haver causado nenhum problema.

McCollum tinha olhos escuros, com pestanas muito largas. Era alto, como Thorn, e mas corpulento.

-Não, claro que não - disse ela, esquecendo por um momento suas preocupações-. Você estuda coisas antigas, não é assim? -pergunta Trilby-; esqueletos de dinossauros, supenho.

McCollum grunio.

-Disso se ocupa a paleontologia, não a arqueologia.

-Colocará-a de cabeça em uma kiva se disser barbaridades como essas -interveio um dos estudantes, ligeiramente divertido-. Irrita-se com facilidade para ser um homem instruído. Não é certo, doutor McCollum?

-Se quer passar em meu curso, Haskins, será melhor que me trate com o devido respeito - brincou McCollum-. De joelhos, amigo, e peça perdão!

Trilby começou a olhar ao redor em atitude zombadora, fazendo uma viseira com a mão para protegê-los olhos.

-Que busca? - perguntou McCollum.

-Homens atados.

McCollum riu. Tinha uma voz profunda e modulada, que ressonou de modo agradável.

-Touche. Tem senso de humor, senhora Vance.

Sem dúvida, necessita-o para viver com o Thorn.

Thorn lhe dirigiu um olhar fulgurante. -Tenho um caráter apazível. McCollum assentiu.

-Como uma serpente de cascavel em um poço de alcatrão.

Trilby pondo-se a rir. Em seguida Thorn murmurou algo a respeito de fiscalizar a bagagem.

-Vamos, ajudar-te -ofereceu-se McCollum, afastando-se com ele.

-Não é tão rude quando lhe conhece -disse Haskins, o estudante, com um sorriso irônico.

-Conheço-o um pouco, pois coincidimos em uma festa faz um tempo -disse Trilby cortesmente-. Esta casado?

-É viúvo -respondeu Haskins-. Tem um filho de uns doze anos que passa a maior parte do tempo com a irmã do professor. Ao parecer não se levam muito bem.

-Você sente afeto pelo doutor McCollum?

-Todos sentimos afeto por ele - respondeu o jovem-. É muito inteligente e, apesar de suas maneiras bruscos, um homem amável. -Assinalou aos outros estudantes e adicionou: O resto do grupo o integram Harry, Sid, Marty e Darren. São bons moços. Todos pertencemos à escola universitária de graduados, não somos alunos de primeiro. Este curso de arqueologia não é mas que um repasse para a maioria de nós, e o objetivo principal desta viagem consiste em realizar alguns estudos antropológicos dos apaches locais, e umas poucas escavações nas antigas ruínas hohokam. O doutor McCollum diz que receberemos uma boa formação em antropologia e arqueologia com ele.

-Não o duvido, senhor Haskins - disse ela, sorrindo.

CAPÍTULO 17

Trilby tinha esperado poder ler a carta do Richard durante o trajeto aos Santos. Entretanto lhe resultou impossível, já que McCollum e alguns estudantes se achavam em seu carro; o resto dos alunos viajavam em um alugado. Ao chegar ao rancho, inclusive antes de acompanhar aos hóspedes a seus aposentos, Thorn pediu para ver a carta.

McCollum dirigiu a Trilby um olhar de desculpa enquanto tirava a carta da mala e a entregava ao Thorn com certa relutância. Disse que devia falar com o Haskins e desejou só ao casal.

-É minha - protestou Trilby.

Thorn a olhou de frente e abriu a carta.

-E você é minha - disse categórico-. Não permitirei que lhe escrevam outros homens enquanto estejamos casados.

A carta, escrita com letra clara, abundava em lamentos e desculpas. Richard descrevia como lhe perseguia o rosto da Trilby desde dia de sua partida. Queria que lhe escrevesse para lhe informar se estava bem. Havendo-se casado com um <selvagem>, e enfatizava a palavra, poderia necessitar um ombro sobre o qual chorar; Richard lhe oferecia o seu. Deplorava o modo em que a tinha tratado durante sua estadia no rancho. Em realidade, acrescentava, nesses momentos refletia sobre sua forma de vida. Estava seguro de que tinha cometido um terrível engano ao lhe dar as costas.

Thorn sentiu náusea. Entregou a carta a Trilby com mão firme e olhos frios, inexpressivos.

-Expressa suas condolências pela difícil situação que vive - disse com dureza-. Saber que te casaste com um «selvagem» como eu obviamente pesa em sua consciência. Thorn saiu da

habitação para reunir-se com os estudantes e conduzi-los a seu alojamento. Trilby manuseio a carta com o olhar perdido. Ao recordar a expressão do rosto de seu marido, sentiu desejos de chorar. Há muito tempo que não o considerava um selvagem, mas ele ignorava; não tinha conseguido reunir as forças suficientes para dizer.

Mas tarde o doutor McCollum partiu com os estudantes em automóvel para efetuar algumas escavações em um lugar próximo ao rancho. Encontraram restos de cerâmica e algumas pontas das flechas utilizadas pelos caçadores do período geleira, que matavam e se alimentavam dos mamutes e dos mastodontes que povoavam a América do Norte a finais do pleistoceno, quase doze mil anos atrás. No caminho de volta ao rancho, detiveram-se junto à reserva índia apache para realizar uma investigação sobre essa cultura.

Trilby, triste e preocupada com o Thorn, ainda confiava em ganhar o afeto de seu marido. Não devia perder a esperança. Ela tinha permitido que a relação entre ambos se deteriorasse sem tratar de aproximar-se dele. Acreditava obrar de forma adequada ao lhe conceder tempo para que assimilasse a traição da Sally e Curt, embora em ocasiões pensava que talvez se equivocava ao atuar desse modo.

Jack e Mary Lang viajavam à cidade cada sábado, acompanhados pelo Teddy. Aproveitando a ausência do Thorn, Trilby os telefonou para lhes persuadir de que levassem a Samantha a fim de que comprasse tecido para um vestido.

-Escolhe algo bonito, Samantha - disse Trilby-; uma malha alegre e com flores.

-De acordo, Trilby - disse a menina, obsequiando-a com um sorriso. Sorria com frequência ultimamente e inclusive se sentia muito mas a gosto com seu pai, quem as arrumava para lhe dedicar um pouco de tempo ao final do dia e lhe ler um conto. Esse era um triunfo da Trilby, que havia conseguido aproximar do pai e à filha e estruturar um entorno familiar para a pequena-. Ficaré sozinha?

-Seu pai voltará para casa cedo, antes do jantar -respondeu Trilby-. Estarei ocupada cozinhando um bolo para ele.

-Gosta de muito o bolo de chocolate - informou Samantha.

-E adora a uma menina que eu conheço -disse Trilby.

Samantha riu e a saudou com a mão enquanto se afastava com os Lang.

Depois de preparar o bolo, Trilby vestiu um formoso vestido de cor azul clara com volantes e adornos de renda, escovou-se o cabelo, que deixou solto, e se perfumou.

Thorn chegou a casa esgotado. Tinha estado toda a manhã reunido com outros proprietários de terras fronteiriças. O traje que vestia lhe conferia uma elegância incomum.

-Vais sair? -pergunto ele a ver a Trilby tão arrumada, sentada no salão com a costura.

-Pois, não -respondeu, sorrindo-. Gostaria de tomar algo?

-Um copo de chá gelado me viria bem.

Ela deixou a um lado o trabalho e se dirigiu a procurar a bebida enquanto ele se acomodava no sofá. Na viagem de volta a casa se sujou de pó e estava espando-se as roupas quando ela voltou a entrar no salão.

-Obrigado -disse ele, muito formal. Agarrou o copo de chá e bebeu a metade de um gole-. Que bom!

Trilby lhe pediu a escova e lhe limpou as botas até que o couro negro brilhou como um espelho. A seguir deixou uma mão no joelho do homem, quem se estremeceu ante o contato. Trilby nunca o tocava. Sempre tinha sido ele quem tomava a iniciativa, até que chegou a converter um trabalho rotineiro vencer a resistência de sua esposa. Tinha passado muito tempo da última vez que se animou a aproximar-se da Trilby, arriscando-se a ser rechaçado.

-Eu gostaria de te pedir algo - disse ela, serena.

-Que quer? O divórcio? -pergunto ele, esboçando um sorriso zombador para dissimular a fria rigidez que súbitamente se deu procuração dele.

Ela desviou o olhar.

-Não, não se trata disso.

Vance se relaxou.

-De que, então?

A moça vacilo.

-Talvez... não esteja de acordo.

Thorn deixou o copo e a atraiu para se, lhe elevando o rosto.

-Que quer, Trilby?

Os lábios dela se abriram para deixar escapar um suspiro nervoso. A moça procurou, esperançada, o olhar de seu marido.

-Thorn, daria-me um filho? Ele não se alterou.

-E Que há dito? -perguntou com uma voz profunda e contida que tinha um acento estranho.

-Desejo ter um filho -apressou-se a dizer ela, tendo perder algo de seu arrojo. ruborizo-se, mas contínuo olhando ao homem com valentia.

As mãos do Thorn se fecharam em torno dos braços da Trilby.

-Eu... só conheço um modo de te dar um filho -disse.

Ela assentiu.

-Tem algo que ver esta repentina decisão com a carta de Bates? -perguntou ele o com tom ameaçador.

-Não, embora supus que o relacionaria -respondeu ela, com resignação-. Richard forma parte do passado. Estou casada contigo e não estou disposta a me divorciar.

-E acredita que ter um filho comigo melhoraria nossa relação?

-Não o faria? - disse ela, olhando com olhos doces e resolvidos o rosto endurecido de seu marido-. OH, Thorn, você não gostaria de ter outro filho? Um varão, possivelmente?

Thorn respirava com dificuldade. Trilby lhe oferecia o céu, mas ele já não confiava nela. Para muito pouco tempo que tinha recebido essa maldita carta.

-Um filho... É uma decisão muito importante - disse.

-Sei. -Trilby se ergueu e rodeio com os braços o pescoço do Thorn. Observou sua boca, fina e dura, até que ele começou a ceder à pressão que a mulher exercia para aproximar seu rosto ao dela-. Não é assim como você gosta de me beijar? -sussurro, pondo sua boca aberta sobre a dele.

Thorn emitiu um som profundo e gutural. Sua resistência demorou somente uns segundos em desaparecer, e então se sentiu ao bordo da loucura. Estreito a Trilby e a beijo uma e outra vez até que a febre se fez tão intensa que foi impossível aplacá-la somente com beijos. Com um rouco gemido, levantou-se do sofá e levou a sua mulher nos braços ao dormitório. Uma vez ali, fechou a porta e colocou o ferrolho.

A habitação, situada na parte traseira da casa, encontrava-se bastante escura a essa hora do dia. Trilby não o advertiu; estava tão acesa como Thorn, faminta dele, ansiosa por sentir a pele do homem contra a sua. Quando Thorn ficou nu, ela estava já se desesperada por ele.

Estenderam-se sobre a colcha, dominados por um desejo ardente. Thorn cobriu o corpo da moça com o seu e a penetrou quase imediatamente, miserável por uma paixão premente que não podia conter. Não separou sua boca da da Trilby enquanto a possuía, gemendo de prazer, com as mãos obstinadas aos quadris dela, enquanto se internava na suave doçura do acolhedor corpo da moça.

Ela não mostrou vergonha. Por uma vez, compassou seus movimentos aos do homem, tão desenfreada e entregue como ele, desejando satisfação. Quando a conseguiu, gritou com voz trêmula e excitada, enquanto soluçava no topo de um êxtase violento. Sentia ao Thorn em cima dela, abandonado à mesma loucura convulsiva que a tinha aprisionado a ela.

Os tensos músculos do homem se relaxaram finalmente, e Trilby notou todo o peso do Thorn. A abraçou, trêmulo, tão frágil como ela.

Trilby não recordava haver sentido nunca algo semelhante a esse frenesi de prazer. Rodeiou com os braços o pescoço do homem e começou a mover-se, insistente, incitando ao Thorn.

-Por favor - sussurrou a jovem com voz rouca. Beijou-o com paixão ardente e o corpo estremeceu quando o desejo a alagou de novo-. Por favor, Thorn, por favor, por favor, outra vez.

-Trilby, não posso.

-Sim pode - gemeu ela, procurando os lábios dele com a boca, esfregando seus quadris contra os de seu marido em um roce tão sensual que lucrou um pequeno milagre.

Thorn ofegou ante a súbita e violenta excitação que os movimentos femininos tinham provocado.

-Sim - murmuro ela, arqueando-se, convidando-o a uma posse profunda e plena.

Gemeu quando sentiu a tempestuosa invasão, e seus olhos se olharam nos dele, entreabertos e voluptuosos. Deslizou as mãos pelo ventre liso do homem com carícias descendentes, observando como o desejo lhe acendia o rosto e ele não parava de tremer.

-Me faça um filho! - pediu com voz afogada-. Thorn!

ele gritou quando as palavras penetraram sua mente, seu corpo, sua alma. Rodou em cima dela, lhe capturando a boca enquanto os movimentos de seus corpos se compassavam. Foram de um lado ao outro da cama, acariciando-se como nunca antes o tinham feito, sussurrando-se palavras ardentes, explorando-se com mãos cada vez mais atrevidas e prementes.

Estiveram assim um comprido momento, e quando alcançaram a satisfação o grito esmigalhado do Thorn foi um eco do da Trilby no silencioso dormitório, um clamor triunfante de vitória sobre a consciência.

-Não chegou a me responder - disse Thorn muito mais tarde, quando a paixão se esfriou-. Foi devido à carta de Bates?

-Não. Foi porque quero teu filho - sussurrou Trilby. voltou-se, apoiando seu corpo sobre o de seu marido. Inclino-se para beijar os lábios do homem-. Nunca antes me tinha feito o amor assim; nem sequer na noite de bodas. -Seu rosto revelou uma inquietação oculta-. Thorn, não estaria pensando em... na Sally?

Ele poderia ter mentido, mas não se atreveu.

-Não - respondeu -. Somente pensava em ti e no prazer que me proporcionava.

A jovem se relaxou contra o corpo musculoso e morno do homem, sem lhe importar que seu olhar se deslizasse por seus seios nus, sua estreita cintura e seus quadris.

Trilby observou também, admirando sua virilidade, sua potência e seu vigor.

-A plena luz do dia - suspirou ele, com fingido escândalo.

-Você me olhava - disse ela.

-Eu gosto de te contemplar. Seus olhos se obscurecem quando chegas ao momento culminante; voltam-se negros como o azeviche.

Ela avermelhou ante a lembrança do íntimo que tinha sido o encontro. Nunca em sua vida se havia sentido mais mulher.

-Quer dormir em minha cama a partir de agora, como uma verdadeira esposa? -pergunto ele-. Ou o único objetivo foi a procriação?

Ela procura seus olhos

-Não; não foi. Eu adoraria dormir contigo.

Thorn deu as graças a Deus pelo milagre. Entretanto não quis arriscar-se a manifestar abertamente o deleite que lhe tinha brindado; esta vez não ensinaria suas cartas.

-Também gostaria a mim -disse ele.

Levanta-se para recolher as roupas que tirou precipitadamente e vestir-se. Trilby permaneceu estendida na cama, indolente e satisfeita, contemplando ao Thorn, com os cabelos estendidos sobre o travesseiro.

Só quando esteve vestido, deu-se conta de que a moça continuava nua no leito. voltou-se e

observou o corpo rosado que permanecia com um delicioso abandono. Sorriu lentamente, com um prazer enfermo, enquanto percorria com a vista a silhueta da mulher.

-Por muito que agrade a meus olhos, senhora Vance, acredito que o mais oportuno seria que voltasse a vestir-se. Ouvi ruídos de automóveis, por isso deduzo que nossos hóspedes acabam de retornar.

-Já? -incorporou-se imediatamente-. Mas se partiram faz somente...

-Faz muitas horas.

Trilby se ruborizou ao dar-se conta do tempo que tinha passado nos braços de seu marido.

-OH.

-Entreterei-os. -Entrego-lhe as roupas. Seu escuro olhar admirou o rosto e o corpo da Trilby-. Quero ter um filho contigo - disse, com voz doce e profunda-. Nada me agradaria mas. -inclinou-se e a beijou com ternura. Elevou a cabeça com relutância e seus olhos se escureceram ao tempo que para uma careta-. Eu gostaria de ser mais galante e menos selvagem -acrescentou-. Talvez então seria mais feliz aqui.

-Thorn, eu não interrompeu-se para ouvir o ruído de um motor e umas vozes que ressonaram no silêncio da tarde. Thorn se encaminhou para a porta, decidido a evitar a Trilby uma situação constrangedora.

-Vista-se rapidamente - disse, voltando a cabeça-. Entreterei-os.

Trilby se vestiu com precipitação e, apesar de seu sufoco, fez a cama. Assim que saiu ao corredor, apareceu McCollum, pesaroso e sério.

-Que ocorre? -perguntou Trilby, pressentindo o desastre.

-Trago más notícias. Detivemo-nos perto da reserva. Parece que os rumores eram certos. Naki, o amigo do Thorn, foi ao México para lutar com os rebeldes.

Trilby se ergueu. Nenhum deles tinha sabido nada do Naki durante meses, exceto Jorge, que em uma ocasião mencionou que se comentava que se uniu às hostes do López. Nunca se tinha referido a isso em suas cartas a Sissy, pois não se atrevia a comunicar-lhe .

-Tínhamos ouvido que se achava no México - disse ela.

-Sinto trazer estas notícias. A situação ali é perigosa nestes momentos.

E certamente o era. Vários rebeldes tinham sido fuzilados, alguns americanos entre eles, se os rumores eram certos. Trilby não podia suportar a idéia de que Naki fosse um deles. Para aliviar sua angústia, mudança de tema.

-Por certo, como foi a investigação?

Perguntou para que o doutor se animasse, já que nada lhe agradava mas que falar de seu trabalho. Descreveu as tarefas que tinham realizado com todo detalhe. Thorn se reuniu com eles pouco depois e não se mostrou ciumento ao ver o McCollum com a Trilby. Em realidade, parecia muito pensativo e ensimismado.

Os dias seguintes resultaram fascinantes para os alunos do McCollum, que se dedicavam tanto a explorar os lugares que tinham ocupado os antigos povos índios como a adquirir conhecimentos diretos sobre a vida cotidiana dos apaches na atualidade. Thorn lhes tinha recomendado cautela porque tinha recebido informação de que no México estavam produzindo-se violentos combates, e as cidades pequenas trocavam de mãos quase diariamente, passando dos rebeldes aos federais. Também se falava de que se dinamitaram mas via férreas e pontes, e inclusive lances de via estreita. Além disso, o Departamento de Guerra mexicano tinha efetuado um pedido urgente a França de vinte milhões de cartuchos do Mauser.

McCollum, preocupado pela situação, permitiu que Thorn enviasse alguns vaqueiros a escoltá-los quando visitavam a reserva. Os vaqueiros aguardavam nas colinas até que McCollum e seus estudantes terminavam com seu trabalho de campo.

-É um povo fascinante -comentou Haskins em voz baixa ao doutor McCollum enquanto compartilhavam com seu anfitrião, sub-chefe a tribo, uma comida a base de carne, frijoles e

omelete.

-Sem dúvida -acordou o professor, lançando um olhar aos outros estudantes, que contemplavam tudo com expressão entusiasmada-. Não é o que você esperava, não é certo, senhor Greensboro? -perguntou a um jovem alto e moreno. -Absolutamente, senhor -respondeu Greensboro-. Esperava encontrar um grupo de gente da Idade de Pedra; selvagens ignorantes, em definitivo. Apesar de sua crença na magia e suas superstições, trata-se de uma comunidade inteligente e orgulhosa.

-Quando as conhece, a maioria das tribos o são. Possivelmente não pratiquem os costumes sociais do modo em que o fazemos nós, mas têm muito que nos ensinar sobre a sobrevivência em um dos entornos mais duros do mundo.

-Por que ainda se mantém o mito da ignorância deste povo? É fácil comprovar que o prejuízo subsiste aqui, no Oeste -observo Haskins.

-Realmente, assim é. -McCollum arrotou para demonstrar a seu anfitrião que a comida lhe tinha agradado, olhando, carrancudo, a outros até que captaram a idéia e começaram a lhe imitar. Logo, depois de pedir permissão, acendeu sua pipa e fumo enquanto os outros terminavam de comer-. Não se pode esperar que os prejuízos que perduraram durante séculos desapareçam de repente, Haskins. Temo-me que teremos que viver com a falácia durante muitos anos antes de que as pessoas civilizadas cheguem a ser o bastante instruídas para aceitar e apreciar culturas distintas.

-Nós o fazemos - assinalou Greensboro.

-Claro; nós somos inteligentes -disse McCollum depois de uma risada irônica-. Volte a arrotar, senhor Greensboro. Nosso anfitrião acredita que não lhe gostou da comida.

-OH. Sinto muito. - Greensboro emitiu um arrote bastante satisfatório.

-Nos lugares menos desenvolvidos do Oeste também se considera de boa educação arrotar depois de uma comida -indicou McCollum quando advertiu um olhar de repugnância no rosto de seus estudantes-. E lhes recordar que, apesar das maneiras deliciosas que se observam em um salão do Oeste à hora do lanche, entre as famílias mais distinguidas existe o incrível costume de vestir aos meninos como meninas.

-Também em algumas tribos índias os homens vestem como mulheres -interveio Greensboro-. Chamam-nos bardache.

-Muito bem, senhor Greensboro! Vá, parece que está acostumado a escutar quando dito conferências.

Greensboro se ruborizou. -É óbvio, senhor!

-Que são <<conferências> ? -pergunto cortesmente o sub-chefe, que tinha guardado silêncio durante a conversação.

-São bate-papos com que ensinamos na universidade -disse McCollum-. Ensino classes de antropologia e arqueologia - e explico em que consistiam essas matérias.

-Compreendo -replicou o velho índio quando McCollum teve terminado. Observo aos estudantes-. Estes moços vivem em cabanas, como nós -perguntou, assinalando a choça em que se achavam-, e aprendem técnicas de subsistência como as que nós ensinamos a nossos homens jovens?

-Você se refere a arrumar-lhe sem água no deserto chupando calhaus, e a jejuar para obter uma visão ou gula espiritual? -pergunto McCollum-. Não; não exatamente. A estes homens lhes educa para valorar outras culturas e lhes informa do modo de vida de povos primitivos. Eles, a sua vez, ensinam a outros.

O sub-chefe assentiu.

-Isso é bom. Se aprendermos uns de outros haverá menos... - interrompeu-se, procurando a palavra adequada- hostilidade.

-Esperamos que assim seja - disse o professor.

O sub-chefe tiro a pipa cerimoniosa e, com um brilho nos olhos, Olhou ao McCollum enquanto a enchia.

-Explicou-lhes este costume?

McCollum se sentiu molesto, pois conhecia o use e o efeito do peyote. Entretanto, encontrava-se na casa de seu anfitrião, e a ética e o costume obrigavam a não rechaçar sua hospitalidade.

-Sim, o expliquei - respondeu McCollum, lançando um olhar aos alunos para lhes proibir fazer um comentário depreciativo.

-Não se preocupe, senhor -disse Haskins, com uma piscada de compreensão depois dos óculos-. Somos soldados de cavalaria.

Enquanto Haskins falava, o sub-chefe terminava de encher a pipa. Logo a oferecendo aos quatro pontos cardeais com uma solenidade devota.

Uma vez completado o ritual, a pipa passou de mão em mão até que todos jogaram uma baforada de fumaça. Continuando, procederam a ingerir uma bebida cerimoniosa contida em um recipiente que se achava situado no centro do corro. O aroma do liquido era mas repugnante que seu aspecto, mas o rito exigia participação. um pouco mas tarde, produziu-se uma buliçosa carreira em busca da abertura de saída da choça quando os estudantes e seu professor competiram por chegar até a maleza a tempo.

-Boa medicina. -O sub-chefe riu entre dentes, enquanto também o esvaziava o conteúdo de seu estomago-. Desencarde.

McCollum, que a partir de seus estudos sobre os índios conhecia muito bem os efeitos perniciosos da <<bebida negra>> que acompanhava a cada reunião com os homens brancos, assentiu fracamente. A cabeça lhe dava voltas e sentia no estomago todos os fogos do inferno.

-Boa medicina -acordou.

Haskins acreditou morrer. Ofereceram-lhe um gole de água, e bebeu com avidez, pálido, mas sem perder o animo.

-Felicitações - sussurro-lhe McCollum-. Agora é um homem.

-Muito obrigado.

E vomitou o que ficava no estomago.

O sub-chefe estava encantado com a fortaleza demonstrada por seus hóspedes. Então se animou a lhes detalhar pequenas facetas da vida de quão índios apaches nem sequer Naki tinha compartilhado com o McCollum. Falo-lhes das diferentes classes de náusea -náusea do urso, náusea do coite- e do modo em que se tratavam. Contou-lhes que temiam aos mochos porque as almas dos mortos malvados os habitavam. Referiu-lhes diversos métodos para expulsar a enfermidade e reconhecer a uma bruxa. Todas eram confidências que somente se revelavam a quem promettesse guardar o segredo. McCollum, que respeitava os costumes, agradeceu a amostra de confiança de seu anfitrião, ao igual a seus estudantes.

-O misticismo é fascinante -murmurou Greensboro enquanto seguiam ao velho por todo o povoado.

-Nunca cometam o engano de criticar as crenças de pessoas de outras culturas -aconselhou McCollum-. Na maioria das culturas antigas a enfermidade e a morte se consideram acontecimentos anormais causados pela magia.

-Sim, o sei -disse Haskins, bem informado-. Tenho lido sobre algumas tragédias que se produziram como consequência da trasgreção de tabus tribais por parte de forasteiros. -E pôs como exemplo uma massacre acontecida em um país sul-americano.

-Tais desgraças acontecem - acordou McCollum-. A intromissão no misticismo resulta muito perigosa.

-Certamente os apaches não são tão hostis...

-São muito supersticiosos -interrompeu McCollum-Possivelmente não lhe matem, mas séria

impossível prosseguir nosso trabalho aqui. Não arrisquem minha investigação com comentários desconsiderados. Embora não aceitem seus costumes, devem os respeitar.

-É obvio, senhor. Eu nunca faria nenhum comentário ofensivo.

-Esta comportando-se muito bem, Greensboro -acrescentou McCollum-. Muito bem. Acredito que possua você faculdades para converter-se em um arqueólogo importante.

O jovem se ruborizou, turbado e encantado com o elogio.

-Obrigado, senhor.

-Nunca me há dito isso a mim -assinale Haskins. O professor arqueio as espessas sobancelhas loiras. Tenho cara de estúpido, Haskins? Você obteve excelentes nota em todos meus exames, e o decano me advertiu que roda de pessoas o perigo de que me roube o posto inclusive antes de que se licencie! Meu Deus, fôlego é o ultimo que você necessita!

Todos riram, incluído Haskins.

CAPÍTULO 18

Thorn e McCollum se mostraram abatidos durante o jantar, e Trilby atribuo seu estado de animo à notícia que tinham recebido sobre o paradeiro do Naki. Thorn tinha pedido ao Jorge informações do México referentes ao apache desaparecido. Depois de muito lhe insistir, o homem explicou ao McCollum que uns primos do México lhe tinham comunicado que Naki poderia ter morrido; não se sabia a ciência certa.

Trilby se perguntava como anunciaria a notícia a Sissy a próxima vez que lhe escrevesse. Em seu ultima carta a moça, desconsolada, rogava que lhe enviasse novas do Naki. Trilby não tinha respondido imediatamente, com a esperança de poder tranquilizá-la quando se inteirasse de algo, mas parecia que a espera tinha sido em vão.

Pela tarde Trilby imaginou como se sentiria se seu marido se achasse lutando no México e ela não soubesse nada dele durante meses. Encontrou-se mal só de pensá-lo e teve que sentar-se.

-Que ocorre? -pergunta McCollum.

-Nada -respondeu Trilby.

Toda a intensidade de seu carinho pelo Thorn floresceu dentro dela. Sempre lhe tinha professado afeto, mas até esse momento não se deu conta de quanto o amava. Thorn tinha chegado a ser seu mundo. Se o perdia, sentiria-se igual a Sissy quando se inteirasse da morte do Naki.

-Posso ajudá-la em algo?

Thorn entrou pela porta e franziu o sobrecenho ao ver a Trilby sentada e ao McCollum, preocupado, inclinado sobre ela.

-Que acontece? -apressou-se a perguntar.

-Trilby se sentia um pouco enjoada, isso é tudo. Deixá-la em suas mãos.

Thorn se ajoelhou junto a Trilby.

-Estas bem, carinho? -perguntou com doçura.

Ela olhou nos olhos de seu marido e parte do terror se desvaneceu. Acaricio-lhe o rosto lentamente, deslizando os dedos desde sua bochecha até seus lábios, e cobriu a boca do homem com a sua.

Thorn emitiu um som bronco e se apartou com brutalidade.

-OH, o... sinto muito - balbucio ela, turvada, retirando a mão-. Não queria...

Ele lhe agarrou a mão e voltou a posá-la sobre seu rosto para depois colocar a sua no cabelo da Trilby, que viu o brilho que iluminava os olhos do Thorn antes de que a beijasse com paixão.

-Não esperava isso - disse ele, com um estranho sorriso-.Não esperava me tocar, Trilby.

Ela elevou a cabeça e o olhou aos olhos. -Poderia fazê-lo, se a ti... se você gostasse.

-Muito bem, eu gosto.

Ela começou a lhe acariciar o rosto com ternura. -É muito bonito -sussurrou-. E eu adoro o que sinto quando nos beijamos.

A respiração do Thorn se voltou mas agitada. -Também a mim. - Baixando o olhar na boca da moça-. Eu gostaria de te estender sobre a mesa da cozinha e...

-OH, Thorn! - gemeu ela.

Para ouvir uns passos que se aproximavam lhes devolveu a sensatez. Thorn a separou de seu corpo e riu nervoso.

-Deixa-me sem fôlego.

-Me alegre -sussurro ela, implacável. Trata de me enlouquecer? -pergunto ele.

Trilby piscou. Sentia-se viva como nunca até então, consciente de seu poder e da vulnerabilidade do homem.

-Tanto como você a mim -murmurou-. Logo que posso me ter em pé.

-Dormirá comigo esta noite?

Trilby o olhou de marco em marco.

-É obvio

Ao Thorn lhe acenderam as bochechas, e seus olhos escuros cintilavam quanto McCollum apareceu no vão da porta.

-Vai tudo bem? -perguntou, advertindo algo estranho no ambiente.

-Encontro-me muito melhor -respondeu Trilby-.

Não foi mas que um ligeiro enjôo. Acontece-me de vez em quando; nada sério.

-Estas segura? -pergunto Thorn, preocupado.

Ela sorriu, olhando-o intensamente. -OH, sim; estou-o.

Trilby não queria que McCollum contasse nada a Sissy sobre o Naki. Ele prometeu que guardaria o segredo.

-Lamento o que possa haver acontecido ao Naki - disse o doutor, com um gesto de pesar.

-Também eu - disse Thorn.

-Ainda poderia aparecer - acrescentou McCollum, sorrindo-. É muito ardiloso. -Precisasse sê-lo.

Durante o café da manhã, Thorn jogava com o garfo enquanto estudava a Trilby com olhos ávidos de desejo. A noite anterior, depois dos beijos que se deram pela tarde, não se atreveu a repetir os momentos apaixonados que tinham compartilhado. Limitou-se a embalá-la contra seu peito sob as mantas, e tinham permanecido abraçados durante toda a noite.

Essa manhã tinha nascido uma relação totalmente nova entre eles. Quão olhadas lhe dedicou foram cálidas, e as que o lhe devolveu, intensas e possessivas. Quando Thorn rodeiou os ombros de sua esposa com um braço, ela não se apartou, mas sim o estreito e apoio a bochecha em seu peito. O logo que podia respirar ante o absoluto deleite que experimentava. Por uma vez, não pensou em motivos ou causas. Encerrou ao espectro do Richard Bate no esquecimento de sua mente e decidiu desfrutar de do momento.

Três dias mas tarde, McCollum e seus estudantes subiram a um trem e partiram. Embora tinham planejado permanecer na zona duas semanas, deveram retornar antes do previsto. Thorn explicou a Trilby que a precipitada partida se devia à situação em Água Escura, onde se temia-se produzisse um ataque rebelde. O trem Nacozari, procedente dos acampamentos mineiros de Sonora, tinha sido abordado e demorado pelo Capitão López em Fronteiras. Em um princípio tinha ordenado que se conduzisse o trem a Água Escura para atacar a cidade, mas finalmente decidiu não fazê-lo para não arriscar a vida dos passageiros, entre os que se contavam mulheres e americanos. depois dessa ação, a opinião que do controvertido López tinha Thorn melhorou.

Quando Trilby, Samantha e Thorn retornavam da estação aos Santos, divisaram no horizonte

a figura de um cavaleiro solitário que cavalgava para o rancho como alma que leva o diabo.

Thorn é

Trilby entrou na casa com a Samantha, e mas no alpendre ao visitante cuja identidade já tinham determinado seus sagazes olhos.

-Naki! -exclamou quando o outro homem desmontou ante os degraus do alpendre-. É você?

Teve que perguntá-lo, porque seu amigo vestia as tradicionais roupas de vaqueiro, com botas, cartucheiras e um enorme chapéu mexicano; inclusive se tinha cortado a larga cabeleira. Quando tirou o chapéu a cabeça, parecia um nobre espanhol de alta cúria, devido à arrogância de seus olhos escuros e a altivez de seu nariz reto.

-Sim, sou eu -respondeu Naki, quase sem fôlego-. Onde esta ela? Disseram-me que hospedava ao McCollum e vários estudantes. Supus que Alexandra se encontraria com eles. Cavalei toda a noite para vir até aqui... Esta na casa?

Thorn o olhou fixamente, preocupado.

-Não esta aqui.

Naki lhe devolveu o olhar.

-Disseram-me...

-Não veio -replico Thorn-. Somente se apresentaram McCollum e alguns alunos. Alguém disse ao doutor que te tinha unido às forças maderistas e que após não se soube nada de ti. Jorge explicou que tinha desaparecido em combate e que lhe davam por morto.

Naki hesitação, e seu rosto se contraiu em uma careta de dor.

-Alexandra sabe? Alguém lhe há dito que eu estava morto?

-Não -disse Thorn-. Não, não ainda. Trilby obrigou ao McCollum a jurar que guardaria o segredo.

Naki se levou uma mão à frente para enxugar o suor.

-Decidi participar da luta. De algum modo me parecia uma segunda oportunidade de colaborar na liberação de um povo oprimido. estive lutando contra os federais com a gente do coronel José de Luz Branco, principalmente com Rede López. Foi um inferno. Feriram-me em um ombro e tarde umas semanas em me recuperar, mas evidentemente não estou morto.

-Graças a Deus - disse Thorn.

Naki se encolheu de ombros, enredando os dedos nas rédeas.

-Talvez é melhor que Alexandra não tenha vindo -disse, pesaroso-. Branco me disse que depois da revolução, provavelmente eu poderia administrar um rancho para um dos fazendeiros ou inclusive comprar um próprio. No México não existem tantos prejuízos raciais como aqui, exceto contra os espanhóis de alta linhagem e os brancos. -Elevou a vista-. Se não dizer às pessoas que sou índio apache, nem se inteiram.

Thorn estudou ao homem com calma.

-E quanto tempo acredita que poderá ignorar sua herança cultural, negar a seu ancestrais?

Naki grunio, fixando o olhar no horizonte.

-Não posso. Orgulho-me de ser o que sou e não trato de ocultá-lo, nem sequer no México. Por fortuna há muito poucos prejuízos entre os rebeldes, pois somos todos marginalizados. Se triunfa a revolução, não importasse a que raça pertença; não no México. -voltou-se para o Thorn-. A amo!

A angústia que transmitia a voz do Naki chegou a alma do Thorn.

-Eu sei -disse este com tristeza-. E também que ela não quereria que sacrificasse sua herança cultural. Aceita-te como é e te ama.

Naki lhe deu as costas.

-Thorn, eu nunca poderia viver no Este. E apesar do que ela pensa, a reserva a destruiria. O único terreno comum possível é o México.

-Está o México sumido em uma revolução.

-Já o sei -disse o apache, secamente.

-Ao menos, entra e fica um momento conosco -convidou Thorn-. Nos conte que acontece. Jorge é a única fonte de informação sobre a luta que temos.

Trilby, encantada ao comprovar que o amigo do Thorn estava vivo, pôs outro prato na mesa. Durante a comida Naki lhes referiu os últimos acontecimentos.

-Aqui, no norte do México, contamos com um líder capaz, o coronel Branco, e existem outros, como Arturo Redo López, um tipo valoroso que lidera um contingente. Eu pertenço a seu grupo. -Sacudiu a cabeça-. Costa acreditar a diversidade de nacionalidades de nossos homens. conheci combatentes franceses, alemães, holandeses e muitíssimos vaqueiros procedentes do Texas, Arizona e Novo o México; inclusive alguns dandis do Este, entre eles um graduado do Harvard. -Sorriu com ironia, mostrando uns dentes muito brancos que destacaram em seu rosto bronzeado-. E até se rumoreia que participa da luta um índio apache! -disse, inclinando-se em atitude conspiradora.

-Não! -exclamou Thorn, lhe seguindo o jogo.

-Quem poderia acreditar algo semelhante? - interveio Trilby, continuando na brincadeira-. Crie que ganhasse Madeiro?

-É obvio -respondeu Naki-. Entretanto duvido de que permaneça no poder muito tempo. Tem bom coração, mas se necessita muito mas que isso para dirigir um país; requer-se crueldade.

Depois de comer, Thorn acompanhou a seu amigo ao estábulo, onde seu cavalo tinha reposto forças para empreender a viagem de volta.

-Estas seguro de que não quer permanecer a noite aqui? -perguntou Thorn.

-Prometi retornar pela manhã -respondeu-. Realizo trabalhos de tradutor quando esta López ocupado em outros assuntos. Confiou em que guarde o segredo. Não demorasse para produzir uma grande batalha. Aconselho-te que permaneçam no rancho durante um tempo e não lhes aproximem de Douglas. Não posso dizer mas. Não deve revelar minha confiança a ninguém.

-Não o farei. Obrigado. -Thorn não insistiu a seu amigo para que lhe facilitasse mas informação, embora desejava fazê-lo-. Que diremos a Sissy quando a escrevermos?

Naki vacilou. Montou seu cavalo e ajusto a cilha.

-Não lhe expliquem nada -disse finalmente com resignação-. Até que a revolução triunfe ou seja derrotada, é melhor que não saiba nada.

Thorn hesitou. Trilby havia dito que em sua ultima carta Sissy parecia ansiosa por receber notícias. Se acreditasse que Naki tinha morrido, seria capaz de cometer qualquer loucura.

-Espero que McCollum mantenha a boca fechada se Sissy lhe perguntar algo -disse Thorn, com pesar-. As mulheres o turvam, em especial as mulheres desesperadas. Que aconteceria se lhe contasse os rumores que correm sobre ti?

-Adivinho que estas pensando -observou Naki-. Temo-me que subestima a Alexandra. Sei quais são seus sentimentos, e também que é muito valente para tirar a vida. Se alguém lhe disser que hei falecido, sobreviverá à aflição e esta a fortalecerá. Conheço-a.

-E se te equivoca? -perguntou Thorn-Poderia viver com esse remorso?

-Claro que não - respondeu sereno-. Mas não me equivoco. Se consigo sair do México com vida, eu mesmo o direi e lhe brindarei a oportunidade de decidir. Se não o consigo, é melhor que me acredite morto. Por seu próprio bem.

-Admiro-te. Duvido de que eu pudesse servir a uma causa tão nobre -disse Thorn-. Somente mataria e morreria pela Trilby.

-Eu see. E há dito a ela?

Thorn riu com frieza.

-Trilby continúa apaixonada por esse tipo do Este. Agora me encontra aceitável, mas ainda não obtive seu carinho.

-Não perca as esperanças -disse Naki-. O homem do Este não esta aqui e você sim.

-Eu sei. É uma vantagem. -Estreito a mão de seu amigo-. Não deixe que lhe matem.

-Não durma muito profundamente de noite. Embora haja renunciado a suas terras mexicanas, seu gado não está a salvo, pois resulta tentador para uns homens famintos e desesperados por ganhar uma revolução. Mantém os olhos bem abertos. Recorda o que disse sobre o Douglas.

-Farei-o. E obrigado.

-De nada.

-Trata de nos enviar notícias, ao menos através dos parentes do Jorge. Poderá fazê-lo?

Naki se acomodou na sela.

-Farei todo o possível.

-Adeus -despediu-se Thorn.

-Vá com Deus.

Naki esporeio seu cavalo e se afastou; uma silhueta solitária que se recortava contra o horizonte.

-Mas por que não permite que informemos a Sissy? -perguntou Trilby, queixosa-. Não sabe que morrerá de dor se acreditar que o há falecido?

-Sabe. Simplesmente, não quer alimentar as esperanças da Sissy. É incrível o que Naki se propõe, Trilby; renunciar a seu país por amor a uma mulher.

-É maravilhoso que um homem esteja disposto a fazer isso por uma mulher - disse ela com ternura, lhe lançando um olhar rápido e furtivo.

Ele sorriu. Samantha já se deitou. A casa se achava silenciosa, e só se ouvia no salão o tictac do relógio de pêndulo.

-Amo-te -declarou Thorn.

Essas simples palavras tinham o poder de desarmar a Trilby, que se ruborizou como uma noiva.

-Thorn!

-Eu sei. Não sou o bastante civilizado, não é assim? -perguntou, aproximando-se da moça. Deteve-se escassos centímetros dela, tão perto que Trilby podia sentir o calor de seu corpo, cheirar a fragrância de tabaco e couro de suas roupas-. Sou muito rude e incivilizado para uma mulher doce como você.

-Não, não o é -sussurrou ela, estremecida-. Quero-te!

Olhando fixamente o rosto comovido do homem com olhos acesos de paixão, começou a desprender os botões de seu vestido. Enquanto o observava, ficou nua até a cintura e permaneceu imóvel, com os peitos descobertos e a respiração agitada.

-OH, Trilby -sussurrou Thorn, contemplando-a com arroubo reverente.

Trilby lhe agarrou o rosto com suas mãos mornas e trêmulas, atraindo-o para si.

-Minha querida - murmurou, abraçando-a-. Minha querida.

Havia mas que paixão em sua voz profunda. Ela se rendeu ao contato dos lábios quentes e úmidos de seu marido, que exploravam seus seios suaves, fazendo que os mamilos se voltassem duros e sensíveis. Tomando-a em braços, cobriu-lhe com a boca um peito e percorreu o corredor para o dormitório.

Na escuridão, levou-a até a cama e começou a lhe tirar a roupa. Ela o deteve.

-Não quer? -perguntou ele, inseguro, restando-se.

-Acende o abajur -sussurrou Trilby-. Desejo ver-te quando tomar.

Thorn procurou os fósforos e a ponto esteve de derrubar o abajur em sua precipitação por acendê-lo. Voltou-se para a Trilby, tremendo de paixão, lhe devorando o corpo com a vista.

-Escandalizei-te? -perguntou ela em um suave sussurro, apoiando-se nos cotovelos-. Sou... sou muito atrevida?

-Não, não o é -respondeu ele com voz rouca.

Foi até ela e sua boca ardente encontrou os lábios da mulher.

-Me seduza -murmurou-lhe Thorn ao ouvido enquanto suas mãos se trabalhavam em excesso com o resto de botões do vestido-. Nunca me cansarei disso, Trilby. Seja tão atrevida como deseja; eu adoro.

Ela gemeu e logo deu rédea solta a seus impulsos mas ardentes, inundando-se na virilidade dele. Acaricio-o, lhe sussurrando palavras de paixão, adorando-o como nunca tinha divulgado fazê-lo. Ele se deixou acariciar, respirando-a, lhe indicando com voz afogada que devia fazer.

Quando começou a mover-se em cima dela, Trilby estava tão ansiosa de desejo pelo que a voz lhe quebrava em um soluço com cada arremesso do corpo do homem enquanto se aferrava a ele e arqueava os quadris contra os seus, recebendo-o.

Thorn não quis apressar-se. Cada embate foi calculado, deliberado, cada beijo, tenro, doce e fervente. Foi como nunca tinha sido até então entre eles. A voz do homem se quebrou quando lhe disse em um sussurro que essa posse era a mais profunda e intensa que tinha compartilhado com ela. Mesmo que as palavras envergonhassem um pouco, resultavam excitantes.

Trilby deixou escapar um grito, porque as palavras e o lento movimento dos quadris do homem se uniram para elevá-la ao apogeu do prazer. Soluçou contra a boca dura e cálida de seu marido e duvidou de que pudesse sobreviver a aquela ardente paixão que a fez perder a consciência durante uns segundos.

Quando abriu os olhos, encontrou-se com o rosto distendido do Thorn, que observando-a, regozijava-se no prazer que lhe proporcionava.

- O... viu-o? -murmurou ela, sem fôlego.

-Sei. E agora o veras você, Trilby -respondeu ele-. Olhe. Deixar-te olhar... Olhe, Trilby. Olhe... olhe... me olhe!

Thorn gemeu, e ela observou, fascinada, como jogava a cabeça para trás, com os músculos do pescoço tensos e a boca aberta em um bronco grito de êxtase. O corpo do homem se convulsionou tão violentamente que ela conteve o fôlego. Logo ele se relaxou e, tremendo, deixou-se cair sobre ela.

-OH... meu deus - disse Trilby, abraçando-o.

-A plena luz -murmuro ele, exausto- nos contemplando o um ao outro. Nunca sonhei com algo semelhante.

-Nem eu. -Ela o estreitou possessivamente, protestando quando ele fez gesto de apartar-se-. OH, não, por favor! -murmurou, premente.

Ele elevou a cabeça e olhou seus olhos empanados pelo desejo.

-Não é possível.

-É sim -disse ela com doçura-. Somente quero te sentir... assim.

Thorn sorriu com tal ternura que o coração da Trilby deu um tombo. A seguir ele lhe acariciou o rosto ao tempo que a beijava com ternura.

- Era a mim a quem queria? -perguntou ela, lentamente.

-Eu poderia te formular a mesma pergunta -replicou ele, levantando a cabeça para olhá-la com solenidade-. Pensava no homem que perdeu enquanto estava entre meus braços?

-Séria impossível -respondeu ela ao cabo de um minuto-; não quando estamos juntos deste modo, em semelhante intimidade.

Vance se relaxou um pouco. Debaixo de seu corpo, notava a calidez e suavidade do da Trilby. Percorreu os lábios de sua esposa com dedos ligeiramente inseguros.

-Com minha semente muito fundo dentro de ti -murmurou.

-Sim -replicou ela, ruborizada.

Ele se inclinou e lhe separou os lábios com a língua para entrar delicadamente em sua boca. excitou-se e começou de novo a inflamar-se. Trilby emitiu um gemido de prazer.

-Estou em condições outra vez -sussurrou ele em sua boca-. O estas você?

-Sim... sim! Thorn... por favor!

Ele se elevou e, enquanto se movia em cima dela, a olhou aos olhos. Enquanto voltava a sumir-se no gozo, pensou que nesses olhos vela a eternidade...

A vida foi muito agradável no rancho durante os dias posteriores. Thorn apenas se separava da Trilby, que se mostrava radiante e ditosa, o que todo mundo advertia.

Só uma carta da Sissy empanou sua felicidade. Nela sua amiga suplicava que lhe comunicassem qualquer notícia que tivessem do Naki. Ao parecer McCollum lhe tinha falado do desaparecimento e possível morte do apache. Sissy estava muito intranquã e terrivelmente deprimida. Trilby tivesse querido responder para lhe contar a verdade, mas Thorn a tinha convencido de que deviam respeitar os desejos do Naki. De modo que escreveu a sua amiga e lhe rogou que não perdesse as esperanças. Compreendia o terror e a angústia da Sissy.

Era a única preocupação que perturbava a felicidade que compartilhava com seu marido; até a manhã seguinte, quando essa alegria se tornou em angústia

-Nunca vi a minha filha tão exultante! -disse Jack Lang ao dia seguinte, em uma de suas estranhas visitas ao rancho.

Ele e Thorn tinham estado comprovando as marcas do gado para assegurar-se de que nenhum animal do Blackwater Springs se aventurou a entrar na propriedade de Los Santos. Quando, como então, havia rodeio, os ânimos estavam acostumados a estar esquentados, em especial o do Thorn. Essa manhã, Vance se mostrava inclusive mas mal-humorado e irritável que de costume. Logo que falava e seus olhos eram tão inquietantes como sua expressão.

-Você acredita? -replicou Thorn à observação do Jack. Trilby estava radiante, e só o sãbia por que, e isso lhe produzia calafrios.

-Hã algum motivo especial para esse resplendor que vi em seu rosto quando nos partimos do rancho esta manhã? -pergunto o homem maior.

A mandíbula do Thorn se tensionou.

-Se se referir à possibilidade de que esteja grãvida, asseguro-lhe que não é essa a razão - respondeu, secamente.

-Eu não teria sido tão direto -disse Jack, molesto-. Espero que na verdade esteja tão contente como parece. Sei que ao princípio sua relação foi difícil. Trilby teve que trocar seus antigos costumes. Criou-se em um ambiente muito urbano e lhe custou adaptar-se à vida aqui. -Assinalou com um amplo gesto da mão a paisagem que se estendia ante eles.

-Considero que já se desembrulha bastante bem -disse Thorn.

Nã menciono que algo que tinha acontecido essa manhã lhe tinha aterrorizado. A intimidade do matrimônio tinha sido completa e quase dolorosamente doce. Thorn nunca tinha desfrutado de uma felicidade semelhante. Entretanto, embora o gozava com sua mulher e com a alegria que lhe proporcionava, tinha começado a refletir sobre o passado e o modo em que a tinha seduzido e forçado a casar-se com ele. Nunca saberia se o que tinha impulsionado a Trilby a desposar-se com ele e permanecer a seu lado havia sido o acatamento das convenções sociais.

Trilby se entregava ao com ardor e voluptuosidade, mas nunca falava de amor. Em realidade tampouco o fazia, a pesar do esforço que lhe custava. Nã se atrevia a lhe manifestar quanto a amava por terror a que ela utilizasse os sentimentos dele se sua relação se deteriorava.

De repente parecia que sua falta de confiança era justificada. Bate lhe tinha escrito de novo. Thorn tinha encontrado a carta essa manhã sobre a mesa do salã, onde ela a tinha deixado.

Richard comentava na mesma a grande mudança que se produziu em sua forma de vida. Já nã viajava pela Europa; assentou-se e tinha aceito um trabalho no banco local. Thorn gruniu para se ao recordar o que tinha escrito aquele indivíduo; palavras que ameaçavam lhe destruindo a alma.

Depois de ler a carta, pô-la onde a tinha encontrado para que Trilby nã se desse conta de que a tinha visto, e saiu de casa sem dizer uma palavra.

-Estas muito calado hoje -observou Jack.

-Bates tem escrito a Trilby. Conseguiu um trabalho em um banco.

-Richard? Meu Deus, é um milagre.

Thorn olhou ao Jack Lang.

-Trilby o amo no passado. Acredita que continua amando-o?

O rosto do Jack avermelhou.

-Vá pergunta!

-Preciso sabê-lo! -disse Thorn, premente.

-Por que não o pergunta a ela?

-Porque ela não me diria isso -disse ele, com tristeza-. Nunca me falaria dele.

-Se encapricho com ele -disse Jack a cabo de um minuto-. Em realidade, não acredito que fosse nada mas que um amor de adolescência, compreende?

-Acredito que talvez ele não sábia o que sentia por ela até que a viu casada comigo -disse Thorn-. Se tiver descoberto que albergava fortes sentimentos pela Trilby, possivelmente tenha trocado sua forma de vida em um intento por melhorar a opinião que Trilby tem dele.

-Mas minha filha é feliz contigo.

-Talvez finja que o seja - disse Thorn, obstinado. Estava convencido inclusive de que o ardor de sua esposa se devia quase exclusivamente a seu desejo de ter um filho. Possivelmente tinha chegado à conclusão de que um filho a compensaria da separação do homem a quem em realidade amava e lhe brindaria um pouco de felicidade.

-Ela deve te querer.

-Deve me querer? Por que? -perguntou Thorn, olhando ao Jack-. Expu-me a possibilidade de nos divorciar -disse, deixando a seu sogro sem fala.

-Lhes divorciar? Por que?

-Se se sentirá mas ditosa com Bates, por que obrigá-la a permanecer comigo? -disse com amargura, odiando a lembrança e as palavras que tinha lido.

-Que explicava Richard nessa carta, Thorn? -perguntou Jack, preocupado.

Thorn apóio as palmas das mãos sobre a sela e perdeu o olhar no horizonte com o coração destruído.

-Bates afirmava que tinha um bom trabalho e excelentes perspectivas; que se tinha dado conta muito tarde do muito que a amava. Quer que me abandone e se case com ele. Assegura que Trilby será muito mas feliz em seu próprio ambiente, onde não terá que sofrer privações com um... selvagem como eu.

CAPÍTULO 19

-Estas seguro? -disse Jack.

-Estou-o; li a carta duas vezes. Trilby não mencionou que a tinha recebido em nenhum momento -acrescentou Thorn. Isso era o que mas lhe tinha doído.

-Não a teria deixado à vista se lhe tivesse pretendido ocultar isso objeto Jack.

-Talvez considerou que era o modo mas delicado de me dizer que queria partir.

Isso era possível. Jack se sentia confuso. Era bastante óbvio que Thorn estava abatido, apesar da expressão desafiante de seu rosto. Pela primeira vez desde que o conhecia, seu vizinho lhe inspiro pena.

-Eu poderia falar com ela - ofereceu-se Jack.

-Com que finalidade? Para lhe dizer que o divórcio é impensável? Não quero uma mulher que me suporte e se entregue a mim fantasiando com outro homem -disse, inflexível-. Devo permitir que se vá.

-Não sei o que dizer.

-Então não diga nada, e muito menos a Trilby. Devemos resolver o assunto nós mesmos -disse ele sereno-. Respeitarei seus desejos, pois o único que me importa é sua felicidade.

Jack ficou olhando-o fixamente.

-Acreditava que não a amava.

Thorn riu com pesar.

-Morreria por ela - disse com voz rouca.

O homem maior suspiro.

-Sinto muito -disse Jack.

-Também eu. -Thorn esporeio a seu cavalo-. Não dispomos de tempo -acrescentou, olhando o céu, que ia obscurecendo-se-. Será melhor que nos apressemos a nos reunir com os peões.

Dolorosos pensamentos atormentaram ao Thorn durante todo o dia. Já tinha anoitecido quando retornou a casa, que se achava em silêncio. Nas pontas dos pés se dirigiu a dar boa noite a Samantha, mas a pequena estava profundamente dormida. Ficou contemplando-a. Sua filha. Parecia-lhe que tinha transcorrido muitíssimo tempo desde que Sally lhe tinha entregue uma menina diminuta com a pele avermelhada. Tinha-a adorado, mas a atitude da Sally lhe tinha impedido de ter muito contato com a menina. A distância entre pai e filha tinha ido aumentando até que Trilby apareceu em suas vidas. Graças à influência desta, Samantha tinha perdido seu acanhamento. Ria e jogava como qualquer menina feliz, era muito evidente que se sentia a gosto em companhia de seu pai.

-Esta dormida - disse Trilby da porta.

Thorn se enrijeceu. -Sim, o sei.

-Tem fome? Acabo de reaquecer um pouco de sopa e cozi pão para acompanhá-la.

-Estou bastante faminto. Obrigado - disse ele, sem olhá-la.

Retirou o chapéu e o jogou para o perchero que havia junto à porta. As esporas de suas botas tilintavam enquanto avançava pelo corredor detrás da Trilby em direção a sala de jantar.

A mulher advertiu, com perplexidade, a rigidez do Thorn, sua formalidade. De repente recordou a carta que tinha encontrado sobre a mesa do salão. Samantha a tinha pego de seu penteadeira para lhe perguntar se podia ficar com o selo para sua coleção e a tinha deixado ali. Quando Samantha voltou a lembrar-se da carta e Trilby a recuperou, para tempo que Thorn tinha saído. Tinha-lhe preocupado que ele a tivesse visto casualmente. De repente, seus piores temores se confirmavam.

Ele olhou por cima da mesa, com as mãos obstinadas ao respaldo da cadeira forrada de couro.

-Thorn, viu essa carta, verdade? -perguntou, vacilante. Arqueou uma sobrancelha; pelo resto, não se alterou. -Talvez tinhas intenção de que a encontrasse? -perguntou ele-. Mantém correspondência com Bates se o deseja -acrescentou, apartando uma cadeira da mesa para sentar-se-. Não me importa... sempre e quando seu corpo responda com tanta paixão ao meu na cama. -Com olhos sombrios e zombadores, observou a expressão escandalizada de sua esposa, enquanto se deixava arrastar pela dor e a raiva que o atormentavam-. Quero seu corpo, Trilby, e talvez um filho -acrescentou, para completar a postura-. Enquanto lhe possua, não me incomoda que Bate ocupe seu coração.

Ela ficou branca como o papel. Desde não ter sido porque se agarrava com força à cadeira, teria caído.

-Que? -perguntou ela com um fio de voz.

-Ouviste-me bem. -Desdobrou o guardanapo de linho e o colocou sobre o regaço. A seguir se serve um concha de sopa da sopeira de porcelana que Trilby tinha posto junto a seu prato-. Há manteiga para lubrificar no pão? -perguntou com indiferença.

Trilby sacou a manteiga da geladeira de gelo e com mãos trementes a depositou sobre a

mesa, retirando o tecido que a cobria. Quase deixou cair a faca antes de conseguir pô-lo junto ao prato.

-Obrigado -disse ele-. Você não janta?

-Já comi com a Samantha. Se não te importar, poderia deixar os pratos na pia quando tiver terminado? Ocupar-me deles amanhã pela manhã.

Ele a olhou com ira contida.

-Serei bem recebido também esta noite, Trilby? acaso sua mente esta cheia de sonhos românticos com Bates? Prometo-te que se dormir quando me deitar não terei escrúpulo em despertar. Talvez o queira casar-se contigo agora, mas é minha esposa até que eu decida te jogar desta casa.

Ela o olhou como se fosse um estranho.

-Tem-na aberto - exclamou, levando uma mão à garganta-. Tem lido a carta.

-Sim, tenho-a lido - disse ele, furioso-. Por essa razão te mostraste tão generosa comigo na cama, Trilby? Estas tratando de enrolar-se para que te conceda o divórcio? -Thorn já não podia controlar-se-. Maldita seja quantas cartas recebeu antes desta?

-Nenhuma – apressou em responder ela-. Nenhuma, Thorn, prometo-lhe isso!

Ele se levantou, derrubando a cadeira, rodeio a mesa e se aproximou da Trilby com olhos chamejantes e o corpo tenso e tremente por causa da emoção desbocada.

-Por Deus, Trilby, não pensassá nele esta noite. Juro que não o fará!

Sua boca cobriu a da moça, devorando-a. Elevo-a com brutalidade do chão e a levou nos braços pelo corredor, sem deixar de beijá-la, com paixão desesperada, exigente, premente.

Trilby lutou, mas acabou por desistir porque não podia competir com a força do homem. Thorn a conduziu ao dormitório, fechou a porta e jogou sua esposa sobre a cama.

-Bates me considera um selvagem – disse -. E eu também. Talvez chegou o momento de me comportar de acordo com a imagem que te formaste que mi.

Logo que teve terminado de pronunciar essas palavras, fincou de joelhos junto a ela com mãos decididas e olhos destellantes de paixão. Trilby pensou que atuava mas como um amante ferido e ciumento que como um homem que tira o maior proveito de seu segundo matrimônio.

Quando a primeira luz da alvorada se filtrou através das cortinas, Trilby abriu os olhos com uma careta de mal-estar. Não havia nenhum ponto de seu corpo que não tivesse sido explorado pelas mãos e os lábios do Thorn. A paixão de ambos tinha sido até então tenra e satisfatória, mas essa manhã ela se sentia violada e avermelhou ao recordar algumas das coisas que ele lhe tinha feito.

Talvez Thorn se propos a tratá-la com brutalidade, mas não o tinha feito absolutamente. Entregou-se por completo quando seu corpo poderoso dominou o da moça.

O que envergonhava a Trilby era ter experimentado o mas intenso arrebatamento de prazer que o lhe tinha proporcionado até então. A angústia do homem e a necessidade que ela sentia de apaziguá-la tinham gerado uma tensão que raio na loucura antes de que o corpo do Thorn, violentamente arremetedor, impusesse o êxtase para ambos. Recordava ter gemido e deu de soluços entrecortados quando respondeu ao estímulo e como seu corpo ardeu de paixão quando a consumação e ficou quase inconsciente, abandonada a mais doce das torturas.

Também tinha sido assim para ele, e ela o sábia. Mas uma só vez não tinha satisfeito ao Thorn. Havia-a possuído uma e outra vez, com paixão interminável, infatigável, deixando que a voz lhe quebrasse em cada ocasião em que sentia que o mundo estalava no transcurso da larga noite. Somente quando o esgotamento lhe venceu, separou-se dela e dormiu. Trilby tinha se deslizado para o lado oposto do leito, impudicamente nua sobre a colcha.

Quando despertou, a moça percorreu a habitação com a vista. Não encontrou ao Thorn, e um

dos armários estava ligeiramente entreaberto. Quando se incorporou, reparou em uma nota em cima da mesinha. ficou olhando-a, perguntando-se, inquieta, que mensagem conteria.

Trilby não podia saber que Thorn se amaldiçoou assim que despertou essa manhã, muito antes que ela, e contínuo amaldiçoando-se enquanto se vestia. Contemplou o corpo aconchegado da Trilby, notando as marcas que seus dedos e sua boca tinham deixado sobre a pele de alabastro. A culpa, o ciúmes, a desesperança e a angústia o consumiam. Seu arrebatamento e sua agressiva vulnerabilidade lhe tinham escandalizado e envergonhado. Tinha começado com raiva e tinha terminado perdendo o controle por completo, como nunca antes em sua vida. Sábia que uma mulher com o sentido da dignidade que tinha Trilby nunca perdoaria o que lhe tinha feito essa noite. Tampouco o poderia perdoar-se nunca.

O que complicava tudo era que ele a amava muitíssimo, pensou com grande aflição. Queria-a tanto que o coração lhe doía ao vê-la. E sábia que seu amor não tinha esperança. Ela amava a Bate. Nunca seria feliz com o porque Bate tinha reconhecido finalmente que a queria e a necessitava. Isso destruiria seu matrimônio.

O mas honrado que podia fazer para emendar seu inaceitável comportamento era permitir que partisse e se reunisse com o homem a quem amava. Finalmente se decidiu com amarga resignação.

Sentou-se ante o escritório que se achava junto à janela do dormitório, agarrou um papel e rabiscou umas poucas palavras sobre a pagina em branco. Logo as leu, assinou e, depois de uma ultimo olhar a Trilby, saiu da habitação.

Optava pela retirada como um covarde, pois não tinha outra alternativa. O desdém e a aversão que sem dúvida transpareceria no rosto de sua esposa destruiriam o que ficava de dignidade. Simplesmente, não podia enfrentar-se a ela depois de sua conduta essa noite...

-Bom dia, senhor - saudou Jorge -. Levantou-se muito mas cedo do habitual. -Franziu o sobrecenho ao ver a mala que Thorn levava na mão enquanto se encaminhava para o carro -. Senhor, vai a alguma parte?

-Sim. A Tucson. Devo inspecionar umas cabeças de gado que vi no mês passado.

-Ah, essas. Tinha entendido que tinha decidido não comprar...

Thorn lançou um olhar colérico ao Jorge, com os olhos injetados em sangue.

-E acabo de decidir o contrário... -disse, cortante-. Vamos, acompanhasse-me à estação para trazer logo o carro ao rancho.

-Sim, senhor. Jorge sorriu de um modo conciliatório. Conhecia muito bem o gênio de seu patrão para arriscar-se a provocá-lo.

-Cuida da senhora Vance enquanto permaneça aqui. Já lhe hei dito que pode deixar a Samantha com seus pais se... se necessitar, por qualquer razão.

Jorge enrugou a frente, sentido saudades.

-Sim, senhor.

-Retornarei dentro de uns dias.

Fez arrancar o motor, colocou a mala na parte traseira e esperou a que Jorge se sentasse a seu lado antes de partir. Não olhou para trás; estava seguro de que se fizesse não teria forças para partir.

Trilby agarrou a nota com mãos trêmulas e a leu, contendo o fôlego.

Rogo-te me perdões pelo acontecido ontem à noite - tinha escrito Thorn -, mesmo que o que fiz seja imperdoável. Para te ressarcir disso te concedo a liberdade. Pode levar a Samantha ao rancho de seus pais; eles a cuidaram muito bem. Deixei um pouco de dinheiro em sua penteadeira para que compre um bilhete de trem para a Luisiana. Será melhor que nos divorciemos. Diga a seu advogado que me envie a fatura. Lamento profundamente a dor que te causei. Sei que será mas feliz com Bates do que o foste comigo.>>

A nota estava assinada com sua rubrica característica, e resultava muito revelador o lugar em

que a tinha deixado.

Aturdida, Trilby se sentou na mesma cadeira que ele deve ter ocupado enquanto escrevia a nota. Deixava que partisse, jogava-a. Supunha que ela amava ao Richard, que queria partir.

Cobriu o rosto com as mãos e rompeu a chorar. Por que tinha sido tão néscia e não lhe havia dito a verdade? Amava-o com todo seu coração. Tinha permanecido com o Thorn porque o era todo seu mundo, e as noites que tinha passado em seus braços quase tinha roçado o céu. Além disso no dia anterior ela se viu obrigada a sair para vomitar em três ocasiões durante o café da manhã. Era quase seguro que estava grávida, provavelmente de várias semanas. Assim o confirmavam os ligeiros enjôos, a falta de apetite, o cansaço... havia-se sentido tão feliz, tão radiante... dispunha-se a anunciar ao Thorn quando a chegada de seu pai montado a cavalo o impediu.

Os dois homens saíram para longe do rancho para inspecionar o gado. Trilby não se inquietou, porque o comunicaria ao Thorn quando retornasse a casa. Estava segura de que ele receberia alegre a notícia. Thorn falava menos da Sally esses dias e a tratava com ternura e consideração tanto na cama como fora dela. Trilby tinha começado a abrigar a esperança de que...

-Por que? Por que de repente Richard tinha decidido amá-la? E precisamente quando ela tinha compreendido que não sentia nada por ele, que amava a seu marido e levava em suas vísceras um filho dele. Era tão injusto!

Levantou-se e se vestiu. Somente em pensar numa longa viagem de trem a Luisiana resultava desagradável, mas a nota do Thorn deixava bem claro que esperava que ela partisse, que queria que o fizesse. Ele tinha se ausentado para facilitar a ruptura.

Sabia que podia ficar apesar da carta, negar-se a partir. Que aconteceria em tal caso? Última noite ele lhe havia dito que somente sentia por ela desejo, não amor. Thorn lamentava a paixão a que se entregou a noite anterior e se mostrava mas que disposto a lhe conceder o divórcio para permitir que se unisse ao Richard. Se ele a amasse, sem dúvida teria decidido por retê-la, porque não era próprio do Thorn retirar-se de uma briga, renunciar a algo que queria sem lutar.

Foi esse último pensamento que a decidiu a partir. Estava convencida de que essa era a vontade de seu marido. Cedia-a a outro homem, como se se tratasse de um revolver que estava farto de usar.

Ponho-se a chorar desconsoladamente. Bom, ao menos levava em suas vísceras o filho do Thorn, o que a reconfortava um pouco. Não o comunicaria a ele. O rosto lhe contraiu em uma careta de dor. iria, teria seu filho e o nunca saberia. Pensou que de fato se se inteiraria, porque com toda segurança seus pais lhe informariam.

Por outro lado tampouco podia casar-se com o Richard, pois não o amava.

Resignada, dispôs-se a preparar as malas. Já teria tempo de preocupar-se quando retornasse a Luisiana.

Deixaria a Samantha na casa de seus pais com o pretexto de ir às compras e logo lhes telefonaria da estação de ferrovia para lhes anunciar sua partida. Desse modo, evitava o risco de que tentassem dissuadi-la. Resultava-lhe impossível seguir junto ao Thorn sabendo que o somente sentia por ela desejo e talvez piedade. Entretanto, duvidava de que pudesse viver sem ele, pois Thorn se converteu no centro de sua vida.

Era quinta-feira, 13 de abril, mas lhe parecia uma terça-feira. Ordenou ao Jorge, mas perplexo que nunca ao ver que a senhora saía pouco depois de que o fizesse o senhor Vance, que a levasse de carro à cidade. Silêncio que se dirigia à estação; somente lhe disse que ia às compras e que Samantha permaneceria em casa de seus pais durante sua ausência.

-Eu gosto do Teddy -disse Samantha com alegria quando o automóvel se deteve diante do rancho dos Lang -. Comporta-se muito bem comigo.

-É um bom menino - replicou Trilby. Beijou à menina na bochecha e lhe lançou um olhar triste -. E você é uma boa garota. Quero-te, Samantha.

-Eu também a ti, Trilby - disse a pequena, enrugando a testa -. Estas pálida. Encontra-te bem?

-Claro. - Forçou um sorriso -. Seja boa com o avô e a avó. Não demoro muito em voltar.

Samantha e Trilby desembarcaram do veículo e entraram na casa.

-Obrigado por cuidar da Samantha - disse Trilby a sua mãe.

-Já sabe que a menina não nos causa nenhum problema. E Teddy a adora. Olhe.

Teddy já estava ensinando a Samantha a jogar bola de gude, com voz excitada e amável.

Samantha ria ante o modo em que o moço entortava os olhos e tirava a língua ao lançar uma bola de gude contra as demais.

-Alegra-me que se levem tão bem.

Mary franziu o sobrecenho.

-Tem mau aspecto -disse-. Não seria melhor que se sentasse um momento?

-Estou bem. vou comprar a uns tecidos para confeccionar uns vestidos de verão. Quer que traga alguma para ti? - acrescentou para cobrir sua retirada.

-Não, querida. Irei eu mesma e escolherei. Obrigado de todas formas. Deveria te pôr um chapéu - adicionou Mary.

-Esta no carro -repôs Trilby-. Não demorarei muito. Retornei ao entardecer.

-Bom, bom. Conduz com cuidado, Jorge.

-Sim, senhora.

O mexicano sorriu, levando o chapéu ao coração quando abriu a portinhola do carro para que subisse Trilby. Por fortuna as malas se achavam no chão do automóvel, onde Mary não podia as ver. Em troca Jorge sim as tinha visto e por esse motivo seu rosto não podia deixar de expressar preocupação. Pressentia que algo muito sério acontecia.

Trilby não queria que Jorge a levasse até a estação, mas em Douglas os bondes não chegavam até ali. Não tinha outra opção. Tendo em conta o calor e seu estado, não lhe convinha caminhar. A Trilby sentiria saudades ver tantas pessoas na cidade, além de numerosos soldados. Se tivesse estado menos angustiada, a teria inquietado tanto movimento, que pressagiava dificuldades.

Como tinha esperado, quando pediu ao Jorge que a conduzisse à estação de ferroviária este se alarmou. O homem não falou até que ela esteve parada na plataforma, com a bagagem a seu lado, esperando ao portador.

-Senhora, não deve partir – rogou -. O senhor Vance se sentirá muito desventurado.

-Não acredito -disse ela, erguida-. Ele mesmo me disse que fosse -acrescentou com um fio de voz.

-Ele a adora- objetou-o-. Senhora, fala de você como se fosse a lua de todas suas noites, com muita ternura carinho. Se ele a mandou embora, seria porque estava de mau humor mas em seguida se arrependerá. Não deve partir!

-Devo fazê-lo, Jorge; compreenderá...

Nenhum dos dois se precaveu da súbita proliferação de uniformes de cor cáqui e a congregação de numerosos rodas de pessoas de cidadãos nas ruas. Por essa razão o repentino som de disparos e os gritos os deixaram paralisados.

-Fiquem a coberto! - aconselhou um soldado-. começou!

Trilby queria perguntar o que tinha começado, mas Jorge a levou a sala de espera da estação e colina a porta. Logo que acabava de fazê-lo, quando o vidro da porta se fez em pedacinhos. Jorge levou a mão ao peito e se desabou. Ficou estendido de costas, com os olhos abertos de espanto, enquanto o sangue começava a emanar de seu ombro ferido.

-Jorge! - exclamou Trilby.

Dispôs-se a avançar para ele, mas antes que pudesse dar um passo a frente uma partida de mexicanos armados irrompeu na sala de espera e rodeou aos aterrorizados passageiros.

Trilby ouviu uma enxurrada de palavras em espanhol. Um dos mexicanos a agarrou pelo

braço. Outros dois passageiros, de idade avançada, também foram separados do grupo.

-Venham conosco e não lhes ocorrerá nada - disse um dos homens com marcado acento hispano-. Rapidamente!

Trilby, presa do pânico, foi tirada da sala junto com os anciões e conduzida a um carro cheio de rifles Mauser e munição. Segundos mais tarde, dirigiam-se a toda velocidade para a fronteira mexicana. deu-se conta de que os homens, provavelmente maderistas, tratavam de fugir de uma unidade do exército dos Estados Unidos que os perseguia; os oficiais viajavam em um grande automóvel flanqueado pela cavalaria, que vestia o característico uniforme de cor cáqui.

Misericordiosamente, o estado da Trilby lhe evitou presenciar a chuva de disparos e o alvoroço que acompanhou ao carro até a fronteira, porque ela desmaiou.

Quando recuperou o sentido, achavam-se no México. O tiroteio era intenso em Água Escura, onde os federais e as tropas governamentais disparavam contra o exército do coronel De Luz Branco, cujos homens percorriam as ruas montados a cavalo ou em automóveis, em tanto que outros se entricheiravam no trem que levava a primeira quebra de onda de rebeldes desde o Nacozari e agora se sentavam impassíveis sobre as vias férreas.

Quando descenderam do carro, troou um canhão, e Trilby viu uma horrível miragem de pó e sangue e a seguir ouviu gritos de dor e espanto.

Trilby se sentia chateada. Lutava contra as náuseas do momento em que a subiram ao trem e instalaram em um assento do qual não podia levantar-se. Aconchegada, com a cabeça apoiada no gasto estofado do braço do assento, tragava saliva uma e outra vez em um intento por conter as arcadas.

-Senhora, sinto-o na alma - desculpou-se um mexicano alto, de cabelo branco, detendo-se junto a ela, preocupado-. Os homens que a trouxeram aqui são sozinho simpáticos; não formam parte de minhas tropas. Tomaram prisioneira para fugir dos soldados de seu governo e nos entregar armas. Entretanto, não é próprio de um homem defender-se em uma mulher. Lamento profundamente o incidente. Diz-me seu nome, por favor?

Não sabia se devia responder, mas se sentia muito fraco para pensar.

-Trilby Vance. Sou a esposa do Thorn Vance. Encontro-me muito mal.

Desabou no assento quando o enjôo a venceu. -Deus! -murmuro o oficial de cabelo grisalho. Observou-a com curiosidade-. Senhora Vance, sente-se mau? -Estou... estou grávida - sussurrou ela, espantada. A expressão do homem trocou. Ele retirou o chapéu.

-Ai por mim! - exclamo -. Juan! Aqui, logo!

Um homem mas baixo chegou correndo.

-Sim, meu general.

O oficial falou em um espanhol que Trilby não compreendeu, embotada pelas náuseas e o medo. Em seguida o oficial a falou com respeito:

-Ordenei a este homem que a proteja com sua própria vida, senhora - disse o general com ardor-. Não tema nada. Não sofrerá nenhum dano. Esta a salvo a bordo deste trem; dou-lhe minha palavra.

Trilby tratou de fixar a vista no rosto do homem.

-Obrigado, senhor - consigo dizer, em meio de sua debilidade.

-Fica com ela, Juan!

-Sim, meu general.

Juan dava voltas ao chapéu em suas mãos.

-Senhora, posso lhe trazer algo? um pouco de água?

-Sim, por favor.

Não tinha terminado de dizê-lo, quando o soldado se apressou a procurar um cantil. A Trilby não importou quantos homens tivessem bebido do recipiente; somente pensou que a água a refrescaria. De todas formas, logo que bebeu, temerosa de piorar até mesmo o estado de seu

estomago. Verteu umas gotas em um lenço de renda e o levou a boca antes de devolver o cantil. A vida no deserto lhe tinha ensinado a apreciar o valor da água.

- Que acontece? - pergunto Trilby, elevando a voz por cima do estrondo dos disparos.

Ao olhar pela janela distinguiu as manchas beges, marrons e azuis das roupas dos combatentes, o único visível entre a fumaça dos fuzis e o pó que levantavam os automóveis e os cavalos.

- Estamos tomando Água Escura - disse Juan, com orgulho-. Expulsaremos aos federais e proclamaremos esta nossa cidade. Rede López, um camponês que simpatiza com nossa causa, encabeça a carga.

- Há muitas tropas federais...

- E muitos nossos efetivos, senhora - interrompeu -. Ao final estaremos em condições de exigir o que deveria ter sido nosso do começo. Estes porcos já não voltarão a nos arrebataram nossa terra e nossas casas nem a nos escravizar em nosso próprio país. Agora serão eles quem sairão correndo. Mas por muito que corram, apanharemo-los.

Trilby observou aos homens que a rodeavam e compreendeu por que lutavam. Esses homens não eram soldados, a não ser granjeiros e arrieros que tinham aprendido a brigar porque estavam fartos de que os estrangeiros se enriquecessem explorando suas minas e seus campos, escravizando aos nativos. Suas famílias morriam de fome, e viviam em casas miseráveis que nem sequer lhes pertenciam. Como os servos da antiga Inglaterra, eram propriedade dos latifundiários, junto com a terra que trabalhavam; tudo para que ao final o dinheiro fosse parar aos bolsos dos foreiros.

- Acredito que devem ganhar esta luta - disse Trilby, olhando ao Juan.

- Ganharemos, senhora. Estou seguro...

- Trilby!

A voz lhe resultou familiar. A moça voltou a cabeça para encontrar ao Naki, que tinha ficado atônito ao vê-la sentada no trem que seus homens tinham assaltado.

- Não é incrível? - pergunto ela fracamente.

O apache, vestido como o resto dos soldados mexicanos, ajoelhou-se a seu lado.

- Estas bem? Não sofreste nenhum dano?

- Não, graças a Deus - murmuro ela, sorrindo-. Um oficial muito amável ordenou ao Juan que me defendesse com sua vida. Capturaram-me em Douglas quando esperava o trem.

- Onde esta Thorn? - pergunto Naki, olhando ao redor.

O rosto da Trilby mudou:

- Esta em Tucson - respondeu-, comprando gado. - E que faz seu aqui?

- Mandou que saísse de casa. Retorno a Luisiana para me divorciar dele.

- Te divorciar dele?

- Ah, você não pode fazer isso, senhora - disse Juan, cabeceando. Logo, olhando ao Naki, acrescentou com tom confidencial-: A senhora está grávida.

- Que estas o que? - exclamou Naki, com olhos exagerados.

- Pensa dizê-lo a todo mundo? - perguntou Trilby, lançando um olhar severo ao Juan com o rosto aceso de raiva.

- Sinto muito, senhora, mas você não deve abandonar ao senhor Vance - contínuo Juan, com tom desenvolto-. Um homem deve ter a seu filho, não é verdade, senhor? - pergunto ao Naki.

O apache estava se recuperando do impacto. Estudou a Trilby durante um longo momento.

- Juan tem razão.

- Você e Juan podem ir ao inferno - disse ela, com durez -. Não tem nenhum direito a te entremeter em minha vida, Naki. Thorn me pediu que fosse e vou!

- Por que te pediu que fosse...? Cuidado!

Naki a estendeu sobre o assento quando uma bala atravessou a janela aberta e se incrustou na

parede oposta

-Realmente este não é o lugar mas indicado para discutir sobre o assunto - protestou Trilby.

-Estou de acordo. -Naki desencapo seu revolver-. Juan, cuidado, Se.

Se!

-Fica agachada -ordeno Naki à moça-. Voltarei assim que possa.

-Quem vai ganhando?

-Quem pode assegurá-lo? -Sorriu com tristeza-. Aparentemente, nós.

Produziu-se uma nova detonação e se ouviram gritos enquanto os homens se reorganizavam. Trilby, incapaz de compreender o que acontecia, advertiu que muitos integrantes das tropas de Branco eram estrangeiros. A revolução tinha atraído ajuda externa de pessoas que simpatizavam com Madeiro e seus homens. Desde que começasse seu breve cativeiro, tinha distinto a um alemão, um ex-legionário francês e um ranger do Texas combatendo junto aos peões mexicanos. A excitação resultava contagiosa. A suscetível senhorita Lang, que antigamente tinha aborrecido ambientes como esse, habitados por homens tão selvagens, sentia-se realmente animada no fragor da batalha.

De repente, ao observar como subiam ao trem homens feridos, recordou que o pobre Juan tinha sido alcançado por uma bala no intercâmbio de disparos que se produziu em Douglas e se angustiou pensando em seu estado. Não sabia nada de feridas e ignorava se a do Juan era grave. Somente podia rezar para que estivesse a salvo e se recuperasse. Nesse momento, seu próprio bem-estar e o de seu filho representavam sua maior preocupação, embora se sentia a salvo sob o amparo do Juan e Naki. Além disso, por fortuna, o trem parecia a prova de balas, ao menos em parte.

O tiroteio se intensificou e se ouvia mas perto. Trilby levou uma mão ao ventre. Sentia-se sozinha, apesar da presença do Juan e Naki. Thorn se achava em Tucson. Quando o tiroteio se fez mas violento, Trilby começou a preocupar-se. Se uma bala perdida a matava -e, para seu horror, uma já tinha atravessado a parede do vagão e ferido a um soldado que se encontrava perto - Thorn demoraria dias em inteirar-se. Pensou então que possivelmente não voltaria a vê-lo e seus olhos se alagaram de lágrimas. Por que não lhe havia dito que se guardasse seu ultimato e mandado ao inferno? Deveria estar na cozinha, preparando bolachas para a Samantha. Então recordou que a pequena se achava em casa de seus pais. E ninguém conhecia o paradeiro da Trilby!

CAPÍTULO 20

Tinha anoitecido e no rancho dos Lang estavam preocupados porque Trilby ainda não tinha retornado. Samantha perguntava uma e outra vez onde se encontrava sua madrastra.

-Efetuei umas chamadas telefônicas - disse Jack.

Primeiro telefonou aos Santos, e lhe atendeu a mulher do capataz, que disse que não sabia nada nem da Trilby nem do Thorn. Jack hesitou só um minuto antes de ficar em contato com um amigo que se alojava no hotel Gadsten de Douglas.

Voltou para salão lívido. Sem dizer uma palavra, ato-se a pistoleira e agarrou o chapéu.

-Que ocorre? - pergunto Mary, olhando de soslaio para a cozinha, onde Samantha estava preparando bolachas.

-Esta tarde dois oficiais mexicanos e Rede López encabeçaram uma tropa de uns duzentos

rebeldes para atacar a guarnição federal de Água Escura - murmurou Jack-. Produziu-se um tiroteio em Douglas, várias pessoas resultaram feridas... e algumas perderam a vida.

O rosto da Mary empalideceu.

-Jack! Trilby tinha previsto ir à loja de malhas! - exclamou Mary.

-Seriamente? E não achou estranho que deixasse a Samantha conosco se pensava comprar tecido para confeccionar vestidos à menina?

-Sim, mas...

Jorge tem que saber onde se encontra Thorn, mas acompanhou a Trilby à cidade e ainda não retornou ao rancho. Telefonei e o capataz me disse que o senhor Vance tinha ido a Tucson, uma cidade grande.

-OH, querido - disse Mary, inquieta.

-Te tranquilize - aconselhou ele.

-Papa -chamou Teddy, entrando no salão-Trilby não retornou ainda?

-Ainda não - respondeu Jack, que se obrigou a sorrir e a atuar com normalidade. Deu um tapinha no ombro do moço -. Não se preocupe. Irei à cidade. Trilby e Jorge devem ter tido algum problema com o automóvel.

Nenhum dos adultos acreditava, mas Teddy, inocente, aceitou a explicação. Sorriu e voltou para a cozinha para falar com a Samantha enquanto ela trabalhava em excesso com as bolachas.

A situação na cidade era pior do que Jack tinha suspeitado. Quando chegou a Douglas encontrou na metade de seus habitantes subidos aos telhados das casas, olhando para a fronteira com binóculos. Tinha soldados em qualquer parte, além de repórteres, ambulâncias e muita poeira. Os feridos eram conduzidos em vagões de carga e automóveis a hospitais e clínicas improvisadas. Mulheres mexicanas e americanos atendiam aos feridos de ambos os bandos. Conforme informaram ao Jack, o tiroteio tinha durado três horas. esperavam-se mas combate.

-Que aconteceu? - pergunto Jack a um transeunte.

-Hoje se viveu um inferno em Água Escura - respondeu o homem-. A luta inclusive não finalizou. Tem rumores que os maderistas, que estavam escondidos ao outro lado da fronteira, esmagaram aos federais. Ao parecer levaram a algumas pessoas que viajavam no trem do Nacozari, entre elas uma compatriota que foi tomada como refém por alguns homens da junta local quando se dirigiam a ajudar ao López. O certo é que isto resulta muito emocionante!

Jack não pensava o mesmo.

-Sabe quem era a mulher norte-americana?

-Acredito que se tratava de alguém que se encontrava na plataforma da estação de ferrovia; uma moça. O senhor Heard disse que acabava de comprar um bilhete para o Este.

-OH, Meu deus - exclamo Jack, apoiando-se contra um poste.

Quando conseguiu serenar-se, procurou o comandante do exercito.

-Minha filha foi seqüestrada pelos rebeldes - disse ao primeiro oficial que encontrou-. Devem fazer algo!

-Asseguro-lhe que estamos tratando de negociar, mas se interromperam as comunicações e o tiroteio não cessa - informou o lugar- tenente interpelado -. O pequeno contingente federal foi pego por surpresa. Dois capitães e vinte e nove de seus homens dinamitaram a saída da guarnição para impedir a entrada dos rebeldes e se precipitaram para a fronteira para entregar-se a nós. Mas ficaram vários, e estamos tentando chegar até eles. Os rebeldes utilizam um canhão. Reina uma tremenda confusão, senhor.

Enquanto falavam, apareceu um capitão que enviou ao outro oficial a procurar um trapo que servisse de bandeira de trégua. Parecia tão enfrascado em sua tarefa que Jack nem sequer se aproximou do para lhe pedir ajuda. Um minuto mas tarde, o militar montado a cavalo e, acompanhado por um civil, dirigiu-se à fronteira.

-Nosso capitão já teve que disparar contra alguns civis para impedir que se unissem aos

rebeldes - explicou o lugar-tenente-. Aconselho-lhe encarecidamente que fique a coberto e se mantenha afastado das ruas. Neste momento os disparos chovem ao outro lado da fronteira.

-Mas, minha filha... -disse Jack com voz rouca.

-Se esta em mãos dos rebeldes, não tem que preocupar-se muito - disse o homem-. Essas pessoas respeitam muito às mulheres. Não lhe causassem dano. Assim que tenhamos expulso aos federais, talvez possamos negociar e recuperar aos reféns.

Jack conhecia a consideração que os homens mexicanos guardavam à maioria das mulheres, mas Trilby era uma americana, e eles tinham motivos para aborrecer aos estrangeiros. Além disso, se conseguiam fazer retroceder aos federais e o celebravam com mezcal, não queria nem pensar no que poderia acontecer. Não podia sentir-se tranqüilo. Amaldiçoou-se por haver-se estabelecido no Arizona e ter posto em perigo a vida de sua filha.

Havia algo que não compreendia por que Trilby tinha decidido tomar um trem para retornar o Este? Com toda segurança, sua resolução estava relacionada com essa condenada carta de Bates de que Thorn lhe tinha falado. Que pensaria este quando se inteirasse? prometeu-se que se conseguia que Trilby voltasse sã e salva, ele mesmo compraria um bilhete para a Luisiana com o propósito de matar ao Richard Bate.

Horrorizado ante o súbito giro dos acontecimentos, afastou-se da rua.

Thorn passado a noite em Tucson bebendo sozinho no salão do hotel e culpando-se pelo que tinha feito a Trilby. No dia seguinte, sem ânimos para negociar nada, permaneceu sentado, refletindo, perguntando-se como teria recebido Trilby sua nota e se já se haveria ido embora. Quando ele retornasse encontraria a Samantha com os Lang, e a menina estaria preocupada. Essa era a desculpa que necessitava para interromper sua breve viagem e voltar para casa.

Ninguém lhe esperava quando desceu do trem na pequena estação do Blackwater Springs. Pediu a um homem que conduzia um carro que lhe levasse em casa. A notícias que este lhe comunicou lhe impulsionaram a montar imediatamente seu cavalo para dirigir-se diretamente até o rancho dos Lang, aonde tinha aconselhado a Trilby que fosse em caso de que surgissem dificuldades. Esperava que sua esposa não tivesse partido ainda, e não podia permitir que partisse dada a violência que se desatou em Douglas. Talvez não fosse muito tarde; possivelmente existia alguma probabilidade de retê-la.

Quando chegou ao rancho dos Lang, encontrou a Mary sentada no alpendre com os olhos avermelhados. Seu coração esteve a ponto de deixar de pulsar. Adivinhou que tinha acontecido algo terrível.

Desceu do cavalo e, com o chapéu na mão, subiu os degraus de dois em dois.

-Thorn! - exclamo Mary, levantando-se da cadeira-. OH, Thorn, que recebimento mas triste para ti!

-Trilby -disse o imediatamente-. Foi-se...?

-Jack telefonou. Acredita que foi seqüestrada por alguns simpatizantes dos rebeldes e conduzida a Água Escura, ao outro lado da fronteira - explico Mary precipitadamente, observando que o espanto escurecia os olhos do homem-. Não podemos conseguir que a liberem e nem sequer sabemos se se encontra bem. Jorge resultou ferido e ignoramos se sobreviverá. Esta no hospital Calumet.

-OH, Meu deus -disse Thorn, pesaroso.

O coração lhe pulsava com força. Trilby em mãos dos rebeldes! Só Deus sabia que podia lhe ocorrer.

-Jack se encontra em Douglas agora, tratando de obter informação do exercito - explico Mary-. Thorn, espera; Samantha esta aqui...

-Cuida dela, por favor - sussurrou, avançando a grandes pernadas até seu cavalo, com o rosto contraído em um rito de dor-. Voltarei assim que possa.

-Não se preocupe, Thorn, cuidarei dela - disse Mary com voz cansada-. Vá com cuidado. E se

averiguar algo, o que seja...

-Manterei-me em contato.

Partiu a toda pressa, sumido em uma grande confusão, cheio de temores. Ignorava que encontrasse em Douglas e como conseguiria que Trilby retornasse; somente sabia que devia atuar. Seus olhos, com o olhar fixo no horizonte, eram tão negros como o pânico que se instalou em seu coração.

Lisa Morris tinha saído ao alpendre para observar como o resto das tropas do capitão Powell avançava precipitadamente para Douglas desde Forte Huachuca. A formidável coluna motorizada devia atravessar a pequena cidade em que vivia com a senhora Moye. Powell decidiu deter-se para falar com a Lisa.

O capitão subiu ao alpendre onde a mulher se achava sozinha, à sombra do amplo beiral.

-Deve ir ? -perguntou ela.

Seus doces olhos transmitiam preocupação, ao tempo que se ruborizava ao recordar a intimidade que ambos tinham compartilhado.

-É obvio -respondeu com voz tenra-. Estão atacando Água Escura e nos ordenaram partir para Douglas como coluna de substituição, junto com outros efetivos. A situação poderia ser muito perigosa. E em toda guerra se faz necessária a presença de um médico.

-Tenho medo por ti, Todd!

Powell se sentia turbado em companhia da Lisa. Nesse momento a desejava com loucura, mas deviam manter a compostura. A olhou nos olhos e apertou os dentes para controlar-se. Logo, muito em breve, poderiam estar juntos. Enquanto isso, ceder à paixão que o acendia somente serviria para manchar a reputação de sua amada. -Atuar com cautela. -Contemplou o delicado rosto da mulher com serena angústia e viu seu próprio desejo refletido neles. Estendeu a mão e lhe roçou a bochecha-. Sou uma raposa velha e resistente. Não me deixarei matar agora, quando tenho tantas razões para viver.

Lisa o olhou, trêmula. Tinha sofrido pesadelos em que de uma forma ou outra o perdia. Seu corpo ansiou pela distração do homem, sua proximidade.

O capitão conteve o fôlego ante o olhar que lhe dirigia. As convenções sociais e o recato estavam a ponto de ser transbordados por seus instintos.

-Por Deus, Lisa, quando me olha desse modo... -sussurro, abraçando-a.

A beijou com veemência e desespero sereno. Lhe devolveu o beijo, vencida pelo desejo que a tinha atormentado desde que intimassem. sentia-se exultante, presa na forte pressão de seus braços, saboreando seus lábios. O beijo a acendia para vibrar e ansiar o contato da pele do homem contra a sua. Pensou que o estado em que se encontrava raiava na loucura, mas lhe dava igual. Nesses momento só lhe importava saciar-se da boca do Todd Powell e desfrutá-la tanto como pudesse antes de que partisse.

Quando elevou a cabeça, ele estava ruborizado e um pouco aturdido.

-Estas tão atordoada como eu -disse ele com voz rouca, sustentando-a com doçura até que ela recuperou o equilíbrio.

Lisa não podia sorrir. Olhava-o com adoração.

-Estou enjoada -murmuro ela, extasiada depois do tenro deleite.

-E eu -replico ele-. De nada servem meus esforços por me conter. Por muito que o tento, não consigo deixar de te desejar como te desejo.

Ela leu nos olhos do homem coisas que provavelmente ele nunca diria. Percebeu um desejo desesperado, solidão, respeito, ânsia e, sobre tudo, um amor que sacrificaria sua própria felicidade pelo bem dela.

-Eu também te desejo -disse Lisa com sinceridade-. Amo-te tanto, Todd... Com todo meu coração!

Os olhos do doutor cintilaram. Parecia que lhe custava respirar, e seu rosto se tensionou.

-Quero que te case comigo. Mas eu sou... muito mais velho que você. Sou viúvo e no passado fui tristemente famoso por beber em excesso.

-Nada disso importa.

Ele suspirou. Agarrou uma mão da mulher entre as suas e a apertou com força.

-Deixarei a bebida para sempre. Farei quanto me peça.

Lisa sorriu com grande ternura.

-O sim.

Ele se ergueu.

-Não sou um homem rico e temo que não obterei nenhuma ascensão mas.

-Tampouco isso importa.

Todd levou a boca à palma da mão da mulher e a beijou com ânsia trêmula.

-Amo-te -balbuciou-; mas que a minha vida, mas que a honra.

A mulher lhe acariciou a bochecha, profundamente comovida tanto pelo feito de que o homem manifestava abertamente seus sentimentos como pela emoção que traslucia seu rosto, pelo geral sereno.

-Quando nos casaremos? -pergunto ele.

-Quando o desejar. Acredito que maio é um mês muito adequado para celebrar umas bodas - acrescentou ela.

-Em maio -acordou ele. Apartou-se com relutância e sorriu-. Então, em maio.

-Evitasse correr riscos desnecessários, Todd? -pergunto a mulher, preocupada.

-Sim -afirmou ele.

O olhar do Powell percorreu uma vez mais o rosto da Lisa. Logo se voltou e sob os degraus do alpendre com uma agilidade própria de um homem muito mais jovem. Ria quando entrou no carro e a saudação com a mão. Lisa observou a coluna até que se converteu em uma nuvem de pó na distância.

Thorn cavalgou para Douglas em busca do Jack Lang. Quando por fim o encontrou, estava suplicando a um oficial que o autorizasse a entrar em Água Escura com as tropas federais.

-Não posso permiti-lo -grunhiu ele jovem oficial, nervoso-. Senhor Lang, você me pede algo impossível. Nenhum salvo-conduto com minha assinatura satisfaria aos rebeldes, que se desdobraram ao longo das vias da ferrovia até a alfândega dos Estados Unidos e dispararam contra tudo o que se move. Têm retidos, não sabemos onde, a vários americanos que viajavam no trem do Nacozari. Os federais se renderam, e quase posso lhe assegurar que, assim que a cidade estiver por completo em mãos dos revolucionários, os reféns serão liberados. É provável que sua filha se encontre entre os seqüestrados e que se ache a salvo.

-Vamos, Jack -disse Thorn-. Sem despedir do oficial, conduziu a seu sogro à rua-. Não é assim como devemos atuar.

Encaminharam-se para a parte mexicana da cidade, através de uma multidão de veículos, tropas e olheiros.

-Que pensa fazer? -pergunto Jack.

-Procurar ajuda. Nunca conseguiremos atravessar a fronteira para chegar a Água Escura com as tropas dos Estados Unidos ali.

-Com certeza -disse Jack, pesaroso-. Já dispararam a um homem para impedir que a cruzasse. Que faremos se os rebeldes a retêm para exigir um resgate? -pergunto Jack-. Não trouxe dinheiro!

Thorn acariciou a culatra de seu revólver com semblante turvo, avançando a grandes pernadas.

-Pagar-lhes com chumbo.

-Sei como se sente, mas não deve pôr em perigo a vida da Trilby! -rogou Jack.

-Não o farei -prometeu Thorn-. Conseguirei liberá-la. Juro que o farei, custe o que custar!

Permaneceram em silêncio enquanto se abriam passo entre a multidão. Ao cabo de um momento, Jack pergunta:

-Ia abandonar te, verdade? E por esse maldito Bates.

-Sim -A voz do Thorn soou áspera, amarga-. E ainda poderá ir-se se quiser. Mas primeiro tenho que conseguir tirá-la do México.

-Estou seguro de que não ama a esse homem.

-E eu estou seguro de que sim o ama. Dá igual. O importante é salvá-la -disse Thorn, aflito. Rogo a Deus que não seja muito tarde!

Enquanto Thorn e Jack tratavam de encontrar uma forma de atravessar a fronteira sem ter que expor-se aos gatilhos dos sentinelas rebeldes, uma Trilby descansada e renovada aprendia a curar feridas de bala. Com uma savana como avental, observava como o medico costurava uma ferida iluminado por um abajur a querosene para logo arremedar o que fazia o doutor com outro paciente seguindo as instruções que recebia. Como não entendia espanhol, Naki as traduzia.

-Isto é absurdo! -protesto Naki-. Não estas em condições de realizar este trabalho.

-Não fale -murmurou ela, assentindo quando o medico lhe ensinou a técnica de sutura para que ela a repetisse com seu paciente-. Parece-me que estou fazendo-o bem.

-Quer ser razoável? Estas pondo em perigo sua saúde!

-Falas como se fosse meu marido -disse Trilby, ignorando-o-. Encontro-me muito bem depois de ter bebido água e comido uma parte de queijo com pão. Naki, realmente considerou que o faço bastante bem -acrescentou com entusiasmo, enquanto começava a costurar outra ferida sob a supervisão do doutor.

-Thorn me matá -resmungo Naki.

-O que eu faço já não é da incumbência do Thorn -replicou ela-. Abandonei-o. E quer te calar? Isto é muito complicado. Pergunta ao medico se devo dar dois pontos...

Naki elevo as mãos ao céu.

A espera resultava angustiada. Thorn e Jack tinham enviado a procurar o irmão do Jorge e se demorou algum tempo em localizá-lo. Atravessar a fronteira na escuridão e sem apoio era uma ação suicida que em nada ajudaria a Trilby. Com a colaboração do irmão do Jorge e um de seus primos, Thorny Jack Lang conseguiram, vestidos com roupas mexicanas, cruzar a fronteira junto com um pequeno grupo de rebeldes à manhã seguinte, à luz do dia.

A noite tinha sido terrível para ambos os homens, consumidos pela preocupação, em especial Thorn. Quão único a fez suportável foi saber que Jorge tinha melhorado e parecia recuperar-se. Fazia tempo que os norte-americanos capturados no trem tinham sido liberados e Thorn se apressou a investigar se Trilby se achava entre eles. Mas como tinha temido, não era assim. Seu único recurso foi esperar até o alvorecer.

-Nem sequer sabemos onde procurá-la - lamentou-se, Jack enquanto subia por um aterro situado nos subúrbios de Água Escura.

-Claro que sabemos -repôs Thorn com impaciência-. Estará ainda nesse maldito trem. Não teria podido levá-la a nenhum outro lugar por causa do tiroteio.

-Bem, tem razão - disse Jack, aliviado-. OH, Deus espero que não lhe tenham causado nenhum dano.

-Se lhe tiverem feito algo, não viverão para arrepender-se -disse com olhar turvo e tom ameaçador o homem do Arizona.

Jack confiava em que Thorn reprimisse sua agressividade até que tivessem resgatado a Trilby. Depois de liberá-la era provável que o mesmo desse rédea solta sua ira.

Ouvia-se música junto com as esporádicas detonações enquanto avançavam para a cidade.

Água Escura não era uma insignificante cidade fronteiriça, a não ser uma praça forte, e as tropas governamentais tinham atuado com uma contundência terrível.

Se rumoreava que haviam partido de Forte Huachuca uma coluna de substituição e dois destacamentos que chegariam em um par de dias, embora pouco poderiam fazer dada a situação. Vários simpatizantes da revolução tinham tratado de cruzar a fronteira, e um deles tinha sido ferido no ombro por um soldado, o qual teve o efeito de apaziguar o entusiasmo de seus patrícios pela luta. Não se permitia a entrada de nenhum americano em Água Escura. Por essa razão Thorn e Jack se viram obrigados a valer-se de enganos para tentar salvar a Trilby.

O trem estava detido nas vias. Através de algumas das janelas se viam luzes. Thorn olhou fixamente, entreabrindo os olhos. Logo, soltando uma gargalhada, sacou o revólver e o comprovou, fazendo girar o tambor antes de embainhá-lo.

-Anima-se, Jack? -pergunto Thorn.

-Tenho mas animo que nunca -respondeu seu sogro.

Thorn saiu à luz. Imediatamente lhe detiveram dois homens que baixaram as armas quando o respondeu com a contra-senha do dia. Jack suspiro aliviado porque os homens pareciam muito nervosos e disposto a apertar o gatilho.

-Agora não se separe de mim -indicou Thorn, olhando a seu acompanhante-. Supõem que somos simpatizantes. Acreditava que me atreveria a me enfrentar a eles sem saber a contra-senha?

-Temí que fosse nosso fim. Esta Trilby ali?

-Hão-me dito que se encontra com o medico - respondo Thorn, preocupado-. Vamos.

Chegou à porta do trem e parou de repente, e Jack detrás dele, para ouvir claramente um ofego.

Trilby se achava inclinada sobre um homem gravemente ferido, sustentando na mão uma agulha com fio enquanto um indivíduo de baixa estatura guiava seus movimentos no que parecia ser uma ferida mortal. Entretanto, o paciente se mostrava muito animado e obviamente estava ébrio, pois cantava enquanto lhe atendiam.

-Trilby! -exclamou Thorn.

Para ouvir a profunda voz do homem, ela levantou a cabeça. Uma baforada de calor e cor animou seu rosto até que recordou com nitidez a noite depois da qual ele a tinha deixado. O olhou com olhos cintilantes.

-Olá, Thorn. Olá, papai -saudou com rigidez-. É curioso lhes encontrar aqui.

-Que estas fazendo? - perguntou Thorn com tom imperativo,

-Trabalho como assistente deste pobre e atarefado medico. Não pode costurar a todos de uma vez. -voltou-se para o Naki, que parecia muito seguro de quando enfrentar ao olhar furioso do Thorn- Diga ao doutor que devo falar com meu pai. Voltarei em um minuto.

Entregou ao Naki a agulha e tirou o ensangüentada avental improvisado antes de aproximar-se dos homens.

-Trilby, moça, estas bem? -pergunto Jack com grande preocupação, abraçando-a-. OH, graças a Deus, graças a Deus! Tive tanto medo quando soube que tinham pego reféns. Sua mãe esta fora de se, igual a Teddy.

-Realmente estou muito bem, Batata -tranqüilizo-lhe.

Estava pálida e parecia cansada; mechas de cabelo caíam sobre seu rosto. Procurava manter a calma e evitava olhar ao Thorn, pois se sentia muito envergonhada para encontrar-se com os olhos do homem.

-Preciso falar contigo - disse Thorn com tom muito formal.

Agarrou pelo braço antes de que ela pudesse protestar e a conduziu para a plataforma, na parte traseira do vagão, consciente de que os mexicanos patrulhavam os arredores. Por fortuna ninguém os prestou atenção.

-Sim? Que quer? Estou muito ocupada - disse ela com altivez, sem olhá-lo.

-Trilby, por amor de Deus, é uma prisioneira em campo inimigo, não um medico que atende seus pacientes.

-Não sou uma prisioneira, pois posso partir quanto quiser. Estou brindando ajuda e assistência onde faz falta. Quando acabar meu trabalho aqui, partirei para a Luisiana. Acaso não é o que queria?

Thorn ficou sem fala. Emitiu um som estranho e se apóiu contra o corrimão de ferro. O ar frio lhe açoitava o rosto. Na distância, alguém tinha um violão, e em torno de uma fogueira uns homens cozinavam frijoles e bebiam café.

-Lamento profundamente o que fiz a ultima noite que estivemos juntos -disse, solene-. Não tinha direito.

-Isso é certo. Ele se ergueu.

-Ao menos não lhe têm feito dano.

-Nem lhes tivesse ocorrido. São uns cavalheiros - acrescentou, enfatizando a ultima palavra.

O homem se ruborizou.

-E eu não. Sou um selvagem -disse com voz serena, olhando-a aos olhos-. E lhe demonstrei isso, não é certo, Trilby? -acrescentou ele, desprezando-se a se mesmo-. Se procurava uma companhia gentil, equivocou-te comigo. Bate é mas de seu estilo. Possivelmente o tinha razão; pertence a seu ambiente.

Embora não tivesse motivos, Trilby se sentiu culpada ao ver o Thorn tão abatido. Franziu levemente o sobrececho. Não tinha refletido sobre o que tinha impulsionado a seu marido a comportar-se de forma tão violenta. Tinha suposto que se havia devido a que estava ciumento de que outro homem a amasse. Entretanto, a aflição do Thorn nesse momento não se explicava sozinho pelo ciúmes. percebia-se uma emoção nesse rosto magro que nunca tinha visto desde que estavam casados. Parecia cansado, e umas profundas rugas sulcavam suas bochechas. Seus olhos, injetados em sangue, refletiam resignação e algo mas profundo, muito mas profundo. Ele tinha chegado até ali, arriscando sua vida, para recuperá-la, e inclusive a arriscava nesse momento só para estar com ela. depois de meditar, Trilby compreendeu os motivos de seu marido.

Aproximou-se do Thorn e então comprovou o efeito que sua proximidade exercia sobre ele; ficou tenso, e lhe contraíram os músculos do rosto. Apertou os lábios, como se se esforçasse por não demonstrar quanto lhe afetava sua cercania.

-Que ocorre, Thorn? -perguntou ela, com calma-. Não me dirá que te turvo.

Deu um passo mas para o Thorn, que retrocedeu, com uma expressão ameaçadora.

-É a Bate a quem amas, ou o esqueceste? -reprovo-lhe fríamente-. Me alegro de que não te tenha acontecido nada. Falarei com o López e te tirarei daqui.

-Thorn -chamou ela quando ele se dispunha a entrar no trem.

Voltou-se com um desses movimentos rápidos que em um tempo a tinham intimidado.

-E bem? -pergunto, irritado.

-Nunca me perguntou o que sentia pelo Richard - disse ela, com dignidade-. Nem se queria ir com ele. Jamais me perguntou se queria o divórcio.

-Por amor de Deus, como não vais querer te divorciar depois do que te fiz? -pergunto o com aspereza.

A dor que trasparecia seus olhos parecia insofrível. Ela se aproximou dele olhando-o fixamente.

-Fez-me amor -disse ela, com voz suave-. Mostrou-te muito apaixonado, mas não cruel. - Seguiu o olhar no peito do homem-. Nunca me trataste de forma cruel... nesses momentos.

-Deixei-te o corpo cheio de marcas -disse ele, com voz trêmula de emoção-. Não tive valor para falar contigo essa manhã, não o compreende? Não suportava a idéia de me enfrentar a ti, por isso fugi!

Trilby conteve o fôlego. A expressão do rosto normalmente taciturno do homem a comoveu. Por que não o tinha compreendido antes? Aquele não era o olhar de um homem ciumento ou vingativo, a não ser a de um homem que amava com tal intensidade que morreria ante o feito de perdê-la.

-Vá... você me ama! -sussurrou Trilby, surpreendida ante a súbita revelação.

CAPÍTULO 21

Thorn se intimidou ao ver-se descoberto. Apartou-se e fixou o olhar nos mexicanos agrupados em torno da fogueira em um esforço por manter o controle. Não tinha intenção de reconhecê-lo. Não queria ser tão vulnerável.

Mas o era, e ela o sabia. Trilby se aproximou dele, aturdida, estendeu as mãos e se aferrou a seu braço, comprido e musculoso. Levo-o até seus peitos e o manteve ali, insistindo-o a olhar seu rosto arrebolado.

-Tão difícil te resulta admiti-lo? -pergunto ela.

O semblante do Thorn se escureceu, e seus olhos contemplaram, indefesos, os doces rasgos da moça.

-Você não me ama -acusou com aspereza-. Nunca me amaste! Não sou culto e tenro como esse tipo do Leste de quem estas apaixonada.

-Não, você não é tenro -acordou ela, sorrindo, radiante-. É como o deserto, Thorn; duro como a pedra e às vezes muito severo. Entretanto é duas vezes mais homem que Richard.

O rancheiro tinha baixado a vista, mas essa última observação fez que voltasse a olhá-la, pendente de cada uma de suas palavras.

-Thorn, eu me negava a reconhecê-lo, mas soube quanto Richard me beijou no dia em que Sissy e eu saímos a procurar restos arqueológicos -explico Trilby de maneira desapaixonada-. Não senti nada, nada absolutamente. Quando me abraçou eu somente pensava em como me sentia em seus braços. - Ele entreabriu os lábios, como se lhe custasse respirar-. Como não te deu conta? -prosseguiu ela com voz rouca, olhando-o encantada-. Entregue a ti uma dúzia de vezes. Como não o advertiu aquela vez em que pedi ter as luzes acesas para ver quanto me desejava?

Thorn avermelhou.

-De verdade?

-OH, sim -sussurro ela-. Inclusive a última vez -acrescentou, ruborizando-se enquanto cravava a vista no peito do homem-. Sobre tudo a última vez, quando me desejou com tanto desespero que não pôde te conter. Acreditei que morreria, tão intenso era o prazer.

Thorn se estremeceu. Vacilante, peso a mão na bochecha da Trilby e a acaricio.

-Nunca pretendi te fazer dano -murmurou agitado-. Estava ciumento e temia te perder. Não pude me controlar.

-Eu sei.

Ela se aproximou dele e impulsivamente abraçou o corpo poderoso do homem e o sentiu trêmulo.

-Não o faça -disse ele, tratando de separar-se.

-Esta bem -sussurrou ela-. Também eu estou tremendo. Não o nota?

Thorn o notava, e isso aumentava seu desejo até fazê-lo insuportável. Agarrou-a pelos ombros.

-Trilby, não posso permitir que fique comigo se não ser feliz. Richard te ama...

-Não, ele não me ama. Somente se quer a si mesmo. Eu amo a ti -disse ela, elevando o olhar até o rosto pálido do homem.

Isso era o que ela tinha estado lhe dizendo e ele nunca tinha compreendido. Gemeu ligeiramente e se inclinou para beijar as pálpebras fechadas da moça.

-OH, Deus! -murmurou, com voz rouca.

-De verdade não te tinha dado conta? -perguntou ela, estreitando-o mas.

-Não. Parecia me querer, mas eu acreditava que simplesmente tentava tirar o maior proveito de nosso matrimônio. Pensei-o inclusive quando me pediu um filho.

-Queria te dar um filho porque te amo -disse ela, sorrindo contra o amplo peito do homem-. Thorn -sussurrou, lhe acariciando o torso com ternura-, estou grávida de ti.

Ele ficou paralisado.

-Que estas... que? -pergunto, comocionado.

-Estou grávida -repetiu ela, exultante de felicidade.

Thorn recordou então a noite anterior a sua partida para Tucson. Deixou escapar um gemido.

-Estas grávida... e eu a tomei... daquele modo? -Parecia horrorizado-. Meu Deus, Trilby! meu Deus, devo ter feito muito dano! E o menino... -mostrava-se desesperado.

Ela o tranqüilizou, lhe tampando a boca com uma mão e acariciando-o.

-Thorn, não ocorreu nada. Não nos fez mal a nenhum dos dois. Escuta, por favor. Encontro-me muito bem.

O rancheiro tremia, olhando-a com olhos úmidos.

-Trilby, sinto muito.

-Amo-te -disse ela, com ardor-, e você a mim. Não há nada que perdoar. Eu te feri sem me propor isso e você somente tratava de me demonstrar o que sentia, mas eu não o entendi. Agora quais são seus sentimentos. Thorn, sua é minha vida! -sussurro ela.

Estremecido, Thorn a atraiu mas para se, invadido pelo espanto quando se deu conta do que pôde haver flanco a ambos seu violento ardor.

-OH, querido -disse ela com doçura-, por favor, não ponha assim. Asseguro-te que não nos causaste nenhum dano nem a mim nem ao menino.

-Nunca voltarei a fazê-lo -disse o, envergonhado - Nunca voltarei a te tratar desse modo.

-Sim, fará-o, porque o modo em que nos amamos é apaixonado, desenfreado e glorioso. -elevou-se e beijou com avidez a boca do homem-. Adoro-te, idolatro-te..

Os beijos da Trilby apagaram a dor do homem A estreitou em seus braços até que beijá-la já não era suficiente. Gemeu quando a febre do desejo palpitou dentro dele.

-Entrem!

A seca interrupção os devolveu à realidade. Ambos olharam para a porta onde se achava Naki.

-Perdoem, mas estão surdos?

Thorn franziu o sobrecenho. Quando recuperou a prudência, ouviu fortes tiros e de repente, mas perto, um assobio seguido por um surdo impacto.

-Haveis ouvido isso? São canhões que disparam, balas que ricocheteiam -anunciou Naki-. Pistolas, rifles e esse condenado canhão que capturaram. Se não quiserem que vos alcance uma bala, será melhor que lhes separem da linha de fogo.

-Maldita seja, por que não nos avisaste antes? -reprovou Thorn, furioso, conduzindo a Trilby ao interior-. Esta grávida!

-Sim, o sei. -Naki riu com ironia-. Todos sabemos. Alternamo-nos para cuidá-la. Juan acredita que se apaixonou.

Thorn dirigiu um olhar iracundo ao homem sorridente.

-Pode beijar a seu cavalo. Ela é minha.

-O direi. Ao chão!

Empurro o casal ao chão, enquanto os vidros estalavam em mil pedaços ao redor.

-Acredito que será um dia muito comprido -predisse Naki com os lábios a escassos centímetros do chão.

E foi. Pela tarde todos estavam mortos de sono e com os nervos destroçados. Por fortuna o tiroteio tinha cessado, mas, conforme os informes que recebiam, um corpo de federais se aproximava de Água Escura, por isso certamente logo se reatariam os combates. A violência se abatia sobre eles, aguardando a oportunidade de desatar-se.

Como Trilby não conhecia rede López, Juan o assinalou de longe. Ela tinha suposto que o herói da revolução seria alto, bonito e garboso; um personagem saído de um folhetim. Entretanto se tratava de uma pessoa de aspecto corrente, que se dirigia a seus homens com deferência e serenidade, e fez ornamento de uns maneiras cortesias quando mas tarde, esse mesmo dia, foi apresentado a Trilby. Como muitos dos oficiais rebeldes, tinha a mente acordada e uma grande sagacidade para planejar estratégias e táticas militares. Era como um mosquito; picava e punha-se a voar, uma e outra vez. Essa capacidade para escapulir-se depois do ataque irritava ao inimigo.

Pouco depois, o general que tinha falado ao princípio com a Trilby voltou para dialogar com o pequeno grupo de americanos.

-Devemos devolvê-los aos Estados Unidos -disse-. Teremos que atuar com prudência, porque seu capitão, ao outro lado da fronteira, jurou que faria prisioneiros de guerra a todos quão rebeldes apanhe em chão norte-americano. É uma situação perigosa.

Trilby sorriu.

-Acredito que vou acostumando-se ao perigo, senhor. Thorn a olhava comovido, tão orgulhoso dela que mal podia conter-se. Sua doce e mimada Trilby tinha trocado da noite para o dia para transformar-se em uma verdadeira pioneira.

-Minha esposa esta grávida -anunciou Thorn ao general, preocupado.

Juan acaba de me comunicar isso replicou o general, tirando o chapéu para saudar a mulher-. Felicidades, senhora -acrescentou com um sorriso-. Será um prazer para mim escoltá-la até a fronteira.

-É você um cavalheiro, senhor -disse ela, lhe devolvendo o sorriso.

-Lamento que parta -disse o general-. Converteu-se você em uma de meus melhores médicos. Quem atenderá agora a meus pobres homens?

-Os hospitais ao outro lado da fronteira -ofereceu Jack Lang-. Instalaram-se clínicas provisórias por toda parte, e muitas pessoas cuida dos feridos e os moribundos. Ocupassem-se dos rebeldes, dos federais; não importa em que bando lutem.

O general assentiu.

-Assim é como deveria ser.

Fez uma indicação ao Juan e, minutos mas tarde, depois de que Trilby se despediu do doutor, empreenderam a marcha em direção à alfândega.

O general os escoltou, ondeando uma bandeira de trégua, até que transpassaram a linha dos rebeldes, que se estendia com o passar do atardecer da fronteira. O oficial rebelde mexicano saudou o capitão do exército americano ao mando do destacamento, quem devolveu a saudação com o devido respeito e retornou junto a seus homens. Jack Lang suspirou aliviado.

-Graças a Deus -disse-. Chão pátrio!

-Sim -disse Thorn, abraçando a Trilby-. Graças a Deus. Naki, vem conosco? -perguntou ao ver que Naki permanecia na linha da fronteira, observando ao oficial americano, que se aproximava deles.

O apache negou com a cabeça, esboçando um sorriso. -cheguei a formar parte da revolução, amigo.

Meu povo perdeu a oportunidade de recuperar sua liberdade, mas estas pessoas ainda tem possibilidades de consegui-la. Há muitos como eu que, sem ser mexicanos, lutam por sua causa. Não posso abandoná-los, agora, quando estamos tão perto da vitória.

-E que tem que a Sissy? -perguntou Trilby com tristeza. O semblante do Naki se escureceu. - Não lhe digam nada.

-McCollum lhe informou que te achava no México - disse ela, angustiada-. Sissy acredita que morreste! Os escuros olhos do Naki se fecharam, e um estremecimento percorreu seu corpo.

-Então, que siga acreditando-o - disse com voz rouca-. É o melhor.

-Sissy te ama.

Naki abram os olhos, e Trilby viu neles o calvário que sofria em seu interior.

-É-digo-o o com ferocidade-. Certamente que o sei! -Ela renunciaria a tudo.

-Igual a eu. Em realidade já o tenho feito - disse

Naki, sereno. Conseguiu esboçar um sorriso-. Quando isto acabe, talvez encontre uma saída.

Trilby não replicou. Não tinha nenhum direito a dizer ao homem como devia viver. Estava preocupada com a Sissy.

-Te cuide -disse Thorn-. Procura que não lhe matem.

-Prometo tentá-lo. Vá com Deus.

-Sim. E você também.

Naki saudou agitando uma mão e se reuniu com seu grupo ao outro lado da fronteira; parecia-se mas um soldado revolucionário que a um apache.

Thorn, Jack e Trilby continuaram avançando e, assim que chegaram às linhas americanas, foram rodeados por repórteres e um irado oficial.

Thorn vislumbrou uma saída para escapulir-se. Elevou uma mão pedindo que os deixassem passar.

-Mas tarde, por favor -disse-. Minha esposa se encontra em um estado delicado. sente-se débil, e devo levá-la a casa.

Para ouvir aquilo os homens, que eram cavalheiros, adotaram uma atitude protetora, e Trilby se encaminhou a toda pressa para o carro de seu pai através da multidão.

-Têm-lhe feito dano os endemoninhados latinos? -pergunto um homem encolerizado quando chegaram ao carro.

Trilby se deteve em seco e lhe dirigiu um olhar fulminante.

-São soldados rebeldes mexicanos, não -Latinos endemoninhados>>. Em realidade, atreveria-me a assegurar que me dispensaram um trato muito mas amável e considerado de que tivesse recebido de um cidadão americano nas mesmas circunstâncias.

O homem se esclareço garganta e, embora tarde, se retirou o chapéu.

-Idiota - disse Trilby, o bastante alto como para que a ouvissem. Agarrou a mão do Thorn entre as suas depois de que o fechasse a portinhola do automóvel-. «Latinos!»

Thorn dirigiu um olhar ao Jack Lang e sorriu com indulgência. Depois de prometer ao oficial americano que lhe facilitaria tantos detalhes como pudesse recordar assim que Trilby se achasse em casa, abandonaram a cidade deixando atrás deles uma nuvem de pó amarelado.

Água Escura permaneceu em mãos dos maderistas só uns poucos dias. Três dos líderes rebeldes se renderam às tropas dos Estados Unidos. Quando uma coluna de doze mil federais, ao mando do coronel Reynaldo Díaz, chegou a Água Escura, os soldados encontraram as trincheiras abandonadas e a cidade saqueada. O sítio tinha terminado, e, felizmente para ambas as nações, evitou-se a intervenção e com ela a guerra.

Pouco depois de que os federais conquistassem de novo Água Escura, dois oficiais rebeldes maderistas, Francisco Tranquilo Vila e Pascal Orozco, lançaram suas forças contra Juárez, e Madeiro assumiu a presidência do México. Os rebeldes e quem tinha lutado em favor de Madeiro celebraram o acontecimento.

Rede López morreu de forma trágica não muito depois da batalha pelo controle de Água Escura. Um periódico publicou uma história ocorrida antes do sítio de Água Escura segundo a qual, enquanto estava sendo entrevistado, o rebelde tinha cedido sua cama a um repórter, sem

importar dormir no chão. Possivelmente muitas das coisas nada adadoras que se comentavam fossem certas, mas Trilby, que o tinha conhecido e tinha ouvido seus próprios homens falar dele, suspeitava que o rebelde devia possuir algumas virtudes ocultas para inspirar tal devoção a seus seguidores.

López tinha morrido, mas Orozco, Obregón, Vila, Zapata e muitos outros líderes rebeldes se sentiam exultantes pela vitória. As festas se prolongaram durante dias, inclusive na parte americana próxima à fronteira. A primeira fase da Revolução Mexicana finalizou em 26 de maio de 1911, com a renúncia e a partida do Porfirio Díaz. Em novembro do mesmo ano se celebraram eleições, e Francisco Madeiro se converteu em presidente.

Nesses momentos Trilby, já reintegrada no lar, confeccionava um vestido para a Samantha e desfrutava da recém recuperada felicidade de seu matrimônio. Ela e Thorn estavam cada vez mais compenetrados. Não surgiram mas dúvidas nem pesares. amavam-se, e o filho de ambos crescia no ventre da Trilby enquanto os dias se faziam mais compridos e calorosos à medida que avançava o verão. Tinham desaparecido os segredos e as incertezas. Quando Thorn olhava a sua esposa, o amor que irradiavam seus olhos quase o cegava. Nesses dias se sentia mais um rei que um selvagem. O disse a Trilby, que riu e ficou nas pontas dos pés para beijá-lo com ternura.

-O único selvagem que há em ti, querido, é o modo em que me ama -murmurou-. E espero que nunca mude.

Thorn sorriu sem apartar-se de seus lábios acolhedores. Enquanto a beijava, prometeu-lhe em um sussurro que nunca mudaria.

Jorge se repôs e volta para reatar suas obrigações em Los Santos. Sissy enviava regularmente a Trilby cartas tristes e breves, nas que nunca mencionava ao Naki Tampouco o para a Trilby quando a escrevia. Havia ouvido rumores de que Naki tinha sido um dos prisioneiros rebeldes norte-americanos executados no México Não tinham recebido nenhuma notícia do em Los Santos, e até o Thorn tinha acabado por convencer-se de que tinha morrido.

O outono igual à o Arizona chegou a Luisiana. Alexandra Bate estava bebendo chá com sua mãe no salão quando a empregada anuncio a visita de um cavalheiro.

-Temo-me que será esse Harrow outra vez -disse a senhora Bate com resignação, dirigindo a Sissy um sorriso melancólico-. Teremos que fazer algo em relação a ele, Sissy, ou do contrário seguirá vindo. Bem, faz-o entrar -ordenou à faxineira, que fez uma reverência e saiu do salão-. Por que seu pai participa tão freqüentemente de caçadas, me deixando reveste para me enfrentar a seus insistentes pretendentes?

Sissy sorriu sem alegria. Ainda Chorava o desaparecimento do Naki. No transcurso dos meses, seu animo tinha decaído e já nada lhe interessava. Tinha abandonado os estudos e quase a vida mesmo. Enquanto isso, Richard tinha maturado e se comprometeu com uma jovem doce e boa. Ben tinha partido ao Texas para converter-se em um ranger. Sissy, quão única ficava em casa, perguntava-se se voltaria a ser capaz de amar. O senhor Harrow ao que se referia sua mãe era um viúvo que sentia afeto pela Sissy, que não lhe correspondia. Estava farta de inventar desculpas para evitá-lo. Queria a um só homem, e esse tinha morrido. Às vezes pensava que sempre levaria luto por ele.

A senhora Bate saudou ao visitante antes de que Sissy o visse. Evidentemente não se tratava do senhor Harrow. O recém-chegado era alto e vestia com elegância. Com o cabelo negro pulcramente talhado e penteado e os olhos como pérolas negras, tinha uma aparência ligeiramente européia, como a de um francês. Era incrivelmente bonito e refinado, e o traje que vestia estava tão imaculado como seus reluzentes expulsa negras.

-A senhorita Bate? -pergunto à mãe da Sissy, sorrindo-. Disseram-me que poderia encontrar a Alexandra aqui. Ah, sim. esta Ali! -acrescentou, olhando por cima da mulher para o sofá em que a moça estava sentada.

Alexandra Bate deu um coice e ficou olhando-o fixamente, com o rosto mudado.

-Meu Deus, vai desmaiar! -exclamo a senhora Bate.

Naki se aproximo da Sissy a toda pressa, e seus poderosos braços receberam o peso do corpo da moça; a fragilidade da Sissy lhe rasgou o coração. Estendeu-a com delicadeza sobre o sofá e a senhora Bate, sufocada, chamou à empregada e a enviou a procurar saias aromáticos.

-OH, por amor de Deus, que lhe ocorre? -gemeu a senhora Bate, preocupada.

-Sofre estes desmaios freqüentemente? -pergunto Naki, sem apartar a vista do rosto amado.

-Não. Mas não tornou a ser a mesma desde que volta do Arizona faz vários meses. Chora a esse homem... -interrompeu-se ao dar-se conta de que estava falando com um estranho e sorriu-. Não tem importância. Ainda não se apresentou, jovem.

-Não o tenho feito? -murmurou ele, ausente, porque Sissy começava a mover-se. Tomou a mão e a apertou-. Sissy -disse com grande ternura.

Ela abriu os olhos e lhe dirigiu um olhar surpreendido. Um arrepiu percorreu seu corpo.

-Você está morto! -disse com voz afogada-. Naki, estas morto, estas morto!

-Não -murmurou ele, sorrindo-. Como podia morrer e te deixar sozinha?

-Naki! -A emoção lhe quebrou a voz.

Sissy estendeu os braços, e ele a elevou, estreitando-a ardentemente contra seu coração. Com os olhos fechados, balançou-a em seus braços, apertando-a com um pouco de rudeza quando os meses de solidão o transbordaram. A emoção que iluminou seu semblante sereno tivesse sido evidente inclusive para um cego, o que sem dúvida a senhora Bate não era.

-Bom -disse esta, entrelaçando as mãos e sorrindo quando compreendeu de quem se tratava-. Devo dizer, jovem, que não se parece em nada à imagem que de você que tinha formado.

Naki a olhou por cima da cabeça da Sissy com um sorriso doce.

-Atravesaria-me a dizer que esperava uma pessoa com plumas e pintura de guerra.

A senhora Bate soltou uma risada nervosa.

-Assim é. Gosta de um pouco de chá?

-Com muito gelo, por favor -respondeu ele-. É algo que não temos no México.

Enquanto a senhora Bate se retirava discretamente para dispor que lhes servissem o lhe, Naki ajudou a Sissy a sentar-se.

-Atravessei algumas situações de grande perigo, mas consegui sair delas com vida e agora estou muito bem situado. consegui comprar um terreno, Alexandra, perto de Cancún -informou, sem preâmbulos-. Temo-me que a ambos resultasse estranho ao princípio, mas nos adaptaremos e poderemos viver em paz e sem prejuízos.

Sou um apache e não pretendo negar minha raça nem ocultar meu orgulho por pertencer a ela. Entretanto a herança cultural não depende da geografia. Serei tão apache no México como no Arizona.

-Estas renunciando a tudo! -protestou ela fracamente.

-Não a muito -replicou ele, com serenidade-. As outras alternativas são ou te levar a reserva, onde sofreria os prejuízos de minha gente, ou tratar de nos integrar na sociedade branca e padecê-lo eu. Considero que o México é nossa única opção. -Fixo o olhar nos olhos dela com ansiedade-. Tem que decidir se compartilhar a existência comigo merece que abandone sua casa e sua forma de vida.

Sissy compreendeu a importância da proposta do Naki e sorriu.

-Que sacrifício tão insignificante, quando de boa vontade renunciaria a minha vida por estar contigo -limitou-se a responder ela.

Ele entornou os olhos. O sentimento de ambos era profundo. Naki imaginou a Alexandra em seus braços em noites tropicais, possuindo seu corpo suave e virginal. estremeceu-se ao pensar no êxtase que compartilhariam. A olhou e pensou que semelhante sonho compensava todos os sacrifícios.

-Sim -disse ele-. Eu sinto o mesmo por ti. Arriscaremos-nos?

Ela sorriu e sacudiu a cabeça.

-Não haverá nenhum risco. -Elevou a cabeça e o beijou com paixão.

-Inclusive nos amando deste modo não resultasse fácil. -Ela tentava falar entre beijo e beijo.

Sissy sorriu e o beijou até com mas paixão.

-Quero ter filhos quando nos tivermos casado -disse com tom solene, lhe tampando a boca com a mão ao ver que o se dispunha a protestar-. Quero um montão de filhos -repetiu, pronunciando cada palavra com firme resolução.

Ele suspiro.

-Alexandra, já falamos que a mescla de raças...

-Que passará inadvertida no México - atalhou ela. Logo sorriu-. E nossos filhos serão muito formosos -sussurro, imaginando-os.

Era difícil discutir com ela. Naki lhe emolduro o rosto com as mãos e sorriu.

-Filhos formosos?-sussurro.

-Formosos -ênfatizava ela-. Falaremos-lhes de sua herança índia apache e faremos que se dela orgulhem. E os amaremos muitíssimo -disse com ardor, elevando o rosto para ele-. Quase tanto como nos amamos o um ao outro...

Incapaz de fazer alguma objeção, começou a beijá-la, desejando já a sorte quase insuportável de um futuro compartilhado.

A final de outono Trilby e Thorn tiveram um filho que tinha herdado os olhos escuros de seu pai e a tez de sua mãe. Chamaram-lhe Caleb, como seu defunto avô paterno.

Naki e Sissy, por sua parte, tiveram cinco filhos, todos eles parecidos com seu bonito pai.

Richard Bate se casou com sua prometida, que o amou toda sua vida, apesar das excentricidades de seu marido.

Teddy Lang cresceu e chegou a ser xerife do condado do Cochise, no Arizona, e a pequena Samantha Vance contraiu matrimônio com um médico de Douglas.

Ben Bate alcançou o grau de capitão nos rangers do Texas.

Caleb Vance se casou com uma moça espanhola, apresentou-se às eleições para o Senado dos Estados Unidos e resultou eleito.

Quanto a Lisa Morris, desposou com o capitão Powell e surpreendeu a todos ao ficar grávida no ano seguinte.

Enquanto isso, Francisco Tranquilo Vila, muito popular nos círculos revolucionários depois da batalha do Juarez, recife em desgraça ante Madeiro e foi detido e encarcerado. Mas tarde conseguiu escapar. No fim de novembro de 1911, Zapata se elevou em armas contra Madeiro. Orozco formou um exército para lhe fazer frente e foi derrotado por Pomar, quem tinha deposto a Madeiro e ordenado sua execução.

A noite de 6 de março de 1911, Tranquilo Vila abandonou O Passo e cruzou a fronteira para o México, acompanhado por oito homens e levando nove rifles, quinhentos cartuchos de munição, duas libras de café, duas libras de açúcar e uma libra de sal. Em 1914 tinha conseguido reunir um exército, a Divisão do Norte, que expulsou aos federais da cidade da Chihuahua e o estado de Sonora. Vários anos depois da experiência vivida pela Trilby, produziu-se uma segunda batalha decisiva pela posse de Água Escura, tendo iniciado o ataque Tranquilo Vila em 1 de novembro de 1915. Essa foi a primeira batalha que perdeu Tranquilo Vila no estado de Sonora frente aos federais.

No transcurso da revolução, e apesar dos reversos, Vila encabeçou diversas cargas com seus homens e seu canhão, O Menino, e foi imortalizado em um livro pelo jornalista do Harvard, John Reed, que acompanhou a suas tropas. Entre os estrangeiros que compartilhavam os triunfos e as derrotas de Vila figurava um norte-americano que mais tarde realizou uma bem-sucedida carreira

como vaqueiro cinematográfico; um indivíduo conhecido com o nome do Tom Mix.

Vila se rendeu finalmente em 1920, três anos depois de que se promulgasse uma nova constituição que estabelecia a reforma agrária e as nacionalizações. Zapata foi assassinado em 1919 e Vila em 1923. A revolução tinha terminado. O coronel Álvaro Obregón se converteu em presidente do México em 1921.

Apesar da revolução, nada mudou muito em realidade. Se, empreenderam reformas, mas os influentes investidores estrangeiros continuaram controlando grande parte da riqueza do México, e a população rural mexicana seguiu subsistindo com salários miseráveis. A única mudança real foi o nome do homem que ocupava a poltrona presidencial.

Sentados no alpendre dianteiro de sua casa vários anos depois da primeira batalha de Água Escura, Trilby e Thorn observavam como o bimotor de um avião da zona sulcava o ar nos primeiros dias da Primeira guerra mundial na Europa.

-Dizem que usassem essas maquina em uma guerra aerea ao outro lado do mar -comentou Thorn; seus belos olhos escuros brilhavam-. Se fosse uns anos mas jovem, provaria sorte na aviação. Ao parecer os aviões funcionaram bastante bem para Vila ao final da revolução.

-Os aviões e O Menino -disse ela com tom reflexivo.

Ele se recostou na cadeira de balanço, deslizando um braço sobre os ombros de sua mulher. Samantha tinha trasladado ao Este para estudar, e o jovem Caleb estava fora com o Teddy, aprendendo a arrumar arnês. A vida transcorria com placidez.

-Ainda tem saudades a vida do Este? -perguntou ele de repente, olhando-a-. Refiro a Luisiana, as festas e a companhia galante.

Ela posou uma mão sobre o peito do homem e apoiou a bochecha em seu ombro para olhá-lo com adoração.

-Não -respondeu, lacônica.

-Nem sequer um lugar sem pó? -insistiu o.

-Eu gosto do pó. É bom. Beneficia a minha pele. -Acaricio-lhe o nariz com o dedo indicador e sorriu-. Amo-te -sussurro.

Ele suspirou e descansou a bochecha no cabelo da mulher.

-Mudaste.

-OH, se. disparar-se um revolver, selar um cavalo e dirigir uma tocha -replicou ela com desenvoltura-. além de costurar feridas e participar de revoluções.

Thorn riu entre dentes.

-E eu pelo menos se aparentar que tenho bons maneiras, por isso Samantha não se envergonhasse de mim quando nos presente a seu noivo.

-Nenhum de nós se envergonhasse nunca de ti, e eu menos que ninguém, querido. -Ela se deslizou para o regaço de seu marido e repousou a cabeça no oco de seu braço-. Mas se quiser, posso refrescar sua memória sobre as boas maneiras. Por exemplo, um cavalheiro sempre ajuda a uma dama em perigo -sussurrou ela, lhe inclinando a cabeça para beijá-lo.

A respiração do Thorn se voltou agitada, e os batimentos do seu coração se aceleraram. A habilidade dela para excitá-lo não tinha diminuído.

-Estas em perigo? -pergunto ele.

-OH, sim -respondeu ela com veemência-. Em um grande perigo. Poderia me acompanhar até o dormitório e me ajudar a me deitar?

Ele soltou uma risada travessa.

-Acredito que sim. -levantou-se, sem soltá-la, e entrou na casa vazia-. Espero que a nosso filho interesse muito a reparação de arnês.

-A porta tem ferrolho -murmuro ela, rindo e lhe mordiscando a orelha enquanto se aferrava a ele.

Thorn se inclinou e a beijou, sorrindo ante seus lábios receptivos.

Em cima de suas cabeças, o bimotor dava uma volta no céu e empreendia a volta a Douglas. Balançava suas asas à vista de um moço e um jovem que o observavam no meio do campo. Voava como se tivesse as asas de um anjo, como uma mariposa gigante. E ali abaixo, sobre o caminho sinuoso, levantava-se o pó amarelado.

Fim